

KINGS OF SIN



BOOK 2

KING OF PRIDE



USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

ANA HUANG

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



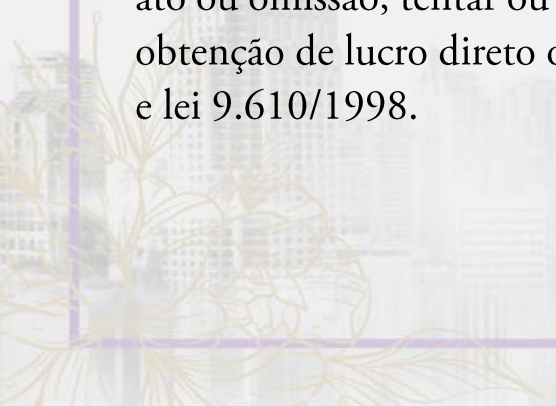
KING OF PRIDE

ANA HUANG

A presente tradução foi efetuada por um grupo de fãs da autora, de modo a proporcionar aos restantes fãs o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os de fã para fã, e disponibilizando-os aos leitores fãs da autora, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

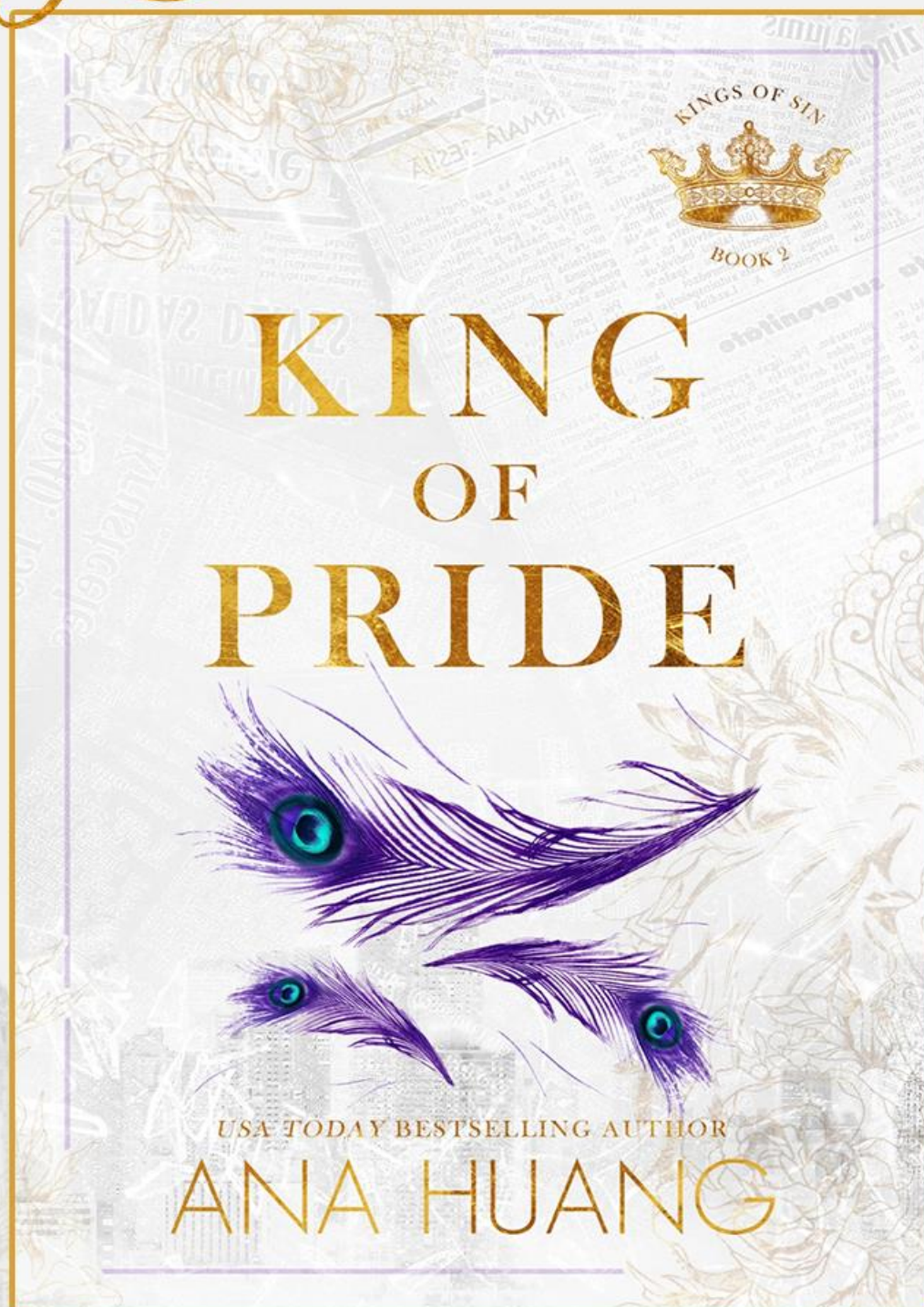
Levamos como objetivo sério, o incentivo para os leitores fãs adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam ser lidos, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, este grupo de fãs poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução dos grupos, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo este grupo de fãs de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.



KINGS OF SIN

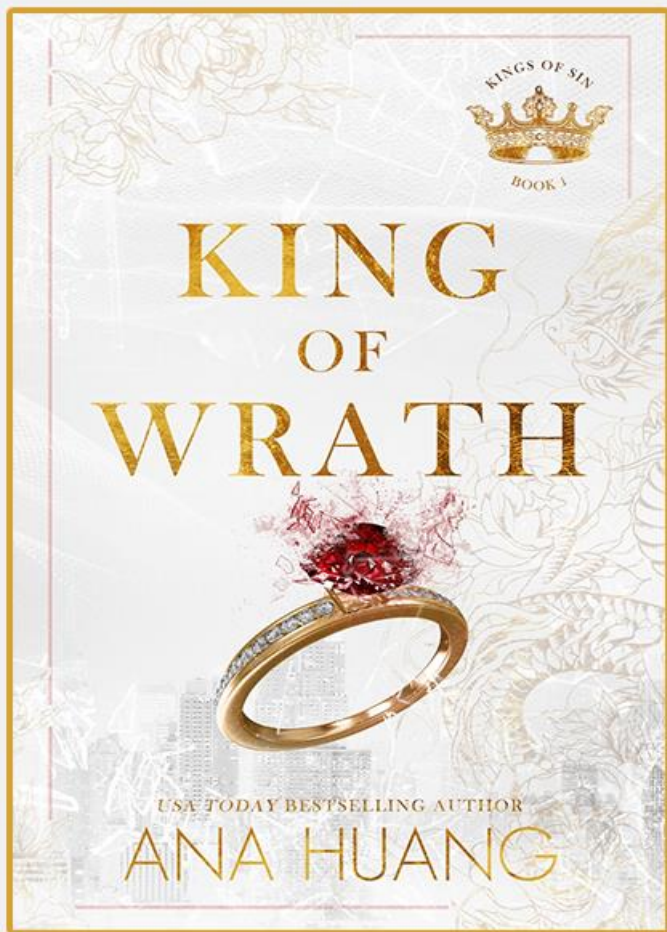
Lançamento



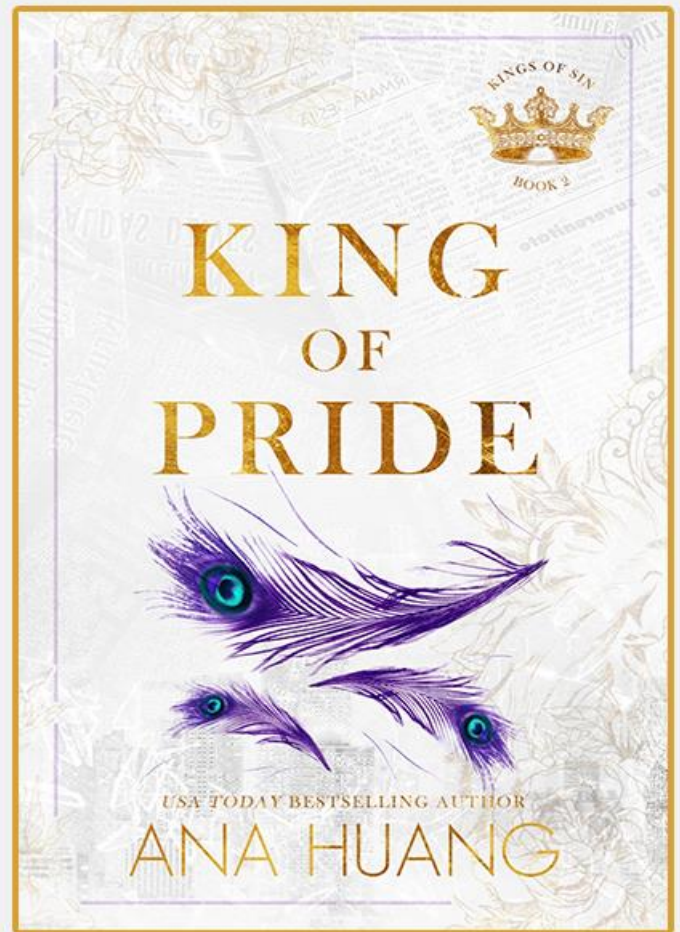
LIVRO DOIS

KINGS OF SIN

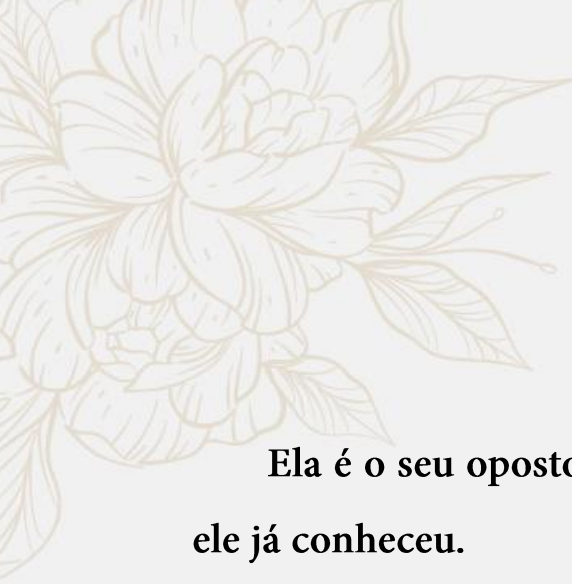
ordem de leitura



LIVRO UM



LIVRO DOIS



SINOPSE

Ela é o seu oposto em todos os sentidos... e a maior tentação que ele já conheceu.

Reservado, controlado e apropriado para uma falha, Kai Young não tem tempo nem inclinação para o caos – e Isabella, com seu cabelo roxo e piadas inapropriadas, é o caos personificado.

Com uma votação crucial para o CEO se aproximando e um império da mídia em jogo, o herdeiro bilionário não pode se dar ao luxo da distração que ela traz.

Isabella é tudo o que ele não deveria querer, mas com cada olhar e cada toque, fica tentado a quebrar todas as suas regras... e reivindicá-la como sua.



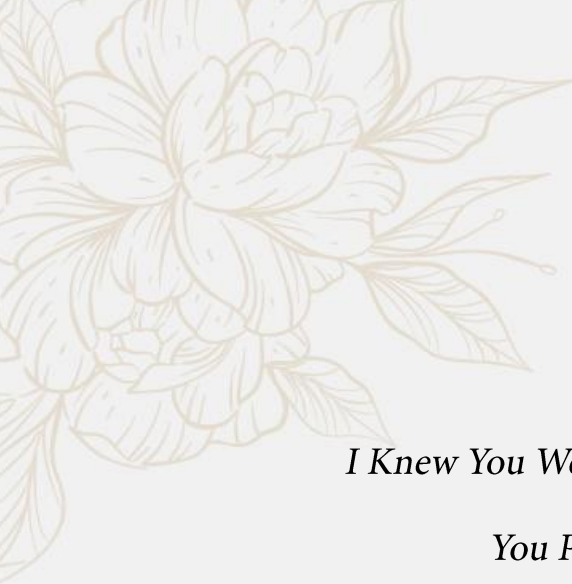
Ousada, impulsiva e cheia de vida, Isabella Valencia nunca conheceu uma festa de que não gostasse ou um homem que não pudesse encantar... exceto Kai Young.

Não deveria importar. Não é o seu tipo – o homem traduz clássicos para o latim por diversão, e sua participação no clube exclusivo onde ela trabalha significa que ele está estritamente fora dos limites.

Contudo, ela não pode negar que, por trás de seu exterior frio, há um homem que poderia fazê-la derreter com apenas um toque.

Não importa o quanto tentem, eles não conseguem resistir a ceder aos seus desejos proibidos.

Mesmo que isso lhes custe tudo.



PLAYLIST

I Knew You Were Trouble (Taylor's Version) - Taylor Swift

You Put a Spell on Me - Austin Giorgio

Love You Like a Love Song - Selena Gomez

Body Electric - Lana Del Rey

Collide - Justin Skye

Middle of the Night - Elley Duhé

Shameless - Camila Cabello

You Say - Lauren Daigle

Bleeding Love - Leona Lewis

Be Without You - Mary J. Blige





DEDICATÓRIA

Para todas as garotas que acham que inteligente é sexy.

(E quem sabe os quietos são os mais esquisitos).

NOTA:

Esta história contém conteúdo sexual explícito, palavrões e tópicos que podem ser delicados para alguns leitores.



CAPÍTULO 1

Isabella

— Então, *não* usou as camisinhas que brilham no escuro que eu te dei?

— Não. Desculpe. — Tessa devolveu meu olhar cabisbaixo com um olhar divertido. — Foi o nosso primeiro encontro. De qualquer maneira, onde conseguiu essas camisinhas?

— Na festa de skate neon do mês passado. — Fui à festa na esperança de que ela me libertasse da rotina assustadora da minha vida. Não libertou, mas me *forneceu* uma sacola de lembrancinhas deliciosamente sinistras que distribuí para amigas. Como estava sofrendo de uma proibição autoimposta de homens, tive que viver indiretamente através delas, o que era difícil quando as ditas amigas não cooperavam.

A testa de Tessa enrugou. — Por que estavam distribuindo preservativos em uma festa de skate?

— Porque essas festas sempre se transformam em orgias gigantes — expliquei. — Vi alguém usar uma daquelas camisinhas bem no meio da pista de gelo.

— Está brincando.

— Não. — Reabasteci as guarnições, depois me virei para endireitar os vários copos e taças. — Selvagem, certo? Foi divertido, mesmo que algumas das coisas que testemunhei me traumatizaram por uma boa semana depois...

Continuei divagando, prestando apenas metade da atenção em meus movimentos. Depois de um ano como bartender no *Valhalla Club*, uma sociedade exclusiva para membros ricos e poderosos do mundo, a maior parte do meu trabalho era memória muscular.

Eram seis da tarde de uma segunda-feira — *happy hour* nobre em outros estabelecimentos, mas uma zona morta em Valhalla. Tessa e eu sempre usávamos esse tempo para fofocar e nos atualizar nos fins de semana.

Estava aqui apenas pelo contracheque até terminar meu livro e me tornar uma autora publicada, mas era bom trabalhar com alguém de quem realmente gostava. A maioria dos meus colegas de trabalho anteriores eram esquisitos.

— Eu te contei sobre o cara da bandeira nua? — Perguntei. — Ele era um dos que *sempre* participava das orgias.

— Uh, Isa. — Meu nome pronunciado de uma maneira decididamente não Tessa, mas estava em uma jogada muito forte para parar.

— Sinceramente, nunca pensei que veria um pau brilhante em...

Uma tosse educada interrompeu meu discurso.

Uma tosse educada e *masculina* que não pertencia ao meu colega de trabalho favorito.

Meus movimentos pararam bruscamente. Tessa soltou outro guincho angustiado, o que confirmou o que meu instinto já suspeitava: o recém-chegado era um membro do clube, não nosso gerente descontraído ou um dos seguranças que apareceram no intervalo.

E acabaram de me ouvir falando sobre paus brilhantes.

Porra.

Bandeiras de calor queimaram minhas bochechas. Dane-se o acabamento do meu manuscrito; o que mais queria agora era que a terra se abrisse e me engolissem inteira.

Infelizmente, nem um único tremor aconteceu sob meus pés, então, depois de um momento de humilhação, endireitei meus ombros, coleí meu melhor sorriso de atendimento ao cliente e me virei.

Minha boca mal completou sua curva ascendente antes de congelar. Simplesmente desistiu, como uma página da web que não conseguiu terminar de carregar.

Porque, parado a menos de um metro e meio de distância, parecendo confuso e muito mais bonito do que qualquer homem tinha o direito de parecer, estava Kai Young. Estimado membro do comitê administrativo do Valhalla Club, herdeiro de um império de mídia multibilionário e dono de uma habilidade incrível de aparecer no meio das minhas conversas mais embaraçosas *todas* as vezes, Kai Young.

Uma nova onda de mortificação passou pelo meu rosto.

— Desculpe por interromper — disse, seu tom neutro não revelando nenhum indício de seus pensamentos sobre nossa conversa. — Mas gostaria de pedir uma bebida, por favor.

Apesar de um desejo incontrollável de me esconder embaixo do bar até que fosse embora, não pude deixar de me derreter um pouco ao som de sua voz. Profundo, suave e aveludado, envolto em um sotaque britânico tão elegante que envergonhava a falecida rainha. Ele derramou em minha corrente sanguínea como meia dúzia de doses de uísque potente.

Meu corpo aqueceu.

As sobrancelhas de Kai se levantaram um pouco, e percebi que estava tão focada em sua voz que ainda não havia respondido ao seu pedido. Enquanto isso, Tessa, a pequena traidora, havia desaparecido na sala dos fundos, deixando-me sozinha. *Ela nunca mais tirará uma camisinha de mim.*

— Claro. — Limpei a garganta, tentando aliviar a nuvem de tensão crescente. — Mas infelizmente não servimos gim tônica que brilha no escuro. *Não sem uma luz negra para fazer o tônico brilhar, de qualquer maneira.*

Ele me deu um olhar vazio.

— Por causa da última vez que me ouviu falando sobre... er, produtos de proteção — disse. *Nada.* Poderia muito bem tagarelar sobre os padrões de tráfego da hora do rush, por toda a reação que mostrou. — Pediu um gim-tônica de morango porque eu estava falando de sabor de morango...

Estava me enterrando em um buraco cada vez mais profundo. Não queria lembrar Kai sobre a vez que me ouviu discutindo preservativos de morango na gala de outono do clube, mas tinha que dizer *algo* para desviar sua atenção de, bem, minha situação atual com preservativos.

Eu realmente deveria parar de falar sobre sexo no trabalho.

— Não importa — disse rapidamente. — Quer o de sempre?

Deixando de lado seu gim-tônica de morango, Kai sempre pedia um uísque puro. Era mais previsível do que uma música de Mariah Carey durante as férias.

— Hoje não — disse facilmente. — Em vez disso, terei um *Death in the Afternoon*. — Ergueu o livro para que pudesse ver o título rabiscado na capa gasta. *Por Quem os Sinos Dobram* de Ernest Hemingway. — Parece adequado.

Inventado pelo próprio Hemingway, *Death in the Afternoon* era um coquetel simples composto de champanhe e absinto. Sua cor verde iridescente também era o mais próximo de brilhar no escuro que uma bebida normal poderia chegar.

Estreitei meus olhos, sem saber se isso era uma coincidência ou se estava fodendo comigo. Ele olhou de volta, sua expressão inescrutável.

Cabelo escuro. Linhas nítidas. Armação preta fina e um terno de corte tão perfeito que parecia feito sob medida. Kai era o epítome da sofisticação aristocrática, e acertou em cheio o estoicismo britânico que o acompanhava.

Eu, geralmente era muito boa em ler as pessoas, mas o conhecia há um ano e ainda não havia desvendado sua máscara. Isso me irritava mais do que gostaria de admitir.

— Um *Death in the Afternoon* chegando — finalmente disse.

Eu me ocupei com sua bebida enquanto se sentava em seu assento habitual no final do bar e pegava um caderno do bolso do casaco. Minhas mãos fizeram os movimentos, mas minha atenção estava dividida entre o copo e o homem lendo em silêncio. De vez em quando, parava e escrevia algo.

Isso por si só não era incomum. Kai frequentemente aparecia para ler e beber sozinho antes do *rush* noturno. O que *era* incomum era o momento. Era segunda-feira à tarde, três dias e duas horas antes de sua chegada semanal e precisa nas noites de quinta-feira. Ele estava quebrando o padrão.

Kai Young *nunca* quebrava o padrão.

Curiosidade e uma estranha falta de ar diminuíram meu passo enquanto levava a bebida para ele. Tessa ainda estava no almoxarifado, e o silêncio pesava mais a cada passo.

— Está fazendo anotações? — Coloquei o coquetel em um guardanapo e dei uma olhada em seu caderno. Estava aberto ao lado do romance de Kai, suas páginas cheias de letras pretas limpas e precisas.

— Estou traduzindo o livro para o latim. — Virou a página e rabiscou outra frase sem erguer os olhos ou tocar na bebida.

— Por quê?

— É relaxante.

Pisquei, certa de ter ouvido errado. — Acha que traduzir um romance de quinhentas páginas para o latim à mão é *relaxante*?

— Sim. Se eu quisesse um desafio mental, traduziria um livro de economia. A tradução de ficção é reservada para o meu tempo de inatividade.

A explicação foi dada casualmente, como se fosse um hábito tão comum e arraigado quanto jogar um casaco nas costas do sofá.

Fiquei boquiaberta. — *Wow*. Isso é... — estava sem palavras.

Eu sabia que pessoas ricas se entregavam a hobbies estranhos, mas pelo menos eram excentricidades divertidas, como organizar casamentos luxuosos para seus animais de estimação ou tomar banho de champanhe. O hobby de Kai era apenas *chato*.

Os cantos de sua boca se contraíram, e a compreensão surgiu junto com o embaraço. *Parece ser o tema do dia*. — Está brincando comigo.

— Não inteiramente. Acho relaxante, embora não seja um grande fã de livros de economia. Tive o suficiente deles em *Oxford*. — Kai finalmente olhou para cima.

Meu pulso saltou na minha garganta. De perto, era tão bonito que quase doía encará-lo de frente. Cabelos pretos e grossos roçavam sua testa, emoldurando características da era clássica de Hollywood. As maçãs do rosto esculpidas desciam até um queixo quadrado e lábios esculpidos, enquanto olhos castanhos profundos brilhavam por trás dos óculos que apenas aumentavam seu apelo. Sem eles, sua atratividade teria sido fria, quase

intimidadora em sua perfeição, mas com eles, era acessível. Humano.

Pelo menos quando não estava ocupado traduzindo clássicos ou administrando a empresa de mídia de sua família. Com óculos ou sem óculos, não havia nada *acessível* sobre qualquer uma dessas coisas.

Minha espinha formigou com consciência quando pegou sua bebida. Minha mão ainda estava no balcão. Não me tocou, mas o calor de seu corpo roçou sobre mim tão seguramente como se tivesse. O formigamento se espalhou, vibrando sob minha pele e diminuindo minha respiração.

— Isabella.

— Hum? — Agora que pensei sobre isso, por que Kai precisava de óculos? Era rico o suficiente para pagar uma cirurgia ocular a laser.

Não que estivesse reclamando. Pode ser chato e um pouco tenso, mas ele realmente...

— O cavalheiro do outro lado do bar está tentando chamar sua atenção.

Voltei à realidade com um choque desagradável. Enquanto estava ocupada encarando Kai, novos fregueses haviam entrado no bar. Tessa estava atrás do balcão, atendendo a um casal bem vestido conforme outro membro do clube esperava pelo serviço.

Merda.

Eu me apressei, deixando um Kai de aparência divertida para trás.

Depois que terminei com meu cliente, outro se aproximou, e outro. Tínhamos chegado ao *happy hour* de Valhalla, e não tinha tempo para pensar em Kai ou em seus estranhos métodos de relaxamento novamente.

Nas quatro horas seguintes, Tessa e eu seguimos um ritmo familiar enquanto trabalhávamos com a multidão.

Valhalla limitava seu número de membros a cem, então mesmo as noites mais movimentadas não eram nada comparadas ao caos com o qual costumava lidar nos bares do centro da cidade, mas, embora houvesse menos gente, os clientes do clube exigiam mais carinho e atenção do que o garoto de fraternidade comum ou a solteira bêbada. No momento em que o relógio marcava quase nove, estava prestes a desmaiar e agradecida *pra caralho* por ter apenas meio turno naquela noite.

Ainda assim, não pude resistir a uma espiada ocasional em Kai. Geralmente deixava o bar depois de uma ou duas horas, mas lá estava ele, ainda bebendo e conversando com os outros membros como se não houvesse outro lugar onde preferisse estar.

Algo está errado. Tirando o tempo, seu comportamento hoje não combinava com seus padrões anteriores, e quanto mais de perto olhava, mais sinais de problemas eu via: a tensão em seus ombros, a pequena ruga entre suas sobrancelhas, a tensão em seus sorrisos.

Talvez tenha sido o choque de vê-lo fora do horário, ou talvez estivesse tentando pagar Kai de volta por todas as vezes que poderia ter me demitido por comportamento inadequado (também conhecido como falar sobre sexo no trabalho), mas não o fez. Fosse

o que fosse, me obrigou a levar outra bebida para ele durante uma calmaria.

O *timing* foi perfeito; seu último parceiro de conversa havia acabado de sair, deixando Kai sozinho novamente no bar.

— Um gim tônica de morango. Por minha conta. — Deslizei o copo pelo balcão. Fiz isso por capricho, pensando que seria uma maneira engraçada de melhorar seu humor, mesmo que fosse às minhas custas. — Parece precisar de um estimulante.

Ele respondeu com um arco questionador de sua sobrancelha.

— Está fora do cronograma — expliquei. — Você nunca sairia do cronograma a menos que algo esteja errado.

O arco suavizou, substituído por uma pequena ruga nos cantos dos olhos. Meu batimento cardíaco vacilou com a visão inesperadamente cativante. *É apenas um sorriso. Reconponha-se.*

— Não sabia que prestava tanta atenção a minha agenda. — Manchas de riso brilharam sob a voz de Kai.

Calor inundou minhas bochechas pela segunda vez naquela noite. *Isso é o que ganho por ser uma boa samaritana.*

— Não faço questão disso — disse defensivamente. — Vem ao bar toda semana desde que comecei a trabalhar aqui, mas nunca apareceu na segunda-feira. Sou simplesmente observadora. — Deveria ter parado por aí, mas minha boca saiu antes que meu cérebro pudesse alcançá-la. — Fique tranquilo, não é meu tipo, então não precisa se preocupar comigo dando em cima de você.

Isso era verdade. Objetivamente, reconheci o apelo de Kai, mas gostava de meus homens mais rudes. Ele era tão certinho quanto

possível. Mesmo que não fosse, a confraternização entre sócios e funcionários do clube era terminantemente proibida, e não tinha vontade de virar minha vida de cabeça para baixo por causa de um homem de novo, muito obrigado. Isso não impediu que meus hormônios traidores suspirassem toda vez que o viam. Era irritante *pra caralho*.

— Bom saber. — As manchas de riso brilharam mais quando levou o copo aos lábios. — Obrigado. Tenho uma queda por gim-tônica de morango.

Desta vez, meu batimento cardíaco não vacilou, mas parou completamente, mesmo que apenas por uma fração de segundo. Uma queda? *O que isso significa?*

Não significa nada, uma voz resmungou no fundo da minha cabeça. *Ele está falando sobre a bebida, não você. Além disso, não é seu tipo. Lembra?*

Ah, cale a boca, Debbie Downer¹.

Ótimo. Agora minhas vozes interiores discutiam umas com as outras. Nem sabia que *tinha* mais de uma voz interior. Se isso não era um sinal de que precisava dormir e não outra noite agonizando com meu manuscrito, nada era.

— De nada — disse, um pouco atrasada. Meu pulso tamborilava em meus ouvidos. — Bem, eu deveria...

¹Personagem fictícia do Saturday Night Live que estreou em 2004, criada e interpretada por Rachel Drarch.

— Desculpe o atraso. — Um homem alto e loiro se sentou ao lado de Kai, sua voz tão viva quanto o frio do final de setembro grudado em seu casaco. — Minha reunião acabou.

Ele me lançou um breve olhar antes de se voltar para Kai.

Cabelo dourado escuro, olhos azul-marinho, a estrutura óssea de um modelo da Calvin Klein e o calor do *iceberg* do *Titanic*. Dominic Davenport, o rei reinante de *Wall Street*.

Eu o reconheci à primeira vista. Era difícil esquecer aquele rosto, mesmo que suas habilidades sociais pudessem melhorar.

Alívio e uma pontada irritante de decepção passaram por mim com a interrupção, mas não esperei pela resposta de Kai. Saí para o outro lado do bar, odiando a forma como seu comentário *sobre o ponto fraco* perdurou como se fosse tudo menos uma observação descartável.

Se ele não era meu tipo, *definitivamente* não era o dele. Ele namorava o tipo de mulher que se sentava em conselhos de caridade, passava o verão nos *Hamptons* e combinava suas pérolas com seus ternos Chanel. Não havia nada de errado com nenhuma dessas coisas, mas não eram eu.

Culpava minha reação exagerada às suas palavras ao meu período de seca autoimposto. Estava tão faminta por toque e carinho que provavelmente ficaria tonta com uma piscadela daquele caubói seminu que sempre perambulava pela *Times Square*. Não tinha nada a ver com o próprio Kai.

Não voltei para o seu lado do bar pelo resto da noite.

Felizmente, trabalhar meio turno significava que poderia bater o ponto mais cedo. Às cinco para as dez, transferi minhas contas restantes para Tessa, me despedi e peguei minha bolsa na sala dos fundos, tudo sem olhar para um certo bilionário com uma queda por Hemingway.

Poderia jurar que senti o toque quente de olhos escuros nas minhas costas quando saí, mas não me virei para confirmar. Era melhor não saber.

O salão estava silencioso e vazio tão tarde da noite. A exaustão puxava minhas pálpebras, mas em vez de correr para a saída e para o conforto da minha cama, virei à esquerda em direção à escada principal.

Deveria ir para casa para atingir minha meta diária de contagem de palavras, mas primeiro precisava de inspiração. Não conseguia me concentrar com o estresse de enfrentar uma página em branco nublando minha cabeça. As palavras costumavam fluir livremente; escrevi três quartos do meu *thriller* erótico em menos de seis meses. Então o li, odiei e joguei fora em favor de um novo projeto. Infelizmente, a criatividade que alimentou meu primeiro rascunho desapareceu junto com ele. Era sorte se escrevia mais de duzentas palavras por dia hoje em dia.

Subi as escadas para o segundo andar.

As comodidades do clube eram proibidas para os funcionários durante o horário de trabalho, mas enquanto o bar ficava aberto até as três da manhã, o restante do prédio fechava às oito. Não estava quebrando nenhuma regra visitando meu quarto favorito para um pouco de decompressão.

Ainda assim, meus pés pisam levemente no espesso tapete persa. Desci e desci, passando pela sala de bilhar, o salão de beleza e o *lounge* em estilo parisiense até chegar a uma familiar porta de carvalho. A maçaneta de latão estava fria e lisa quando a abri.

Quinze minutos. Isso era tudo que precisava. Depois ia para casa, lavava o dia de folga e escrevia.

Como sempre, porém, o tempo passou quando me sentei. Quinze minutos se transformaram em trinta, que se transformaram em quarenta e cinco, e fiquei tão imersa no que estava fazendo que nem percebi o rangido da porta se abrindo atrás de mim.

Não até que fosse tarde demais.



CAPÍTULO 2

Kai

— Não me diga que me convidou aqui para vê-lo ler Hemingway pela décima vez. — Dominic lançou um olhar nada impressionado para o meu livro.

— Você nunca me viu lendo Hemingway. — Olhei para o bar, mas Isabella já havia passado para outro cliente, deixando o gim-tônica em seu lugar.

Morangos flutuavam preguiçosamente na bebida, seu vibrante tom vermelho um contraste chocante com os nobres tons de terra do bar. Normalmente evitava bebidas doces; a queimadura áspera e o âmbar moderado do uísque eram muito mais do meu gosto, mas, como disse, eu tinha uma queda por esse sabor em particular.

Tudo bem, mas se mudar de ideia, tenho camisinhas com sabor de morango. Tamanho Magnum, com nervuras para o seu...

Desculpe interromper, mas gostaria de pedir outra bebida.

Gin e tônico. Com sabor de morango.

Diversão relutante passou por mim com a memória da expressão horrorizada de Isabella. Interrompi a conversa dela e de

sua amiga Vivian sobre preservativos na gala de outono do ano passado, e ainda me lembrava da interação em detalhes vívidos.

Lembrei-me de *todas as* nossas interações em detalhes vívidos, querendo ou não. Ela entrou em minha vida como um tornado, errou minha bebida durante seu primeiro turno no Valhalla e não saiu dos meus pensamentos desde então. Era agravante.

— Eu não vi você lê-lo pessoalmente. — Dominic acendeu e apagou o isqueiro, chamando minha atenção de volta para ele. Não fumava, mas carregava aquele isqueiro como uma pessoa mais supersticiosa se agarraria a um amuleto da sorte. — Mas imagino que é isso que faz quando está enfurnado em sua biblioteca todas as noites.

Um sorriso empurrou meu humor turbulento. — Passa muito tempo me imaginando na biblioteca, não é?

— Apenas para contemplar o quão triste é a sua existência.

— Diz o *workaholic* que passa a maior parte de suas noites em seu escritório. — Era um milagre que sua esposa o tolerasse por tanto tempo. Alessandra era uma santa.

— É um bom escritório. — Ligado. Desligado. Uma pequena chama ganhou vida apenas para morrer rapidamente em suas mãos. — Estaria lá agora se não fosse por sua ligação. O que é tão urgente que exigiu que eu corresse aqui na segunda-feira, de todas as noites?

Pedi, não exigi, mas não me incomodei em corrigi-lo. Em vez disso, enfiei minha caneta, livro de bolso e caderno no bolso do casaco e fui direto ao ponto. — Recebi a ligação hoje.

A impaciência entediada de Dominic desapareceu, revelando uma centelha de intriga. — Tão cedo?

— Sim. Cinco candidatos, incluindo eu. A votação é daqui a quatro meses.

— Sempre soube que não seria uma coroação. — Dominic bateu na roda de ignição de seu isqueiro. — Mas a votação é uma formalidade. Claro que vai ganhar.

Ofereci um ruído evasivo em resposta.

Como filho mais velho e herdeiro presumido da *Young Corporation*, vivi com a expectativa de me tornar CEO por toda a minha vida, mas deveria assumir em cinco a dez anos, não em quatro meses.

Uma nova onda de apreensão varreu meu peito.

Leonora Young nunca cederia voluntariamente o poder tão cedo. Ela tinha apenas cinquenta e oito anos. Perspicaz, saudável, amada pelo conselho. Sua vida girava em torno do trabalho e me perseguindo sobre o casamento, mas inegavelmente era ela na videochamada naquela tarde, informando a mim e a outros quatro executivos que estávamos concorrendo ao cargo de CEO. Nenhum aviso, nenhum detalhe além da data e hora da votação.

Passei a mão distraída pelo copo de gim-tônica, encontrando um estranho consolo em suas curvas suaves.

— Quando a notícia vai a público? — Dominic perguntou.

— Amanhã. — O que significava que pelos próximos quatro meses, todos os olhos estariam em mim, esperando que eu fizesse merda. O que eu nunca faria. Tinha controle demais para isso.

Embora houvesse tecnicamente cinco candidatos, a posição era minha para perder. Não só porque era jovem, mas porque era o melhor. Meu histórico como presidente da divisão da América do Norte falava por si. Teve os maiores lucros, menos perdas e as melhores inovações, mesmo que alguns membros do conselho nem sempre concordassem com minhas decisões.

Não estava preocupado com o resultado da votação, mas o *timing* me incomodou, transformando o que deveria ter sido um destaque na carreira em uma poça lamacenta de mal-estar.

Se Dominic notou meu entusiasmo mudo, não demonstrou. — O mercado terá um dia cheio. — Praticamente podia ver os cálculos passando por sua cabeça.

No passado, teria ligado para Dante primeiro e suado minhas preocupações no ringue de boxe, mas desde que ele se casou, arrastá-lo para longe de Vivian para uma luta não programada era mais difícil do que arrancar um osso de um cachorro.

Provavelmente era o melhor. Dante veria através da minha máscara composta, enquanto Dominic só se importava com fatos e números. Se isso não movimentasse os mercados ou expandisse sua conta bancária, ele não dava a mínima.

Peguei minha bebida enquanto ele fazia suas previsões. Tinha acabado de beber o resto do gim quando uma gargalhada rica e gutural roubou minha atenção.

Meu olhar deslizou sobre o ombro de Dominic e pousou em Isabella, que estava conversando com uma herdeira de cosméticos perto do final do bar. Disse algo que fez a socialite normalmente reservada sorrir, e as duas inclinaram a cabeça uma para a outra como melhores amigas fofocando durante o almoço. De vez em quando, Isabella gesticulava loucamente com as mãos, e outra de suas risadas distintas enchia a sala.

O som abriu caminho em meu peito, aquecendo-o mais do que o álcool que ela me deu.

Com seu cabelo roxo-escuro, sorriso travesso e tatuagem na parte interna do pulso esquerdo, parecia tão deslocada quanto um diamante entre as rochas. Não porque era uma garçonete em uma sala cheia de bilionários, mas porque brilhava demais para os confins escuros e tradicionais de Valhalla.

Receio que não servimos gim tônica que brilha no escuro.

Um pequeno sorriso escapou em meus lábios antes que o reprimisse.

Isabella era ousada, impulsiva e tudo o que normalmente evitava em um conhecido. Eu valorizava a decência; ela não tinha nenhuma, como indicava seu aparente fetiche por discutir sexo nos locais mais inapropriados. Ainda assim, havia algo nela que me atraiu como uma sereia chamando um marinheiro. Destrutivo, certamente, mas tão bonito que quase valeria a pena.

Quase.

— Dante sabe? — Dominic perguntou. Terminou suas previsões de mercado, das quais só ouvi metade, e agora estava

ocupado respondendo e-mails em seu telefone. O homem trabalhava mais horas do que qualquer outra pessoa que eu conhecia.

— Ainda não. — Observei Isabella se separar da herdeira e mexer na registradora. — É noite de encontro com Vivian. Ele deixou claro que ninguém deve interrompê-lo, a menos que esteja morrendo - e apenas se todas as outras pessoas em sua lista de contatos estiverem preocupadas com outras coisas.

— Típico.

— *Hmm* — concordei distraidamente.

Isabella terminou seu trabalho no caixa, disse algo para o outro barman e desapareceu na sala dos fundos. O seu turno deve ter terminado.

Algo cintilou em meu estômago. Por mais que tentasse, não poderia confundir isso com outra coisa senão decepção.

Eu mantive distância de Isabella com sucesso por quase um ano, e era bem versado em mitologia grega para entender o terrível destino que aguardava os marinheiros atraídos pelo canto das sereias. A última coisa que deveria fazer era segui-la. E ainda...

Um gin tônica de morango. Por minha conta. Parece precisar de um estimulante.

Droga.

— Desculpas por encurtar a noite, mas acabei de lembrar que tenho um assunto urgente para resolver. — Levantei-me e tirei meu casaco do gancho sob o balcão. — Devemos continuar nossa conversa mais tarde? As bebidas desta noite são por minha conta.

— Claro. Sempre que estiver livre — Dominic disse, soando imperturbável pela minha partida abrupta. Não ergueu os olhos quando fechei nossas contas. — Boa sorte com o anúncio amanhã.

Os cliques distraídos de seu isqueiro me seguiram até o outro lado da sala, até que o barulho crescente do bar os engoliu. Então estava no corredor, a porta fechada atrás de mim, e o único som vinha da queda suave de meus passos.

Não tinha certeza do que faria quando encontrasse Isabella. Apesar de nos conhecermos em comum – sua melhor amiga, Vivian, era a esposa de Dante – não éramos amigos, mas as notícias do CEO me deixaram desconcertado, assim como seu presente inesperado, mas atencioso.

Não estava acostumado com pessoas me oferecendo coisas sem esperar algo em troca.

Um sorriso triste cruzou meus lábios. O que isso dizia sobre minha vida quando uma simples bebida grátis de um conhecido casual se colocava como o destaque da minha noite?

Subi as escadas para o segundo andar, meu batimento cardíaco constante, apesar da pequena voz incitando-me a virar e correr na direção oposta.

Estava operando com um palpite. Ela pode não estar lá, e eu certamente não tinha nada que procurá-la se estivesse, mas minha contenção habitual havia se desgastado sob um desejo mais urgente de distração. Precisava fazer algo sobre esse *desejo frustrante* e, se não conseguia descobrir o que estava acontecendo com minha mãe, precisava descobrir o que estava acontecendo

comigo. O que havia em Isabella que me mantinha cativo? Hoje à noite, essa pode ser a pergunta mais fácil de responder.

Minha mãe me garantiu que estava bem durante nosso bate-papo pós-conferência. Não estava doente, morrendo ou sendo chantageada; estava simplesmente pronta para uma mudança.

Se fosse qualquer outra pessoa, teria acreditado em suas palavras, mas minha mãe não fazia as coisas por capricho. Isso ia contra sua própria natureza. Não achei também que estivesse mentindo; eu a conhecia bem o suficiente para identificar seus sinais, e ela não demonstrou nenhum durante nossa ligação.

Frustração formou um nó em minha testa. Não fazia sentido. Se não fosse sua saúde ou chantagem, o que mais poderia ser? Um desentendimento com a diretoria? A necessidade de desestressar depois de décadas dirigindo uma corporação multibilionária? Um alienígena sequestrando seu corpo?

Estava tão absorto em minhas reflexões que não percebi os acordes suaves de um piano flutuando pelo corredor até que parei bem na frente da fonte.

Afinal, ela estava aqui.

Meu batimento cardíaco disparou uma vez, tão leve e rapidamente que mal notei a perturbação. Minha carranca se dissolveu, substituída por curiosidade, então espanto quando o turbilhão de notas se encaixou e o reconhecimento clicou.

Estava tocando “*Hammerklavier*” de Beethoven, uma das peças mais desafiadoras já compostas para piano. E estava tocando bem.

Uma onda fria de choque varreu a respiração dos meus pulmões.

Eu raramente ouvia o “*Hammerklavier*” tocar na velocidade pretendida, e a percepção impressionante de que Isabella poderia superar até mesmo profissionais experientes esmagou quaisquer reservas que pudesse ter sobre procurá-la.

Eu tinha que ver por mim mesmo.

Depois de uma breve hesitação, fechei a mão na maçaneta, girei e entrei.





CAPÍTULO 3

Kai

A sala do piano era tão grande quanto qualquer outra no clube, com cortinas luxuosas caindo em cascata até o chão em faixas de veludo rico e arandelas douradas brilhando suavemente contra as paredes de rosa profundo. Um orgulhoso *Steinway Grand* estava no centro do palco, suas curvas pretas polidas e prata dourada por um cobertor de luar.

Sentada em frente a ele, de costas para mim e seus dedos voando sobre as teclas em uma velocidade que era quase vertiginosa de se ver, estava Isabella. Havia entrado no movimento final da sonata.

Um trinado ousado anunciou o início do primeiro tema, que torceu, esticou e virou de cabeça para baixo nos próximos duzentos e poucos compassos. Então, fez-se silêncio, um intervalo antes que o coro do segundo tema começasse a cantarolar.

Suave, assombroso, digno...

Até que o primeiro tema caiu novamente, suas notas apressadas varrendo a existência mais silenciosa de seu sucessor com tanta força que era impossível para o segundo não se curvar. Os dois temas se enrolaram um no outro, seus temperamentos

diametralmente opostos, mas inexplicavelmente belos quando unidos, subindo cada vez mais alto e ainda mais alto...

Em seguida, um mergulho, um *grand finale* em queda livre que despencou do penhasco em um esguicho magnífico de trinados duplos, escalas paralelas e oitavas saltitantes.

Durante todo o tempo, permaneci, corpo congelado e pulso batendo com a absoluta impossibilidade do que tinha testemunhado.

Eu tinha tocado a mesma sonata antes. Dezenas de vezes, mas nenhuma vez soou assim. O movimento final deveria ser cheio de tristeza, vinte minutos emocionalmente desgastantes que renderam superlativos tristes dos comentaristas. No entanto, nas mãos de Isabella, transformou-se em algo edificante, quase alegre.

Era verdade que sua técnica não era perfeita. Ela se apoiava muito pesadamente em algumas notas, muito leve em outras, e seu controle dos dedos não estava desenvolvido o suficiente para destacar todas as linhas melódicas. Apesar de tudo isso, conseguiu o impossível.

Ela pegou a dor e a transformou em esperança.

A última nota pairou no ar, ofegante, antes de desaparecer e tudo ficar quieto.

O feitiço que me mantinha em cativeiro quebrou. O ar encheu meus pulmões novamente, mas quando falei, minha voz soou mais áspera do que o normal. — Impressionante.

Isabella ficou visivelmente tensa antes que a última sílaba passasse por meus lábios. Virou-se rapidamente, o rosto cheio de

alarme. Quando me viu, ela relaxou apenas para enrijecer novamente um segundo depois.

— O que está fazendo aqui?

Diversão puxou os cantos da minha boca. — Deveria ser eu a lhe fazer essa pergunta.

Não revelei o fato de que sabia que ela entrava furtivamente na sala do piano há meses. Descobri por acidente uma noite quando fiquei até tarde na biblioteca e saí a tempo de pegar Isabella saindo com uma expressão culpada. Ela não tinha me visto, mas a ouvi tocar várias vezes desde então. A biblioteca ficava ao lado da sala do piano; se eu sentasse perto da parede que separava ambas, podia ouvir as melodias fracas vindo do outro lado. Serviram como uma trilha sonora estranhamente reconfortante para o meu trabalho. No entanto, esta noite foi a primeira noite em que a ouvi tocar algo tão complexo quanto o *“Hammerklavier”*.

— Temos permissão para usar o quarto depois do expediente, se não houver mais ninguém aqui — Isabella disse com uma inclinação desafiadora de seu queixo. — O que acho que agora há. — Vacilou, as sobrancelhas juntas em um V apertado.

Ela se moveu para se levantar, mas balancei minha cabeça. — Fique. A menos que tenha outros planos para a noite. — Outro vislumbre involuntário de diversão. — Ouvi dizer que as festas de skate neon estão na moda hoje em dia.

Carmesim floresceu em suas bochechas, mas ergueu o queixo e me fixou com um olhar digno. — É falta de educação escutar as conversas de outras pessoas. Não te ensinaram isso no internato?

— *Au contraire*², é aí que acontece a maior parte das escutas. Quanto à sua acusação, não tenho certeza do que quer dizer — disse, em tom suave. — Estava apenas comentando sobre as tendências da vida noturna.

A lógica me disse que não deveria me envolver com Isabella mais do que o necessário. Era inapropriado, considerando o seu emprego e minha função no clube; também tive a sensação inquietante de que ela era perigosa - não fisicamente, mas de alguma outra forma que não consegui identificar.

No entanto, em vez de sair como meu bom senso ditava, encurtei a distância entre nós e deslizei meus dedos sobre as teclas de marfim do piano. Ainda estavam quentes de seu toque.

Isabella relaxou em seu assento, mas seus olhos permaneceram alertas enquanto me seguiam até seu lado. — Sem ofensa, mas não consigo imaginá-lo em uma boate, muito menos em uma neon.

— Não preciso participar de algo para entendê-lo. — Pressionei a tecla menor, permitindo que a nota sinalizasse uma transição para meu próximo tópico. — Tocou bem. Melhor do que a maioria dos pianistas que tentam o “*Hammerklavier*”.

— Sinto um “mas” no final dessa frase.

— Mas foi agressiva demais no início do segundo movimento. É para ser mais leve, mais discreto. — Não foi um insulto; foi uma avaliação objetiva.

²-Em francês: ao contrário.

Isabella levantou uma sobrancelha. — Acha que pode fazer melhor?

Meu pulso disparou e uma chama familiar acendeu em meu peito. Seu tom cruzava a linha entre brincalhão e desafiador, mas isso foi o suficiente para escancarar os portões da minha competitividade.

— Posso? — Acenei com a cabeça para o banco.

Ela deslizou para fora de seu assento. Ocupei seu lugar, ajustei a altura do banco e toquei as teclas novamente, desta vez pensativo. Tocava apenas o segundo movimento, mas praticava o “*Hammerklavier*” desde criança, quando insistia para que meu professor de piano pulasse as peças fáceis e me ensinasse as composições mais difíceis. Era mais difícil entrar nela sem o primeiro movimento como prelúdio, mas a memória muscular me ajudou. A sonata terminou com um grande floreio e sorriso, satisfeito.

— Hum. — Isabella não parecia impressionada. — O meu foi melhor.

Minha cabeça estalou. — Perdoe-me?

— Perdoado. — Deu de ombros. — É um bom pianista, mas está faltando alguma coisa.

O sentimento era tão desconhecido e inesperado que só pude olhar, minha resposta perdida em algum lugar entre o espanto e a indignação.

— Está faltando alguma coisa — repeti, muito estupefato para desenterrar uma resposta original.

Eu me formei como o primeiro da minha turma em *Oxford* e *Cambridge*, praticado tênis e polo e falava sete línguas fluentemente. Fundei uma instituição de caridade para financiar as artes em áreas carentes quando tinha dezoito anos, e estava no caminho certo para me tornar um dos mais jovens CEOs da *Fortune 500*.

Em meus trinta e dois anos na terra, ninguém nunca me disse que *faltava* alguma coisa. A pior parte foi que, ao examiná-la, estava certa.

Sim, minha técnica superava a dela. Toquei cada nota com precisão, mas a peça não inspirava... nada. As marés e refluxos de emoção que caracterizaram sua representação haviam desaparecido, deixando uma beleza estéril em seu rastro. Nunca tinha notado quando tocava sozinho, mas acompanhando a sua performance, a diferença era óbvia.

Minha mandíbula cerrou. Estava acostumado a ser o melhor, e a percepção de que *não era*, pelo menos não nessa música em particular, irritou.

— O que, exatamente, acha que me falta? — Perguntei, meu tom calmo apesar do enxame de pensamentos invadindo meu cérebro.

Nota mental: Substituir o tênis com Dominic para a prática de piano até que resolva esse problema. Eu nunca tinha feito nada menos do que perfeitamente, e isso não seria minha exceção.

As bochechas de Isabella formaram covinhas. Pareceu ficar imensamente feliz com meu descontentamento, o que deveria ter

me enfurecido ainda mais. Em vez disso, seu sorriso provocador quase me arrancou um sorriso de resposta antes de me conter.

— O fato de não saber é parte do problema. — Deu um passo em direção à porta. — Você descobrirá.

— Espere. — Levantei-me e agarrei seu braço sem pensar.

Congelamos em uníssono, nossos olhos fixos onde minha mão envolvia seu pulso. Sua pele era macia ao toque, e a vibração de seu pulso combinava com a súbita escalada do meu batimento cardíaco.

Um silêncio pesado e tenso cresceu ao nosso redor. Eu era um defensor da ciência; não acreditava em nada que desafiasse as leis da física, mas podia jurar que o tempo desacelerava fisicamente, como se cada segundo fosse envolto em melaço.

Isabella engoliu em seco visivelmente. Um movimento minúsculo, mas foi o suficiente para que as leis voltassem ao seu lugar e a razão interviesse.

O tempo acelerou em seu ritmo normal e soltei o seu braço tão abruptamente quanto o segurei.

— Desculpe-me. — Disse, minha voz rígida. Tentei o meu melhor para ignorar o formigamento na palma da minha mão.

— Está tudo bem. — Isabella tocou seu pulso, sua expressão distraída. — Alguém já lhe disse que fala como um figurante de *Downton Abbey*³?

³-Serie britânica de época, com Maggie Smith, Lily James, Ed Speleers e Theo James.

A pergunta veio de tão longe no campo esquerdo que demorou um momento para afundar. — Eu... um o *quê*?

— Um figurante de *Downton Abbey*. Sabe, aquele programa sobre a aristocracia britânica durante o início do século XX?

— Conheço o programa. — Não vivia debaixo de uma pedra.

— Ah, que bom. Só pensei em avisá-lo caso não conhecesse.

— Isabella deu outro sorriso brilhante. — Deveria tentar relaxar um pouco. Pode ajudar a tocar piano.

Pela segunda vez naquela noite, as palavras me abandonaram.

Eu ainda estava parado ali, tentando entender como minha noite havia saído tão fora dos trilhos, quando a porta se fechou atrás dela.

Não foi até que estava voltando para casa que percebi que não tinha pensado sobre a votação do CEO ou seu momento uma vez desde que ouvi Isabella na sala de piano.



CAPÍTULO 4

Isabella

— Mamãe perguntou sobre você outro dia — disse Gabriel. — Só vem para casa uma vez por ano, e ela está preocupada com o que está fazendo em Manhattan...

Fiz uma careta para a página meio vazia a minha frente enquanto meu irmão divagava. Já me arrependi de ter atendido a sua ligação. Eram apenas seis da manhã na Califórnia, mas ele parecia alerta e controlado, como sempre. Provavelmente estava na esteira de seu escritório, lendo as notícias, respondendo a e-mails e bebendo um de seus hediondos *smoothies* antioxidantes.

Enquanto isso, estava orgulhosa de mim mesma por rolar da cama antes das nove. O sono provou ser difícil depois do encontro da noite passada com Kai, mas pensei que talvez, apenas talvez, a estranha experiência fosse suficiente para soltar algumas frases do meu manuscrito.

Não foi.

Meu *thriller* erótico sobre o relacionamento mortal entre um advogado rico e uma garçonete ingênua que se tornou amante formou formas vagas em minha cabeça. Tinha o enredo, tinha os personagens, mas caramba, não tinha as palavras.

Para piorar as coisas, meu irmão ainda estava falando.

— Está me ouvindo? — Sua voz estava misturada com partes iguais de exasperação e desaprovação.

O calor do meu laptop penetrou nas minhas calças e na minha pele, mas mal percebi. Estava muito ocupada inventando maneiras de preencher todo aquele espaço em branco sem escrever mais palavras.

— Sim. — Selecionei todo o texto e aumentei o tamanho da fonte para trinta e seis. *Muito melhor.* A página não parecia tão vazia agora. — Disse que finalmente consultou um médico sobre um implante de senso de humor. É uma tecnologia experimental, mas a situação é terrível.

— Hilário. — Meu irmão mais velho nunca achou nada hilário em sua vida, daí a necessidade de um implante de senso de humor. — Estou falando sério, Isa. Estamos preocupados com você. Mudou-se para Nova York anos atrás, mas ainda mora em um apartamento infestado de ratos e bebe em algum bar...

— O Valhalla Club não é *um bar* — protestei. Passei por seis rodadas de entrevistas antes de conseguir um emprego de bartender lá; seria amaldiçoada se deixasse Gabriel diminuir essa conquista. — E meu apartamento *não está* infestado de ratos. Tenho uma cobra de estimação, lembra?

Lancei um olhar protetor para o viveiro de Monty, onde estava encolhida e dormindo profundamente. Claro que dormia bem; não precisava se preocupar com irmãos irritantes ou fracassos na vida.

Gabriel continuou como se eu não tivesse falado. — Enquanto trabalhava no mesmo livro, ficou presa para sempre. Olha, sabemos que pensa que quer ser uma autora, mas talvez seja hora de reavaliar. Mudar de casa, descobrir um plano alternativo. Sempre poderíamos usar sua ajuda no escritório.

Mudar de casa? Trabalha no escritório? *Sobre o meu cadáver.*

A amargura rastejou até minha garganta com o pensamento de desperdiçar meus dias em algum cubículo. Não estava fazendo muito progresso em meu manuscrito, mas ceder à “solução” de Gabriel significava jogar fora meus sonhos para sempre.

Tive a ideia do livro há dois anos, enquanto observava as pessoas no *Washington Square Park*. Tinha ouvido uma discussão acalorada entre um homem e alguém que obviamente não era sua esposa, e minha imaginação pegou a briga deles e correu com ela. A história tinha sido tão detalhada e desenvolvida em minha mente que contei com confiança a todos que conhecia sobre meus planos de escrever e publicar um thriller.

Um dia depois de testemunhar a discussão, comprei um laptop novinho em folha e deixei as palavras saírem de mim. Exceto que o que saiu no final não foi a obra-prima de diamante brilhante que imaginei. O que apareceu foram pedaços feios de carvão, então os apaguei.

E as páginas permaneceram em branco.

— Não *acho* que quero ser uma autora; *quero* ser uma autora — disse. — Estou apenas explorando a história.

Apesar de minhas atuais frustrações com a escrita, havia algo muito especial em criar e me perder em novos mundos. Os livros têm sido minha fuga há anos e, eventualmente, *publicarei* um. Não desistiria desse sonho para me tornar um autômato de escritório.

— Da mesma forma que queria ser dançarina, agente de viagens e apresentadora de *talk show* durante o dia? — A desaprovação superou a exasperação de Gabriel. — Não é mais uma recém-formada. Você tem vinte e oito anos, precisa de direção.

A amargura engrossou em uma lama seca e acre.

Precisa de direção.

Era fácil para Gabriel dizer isso. Sabia o que queria desde o colegial. *Todos* os meus irmãos sabiam. Eu era a única Valencia balançando sem rumo nas águas pós-escola, enquanto o resto da minha família se acomodava em suas respectivas carreiras.

O empresário, o artista, o professor, o engenheiro e eu, a pirada.

Estava cansada de ser o fracasso, e estava especialmente cansada de Gabriel estar certo.

— Eu tenho direção. Na verdade... — *Não diga isso. Não diga isso. Não* — ...estou quase terminando o livro. — A mentira disparou antes que pudesse pegá-la de volta.

— Realmente? — Só ele poderia absorver uma palavra com tanto ceticismo que se transformava em outra coisa.

Está mentindo?

A pergunta real e não dita serpenteou pela linha, espreitando e cutucando os buracos em minha declaração.

Havia muitos, é claro. A coisa toda era um buraco gigante porque estava mais perto de estabelecer uma colônia em Marte do que terminar meu livro, mas era tarde demais. Tinha me encurralado em um canto, e a única saída era através.

— Sim. — Limpei minha garganta. — Tive um grande avanço no casamento de Vivian. É o ar italiano. Foi tão, hum, inspirador.

As únicas coisas que me inspiraram foram muitas taças de champanhe e uma ressaca enorme, mas guardei isso para mim.

— Maravilhoso — disse Gabriel. — Nesse caso, adorariamos lê-lo. O aniversário da mamãe é daqui a quatro meses. Por que não traz quando estiver em casa para a festa?

As rochas caíram do lado de um penhasco e despencaram no meu estômago. — Absolutamente não. Estou escrevendo um *thriller* erótico, Gabe, ou seja, tem sexo.

— Estou ciente do que os *thrillers* eróticos implicam. Somos sua família. Queremos apoiá-la.

— Mas é...

— Isabella. — Gabriel adotou o mesmo tom que usava para me dar ordens quando éramos mais jovens. — Eu insisto.

Apertei meu telefone com tanta força que estalou em protesto.

Isso era um teste. Ele sabia disso, eu sabia disso, e nenhum de nós estava disposto a recuar.

— Tudo bem. — Injetei uma dose de falsa vitalidade em minha voz. — Não me culpe se ficar tão traumatizado que não pode me olhar nos olhos pelo *menos* nos próximos cinco anos.

— Arriscarei. — Uma nota de advertência deslizou em sua voz. — Mas se, por algum motivo, não conseguir produzir o livro até lá, sentaremos e bateremos um papo sério.

Depois que nosso pai morreu, Gabriel assumiu o status de chefe de família não oficial ao lado de nossa mãe. Ele cuidava de mim e de meus irmãos enquanto ela trabalhava - nos pegando na escola, marcando nossas consultas médicas, preparando o jantar para nós. Agora éramos todos adultos, mas suas tendências mandonas pioravam à medida que nossa mãe confiava cada vez mais as responsabilidades familiares a ele.

Cerrei os dentes. — Não pode...

— Tenho que ir ou me atrasarei para a minha reunião. Falamo-nos em breve. Vejo-a em fevereiro. — Ele desligou, deixando para trás o eco de sua ameaça velada.

O pânico torceu meu peito em um nó apertado. Joguei meu telefone para o lado e tentei respirar através da pressão crescente.

Porra, Gabriel. Conhecendo-o, ele estava contando a toda a nossa família sobre o livro naquele segundo. Se eu aparecesse de mãos vazias, enfrentaria um descontentamento coletivo. A consternação da minha mãe, a desaprovação da minha Lola⁴ e, pior de tudo, a atitude presunçosa e sabe-tudo de Gabriel.

Eu sabia que não conseguiria.

⁴-Avó.

Precisa de direção.

Quando se recomporá, Isabella?

Você tem vinte e oito anos.

Se o resto de nós pode fazer isso, por que você não pode?

As acusações fantasmagóricas caíram em minha garganta, bloqueando o fluxo de oxigênio.

Quatro meses. Eu tinha quatro meses para terminar meu livro enquanto trabalhava em tempo integral e lutava contra um caso desagradável de bloqueio de escritor, ou minha família saberia que eu era exatamente o fracasso insosso que Gabriel pensava que eu era.

Já odiava ir para casa todos os anos sem nada para mostrar pelo meu tempo em Nova York. Não suportava a ideia de ver a mesma decepção refletida no rosto de minha família.

Está bem. Você ficará bem.

Oitenta mil palavras no início de fevereiro. Totalmente factível, certo?

Por um momento, permiti-me esperar e acreditar que o novo eu poderia fazer isso.

Depois gemi e pressionei as palmas das mãos contra os olhos. Mesmo com eles fechados, tudo que conseguia ver eram páginas em branco.

— Estou *tão* fodida.



CAPÍTULO 5

Kai

Nivelei um olhar frio para o homem sentado à minha frente.

Depois da bomba do CEO de ontem e da minha perturbadora interação com Isabella, esperava um dia tranquilo no trabalho, mas essas esperanças foram por água abaixo no minuto em que Tobias Foster apareceu sem avisar.

Ele usava um terno *Zegna* novo e brilhante, um Rolex ainda mais brilhante e um sorriso presunçoso enquanto inspecionava os arredores.

— Belo escritório — disse. — Muito apropriado para um jovem.

Ele não disse isso, mas pude ler nas entrelinhas.

Ganhei meu cargo; você nasceu no seu.

O que era uma merda do caralho. Posso ser jovem, mas trabalhei de baixo para cima como qualquer outro funcionário.

— Tenho certeza que o seu é igualmente bom. — Dei-lhe um sorriso cordial e olhei para o meu relógio. Ele captaria o movimento; esperançosamente, também entenderia uma dica. — O que posso fazer por você, Tobias?

Ele era o chefe da divisão europeia da *Young Corporation* e meu maior concorrente a CEO, então abri uma exceção à minha regra de reuniões sem agendamento e o convidei para meu escritório.

Já me arrependi.

Tobias era o pior tipo de empregado mesmo: bom no que fazia, mas tão grosseiro e irritante que desejei que não fosse assim para podermos demiti-lo. Apreciei sua competência, mas ele estava a um passo de enfiar o pé tão fundo na boca que nem o cirurgião mais talentoso do mundo conseguiria recuperá-lo.

— Só queria passar por aqui e dizer oi. Prestar meus respeitos.
— Tobias brincou com o peso de papel de cristal na minha mesa.
— Estou na cidade para várias reuniões. Tenho certeza que sabe sobre elas. A divisão Europeia está se expandindo tão rápido, e Richard me convidou para jantar no Peter Luger. — Sua risada ressoou no ar.

Richard Chu era o membro mais antigo do conselho da *Young Corporation* e um dinossauro quando se tratava de inovação. Tínhamos discutido várias vezes sobre o futuro da empresa, mas não importava quanto poder ele achava que tinha, era apenas um voto em muitos.

— Não estou surpreso. Richard gosta de um certo tipo de companhia. — *O tipo que beijará sua bunda como se fosse feita de ouro.* O sorriso de Tobias escorregou. — Talvez devesse ir. O tráfego pode ser bastante brutal a esta hora do dia. Gostaria que eu chamasse um carro para você?

Minha mão pairou sobre o telefone em uma clara rejeição.

— Não há necessidade. — Soltou o peso de papel e me encarou com um olhar duro, todos os vestígios de falsa deferência se foram. — Estou acostumado a fazer as coisas sozinho, mas a vida deve ser muito mais fácil para você, hein? Tudo o que precisa fazer é não estragar tudo pelos próximos quatro meses e o cargo de CEO é seu.

Não mordi a isca. Tobias podia falar merda o quanto quisesse, mas eu era muito bom no meu trabalho e ambos sabíamos disso.

— Não fodi nada em mais de trinta anos. — Disse agradavelmente. — Não pretendo começar agora.

Sua falsa afabilidade deslizou de volta ao lugar como uma cortina caindo sobre uma janela. — É verdade, mas há uma primeira vez para tudo. — Ele se levantou, seu sorriso mais oleoso do que uma cozinha de *fast-food*. — Vejo-o no retiro executivo em algumas semanas. E Kai? Que vença o melhor homem.

Retribuí seu sorriso com um sorriso indiferente. Para minha sorte, sempre ganhei.

Depois que Tobias saiu, revi os relatórios financeiros do último trimestre pela segunda vez. A receita de impressão caiu onze por cento, a receita on-line aumentou nove vírgula dois por cento. Não foi ótimo, mas foi melhor do que as outras divisões e teria sido pior se não tivesse dobrado a aposta na mudança para o digital, apesar dos protestos do conselho.

Um toque agudo desviou minha atenção dos relatórios.

Gemi quando vi o identificador de chamadas. Minha mãe só interrompia meu horário de expediente para dar notícias urgentes ou desagradáveis.

— Tenho excelentes notícias. — Como de costume, foi direto ao ponto quando atendi. — Clarissa está se mudando para Nova York.

Folheei meu Rolodex mental. — Clarissa...

— Teo. — O barulho dos saltos contra o mármore enfatizava sua impaciência. — Você cresceu com ela. Como pôde esquecer?

Clarissa Teo.

Uma vaga impressão de tule rosa e suspensórios passou pela minha mente. Reprimi outro gemido. — Ela é cinco anos mais nova que eu, mãe. *Crescer com ela* não é muito preciso.

Os Teos eram donos de uma das maiores redes varejistas do Reino Unido. Minha mãe era a melhor amiga de Philippa Teo, e as mansões de nossa família ficavam lado a lado nos elegantes *Kensington Palace Gardens*, em Londres.

— Eram vizinhos e frequentavam os mesmos eventos sociais — disse minha mãe. — De acordo com o meu livro. Independentemente disso, não está emocionado por ela estar se mudando para Manhattan?

— Hum. — Minha resposta evasiva continha todo o entusiasmo de um réu em julgamento.

Apesar da proximidade de nossas famílias, mal conhecia Clarissa. Não tinha interesse em sair com uma garota cinco anos mais nova que eu quando, e um oceano nos separou quando

éramos adultos - estudei em Cambridge para meu mestrado enquanto ela estudava em Harvard. Quando voltou para Londres, eu já havia me mudado para Nova York.

Certamente não éramos próximos o suficiente para que eu sentisse qualquer tipo de influência sobre suas idas e vindas.

— Ela não conhece muitas pessoas em Nova York — minha mãe disse com a sutileza de mil estrelinhas de néon soletrando *convidá-la para sair* à noite. — Deveria mostrar a ela. A gala de outono do *Valhalla Club* está chegando. Ela seria um encontro adorável.

Um suspiro viajou da minha garganta até a ponta da minha língua antes que o engolissem. — Fico feliz em levá-la para almoçar um dia, mas ainda não decidi se levarei alguém para a festa.

— Você é um Young. — A voz de minha mãe ficou severa. — Além disso, pode se tornar CEO da maior empresa de mídia do mundo em quatro meses. Deixei-o se divertir, mas você *precisa* se acalmar logo. O conselho não vê com bons olhos as pessoas com vidas domésticas instáveis.

— Um dos membros do conselho não encontrou sua esposa na cama com o jardineiro? Uma vida doméstica de casado parece mais instável do que a de solteiro.

— *Kai.*

Esfreguei a boca com a mão, imaginando como meu dia tranquilo e fácil havia se transformado *nisso*. Primeiro Tobias, agora minha mãe. Era como se o universo estivesse conspirando contra mim.

— Não estou pedindo que a peça em casamento, embora certamente não faria mal algum — disse minha mãe. — Clarissa é bonita, elegante, bem-educada e culta. Seria uma esposa maravilhosa.

— Este não é um aplicativo de namoro. Não precisa listar as suas qualidades — disse secamente. — Como eu disse, prometo que me encontrarei com ela pelo menos uma vez.

Depois de mais algumas garantias, desliguei.

Uma dor de cabeça latejava atrás da minha têmpora. Minha mãe me deu a ilusão de escolha, mas esperava que eu me casasse com Clarissa um dia. *Todo mundo* esperava. Se não Clarissa, então alguém exatamente como ela com a linhagem, educação e criação adequadas. Saí com várias mulheres assim. Eram bastante agradáveis, mas sempre havia algo faltando.

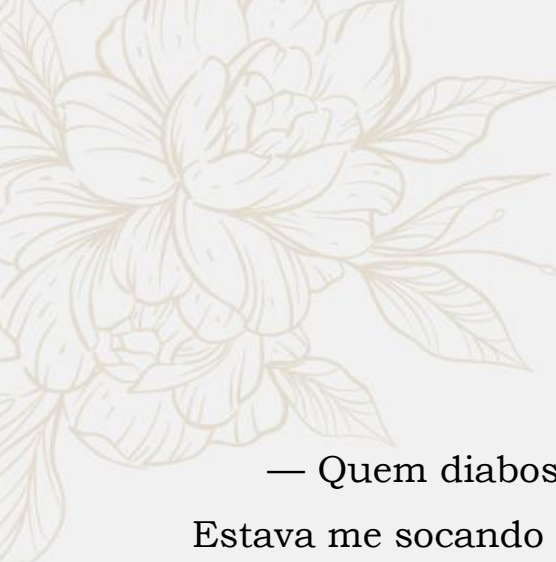
Outra imagem passou pela minha mente, desta vez de cabelo roxo-escuro, olhos brilhantes e uma risada rouca e irreprimível.

Meus ombros tensionaram. Empurrei a imagem para fora da minha mente e tentei focar novamente no trabalho, mas brilhos de roxo continuaram ressurgindo até que fechei minha pasta com força e me levantei.

Talvez minha mãe estivesse certa. *Deveria* levar Clarissa para a gala de outono. Só porque minhas namoradas anteriores não deram certo não significava que um relacionamento semelhante não daria certo no futuro.

Estava destinado a me casar com alguém como Clarissa Teo.

Ninguém mais.



— Quem diabos o irritou hoje? — Dante esfregou o queixo. — Estava me socando como se eu fosse o maldito Victor Black.

— Não consegue lidar com isso? — Brinquei, evitando sua pergunta. Ignorei a menção do CEO bajulador de um grupo de mídia rival. — Se o casamento amoleceu você, me avise e encontrarei um novo parceiro.

Seu olhar poderia ter derretido as colunas de mármore que revestem o corredor.

Reprimi um sorriso. Irritá-lo era ainda mais terapêutico do que nossas lutas de boxe semanais. Só queria que ele não tornasse isso tão fácil. Uma menção semicrítica de sua esposa ou casamento e voltou ao seu carrancudo eu, pré-Vivian.

Normalmente lutamos boxe às quintas-feiras, mas eu o convenci a mudar nossa rotina permanente devido à bomba do voto do CEO de ontem.

— Seja meu convidado. Prefiro passar minhas noites com Viv de qualquer maneira. — Uma breve pausa. — E não estou amolecido, porra. Terminamos empatados.

Normalmente acabávamos. Isso irritava meu lado competitivo sem fim, mas também era por isso que gostava tanto de treinar com Dante. Era um desafio em um mundo cheio de vitórias fáceis.

— A fase da lua de mel ainda está forte, então? — Perguntei.

Dante e Vivian haviam retornado recentemente de sua lua de mel na Grécia. O Dante que conhecia há quase uma década nunca tiraria duas semanas de folga do trabalho, mas sua esposa havia conseguido o impossível. Ela o transformou em um ser humano de verdade com uma vida fora do escritório.

Seu rosto suavizou. — Não pense que isso nunca acabará. — Disse com uma franqueza surpreendente. — Falando nisso, o que fará com Clarissa?

Havia contado a ele sobre a votação do CEO e a ligação de minha mãe antes. Como esperado, Dante demonstrou a simpatia de uma pedra lascada, mas nunca perdeu uma oportunidade de me perseguir sobre a determinação de minha mãe em me casar.

— Levá-la para sair como prometi. Quem sabe? — Parei na entrada do bar. — Ela pode ser a única. No próximo mês, nesta altura, poderíamos estar namorando e usando roupas de casais combinando na *Times Square*.

Dante fez uma careta. — Prefiro cortar meu braço e alimentá-lo através de um moedor.

Engoli minha risada. — Se você diz. — Se eu convencesse Vivian, ela poderia fazê-lo cantar nu na esquina da *Broadway* com a *Forty-Second Street*. Felizmente para ele, também achei repugnante a ideia de roupas para casais e visitar a Times Square.

Normalmente tomávamos uma bebida juntos depois de nossas lutas de boxe, mas ele se desculpou esta noite para um encontro com sua esposa, então entrei no bar sozinho.

Atravessei a sala, procurando instintivamente por um vislumbre de covinhas e violeta, mas só vi a amiga loira de Isabella e outro barman com cachos ruivos.

Sentei-me em um banquinho vazio e pedi meu uísque de sempre, puro, à loira. Teresa? Teagan? *Tessa*. Esse era o seu nome.

— Aqui está! — Cantarolou, colocando a bebida na minha frente.

— Obrigado. — Tomei um gole casual. — Noite movimentada. Mais alguém está trabalhando hoje?

— Não. Nunca temos mais de duas pessoas trabalhando no mesmo turno. — As sobrancelhas de Tessa se ergueram. — Está procurando alguém em particular?

Balancei minha cabeça. — Só perguntando.

Felizmente, outro cliente logo desviou sua atenção e não pressionou mais.

Terminei meu uísque e passei a meia hora seguinte engajado no obrigatório *networking* e na coleta de informações - nada como um pouco de álcool para soltar a língua das pessoas, e era por isso que tinha um limite estrito de três drinques em público - mas não consegui focar. Meus pensamentos continuaram se desviando para uma certa sala no segundo andar.

Não por causa de Isabella, obviamente. Estava simplesmente incomodado com a forma como ela me superou e não pude descansar até aperfeiçoar a peça.

Aguentei mais dez minutos no bar antes de não aguentar mais. Pedi licença de uma conversa com o CEO de uma firma de equipe privada, saí pela entrada lateral e subi as escadas até o segundo andar.

Ao contrário de ontem, nenhuma música vazou para o corredor. Uma pincelada do que parecia perigosamente perto de decepção roçou minha pele até que a afastei.

Estendi a mão para a porta assim que ela se abriu.

Algo - *alguém* - pequeno e suave bateu em mim, e instintivamente coloquei um braço em volta de sua cintura para firmá-la.

Olhei para baixo, o cheiro de rosa e baunilha nublando meus sentidos antes que meu cérebro registrasse quem estava em meus braços.

Cabelo escuro sedoso. Pele bronzeada. Enormes olhos castanhos que se fundiram aos meus com surpresa e algo mais que enviou uma onda alarmante de calor pelo meu sangue.

Isabella.





CAPÍTULO 6

Isabella

Kai passou um braço em volta da minha cintura, me ancorando contra seu torso. Era como estar envolvida em um inferno. O calor infiltrou-se na minha camisa e nas minhas veias; um rubor subiu à superfície da minha pele, que formigou sob o peso súbito e pesado do meu uniforme.

Deveria fazer *alguma coisa* - pedir desculpas por esbarrar nele (mesmo que não tenha sido minha culpa), dar um passo atrás, correr para longe - mas minha mente falhou. Tudo o que conseguia focar era a força sólida de seu corpo e o rápido *thud, thud, thud* do meu coração.

Kai inclinou o queixo para baixo, seus olhos encontrando os meus. Pela primeira vez, ele não usava gravata e paletó. Em vez disso, usava uma camisa branca de botão com as mangas arregaçadas e o primeiro botão desabotoado. A camisa era tão macia, e ele cheirava tão bem, que tive o desejo insano de pressionar meu rosto em seu peito, ou, pior, pressionar minha boca na cavidade de sua garganta e ver se ele tinha um gosto tão bom quanto cheirava.

Minha respiração escapou pelos lábios entreabertos. O formigamento se intensificou; tudo parecia quente e pesado, como se eu tivesse sido mergulhada em mel beijado pelo sol.

A expressão de Kai permaneceu indiferente, mas sua garganta flexionou com uma deglutição reveladora.

Eu não era a única que sentia a ligação elétrica entre nós. A percepção foi o suficiente para me tirar do meu transe.

O que eu estava fazendo? Este era *Kai*, pelo amor de Deus. Era cem (ok, noventa) por cento diferente do meu tipo e duzentos por cento fora dos limites.

Não cometeria o mesmo erro de minha predecessora, que foi demitida depois que minha supervisora a flagrou dando um boquete em um membro do clube. Ela tinha sido imprudente e agora estava na lista negra de trabalhar em todos os bares em um raio de sessenta quilômetros. *Valhalla* levava suas regras - e consequências - a sério.

Além disso...

Lembra o que aconteceu na última vez que se envolveu com alguém que estava fora dos limites?

Meu estômago revirou e a névoa finalmente recuou o suficiente para me libertar de seu abraço. Apesar do aquecedor zumbindo ao fundo, sair dos braços de Kai foi como deixar uma cabana aconchegante e iluminada pelo fogo para atravessar as montanhas no auge do inverno.

Arrepios se espalharam por meus braços, mas joguei com uma cadência casual. — Está me perseguindo?

Encontrar com ele aqui uma vez pode ter sido coincidência, mas duas vezes era suspeito. Especialmente em noites consecutivas.

Esperava que ele me afastasse com sua diversão seca de sempre. Em vez disso, o menor toque de rosa coloriu suas maçãs do rosto.

— Discutimos isso da última vez. Sou membro do clube e estou simplesmente me valendo de suas comodidades. — Disse, as palavras afetadas e formais.

— Nunca usou a sala do piano antes desta semana.

Uma leve elevação de sua sobrancelha. — Como sabe?

Instinto. Se Kai fizesse aparições regulares aqui, eu sentiria. Ele alterava a forma de cada espaço que entrava.

— Apenas um palpite. — Disse. — Mas estou feliz que venha com mais frequência. Poderia praticar. — Sufoquei um sorriso com a forma como seus olhos brilharam. — Talvez um dia me alcance.

Para minha decepção, ele não mordeu a isca.

— Só podemos esperar. Claro... — A faísca anterior tornou-se pensativa. Avaliando. — Ontem à noite pode ter sido um acaso. Fala muito bem, mas pode repetir o mesmo nível de desempenho?

Agora era ele que balançava a isca, suas palavras brilhando como um peixinho enganchado a uma cabeça de anzol.

Eu não deveria cair nessa. Tinha que escrever mais palavras - estava lamentavelmente atrasada em minha meta diária de contagem de palavras de três mil palavras - e só entrei aqui depois do meu turno porque esperava que isso aumentasse minha

criatividade. Não tinha tempo de me entregar aos desafios velados de Kai.

O meu lado prático insistia que eu voltasse para casa naquele minuto para escrever; outro lado, mais convincente, brilhava de orgulho. Kai não teria me desafiado se não estivesse abalado, e havia tão poucas coisas nas quais era realmente talentosa que não resisti à vontade de me exhibir. Só um pouquinho.

Soltei um sorriso confiante. — Vamos colocar isso à prova, certo? Sua escolha.

O peso de seu olhar me seguiu até o banco. Abri a tampa de proteção e tentei me concentrar nas teclas suaves e familiares em vez do homem atrás de mim.

— O que tinha em mente? — Perguntei.

— “*Winter Wind*”. — A presença de Kai roçou minhas costas. Um arrepio de prazer, seguido pelo gotejamento lento de calor na minha espinha. — Chopin.

Era um dos estudos mais difíceis do compositor, mas era factível.

Olhei para Kai, que se encostou na lateral do piano e me avaliou com o interesse desinteressado de um professor avaliando um aluno. O luar se derramou sobre sua forma relaxada, esculpindo suas maçãs do rosto com prata e gravando sombras sob aqueles olhos inescrutáveis.

O ar ficou nebuloso com antecipação.

Mergulhei nele, voltando meu olhar para o piano, fechando os olhos e deixando as correntes elétricas me levarem pela peça. Não

tocava Chopin com frequência, então começou enferrujado, mas assim que comecei a tocar, um farfalhar suave interrompeu meu foco.

Meus olhos se abriram. Kai havia se mudado de seu lugar anterior. Agora, estava sentado no banco, seu corpo a poucos centímetros do meu.

Bati na tecla errada. A nota discordante abalou meus ossos e, embora me corrigisse rapidamente, não conseguia mais me perder na música. Estava muito ocupada me afogando em consciência, no cheiro da floresta depois de uma tempestade e na forma como o olhar de Kai queimou um buraco na minha bochecha.

Ontem, joguei como se ninguém estivesse olhando. Hoje, joguei como se o mundo inteiro estivesse assistindo, exceto que não era o mundo inteiro. Era um homem.

Terminei o ensaio, a frustração queimando minha pele. Kai me observou sem dizer uma palavra, sua expressão ilegível, exceto por um pequeno sinal entre as sobrancelhas.

— Você me distraiu — disse antes que ele pudesse afirmar o óbvio.

O sinal afrouxou, revelando um vislumbre de diversão. — Como assim?

— Você sabe como.

A diversão se aprofundou. — Estava apenas sentado. Não disse ou fiz uma única coisa.

— Está sentado muito perto. — Eu lancei um olhar aguçado para a lasca de assento de couro preto entre nós. — É uma tática óbvia de intimidação.

— Ah, sim. A arte secreta de sentar muito perto. Devo entrar em contato com a CIA e informá-los sobre essa tática inovadora.

— Ha, ha — resmunguei, meu ego muito machucado para dar lugar ao humor. — Não tem outro lugar para estar em vez de incomodar uma espectadora inocente?

— Tenho muitos outros lugares para estar. — Uma breve luz iluminou as sombras em seus olhos. — Mas escolhi estar aqui.

Suas palavras afundaram em meus ossos, apagando as chamas do meu descontentamento.

A luz brilhou, então morreu, submergindo mais uma vez sob poças de escuridão. — Como aprendeu a tocar tão bem? — Kai mudou de assunto tão abruptamente que meu cérebro lutou para alcançá-lo. — A maioria das lições obrigatórias da infância não cobrem peças tão difíceis.

Pedaços de memórias se derramaram em minha consciência. Uma tarde dourada aqui, uma apresentação noturna ali.

Eu as mantive trancadas em uma caixa sempre que pude, mas a pergunta de Kai a abriu com um esforço lamentavelmente baixo.

— Meu pai era professor de música. Ele podia tocar tudo. O violino, o violoncelo, a flauta. — Uma dor familiar rastejou em minha garganta. — Mas o piano foi seu primeiro amor e nos ensinou desde muito jovem. Minha mãe não gostava muito de

música, e acho que ele queria alguém na família que pudesse se conectar com ela da mesma forma que ele.

Vinhetas da minha infância vieram à tona. A voz profunda e paciente do meu pai me guiando pelas escalas. Minha mãe me levando para comprar um vestido novo e minha família se amontoando na sala para meu primeiro “recital”. Tropecei algumas vezes, mas todos fingiram que não.

Depois, meu pai me deu um grande abraço, sussurrou como estava orgulhoso de mim e nos levou para tomar um sundae. Ele me comprou uma colher tripla especial de brownie com calda de chocolate, e me lembrei de pensar que a vida não poderia ficar melhor do que aquele momento.

Pestanejei de volta uma ardência reveladora em meus olhos. Não chorava em público desde o funeral do meu pai e me recusei a começar de novo agora.

— “Nós”. Você e seus irmãos? — Kai perguntou gentilmente. Não sabia por que ele estava tão interessado no meu passado, mas assim que comecei a falar, não consegui parar.

— Sim. — Engoli a onda de memórias e organizei minhas emoções em alguma aparência de ordem. — Tenho quatro irmãos mais velhos. Eles concordavam com as aulas de piano para deixar nosso pai feliz, mas eu era a única que realmente gostava delas. Foi por isso que ele os deixou escapar depois que aprenderam o básico, mas continuou me ensinando.

Não queria ser uma pianista profissional. Nunca quis, nunca quererei. Havia uma magia especial em amar algo sem capitalizá-lo, e me confortava a ideia de que havia pelo menos uma coisa em

minha vida a que poderia recorrer sem expectativas, pressões ou culpa.

— E você? — Aliviei meu tom. — Tem irmãos?

Eu sabia pouco sobre Kai, apesar da notoriedade de sua família. Para as pessoas que construíram sua fortuna dissecando a vida dos outros, eles próprios eram notoriamente reservados.

— Tenho uma irmã mais nova, Abigail. Ela vive em Londres.

— Certo. — Uma imagem de uma versão feminina de Kai - legal, elegante e enfeitada da cabeça aos pés com roupas de grife de bom gosto - passou pela minha mente. — Deixe-me adivinhar. Vocês dois também tiveram aulas de piano enquanto cresciam, além de violino, francês, tênis e mandarim.

Os lábios de Kai se curvaram. — Somos assim tão previsíveis?

— A maioria das pessoas ricas são. — Dei de ombros. — Sem ofensas.

— Não me ofendi — disse ironicamente. — Não há nada mais lisonjeiro do que ser chamado de previsível.

Ele se mexeu na cadeira e nossos joelhos se tocaram. Levemente, tão levemente que mal contava como um toque, mas cada célula do meu corpo tensionou como se eu tivesse sido eletrocutada.

Kai parou. Não moveu o joelho e eu não respirei, e fomos jogados de volta ao início da noite, quando o aperto de seus braços ao redor da minha cintura evocou todos os tipos de pensamentos e fantasias inapropriados.

Línguas emaranhadas. Pele escorregadia de suor. Gemidos obscuros e súplicas ofegantes.

O ponto de contato entre nós ardeu, pegando nossa brincadeira fácil e condensando-a em algo mais pesado. Mais perigoso.

Um manto de estática caiu sobre minha pele. De repente, estava intensamente ciente de como pareceríamos para qualquer um que entrasse. Duas pessoas se amontoavam no mesmo banco, tão próximas que nossas respirações se fundiam em uma. Um retrato enganosamente íntimo de regras quebradas e propriedade descartada.

Era assim que me senti. Na verdade, não estávamos fazendo nada de errado, mas naquele momento estava mais exposta do que se estivesse nua no meio da *Fifth Avenue*.

Os olhos de Kai escureceram nas bordas. Nenhum de nós havia se mexido, mas tive a estranha sensação de que estávamos descendo uma trilha invisível que descia de um penhasco.

Recomponha-se, Isa. Está conversando em uma sala de piano, pelo amor de Deus, não bungee jumping da Torre de Macau.

Arrastei minha atenção de volta para a conversa em curso. — Então, estava certa sobre todas as lições. Previsível. — As palavras saíram mais ofegantes do que pretendia, mas disfarcei com um sorriso brilhante. — A menos que também tenha algum *hobby* excitante que não conheça. Você doma cavalos selvagens em seu

tempo livre? BASE jump⁵ do topo daquela torre em Dubai?
Organizar orgias em sua biblioteca particular?

As brasas ardiam e depois esfriavam. — Receio que não. — A voz de Kai poderia derreter a manteiga. — Não gosto de dividir.

O chão mudou, me desequilibrando. Estava lutando por uma resposta, qualquer resposta, quando uma risada alta cortou a sala como uma guilhotina.

A conexão elétrica chiou no esquecimento. Nossas cabeças viraram em direção à porta, e instintivamente afastei minha perna da dele.

Por sorte, quem estava no corredor não entrou na sala. O murmúrio de vozes acabou desaparecendo, deixando o silêncio em seu rastro, mas o feitiço se desfez e não havia como juntar as peças novamente. Não essa noite.

— Tenho que ir. — Levantei-me tão abruptamente que meu joelho bateu na parte de baixo do piano. Ignorei a dor ricocheteando para cima e para baixo na minha perna e convoquei um sorriso irreverente. — Por mais divertido que tenha sido, tenho que, hum, alimentar minha cobra.

As pítons-reais só precisavam ser alimentadas a cada uma ou duas semanas, e já havia alimentado Monty ontem, mas Kai não precisava saber disso.

⁵-É uma modalidade esportiva na qual o esportista salta de um local totalmente inusitado como penhascos, prédios e até mesmo pontes.

Ele não mostrou uma reação visível às minhas palavras; apenas inclinou a cabeça e respondeu com um simples — Boa noite.

Esperei até sair da sala e descer o corredor antes de me permitir relaxar. O que diabos estava pensando? Minha noite foi uma série espetacular de más decisões. Primeiro, ir para a sala de piano em vez de para casa trabalhar no meu manuscrito (em minha defesa, geralmente escrevo melhor depois de uma sessão de piano), depois ficar e semiflertar com Kai.

Meu encontro com ele deve ter abalado meu bom senso.

Desci a metade da escada quando encontrei Parker, a gerente do bar.

— Isabella. — Surpresa iluminou seus olhos. Com seu corpo magro e corte *pixie* platinado, tinha uma notável semelhança com a modelo *Agyness Deyn*. — Não esperava vê-la ainda aqui.

Meu turno havia terminado há duas horas.

— Estava na sala do piano — disse, optando por dizer a verdade. Alguns gerentes do *Valhalla* ficaram irritados com o fato de os funcionários usarem as instalações mesmo de acordo com as regras, mas Parker sabia do meu hobby e o incentivou.

— Claro. Eu deveria saber. — Seus olhos brilharam.

Parker era uma joia, no que dizia respeito aos gerentes. Mil vezes melhor do que *Creepy Charlie* ou *Handsy Harry* dos meus locais de trabalho anteriores. Além de minhas amigas Vivian e Sloane, ela também era uma das poucas pessoas em Nova York que sabia - e guardava - meu segredo. Por isso, sempre serei grata.

— Não tive a chance de lhe dizer antes, mas parabéns pelo seu próximo aniversário de trabalho. — Um sorriso aqueceu seu rosto.
— Estou feliz por tê-la na minha equipe.

Um calor encheu meu estômago, corroendo um pouco da minha culpa anterior. — Obrigada.

Tome isso, Gabriel. Ele pode não ter fé em mim, mas minha gerente disse que eu era uma de suas “melhores funcionárias”.

As palavras de Parker me seguiram por toda a cidade até meu apartamento, onde Monty cochilava em seu viveiro e meu manuscrito estava, setenta e nove mil palavras aquém de sua meta de oitenta mil palavras.

Bartender pagava as contas, mas, como no piano, não me interessava como carreira. Ainda assim, era bom ser boa em alguma coisa. Parker trabalhava em *Valhalla* há anos; tinha visto muitas pessoas indo e vindo, e ficou impressionada comigo.

Não poderia decepcioná-la.

Isso significava manter meu nariz limpo, concentrar-me e ficar longe, muito longe de um certo bilionário britânico.

No entanto, quando me deitei na cama naquela noite e caí em um sono agitado, meus sonhos não tinham nada a ver com trabalho e tudo a ver com cabelos escuros e toques roubados.

CAPÍTULO 7

Isabella

— As comédias românticas são superestimadas e irrealistas.
— Sloane franziu a testa para a montagem de encontros bonitos e beijos apaixonados piscando em sua tela de TV. — Estão preparando as pessoas para o fracasso com falsas esperanças de felizes para sempre e grandes gestos extravagantes quando o homem comum nem consegue se lembrar do aniversário de sua parceira.

— Uh-huh. — Peguei outro punhado de pipoca com manteiga extra da tigela entre nós. — Mas são divertidas e você ainda os assiste.

— Não os assisto. Eu...

— *Odeia* assisti-las — Vivian e eu terminamos em uníssono.

Estávamos encolhidas na sala de estar de Sloane, comendo *junk food* e prestando atenção no brega de Natal que escolhemos para a noite. Algumas pessoas podem dizer que era muito cedo para filmes de Natal, mas essas pessoas estariam erradas. Era outubro, o que significava que era praticamente dezembro.

— Isso é o que diz todas as vezes. — Coloquei um caroço fofa na boca, tomando cuidado para não deixar cair nenhuma migalha

no meu laptop. — Não está *totalmente* errada, mas há exceções na vida real. Olhe para Viv e Dante. São a prova de que homens apaixonados e grandes gestos cafonas também existem na vida real.

— Ei! — Vivian protestou. — Seus gestos não eram cafonas. Eram românticos.

Minha sobrancelha arqueou em desafio. — Comprar bolinhos dos trinta e seis melhores restaurantes de Nova York para que escolha qual gosta mais? Diria que são os dois. Não se preocupe. — Dei um tapinha nela com minha mão livre e sem pipoca. — Não quis dizer isso de uma maneira ruim.

Se alguém merecia amor extra e extravagância em sua vida, era Vivian. Por fora, sua vida parecia perfeita. Era bonita e inteligente e proprietária de uma empresa de planejamento de eventos de luxo de sucesso. Ela também era a herdeira da fortuna da *Lau Jewels*, mas o dinheiro tinha um preço - teve que crescer com Francis e Cecelia Lau, que eram, por falta de palavra melhor, idiotas completos. Sua mãe constantemente a criticava (embora menos do que antes) e seu pai a deserdou depois que ela o enfrentou.

Francis foi a principal razão pela qual o relacionamento de Vivian e Dante teve um começo tão difícil, mas, felizmente, superaram isso e agora eram tão doentiamente doces juntos que meus dentes doíam toda vez que estava perto deles.

Raio de bolinhos. Era tão fofo e deprimente ao mesmo tempo. Nunca namorei ninguém que se importasse o suficiente para se

lembrar da minha comida favorita (macarrão), muito menos me comprar vários.

Se eu não tivesse medo de invocar o diabo inadvertidamente (graças à minha lola, que se esforçou muito para incutir o temor de Deus em seus netos), faria bonecos de vodou com meus piores ex-namorados.

Depois... olhei para o meu laptop.

Eu tinha algo melhor do que bonecos de vodou. Tinha minhas palavras.

— Sabe o que mais? *Talvez...* — me endireitei, meus dedos já se movendo antes que meu cérebro tivesse a chance de alcançá-los. — Posso incorporar o encontro de Dante e Viv no meu livro de alguma forma.

Essa era a parte que eu adorava escrever. Os momentos de luz que desvendaram novas seções da história, aproximando-a da conclusão. Excitação, movimento, *progresso*.

Fazia uma semana desde a ligação de Gabriel. Ainda não tinha atingido minha contagem diária de palavras, mas estava chegando perto. Naquela manhã, escrevi incríveis 1.800 palavras e, se escrevesse mais de mil antes do final da noite de cinema, atingiria meu objetivo.

As sobrancelhas de Sloane mergulharam em uma carranca. — Bolinhos de massa em um *thriller* erótico?

— Só porque não foi feito, não significa que *não possa* ser feito. — Meu prazo de fevereiro se aproximava cada vez mais e estava disposta a tentar qualquer coisa neste momento.

— Talvez um dos personagens possa engasgar com um — sugeriu Vivian, aparentemente imperturbável com minha visão mórbida do gesto romântico de seu marido. — Ou podem misturar os bolinhos com arsênico e dá-los a um rival desavisado, depois dissolver o corpo com ácido sulfúrico para esconder as evidências.

Sloane e eu ficamos boquiabertas. De nós três, Vivian era a *menos* propensa a ter essas ideias diabólicas.

— Desculpe. — Suas bochechas ficaram rosadas. — Tenho assistido a muitos programas policiais com Dante. Estamos tentando encontrar um hobby normal para ele que não envolva trabalho, sexo ou bater nas pessoas.

— Pensei que tivesse terceirizado a última parte — brinquei, digitando uma frase obrigatória sobre arsênico. Dante era o CEO da *Russo Group*, um conglomerado de artigos de luxo. Ele também era conhecido por seus métodos questionáveis de lidar com pessoas que o irritavam. A lenda urbana diz que sua equipe derrotou um suposto ladrão a ponto de o homem ainda estar em coma anos depois.

Estaria mais preocupada com os rumores se não amasse tanto a Vivian. Bastava olhar para ele para saber que preferia se jogar do *Empire State Building* a machucá-la.

Vivian torceu o nariz. — Engraçado, mas quis dizer suas lutas de boxe com Kai.

Minha digitação ficou mais lenta com a menção do nome de Kai. — Não sabia que eles lutavam boxe.

Ele era tão organizado e correto o tempo todo, mas o que acontecia quando se despojava da civilidade? Uma imagem espontânea passou pela minha mente de seu torso, nu e brilhando de suor. De olhos escuros e mãos ásperas e músculos afiados durante horas no ringue. Sem óculos, gravata afrouxada, boca esmagada contra a minha com carnalidade inebriante.

Meu corpo cantou com calor repentino. Eu me mexi, as coxas queimando tanto pelo meu laptop quanto pelas fantasias abrindo caminho através do meu cérebro.

— Toda semana — Vivian confirmou. — Falando em Dante, ele me pegará em breve para jantar no *Monarch* mais tarde. Querem se juntar a nós? Ele é amigo do proprietário, então podemos atualizar facilmente a reserva.

— O quê? — Perguntei, muito desorientada pela curva acentuada à esquerda em meus pensamentos para acompanhar o novo tópico.

— Monarch — Vivian repetiu. — Quer vir? Sei que está morrendo de vontade de comer lá.

Exato. Monarch (em homenagem à borboleta, não à realeza) era um dos restaurantes mais exclusivos de Nova York. A lista de espera por uma mesa durava meses - a menos, é claro, que você fosse um Russo.

Sloane balançou a cabeça. — Tenho que pegar meu novo cliente esta noite. Ele pousa em algumas horas.

Ela dirigia uma firma de relações públicas com uma lista de clientes poderosos, mas geralmente terceirizava suas tarefas.

Quem quer que fosse devia ser *muito* importante, já que ela mesma ia buscá-lo, embora parecesse distintamente infeliz com a tarefa.

Empurrei meu laptop das minhas coxas e levantei meu cabelo do meu pescoço. Uma brisa bem-vinda varreu minha pele, esfriando minha luxúria.

— Conte comigo — disse. — Não tenho trabalho esta noite.

Não gostava de jogar na terceira roda, mas seria uma idiota se recusasse uma refeição no Monarch. Estava na minha lista de restaurantes desde sempre, e seria uma boa distração das minhas fantasias perturbadoras de Kai. Mal podia esperar para contar a Romero - sobre o jantar, não Kai. Além da engenharia, a maior alegria da vida do meu irmão era a comida, e ele morreria quando...

Espera. Romero.

— Oh meu Deus, esqueci completamente! — A adrenalina de lembrar uma tarefa esquecida passou por mim, apagando qualquer pensamento persistente sobre um certo bilionário irritante. Estendi a mão e puxei minha mochila para o meu colo. — Prometi a Rom que daria isso a vocês para experimentarem.

Depois de alguma busca, pesquei triunfantemente um vibrador rosa brilhante de alta tecnologia, lindamente estriado.

Dois brinquedos embalados novinhos em folha estavam no fundo da minha bolsa, mas gostava de mostrar os produtos primeiro, por assim dizer.

Romero era um engenheiro de design sênior na *Belladonna*, uma importante fabricante de brinquedos para adultos, o que era uma maneira elegante de dizer que ganhava a vida com vibradores

e consolos. Confiavam nos testadores para obter *feedback* inicial e, de alguma forma, ele me convenceu a recrutar meus amigos para a tarefa.

Não era tão estranho quanto parecia no papel. Romero era um geek da ciência; se colocasse uma supermodelo nua e o mais novo software de design na sua frente, sua prioridade seria dominar o software. Para ele, não havia nada de sexual nos brinquedos. Eram simplesmente produtos que precisavam ser aperfeiçoados antes de chegarem ao mercado.

Dito isto, *não* testei seus projetos. Até Romero concordou que seria muito assustador, mas meus amigos e conhecidos eram um jogo justo.

— Não. — Sloane apertou os lábios. — Não preciso de outro vibrador. Tenho um armário inteiro com essas coisas e ocupam um espaço valioso.

Como seu escritório, roupas e praticamente tudo em sua vida, o apartamento de Sloane era um exercício de puro minimalismo. Além da televisão e, bem, de nós, o único sinal de vida em sua sala de estar branco sobre branco era o indiferente peixinho dourado nadando no canto. O inquilino anterior o havia deixado para trás e Sloane vinha ameaçando jogar o Fish (sim, esse era o seu nome) no vaso sanitário nos últimos dois anos.

— Mas isso é o que há de mais moderno — argumentei, sacudindo o vibrador. — Você é uma das avaliadoras mais confiáveis de Romero!

Ao contrário de Vivian, que suavizava seu feedback com palavras encorajadoras, Sloane se especializava em avaliações

contundentes que dissecaram cada produto até o osso. Essa era a mesma mulher que escrevia críticas de várias páginas para todas as comédias românticas que assistia; sua capacidade de antecipar os sentimentos feridos de estranhos pairava em algum lugar nos trinta negativos. Por outro lado, se ela dissesse que gostou de algo, sabíamos que não estava brincando.

Depois de mais bajulações, ameaças e subornos na forma de uma promessa de assistir a todas as novas comédias românticas da *Hallmark* com ela, convenci Sloane a continuar seu reinado como a testadora mais temida e reverenciada de *Belladonna*.

Ainda estava me recuperando do efeito de ganhar uma discussão com ela quando a campainha tocou.

— Eu atendo. — Vivian estava no banheiro e Sloane estava ocupada rabiscando em seu caderno - com base na agressividade com que escrevia, o pobre filme estava sendo eviscerado - então me arrastei para fora do sofá e fui até a porta da frente.

Cabelos escuros e grossos, ombros largos, pele morena. Um giro rápido da maçaneta revelou o marido de Vivian, parecendo cada centímetro do CEO bilionário em uma camisa e calças *midnight-black* Hugo Boss.

— Oi! — Disse alegremente. — Está adiantado, mas tudo bem porque o filme acabou. Sabe, o protagonista masculino meio que me lembra você. Super mal-humorado com problemas com o pai e uma carranca perpétua - até encontrar o amor de sua vida, é claro.

Na verdade, o protagonista masculino tinha sido um rolo de canela, mas gostava de zombar de Dante sempre que possível. Ele

era tão sério o tempo todo, embora seu temperamento tivesse melhorado dramaticamente desde que se casou com Vivian.

Um rubor percorreu suas maçãs do rosto esculpidas e sobre a ponte de seu nariz. A princípio, pensei que o tinha irritado tanto que estava tendo um ataque cardíaco ali mesmo no corredor, mas então notei duas coisas em rápida sucessão.

Primeiro, o olhar de Dante estava fixo em minha mão direita, que ainda segurava o protótipo de brinquedo de *Belladonna*. Dois, não estava sozinho.

Kai estava atrás dele, gravata alinhada e terno bem passado, sua aparência tão perfeita que era difícil acreditar que ele praticava um esporte tão brutal quanto o boxe.

Meus olhos caíram para suas mãos, procurando pelos nós dos dedos machucados e cortes ensanguentados, mas só vi algemas brancas e o brilho de um relógio caro. Nem uma única ruga ou pedaço de fiapo. Ele exerceria o mesmo nível de controle meticuloso no quarto ou o abandonaria por algo mais desinibido?

Ambas as possibilidades enviaram uma corrida inebriante em minhas veias. Meu aperto instintivamente aumentou em torno do brinquedo, e levantei meu olhar a tempo de ver a atenção de Kai desviar do meu rosto para o vibrador fúcsia com a velocidade agonizante de um acidente de carro em câmera lenta.

O silêncio tomou conta do salão. Talvez tenha sido minha imaginação, mas poderia jurar que o vibrador vibrou um pouco apesar de não estar ligado, como se não pudesse conter a emoção de toda a atenção. Enquanto Dante parecia ter engolido uma vespa, a expressão de Kai não alterou. Poderia muito bem estar

segurando um pedaço de fruta ou algo igualmente inócuo. Ainda assim, o calor queimou minhas bochechas e minha nuca, fazendo minha pele formigar.

— Estávamos testando isso — disse. Os olhos dos rapazes se arregalaram, solicitando um esclarecimento apressado. — *Não uma na outra.* Apenas... em geral. Para ver quantas velocidades ele tem.

Dante balançou a cabeça e esfregou a mão no rosto. Enquanto isso, o canto da boca de Kai se contorceu, como se estivesse contendo um sorriso.

Uma bolha de riso caiu em cascata sobre meu ombro. Tirei minha mão livre da maçaneta, virei-me e encarei Vivian, que tinha voltado do banheiro e estava me observando com muita diversão para uma suposta melhor amiga.

— Não posso acreditar que não me disse que eu ainda estava segurando isso — disse, balançando o vibrador no ar. Dante soltou um ruído abafado que caiu em algum lugar entre o motor de um carro engasgado e um gato moribundo. — Amigas não deixam amigas atenderem a porta com acessórios fálicos. Não venha correndo até mim se seu marido sofrer um choque cardíaco.

— Como é minha culpa? — Vivian protestou entre risadas. Ela parecia totalmente despreocupada com a morte iminente de seu marido. — Eu estava no banheiro. Culpe Sloane por não avisá-la.

Olhei para minha outra amiga traidora. Ela deixou sua crítica de cinema e estava olhando para o telefone como se ele tivesse produzido, dirigido e estrelado pessoalmente em suas comédias românticas mais odiadas. Interromper Sloane quando estava de

mau humor era como jogar uma gazela infeliz na frente de um leão enfurecido. *Não, obrigada.* Gostava da minha cabeça exatamente onde estava.

— Kai, jantará conosco? — Vivian perguntou, chamando minha atenção de volta para o corredor. Sua risada finalmente diminuiu. Ela se moveu ao lado de seu marido, que envolveu um braço protetor em volta de sua cintura e deu um beijo suave no topo de sua cabeça. Uma pontada de inveja abriu caminho em minhas entranhas antes que a banisse. — Como disse às meninas, podemos facilmente alterar a reserva.

— Talvez outra noite. Dante e eu tínhamos uma reunião aqui perto e só vim dar um oi. — O olhar de Kai se voltou para mim por uma fração de segundo. Uma emoção em resposta ondulou sob minha pele. — Não quero estragar o seu encontro.

— Absurdo. Não estragará de jeito nenhum. — Disse Vivian. — Isa se juntará a nós, então seria realmente perfeito. É mais fácil sentar quatro do que três.

Meus ombros enrijeceram. A *última* coisa que queria era sentar durante uma refeição inteira com Kai. Já tinha feito isso antes, em um jantar que Dante e Vivian ofereceram logo depois que voltaram da lua de mel, mas isso era diferente. Isso foi antes da sala do piano. Antes de fantasias perigosas e toques acidentais que inclinavam meu mundo fora de seu eixo.

Os olhos de Kai pousaram nos meus novamente. Uma porta de aço invisível se fechou ao nosso redor, fechando o resto do mundo e nos envolvendo em uma bolha de respirações sussurrantes e batimentos cardíacos em colisão. Arrepios subiram

na minha pele, mas enquanto lutava para manter uma aparência de calma, ele me olhava como um estudioso examinaria um texto antigo, mas totalmente esquecível. Uma pitada de interesse, temperada por um mar de indiferença.

— Nesse caso — disse, as palavras como veludo em sua voz culta, — estou feliz em ajudar.

Uma onda indesejável de antecipação correu em minhas veias, mas foi abafada pelo mal-estar. Dante e Vivian sempre se perdiam em seu próprio mundo, o que significava que eu enfrentaria pelo menos duas horas ininterruptas da companhia de Kai.

— Excelente. — Vivian sorriu, parecendo feliz com algo tão simples quanto um jantar em grupo.

Abri a boca, depois a fechei. Meu desejo de experimentar o Monarch guerreou com a ansiedade durante uma noite com Kai. Por um lado, recusei-me a deixá-lo estragar um item da minha lista de desejos. Por outro...

— Pessoal, tenho que ir. — Sloane veio ao meu lado, tão quieta que não a ouvi se aproximar. Em algum momento nos últimos cinco minutos, jogou um casaco camelo Max Mara sobre a blusa e as calças e trocou os chinelos por um par de botas de couro elegantes. — Meu cliente chegou mais cedo.

Ela acenou uma breve saudação para os homens e entregou a mim e a Vivian nossas bolsas, efetivamente nos dispensando. Estávamos muito acostumadas com suas emergências de trabalho para ficarmos ofendidas com seu anúncio abrupto. Sloane não era do tipo calorosa e fofa, e seu rosto deveria estar estampado ao lado da entrada do dicionário para *workaholic*, mas se as coisas dessem

errado, sabia que poderia contar com ela. Era ferozmente protetora de seus amigos.

— Quem é afinal? — Perguntei, deixando discretamente o vibrador de volta na minha mochila enquanto ela trancava a porta.
— Alguém que conhecemos?

A maioria de seus clientes era do tipo empresarial e da sociedade, mas contratou celebridades ocasionais como o astro do futebol britânico Asher Donovan e a modelo Ayana (apenas um nome, à la Iman).

— Duvido — disse Sloane enquanto caminhávamos para o elevador. — A menos que siga de perto a seção *de playboys preguiçosos* das páginas da sociedade. — Sua voz se infiltrou com desdém frio.

Muito bem, então. Quem quer que fosse o cliente, era claramente um assunto delicado.

Vivian e eu caminhávamos com ela enquanto os rapazes ficavam na retaguarda. Normalmente, a importunaria para obter mais informações, mas estava muito distraída com os passos suaves atrás de mim. O cheiro limpo e amadeirado da colônia de Kai flutuou sobre mim em uma lufada de ar quente. Engoli em seco, arrepios de consciência se espalhando pelas minhas costas. Precisei de toda a força de vontade para não se virar.

Ninguém falou novamente até chegarmos ao elevador. A cabine com painéis de carvalho foi construída para quatro pessoas no máximo e, em nossa luta para nos espremer no espaço apertado, minha mão roçou a de Kai.

Uma faixa dourada de calor passou por mim, eletrizando cada terminação nervosa como fios sob a chuva. Eu me afastei, mas as emoções fantasmas permaneceram.

Ao meu lado, Kai olhava para frente, seu rosto esculpido em pedra. Quase acreditei que ele não sentiu o toque até que sua mão, a que inadvertidamente rocei, flexionou. Foi um movimento pequeno, tão rápido que teria perdido se tivesse piscado, mas agarrou meus pulmões e torceu.

O ar comprimiu-se em meu peito. Eu rapidamente desviei meus olhos e olhei para frente como uma adolescente que foi pega assistindo a algo inapropriado. O martelar do meu coração atingiu decibéis ensurdecedores, abafando a conversa de Dante, Vivian e Sloane.

Com o canto do olho, vi a mandíbula de Kai tensa.

Nós dois ficamos ali, imóveis e sem falar, até que as portas se abriram e nossos amigos se espalharam pelo saguão.

Kai e eu hesitamos em uníssono antes de ele acenar para a saída em um sinal universal *depois de você*.

Prendi a respiração quando passei por ele, mas de alguma forma, seu cheiro ainda se infiltrava em meus sentidos. Isso confundiu tanto meus pensamentos que quase bati em um vaso de samambaia ao sair, ganhando olhares estranhos de Vivian e Sloane.

Reprimi um gemido, as próximas duas horas se estendendo a minha frente como uma maratona sem fim.

Esta será uma longa noite.



CAPÍTULO 8

Kai

Não tinha planejado acompanhar Dante depois do nosso encontro, mas quando mencionou a reserva do Monarch, fiquei curioso. Meu trabalho incluía verificar os lugares mais badalados da cidade, e estava adiando o Monarch por tempo demais.

Certamente, minha decisão de abandonar uma noite relaxante para a cena gastronômica um tanto tediosa não teve nada a ver com o comentário casual de Dante sobre pegar Vivian na noite das garotas com suas amigas.

Sloane partiu para o aeroporto, deixando eu e Isabella no banco de trás do carro de Dante enquanto os recém-casados se aconchegavam na frente. De todas as noites, Dante teve que escolher esta noite para dirigir em vez de confiar em seu motorista.

O silêncio sufocava o ar enquanto avançávamos pelo tráfego de Manhattan, interrompido apenas pelo suave tamborilar da chuva contra o vidro.

Isabella e eu nos sentamos tão distantes quanto humanamente possível, mas não importaria se o próprio Oceano Atlântico nos separasse. Meus sentidos ficaram impressionados com o seu cheiro e sensação - a exuberante sensualidade das rosas

misturada com o rico calor da baunilha; o breve e tentador deslizar de sua mão contra a minha; a carga estática que se agarrava à minha pele toda vez que ela estava perto.

Foi enlouquecedor.

Respondi a um e-mail sobre o negócio da *DigiStream* e coloquei meu telefone no bolso. Estava trabalhando na aquisição do aplicativo de *streaming* de vídeo por mais de um ano. Estava tão perto que podia prová-lo, mas pela primeira vez, meus pensamentos foram consumidos por algo diferente de negócios.

Olhei para Isabella. Ela olhou pela janela, seus dedos tamborilando em um ritmo distraído contra sua coxa, seu rosto suave com introspecção. Sua mochila estava entre nós como uma parede de concreto, separando meus pensamentos fugitivos de seu silêncio incomum.

— Quantas velocidades tem?

O batuque parou. Isabella se virou, a confusão estampada em suas feições. — O quê?

— Seu teste na casa de Sloane. — A lembrança dela atendendo a porta com aquele ridículo brinquedo rosa na mão puxou os cantos da minha boca. — Quantas velocidades tem?

Embora desaprovasse a lamentavelmente comum falta de decoro de Isabella, parte de mim estava encantado com isso. Era tão completa e irreprimivelmente *ela mesma*, como uma pintura que se recusava a ser desbotada pelo tempo. Era apaixonante.

A cor vitrificou suas maçãs do rosto e a ponta do nariz. Ao contrário da elegância refinada de Vivian ou da beleza loira e

gelada de Sloane, as feições de Isabella eram uma tela ousada e expressiva para suas emoções. Sobrancelhas escuras franzidas sobre olhos que brilhavam em desafio, e seus lábios carnudos e vermelhos pressionados em uma linha firme.

— Doze — disse, seu tom doce o suficiente para induzir uma cárie. — Fico feliz em emprestá-lo a você. Pode ajudá-lo a relaxar para que não morra de um ataque cardíaco induzido pelo estresse antes dos quarenta anos.

Prefiro que me descontraia em vez disso.

O pensamento foi tão repentino, tão absurdo e inesperado, que me roubou uma resposta oportuna. Em primeiro lugar, não precisava me *soltar*. Sim, minha vida era acolchoada com quadrados perfeitos e linhas perfeitamente delineadas, mas isso era preferível ao caos e à extravagância. Um puxão errado no último, e tudo desmoronaria. Trabalhei muito para deixar algo tão pouco confiável quanto uma fantasia passageira arruinar as coisas.

Em segundo lugar, mesmo que *precisasse* me soltar (o que, novamente, não precisava), faria isso com qualquer pessoa, *menos com Isabella*. Ela estava fora dos limites, não importa o quão bonita ou intrigante fosse. Não só por causa da regra de não confraternização de *Valhalla*, mas porque ela me mataria de uma forma ou de outra.

Ainda assim, a luxúria correu pelas minhas veias em toda a sua glória crua e ardente com o pensamento de mergulhar minha cabeça sobre a dela. De provar, testar e explorar se ela era tão desinibida no quarto quanto fora dele.

As sobrancelhas de Isabella formaram arcos questionadores em meu silêncio prolongado.

Foda-se. Reprimi meu desejo traidor com uma vontade de ferro cultivada durante anos em *Oxbridge* e recuperei o controle sobre minhas faculdades.

— Obrigado, mas na minha lista de itens que nunca pegaria emprestado, os brinquedos para adultos estão no topo — disse, meu tom plácido como um escudo enganoso para a tempestade que se formava dentro de mim.

Ela se mexeu para me encarar completamente. Sua saia deslizou para cima, revelando outro centímetro de pele bronzeada perfeita. Meu sangue aqueceu mais, e um músculo flexionou em minha mandíbula antes que me controlasse. Quem usava saia sem meia-calça no meio de um frio atípico de outubro? *Só Isabella.*

— O que mais está na lista? — Ela parecia genuinamente curiosa.

— Meias, cuecas, lâminas de barbear e água de colônia. — Eu tagarelava as respostas, mantendo meus olhos plantados firmemente em seu rosto.

Aquelas sobrancelhas escuras expressivas se ergueram mais alto. — Colônia?

— Todo cavalheiro tem uma colônia de assinatura. Roubar a assinatura de outra pessoa seria considerado o cúmulo da grosseria.

Isabella me olhou por cinco segundos inteiros antes de uma gargalhada encher o carro. — Meu Deus. Não acredito que você é real.

O som gutural e descarado de sua alegria me atingiu em algum lugar no peito e se espalhou como manteiga derretida em minhas veias.

— Se fosse esse o caso, as marcas de fragrâncias faliriam a torto e a direito — disse. — Imagine se cada produto tivesse apenas um cliente.

— Ah, mas está deixando passar uma parte importante do que eu disse. — O arco da minha sobrancelha combinava com o dela. — Eu disse todo *cavalheiro*, não toda pessoa.

Ela revirou os olhos. — Você é tão esnobe.

— Dificilmente. É uma questão de comportamento, não de status. Conheço muitos CEOs e aristocratas que são tudo menos cavalheiros.

— E acha que é uma exceção?

Não pude evitar. Um sorriso perverso tocou meus lábios. — Só em certas situações.

Vi o instante em que meu significado foi registrado. A cor forte de Isabella voltou, lavando seu rosto em uma linda flor rosa. Seus lábios se separaram em uma respiração audível e, apesar dos meus melhores instintos, uma satisfação sombria curvou meu peito com a sua reação.

Eu não era o único torturado por nossa atração.

Ela abriu a boca assim que o motor desligou, engolindo suas palavras e abruptamente cortando a nossa ligação.

Tínhamos chegado ao Monarch. Escondi uma pontada de decepção quando um *valet* veio correndo até nós e pegou as chaves de Dante. No momento em que me virei para Isabella, ela já havia saído do carro.

Soltei uma respiração controlada e guardei a emoção rebelde em uma caixa com cadeado antes de segui-la para dentro do prédio.

Era melhor que eu não soubesse o que ela estava prestes a dizer. Não deveria ter escorregado e a provocado em primeiro lugar, mas havia uma crescente guerra civil entre minha lógica e minhas emoções no que dizia respeito a Isabella. Felizmente, Dante e Vivian estavam muito imersos na terra dos recém-casados para notar qualquer coisa errada.

O elevador nos levou até o último andar do arranha-céu, onde o *Monarch* dava para a vasta extensão do *Central Park*.

Como estávamos adiantados para nossa reserva, o *maître* nos ofereceu taças de champanhe de cortesia enquanto esperávamos na entrada bem equipada. Fui o único que recusou. Queria uma cabeça limpa esta noite, e Deus sabia que a presença de Isabella era inebriante o suficiente.

Meu telefone se iluminou com dois novos e-mails - um sobre a *DigiStream* e o outro sobre a logística para o próximo retiro de liderança executiva. As coisas estavam estranhamente quietas desde que minha mãe anunciou a votação do CEO, mas aposto

minha primeira edição dos romances de *Charles Dickens*⁶ que pelo menos um dos outros candidatos faria sua jogada no retiro.

— Kai?

Olhei para cima. Uma mulher de aparência um tanto familiar estava a minha frente com um sorriso expectante. Vinte e tantos anos, longos cabelos negros, olhos castanhos, uma marca de beleza distinta no canto da boca.

O reconhecimento se encaixou com um sopro de surpresa. Clarissa, minha vizinha de infância e, a julgar pelo número de artigos que me enviou sobre os esforços e realizações filantrópicas de Clarissa, a primeira escolha de minha mãe para nora.

— Desculpe, sei que faz muito tempo desde a última vez que nos vimos. — Riu. — É Clarissa Teo. De Londres? Parece quase exatamente o mesmo... — Seus olhos passaram por mim em apreciação. — Mas percebo que mudei bastante desde a última vez que nos vimos.

Isso era um eufemismo. Foi-se a adolescente desajeitada que usava aparelho de que me lembrava. Em seu lugar estava uma mulher elegante e polida com um sorriso de concurso de beleza e uma roupa saída de uma revista social.

Recusei-me a mencionar que a pesquisei no Google na semana passada, embora parecesse quase tão diferente pessoalmente quanto na adolescência. Mais suave, menor, menos rígida.

⁶-Mais popular romancista inglês da era vitoriana, entre suas principais obras está “Um conto de Natal” de 1843.

— Clarissa. Claro, é tão bom vê-la — disse suavemente, mascarando minha surpresa. De acordo com as atualizações não solicitadas da minha mãe, ela não deveria chegar a Nova York até a próxima semana. — Como vai?

Conversamos um pouco por alguns minutos. Aparentemente, ela havia se mudado para a cidade mais cedo do que o planejado para ajudar com uma grande exposição que estava por vir na *Saxon Gallery*, onde era responsável pelas relações com os artistas. Estava hospedada no *Carlyle* até que terminassem as reformas em seu novo apartamento, e estava nervosa com a mudança para uma nova cidade, mas sortuda por ter encontrado uma mentora em Buffy Darlington, a respeitada grande dama da sociedade de Nova York, com quem se encontraria para jantar esta noite. Buffy estava atrasada por causa de uma emergência com seu cachorro.

Tive dezenas de conversas semelhantes ao longo dos anos, mas fingi o máximo de interesse possível até Clarissa começar a comparar os prós e os contras dos malteses e dos pomeranos.

— Perdoe-me. Esqueci de apresentá-la aos meus amigos. Eu a interrompi nitidamente quando parou para respirar. — Pessoal, esta é Clarissa Teo, uma amiga da família. Ela acabou de se mudar para a cidade. Clarissa, estes são Dante e Vivian Russo e Isabella Valencia.

Eles trocaram cumprimentos educados. Apresentações de nomes completos eram comuns em nossos círculos, onde a família de uma pessoa dizia mais sobre ela do que sua ocupação, roupas ou carro.

Mais conversa fiada, além de uma pitada de constrangimento quando Clarissa lançou um olhar interrogativo para Isabella. Ela reconheceu Dante e Vivian, mas claramente não sabia o que fazer com Isabella, cujas mechas violetas e saia de couro eram a antítese de seus próprios neutros clássicos e pérolas.

— Devemos nos atualizar durante o almoço em breve — Clarissa disse quando o maître anunciou que nossa mesa estava pronta, salvando-nos de mais conversas afetadas. — Tem sido muito tempo.

— Sim, ligo para você. — Ofereci um sorriso educado. — Aproveite o resto da sua noite.

Minha mãe já havia nos dado o número um do outro - só por precaução. Não estava ansioso para outra rodada de conversa fiada, mas encontros com velhos conhecidos depois de muito tempo sempre eram estranhos. Talvez não estivesse dando crédito suficiente a Clarissa. Ela poderia muito bem ser uma conversadora brilhante.

— Ex-namorada? — Isabella perguntou enquanto caminhávamos para nossa mesa.

— Vizinha de infância.

— Futura namorada então.

Um pequeno arco da minha sobrancelha. — É um grande salto a se fazer.

— Mas não estou errada. Ela parece o tipo de mulher com quem você namoraria. — Isabella se sentou ao lado de Vivian, bem na minha frente. Suas palavras não continham nenhum

julgamento, apenas uma absoluta realidade que irritava mais do que deveria.

— Parece bastante interessada na minha vida amorosa. — Abri meu guardanapo e o coloquei no meu colo. — Por que isso?

Ela bufou. — Não estou interessado. Só estava fazendo uma observação.

— Sobre minha vida amorosa.

— Não tenho certeza se *tem* uma vida amorosa — disse Isabella. — Nunca ouvi você falar sobre mulheres ou o vi no clube com um encontro.

— Gosto de manter minha *vida privada* em segredo, mas é bom saber que está mantendo o controle sobre minha alegada falta de companhia feminina. — Minha boca se curvou, uma resposta automática à sua adorável fala antes que a transformasse em uma linha reta.

Sem sorrir. Não pense que qualquer coisa que ela faz é adorável.

— Você tem um senso exagerado de sua própria importância. — Isabella ergueu o queixo mais alto. — E para sua informação, a desculpa da vida privada só funciona para celebridades e políticos. Prometo que há menos pessoas interessadas em suas amantes do que pensa.

— Bom saber. — Desta vez, meu sorriso se libertou de suas restrições com sua indignação tangível. — Parabéns por ser um desses poucos sortudos.

— Você é insuportável.

— Mas imagine como eu seria mais insuportável se fosse uma celebridade ou um político.

Um brilho de diversão passou pelos olhos de Isabella. Suas bochechas formaram covinhas por um milissegundo antes de ela franzir os lábios e balançar a cabeça, e fui atingido por uma vontade irresistível de fazer aquelas covinhas saírem dela novamente.

Ao nosso lado, as cabeças de Dante e Vivian giravam para frente e para trás como espectadores em uma partida de *Wimbledon*. Quase tinha esquecido que eles estavam lá. As sobrancelhas de Dante se franziram em confusão, mas os olhos de Vivian brilharam de alegria e desconfiança. Antes que pudesse investigar mais, nosso garçom se aproximou, cesta de pão na mão. A nuvem de tensão que pairava sobre a mesa se dissipou e, à medida que o jantar avançava, nossa conversa passou para tópicos mais neutros: a comida, o último escândalo da sociedade, nossos próximos planos para as férias.

Dante e Vivian iam para *St. Barth's*⁷; estava indeciso. Normalmente voltava para Londres no Natal, mas dependendo de como as coisas corressem com a *DigiStream*, talvez tivesse que ficar em Nova York. Parte de mim adorava a ideia de uma temporada tranquila apenas com trabalho, livros e talvez um show ocasional da Broadway para me fazer companhia. Grandes reuniões de férias foram altamente superestimadas, na minha opinião.

⁷-Ilha do Caribe de língua francesa.

— E você, Isa? — Vivian perguntou. — Voltará para a Califórnia este ano?

— Não, não vou para casa até fevereiro para o aniversário da minha mãe — Isabella disse. Uma breve sombra cruzou seu rosto antes que sorrisse novamente. — É tão perto do Natal e do Ano Novo Lunar que geralmente reunimos todas as três celebrações em um único fim de semana gigante. Minha mãe faz esses rolos de turon *incríveis* e vamos à praia na manhã seguinte à sua festa para relaxar...

Levei meu copo aos lábios enquanto ela falava sobre as tradições de sua família. Parte de mim ansiava por informações sobre seu passado da mesma forma que um mendigo ansiava por comida. Como foi a sua infância? Quão próxima era de seus irmãos? Eram parecidos com Isabella ou suas personalidades divergiam como os irmãos costumavam fazer? Queria saber tudo – cada memória, cada peça e detalhe que ajudaria a resolver o quebra-cabeça do meu fascínio por ela, mas outra parte maior de mim não conseguia esquecer a sombra. O breve vislumbre da escuridão sob o exterior brilhante e borbulhante. Chamava-me como a luz no fim de um túnel, anunciando salvação ou condenação.

Uma risada estrondosa de outra mesa me puxou para fora da minha espiral.

Dei uma pequena sacudida na minha cabeça e coloquei meu copo para baixo, irritado por quantos dos meus últimos momentos de vigília foram ocupados com pensamentos de Isabella.

Peguei o sal no meio da mesa, determinado a aproveitar minha refeição como se fosse um jantar normal. Isabella, que cedeu a conversa ao relato de Vivian sobre as suas aventuras de navegação e de Dante na Grécia, pegou a pimenta. Nossas mãos se tocaram novamente, um fac-símile de nosso arranhar no elevador. Eu me acalmei. Como da primeira vez, um arrepio elétrico percorreu meu braço, queimando a lógica, a racionalidade, *a razão*.

O restaurante desapareceu quando nossos olhos se encontraram com um *clique quase audível*, dois ímãs atraídos pela força em vez de livre arbítrio.

Se dependesse do livre arbítrio, continuaria com o jantar como se nada tivesse acontecido porque nada *havia* acontecido. Foi apenas um toque, tão inocente quanto um solavanco accidental na calçada. Não deveria ter o poder de transformar meu sangue em fogo líquido ou alcançar dentro do meu peito e torcer meus pulmões em nós.

Porra.

— Com licença. — Eu me levantei abruptamente, ignorando os olhares assustados de Dante e Vivian. Isabella baixou a mão e voltou a se concentrar em sua comida, com as bochechas rosadas. — Volto já.

Uma gota de suor se formou em minha testa enquanto caminhava pela sala de jantar. Empurrei as mangas da camisa até os cotovelos; estava queimando. Quando cheguei ao banheiro, tirei os óculos e joguei água gelada no rosto até meu pulso voltar ao normal.

O que diabos estava acontecendo comigo?

Por um ano, consegui manter Isabella à distância. Ela era o oposto de tudo que considerava adequado, uma complicação que não precisava. Sua extravagância, sua tagarelice, sua conversa incessante sobre sexo em locais públicos...

Sua risada, seu cheiro, seu sorriso. Seu talento para o piano e a maneira como seus olhos brilham quando está animada. Eram o tipo de droga mais perigosa, e temia que já estivesse caindo na ladeira escorregadia do vício.

Deixei escapar um gemido suave e sequei meu rosto com uma toalha de papel.

Culpei aquela maldita segunda-feira há duas semanas. Se eu não tivesse sido pego de surpresa pelo anúncio e o momento da votação do CEO, não teria procurado Isabella em Valhalla. Se eu não a tivesse procurado, não a teria ouvido na sala do piano. Se eu não a tivesse ouvido na sala do piano, não estaria me refugiando em um banheiro público, tentando me recompor após um toque de dois segundos.

Eu me permiti mais um minuto para me acalmar antes de colocar meus óculos, abrir a porta e correr direto para o próprio diabo.

Colidimos com a força de uma jogada de futebol - meu braço em volta da sua cintura, as suas mãos apoiadas contra meus antebraços, o ar vibrando com uma sensação perturbadora de *déjà vu*.

Minha frequência cardíaca aumentou mesmo enquanto silenciosamente amaldiçoava o universo por constantemente nos jogar um no outro. Literalmente.

Isabella piscou para mim, seus olhos como ricas poças de chocolate na penumbra. — Eu estava certa — disse. Sua voz brincalhona continha um toque de sopro que percorria meu peito em gavinhas esfumadas. — Você *está* me perseguindo.

Cristo, esta mulher era outra coisa. — Acontecemos de sair do banheiro ao mesmo tempo. Dificilmente poderia ser classificado como perseguição — disse com paciência infinita. — Posso lembrá-la que deixei a mesa primeiro? No mínimo, deveria perguntar se você *está* me perseguindo.

— Tudo bem — concordou. — Mas e quando você me seguiu até a sala do piano? *Duas vezes?*

Um latejar surdo surgiu atrás da minha têmpora. De repente, desejei nunca ter concordado em jantar. — Quantas vezes trará isso à tona?

— Quantas vezes forem necessárias para me dar uma resposta direta. — Isabella ficou na ponta dos pés, aproximando seu rosto do meu. Cada músculo do meu corpo tensionando. — Kai Young, tem uma queda por mim?

Absolutamente não. A mera ideia era absurda, e deveria ter dito isso a ela imediatamente, mas as palavras não saíam, e hesitei o suficiente para os olhos de Isabella se arregalarem. Seu brilho provocador diminuiu, dando lugar ao que parecia ser alarme.

Irritação acendeu em meu peito. Não estava romanticamente interessado nela - meu interesse era intelectual, nada mais - mas a perspectiva era *tão* terrível?

— Não estamos no ensino médio — disse, com a voz tensa. — Não tenho paixões.

— Essa ainda não é uma resposta direta.

Meus dentes de trás rangeram. Antes que pudesse informá-la de que minha resposta tinha, de fato, sido uma resposta direta se ela lesse nas entrelinhas, um zumbido baixo encheu o ar, seguido por um piscar ameaçador de luzes. Um murmúrio baixo e coletivo cresceu na sala de jantar.

Isabella enrijeceu, seus dedos se curvando ao redor do meu bíceps. Meu pulso batia contra minhas veias. — O que é...

Ela não teve chance de terminar a frase antes que outro zumbido percorresse o corredor, agudo e raivoso, como uma serra cortando madeira.

Depois, com uma cintilação final e crepitante, as luzes se extinguíram completamente.



CAPÍTULO 9

Isabella

Alguns gritos vindos da sala de jantar despedaçaram a elegância silenciosa do restaurante. Arfei - não com os gritos ou a morte repentina da luz, mas com o peso de um corpo masculino sólido e musculoso me prendendo contra a parede.

Em um minuto, estava provocando Kai como vingança por sua pergunta sobre o brinquedo no carro; no seguinte, estava pressionada contra ele, peito com peito, coxa com coxa, meus pulmões inundados com o cheiro inebriante de madeira e frutas cítricas.

Nossa proximidade me levou de volta à semana passada, quando nos encontramos em uma posição semelhante na sala do piano. Só que desta vez, não foi por acaso.

O mundo ficou nebuloso nas bordas enquanto estávamos lá, congelados, o corpo de Kai formando um escudo protetor sobre o meu. Sem palavras, apenas o rápido aumento e queda de nossas respirações e a adrenalina se espalhando no ar como ácido de bateria. Dissipando a névoa até que meus sentidos se aguçaram o suficiente para distinguir formas na escuridão.

Ergui meu queixo, meu coração dando outra batida instável quando vi Kai olhando para mim. Estava escuro demais para distinguir os contornos individuais de seu rosto, mas isso não importava. Já os tinha guardado na memória - o corte elegante de suas maçãs do rosto, a crueldade esculpida de sua boca, o calor fervendo sob o véu frio de olhos escuros e inescrutáveis.

As luzes se apagaram - nada nefasto, mas chocante o suficiente para desencadear uma resposta de fuga ou luta - e seu primeiro instinto foi me proteger.

Meu coração apertou. Peguei um punhado de algodão sob medida e engoli a casca seca da minha garganta. Apesar da queda de energia, a eletricidade chiou ao nosso redor, a uma faísca de pegar fogo.

Kai se mexeu, seu braço ao meu redor como se pudesse sentir a tensão rastejando em meus músculos congelados. À primeira vista, pode parecer suave, toda polidez tranquila e charme erudito, mas ele tinha o corpo de um lutador. Rígido e magro, com músculos envoltos no mais elegante dos tecidos. Um lobo disfarçado em pele de cordeiro.

E, no entanto, meus alarmes internos permaneceram silenciosos, meu corpo flexível. Apesar de todo o perigo teórico que ele representava, nunca me senti tão segura.

Um zumbido e a escuridão desapareceu tão repentinamente quanto se materializou. A luz queimou meus olhos; quando pisquei para afastar a desorientação, minha névoa sonhadora e encapsulada evaporou junto com ela.

Kai e eu olhamos um para o outro por um momento extra antes de nos afastarmos com a pressa de quem acidentalmente tocou em um fogão quente.

O oxigênio invadiu meus pulmões, amplificando o trovão em meus ouvidos. — Devemos voltar...

— Eles provavelmente estão se perguntando onde...

Nossas vozes tropeçavam uma na outra em uma cacofonia de barulho. Bandeiras coloridas brilhavam nas maçãs do rosto de Kai, e sua mandíbula se apertou antes que inclinasse a cabeça em direção ao final do corredor.

Nenhum de nós falou durante nossa caminhada de volta para a sala de jantar, mas o ar pesava com palavras não ditas. O lado do meu corpo voltado para ele formigou com consciência. Eu odiava como podia fazer isso - me fazer sentir tanto quando jurei não sentir nada novamente por homens como ele.

Rico, bonito e perigoso demais para minha saúde mental e emocional.

— Aí está você — Vivian disse quando voltamos para nossa mesa. — Isso não foi selvagem? Fico feliz que o restaurante tenha resolvido a interrupção tão rapidamente.

Na realidade, a queda de energia durou menos de cinco minutos, mas o tempo se estendeu tão languidamente quando Kai e eu estávamos sozinhos que fiquei genuinamente surpresa que o restaurante parecesse tão *normal*. Os gritos anteriores diminuíram tão rapidamente quanto surgiram e, além de alguns clientes de

aparência confusa, todos estavam agindo como se o blecaute nunca tivesse acontecido.

— Sabe o que causou isso? — Alisei o guardanapo sobre o colo e evitei olhar para Kai, com medo de que mesmo o mais ínfimo olhar pudesse expor as emoções tumultuadas que giravam dentro de mim.

A pontada de ciúme ao vê-lo com Clarissa mais cedo, a falta de ar quando nos tocamos, a sensação de afundar em um banho quente e profundo do qual nunca quis sair quando me abraçou. Eu não deveria estar sentindo nenhuma dessas coisas, mas nunca fui muito boa em manter os *deveres*.

Era muito difícil manter alguém fora da minha mente quando a vida insistia em nos colocar no caminho um do outro sempre que possível.

— Acho que foi um problema elétrico, mas eles têm um gerador reserva. — Dante balançou a cabeça. — De todas as malditas noites para algo assim acontecer, tinha que ser esta noite.

— Não atrapalhou muito a nossa refeição — disse Vivian, sempre a voz da razão. — Estou feliz que não foi nada sério. O restaurante ofereceu a todos uma reserva gratuita que...

Eu a ignorei. Estava ocupada demais me certificando de que nenhuma parte do meu corpo tocasse o de Kai acima ou abaixo da mesa. A julgar pela rigidez de seus ombros, ele estava fazendo o mesmo.

Os nervos se agitaram em meu estômago. *Droga.*

Peguei meu vinho e tomei um grande gole, ignorando o olhar de surpresa de Vivian. Eu não era uma grande fã de vinhos, mas tinha pelo menos mais uma hora na companhia de Kai.

Eu precisava de toda a ajuda que pudesse obter.



CAPÍTULO 10

Isabella

O resto do jantar no Monarch transcorreu sem incidentes, mas essa foi a última vez que vi Kai por mais uma semana.

Ele não apareceu para seu drinque habitual de quinta à noite no bar, e disse a mim mesma que não me importava. Houve um tempo em que tomaria a indiferença de Kai como um desafio e mergulharia de cabeça em uma aventura proibida, mas eu não era mais aquela garota.

Não, a *nova* Isabella era a responsável. Focada. Tinha direção e provaria que seu irmão mais velho e sabe-tudo estava errado mesmo que isso a matasse.

— Pare de ignorar as ligações dele, Isa. — Felix passou com uma braçada de tubos vermelhos felpudos. — Sabe que ele não parará até você responder.

Meu telefone vibrou com outro zumbido insistente, enfatizando seu ponto. Ignorei, como fiz durante toda a manhã. Aprendi minha lição depois de atender a última ligação de Gabriel e ficar sobrecarregada com um prazo ridículo para o meu livro.

Aposto minhas botas de couro pretas favoritas que ele estava ligando para verificar meu progresso. Ao contrário das pessoas

normais, Gabriel enviava mensagens de emergência e ligava para falar besteira, então não estava preocupada com um problema de saúde para mamãe ou um terremoto que destruísse a casa de nossa família na Califórnia.

— É exatamente por isso que não estou atendendo — disse a Felix. — Gosto de imaginar o seu rosto ficando todo vermelho e suado, como naquela vez em que encolhi sua camisa favorita quando voltou da faculdade.

Meu segundo irmão mais velho riu e balançou a cabeça.

De todos os meus irmãos, ele era o mais próximo de mim. Não em termos de idade (seria Romero) ou temperamento (seria Miguel), mas em termos de compatibilidade. Ao contrário do anal-retentivo Gabriel, Felix era tão descontraído que ninguém acreditaria que era um artista renomado.

Ele morava no bairro moderno de *Silver Lake*, em Los Angeles, a maior parte do ano, mas mantinha um pequeno estúdio/apartamento de arte em Nova York, já que fazia tantos shows aqui. Havia aterrissado ontem e estava ocupado dando os retoques finais em sua escultura para uma grande mostra de arte no próximo mês.

Como eu odiava trabalhar em silêncio, invadi seu tempo de estúdio com meu laptop, uma sacola de *Sour Patch Kids* e uma determinação implacável de terminar o capítulo dez antes do meu turno. Estava finalmente progredindo em meu livro e queria extrair cada pedacinho do ímpeto antes que inevitavelmente se esgotasse.

— Seja legal, Isa. Provavelmente não é nada. — Felix torceu dois dos tubos vermelhos em uma forma de dupla hélice. Tentou

explicar o simbolismo da escultura antes, e quase desmaiei de tédio. Por mais que o amasse, não fui feita para esse tipo de apreciação de arte. — Aposto que ele quer saber o que você comprará para a mamãe no seu aniversário, para que não dupliquemos acidentalmente.

Eu não tinha contado a ele sobre o ultimato do manuscrito, e acho que Gabriel também não.

— Não vamos. O dia em que chegarmos a um acordo sobre qualquer coisa, incluindo presentes, é o dia em que o inferno experimentará o congelamento do Ártico. — Mudei de assunto antes que Felix pudesse investigar mais. Ele era o pacificador da família, então estava sempre tentando nos colocar em alguma aparência de harmonia. — Falando no aniversário da mamãe, levará sua nova namorada?

— Talvez — disse Felix evasivamente. Passou por namoradas como doces, então não me surpreenderia se tivesse uma nova quando fevereiro chegasse. — E você? Mamãe tem falado sobre sua vida amorosa desde...

Ele.

A palavra não dita pairou entre nós como uma guilhotina prestes a cair. Cavou em meus ossos, escavando memórias há muito enterradas sob pilhas de culpa e vergonha, enquanto um nó grosso apertava minha garganta.

O tilintar do gelo contra o vidro. O brilho de um anel de sinete sob as luzes. Os ecos de uma voz profunda sussurrando todas as palavras que eu queria ouvir.

Eu te amo. Sinto sua falta. Iremos embora, só nós dois.

Uma fantasia que terminou em lágrimas, sangue e traição. Dois anos depois, ainda lutava com as consequências das decisões estúpidas do meu eu mais jovem.

O caroço se expandiu, pressionando meu nariz e a parte de trás dos meus olhos até que o estúdio ficou borrado.

Pisquei para afastar as lágrimas e digitei uma palavra aleatória só para ter algo para fazer. — Não. Não levo mais rapazes para casa.

Por um breve e espontâneo momento, olhos escuros e um nítido sotaque britânico passaram pela minha mente antes que os afastasse.

Kai e eu não éramos amantes. Nem éramos amigos. Ele não tinha nada que invadir meus pensamentos assim.

Quando olhei para cima novamente, Felix estava me observando com seu olhar de conhecimento característico. — Faz dois anos — disse gentilmente. — Não pode deixar aquele idiota arruinar sua confiança nos relacionamentos para sempre.

Acenei com a cabeça. — Não é isso. — Ele tinha compartilhado sentimentos semelhantes antes, e minhas mentiras tinham um gosto menos amargo cada vez que as contava. Não é que não confiasse nos relacionamentos como um conceito; era mais porque não confiava em mim mesmo, mas ele não precisava saber disso. — Estive ocupada. Você sabe, com o trabalho e o livro.

Eu poderia dizer que ele não acreditou em mim, mas no verdadeiro estilo Felix, não insistiu no assunto. — Bem, se mudar de ideia, me avise. Tenho amigos solteiros.

Isso me arrancou um sorriso genuíno. — Você é o único irmão que conheço que de bom grado colocaria sua irmã com um amigo. Obrigada também, mas não, obrigada. Preferia morrer.

Estremeci só de pensar em dormir com alguém que estivesse de alguma forma associado a um membro da família. Acreditava firmemente na separação entre igreja (a santidade de minha vida sexual) e estado (vigilância de minha mãe e irmãos superprotetores).

— Sou um excelente juiz de caráter — disse Felix, imperturbável com meu desgosto. — Não lhe arranjará alguém de quem você não gostaria.

— Não estou preocupada com isso porque não está me arrumando com ninguém. — Olhei para o canto superior da minha tela e amaldiçoei quando vi a hora. — Merda! Eu tenho que ir. Vou me atrasar para o trabalho!

Tanto para terminar o capítulo dez.

Eu me arrastei para fora do sofá, enfiei meu laptop na minha bolsa e corri para a saída. O estúdio de Felix ficava no centro; *Valhalla* ficava na parte alta da cidade. Levaria pelo menos 45 minutos para chegar lá de metrô, salvo atrasos ou interrupções.

— Vai a minha exposição, certo? — Felix me chamou. — Estão finalizando a lista de convidados hoje.

Eu acenei com a mão sobre meu ombro. — Estarei lá!

Quando passei meu cartão na estação de metrô mais próxima, estava sem fôlego e encharcada de suor sob o casaco. Parker era descontraída na maioria das coisas, mas era uma tirana quando se tratava de pontualidade. Despediu meu antecessor por aparecer dez minutos atrasado depois de um incêndio em um trem.

Felizmente, os deuses do transporte estavam do meu lado e cheguei ao *Valhalla Club* com minutos de sobra.

Meu alívio durou pouco, porém, porque, quando fui para trás do balcão, percebi imediatamente a expressão preocupada de Tessa. Ela arregalou os olhos para mim e os lançou em direção ao bar.

Segui seu olhar, para baixo... para baixo... todo o caminho até o homem sentado com um sorriso presunçoso e olhos fixos em mim como um predador avistando uma presa.

Ah, porra.



— Isabella. — A voz fria e oleosa enviou mil insetos invisíveis deslizando sobre minha pele. — Está linda esta noite.

— Obrigada. — Meu sorriso era apertado o suficiente para dobrar como um espartilho da era vitoriana. — O que posso conseguir para você, Sr. Black?

Victor Black me avaliou com aqueles olhos escuros e planos. Era o CEO da *Black & Co.*, uma empresa de mídia cujos tabloides faziam o *National Enquirer* parecer material do Pulitzer. Tecnicamente pertencia ao capítulo DC⁸ de Valhalla, mas visitava Nova York com frequência. Infelizmente.

— *Sex On The Beach*⁹. — Um sorriso serpenteou em seu rosto. O exército de insetos se reproduziu e se multiplicou. — Meu favorito.

— Chegando. — Ignorei o óbvio duplo sentido e comecei a preparar a bebida. Quanto mais cedo terminasse, mais cedo poderia ficar longe dele.

Trinta e tantos anos, cabelo penteado para trás, roupas chamativas. Victor tinha uma aparência objetivamente decente, mas algo nele sempre me dava arrepios. Talvez fosse a maneira como olhava para mim como se estivesse imaginando as coisas mais sujas que poderia fazer comigo, ou talvez fossem as insistências implacáveis, apesar do meu óbvio desinteresse.

Tessa me lançou um olhar compreensivo do bar. Ela sabia o quanto eu não gostava dele, mas ele sempre insistia em que o servisse quando estava aqui, então não havia nada que ela pudesse fazer.

— Quais são seus planos para este fim de semana? — Victor perguntou. — Estou na cidade até segunda-feira e sei de alguns eventos interessantes que estão por vir.

⁸-Washington, capital dos EUA.

⁹-Coquetel alcoólico feito com vodka.

Tenho certeza que sim. Aposto que envolviam pouca ou nenhuma roupa e grandes esperanças para seu pau ansioso demais.

— Estou trabalhando — disse, o que era verdade. Recebia as melhores gorjetas nos finais de semana, então sempre dizia sim para sextas e sábados.

— Tenho certeza que poderia tirar uma ou duas noites de folga.

Meu sorriso poderia ter congelado o interior de um vulcão enquanto lhe entregava sua bebida. — Infelizmente, tenho contas para pagar, então não, não posso. — Foi o mais rude que me permiti ser com um membro do clube. A maioria deles era mesquinho e egoísta o suficiente para fazer com que alguém fosse demitido por causa de uma - má atitude - incluindo Victor.

— Existem outras maneiras de pagar suas contas. — Victor deliberadamente roçou minha mão quando pegou o copo de mim. Um arrepio de desgosto percorreu minha espinha. — Por exemplo, posso ser bastante generoso em certas situações.

Seu significado era claro. Ondas de náusea passaram pelo meu estômago como um navio durante uma tempestade. Preferiria morrer do que deixar Victor Black colocar as mãos em mim.

— Obrigada pelo pensamento, mas como sabe, a confraternização entre membros e funcionários é uma violação flagrante das regras do *Valhalla*. — Minha resposta fria contrastou com a raiva fervendo em minhas veias. Gostaria de poder jogar a bebida mais próxima em seu rosto ou, melhor ainda, esbofeteá-lo com tanta força que tiraria os pensamentos nojentos de sua cabeça, mas como disse, eu tinha contas a pagar e um emprego

para manter. — Agora, se isso é tudo, tenho outros clientes que requerem minha atenção.

Só dei dois passos quando sua mão agarrou meu pulso.

A náusea se intensificou, juntamente com uma onda de adrenalina que martelava em meus ouvidos. Precisei de toda a minha força de vontade para não acertá-lo no rosto com minha mão livre.

— As regras não se aplicam a mim — Victor disse casualmente, como se não estivesse me mantendo como refém em uma sala cheia de testemunhas. Arrogância brilhava brilhante e fria em seus olhos. — Eu posso...

— Deixe-a ir, Victor. — Uma voz familiar, suave e aristocrática cortou minha tensão como uma lâmina recém-afiada em seda. — É impróprio maltratar alguém, mesmo para você.

O rosto de Victor escureceu, mas não era estúpido o suficiente para causar uma cena com outro membro. Ele largou minha mão e se virou.

Kai estava atrás dele, gravata alinhada, lenço cuidadosamente dobrado no bolso do paletó e olhos duros como diamantes enquanto prendiam o outro homem contra seu assento.

O calor correu para a boca do meu estômago, apagando um pouco do meu desgosto pelo toque de Victor.

— É bom vê-lo aproveitando nossa rede *intraclub* — disse Kai, sua voz enganosamente agradável, apesar da fúria silenciosa que emanava dele em ondas. — Mas seria negligente em não lembrá-lo de nossa política de não assédio. Viole-o e seu acesso à rede será

encerrado. Viole-o com a pessoa errada e será banido permanentemente de *Valhalla*. — Um sorriso educado, mais frio que o extremo norte do Ártico. — Sabe o que acontece com membros excomungados, não sabe?

Os lábios de Victor se estreitaram. Não sabia o que acontecia com os excomungados, mas a ameaça foi suficiente para acalmá-lo, apesar do ressentimento assassino que transbordava em seus olhos.

— Talvez devesse tomar um fôlego em outro lugar no clube. — Kai alisou a mão sobre a gravata. — Há uma linda apresentação de jazz acontecendo no lounge de música.

Não relaxei até que Victor desapareceu pela saída, deixando um rastro de amargura sufocada em seu rastro.

Kai ocupou seu lugar vago. Um zumbido faiscou no ar, e meu coração torceu em uma posição que teria deixado minha antiga professora de ioga orgulhosa.

— Obrigada. — Disse calmamente. — Não precisava fazer isso.

A maioria das pessoas ficaria do lado dos ricos e poderosos, mesmo que estivessem errados. Outros simplesmente fechariam os olhos, especialmente para algo tão “pequeno” quanto um aperto de pulso. Eu era mulher, uma minoria e funcionária. Tinha menos poder em situações como aquela com Victor, e enquanto o que Kai fazia era o mínimo em alguns aspectos, a triste verdade era que a maioria não poderia fazer isso.

— Não sei o que quer dizer — disse Kai, seu tom suave. — Simplesmente o lembrei das regras do clube, de acordo com meu dever como membro do comitê administrativo.

Um sorriso surgiu em meus lábios. — Trabalho cansativo.

— Positivamente cansativo, mas tento o meu melhor.

— Tão cansativo que perdeu seu compromisso permanente aqui na quinta-feira passada? — As palavras saíram por conta própria. Desejei poder pegá-las de volta no instante em que saíram da minha boca, mas era tarde demais.

Os resquícios da expressão de pedra de Kai derreteram, revelando um lampejo de caloroso prazer que fez meus dedos dos pés se curvarem em minhas botas.

— Ficando de olho em mim de novo, Isabella?

A maneira aveludada como disse meu nome era quase indecente, evocando imagens de tardes preguiçosas e lençóis de seda. De mãos deslizando pelas minhas coxas e beijos descendo pelo meu pescoço, sua boca fazendo coisas perversas no meu corpo enquanto empurrava dentro de mim. Mais e mais, até...

Porra.

Calor acendeu entre minhas coxas. Meus dedos se curvaram ao redor do balcão, mas dei de ombros para sua pergunta e me forcei a não desviar de seu olhar astuto. — Só para que possa evitá-lo. Qualquer um que traduza clássicos para o latim por diversão me apavora.

Uma risada enrugou os cantos de seus olhos, e meu pulso saltou em resposta. Estava se transformando em uma situação

pavloviana neste ponto. Sempre que Kai fazia algo, meu corpo traidor reagia como se tivesse sido atingido por um raio.

— Fico feliz em informar que não haverá traduções hoje, mas se isso faz você se sentir melhor, também trabalho com ficção de gênero. Traduzi um romance de Nora Roberts uma vez. Foi uma mudança revigorante de ritmo.

— Não, mas obrigado por esse detalhe. Volte a falar comigo quando traduzir a literatura erótica dos dinossauros.

Kai piscou. — Desculpe?

— Deixa para lá. — Não queria empurrá-lo muito longe, muito rápido. O pobre homem provavelmente teria um ataque cardíaco se descobrisse alguns dos livros flutuando fora de sua bolha literária. — Sabe, nunca me disse por que veio na segunda-feira na outra semana.

Isso estava me incomodando desde que aconteceu. Eu tinha coisas mais importantes com que me preocupar, mas não saber o motivo me incomodava muito, como tentar e não conseguir lembrar o nome de uma música que estava na ponta da minha língua.

Kai se recuperou admiravelmente rápido da minha piada erótica sobre dinossauros. — Isso importa?

— Talvez não no grande esquema das coisas, mas sou uma bartender, o que significa que também sou uma boa caixa de ressonância e terapeuta. — Servi o uísque e deslizei o copo sobre o balcão. — Alguns dias atrás, consolei uma herdeira de macarrão porque não conseguiu encontrar seu motorista na chuva e teve que

usar sua bolsa de cem mil dólares como um guarda-chuva improvisado. A pior parte foi... — abaixei minha voz. — A bolsa era uma edição limitada superespecial e o estilista se recusou a fazer outra para ela.

— Ah, o clássico dilema da bolsa — disse Kai com simpatia. — Que tragédia.

— O tipo mais grave. Devemos alertar a Cruz Vermelha.

— Você liga, eu envio um e-mail. Devemos cobrir todas as bases para um caso dessa magnitude.

Meu sorriso floresceu em um sorriso de pleno direito. Odiava admitir, mas Kai era tolerável quando não estava sendo um pau tenso na lama. Mais do que tolerável, na verdade.

— Responderei a sua pergunta, mas tenho que avisá-la, meus segredos não são tão interessantes quanto pensa. — Ele tomou um gole de sua bebida. — Soube que a votação para CEO da minha empresa acontecerá antes do que eu esperava. — Suas palavras despertaram uma vaga lembrança de um artigo *do Wall Street Journal* que li algumas semanas atrás. Eu normalmente pulava direto para a seção de estilo, mas a foto de Kai estava na frente e no centro do site. Não resisti a uma espiada, da qual logo me arrependi. O artigo tinha sido chato *pra caralho*.

— Quanto antes? — Perguntei.

— Anos. Não esperava assumir até os quarenta anos.

Kai tinha apenas trinta e dois anos.

— Bem, isso é uma coisa boa, certo? — Raciocinei. — É como uma promoção antecipada.

Desde que ganhasse a votação, o que provavelmente aconteceria. Tive a sensação de que Kai Young nunca perdia em nada.

Um canto de sua boca se ergueu. — Essa é uma maneira de olhar para isso, mas se conhecesse minha mãe, saberia que nunca abriria mão do poder tão cedo. Ela diz que está tudo bem, mas...

Seus olhos nublaram, e minha respiração parou quando juntei o resto de sua frase. — Está preocupado que ela esteja doente.

Uma pausa, então uma leve inclinação de seu queixo.

— Ela não me dirá se estiver. — Disse. — Não até que não possa mais esconder isso. Odeia ser lamentada mais do que qualquer coisa no mundo.

Uma dor profunda e inquietante se desenrolou atrás das minhas costelas com a tensão em sua voz. Não havia nada mais angustiante do que perder um pai. Eu não tinha certeza do que era pior - a longa espera pelo inevitável, como no caso de doenças e enfermidades terminais, ou a súbita ruptura de uma família, como no caso de acidentes e golpes cruéis do destino.

Às vezes, desejava que meu pai estivesse doente. Pelo menos assim, estaríamos preparados em vez de tê-lo arrancado de nós sem aviso prévio.

Em um minuto, estava lá, seu rosto cheio de indulgência amorosa enquanto eu implorava para ele me levar à Disneylândia no meu aniversário. No seguinte, se foi. Suas esperanças, seus medos, seus sonhos e memórias, todos reduzidos a uma casca oca de um corpo deitado entre montes retorcidos de borracha e metal.

Talvez tenha sido egoísta da minha parte. Não queria que ele sofresse, mas também nunca consegui me despedir...

Engoli o nó de emoção em minha garganta e forcei um sorriso. Poderia chafurdar no passado mais tarde, quando não houvesse mais ninguém com preocupações mais urgentes sentado à minha frente.

— Pode haver dezenas de outras razões pelas quais está se demitindo mais cedo. — Disse em uma tentativa de fazer Kai se sentir melhor. — Por exemplo, ela pode estar sendo chantageada, ou talvez tenha conhecido um garanhão gostoso nas férias e queira passar o resto de seus dias brincando com ele nas Bahamas, em vez de ouvir relatórios de vendas chatos. Fiz uma pausa, franzindo a testa. — Seus pais são divorciados, certo? — Lembrei-me de ter lido algo nesse sentido on-line. — Se não forem, esqueça o que acabei de dizer e continue com a chantagem.

— São separados, mas próximos o suficiente. — Um raio de diversão espiou através da nuvem nos olhos de Kai. — É estranho que eu esteja esperando uma chantagem, não é?

— Não. É a opção mais fácil de resolver, e imagino que não queira pensar na vida sexual de sua mãe.

Kai empalideceu.

— Certo. Bem, se acabar sendo chantagem, me avise depois de lidar com isso. Preciso de boas ideias para o meu livro.

Aqueles olhos escuros conhecedores se aguçaram. — Que livro?

Merda. Não pretendia deixar isso escapar, mas era tarde demais para voltar atrás. — Estou escrevendo um *thriller* erótico. — Coloquei meu cabelo atrás da orelha com uma mão autoconsciente. Não gostava de falar sobre isso com ninguém, exceto Sloane e Vivian. Elas não me julgariam, mas algumas pessoas ficavam tão arrogantes com o gênero de ficção. Ou isso, ou me fariam um milhão de perguntas sobre meu agente, editora e data de lançamento, nenhuma das quais eu tinha. — Estou trabalhando nisso há um tempo, mas estou presa.

Fiz um progresso decente desde a ligação de Gabriel. Era mais do que havia escrito nos últimos dois meses, mas não era o suficiente. Não se eu quisesse terminar antes do aniversário da minha mãe.

Os olhos de Kai se fixaram nos meus. Para minha surpresa, vi apenas curiosidade e um toque de simpatia. Sem julgamento. — Presa em qual parte?

— Tudo. — Não sabia por que estava contando isso a ele, mas algo sobre hoje parecia diferente de nossas interações anteriores. Mais fácil, mais confortável. — O enredo, os personagens... — *O que quero fazer da minha vida.* — Às vezes parece que esqueci como juntar algumas palavras, mas descobrirei.

Talvez se eu dissesse isso várias vezes, isso se tornaria realidade.

— Tenho certeza que vai. — Um leve sorriso tocou os lábios de Kai. — Escolheu bem. De todos os gêneros, o *thriller* erótico é o que mais combina com você.

Meus olhos se estreitaram. — Isso foi um insulto ou um elogio?

— É como quiser entender — disse naquele tom irritantemente enigmático. — Então, por que escolheu escrever? Devo admitir, imaginei você em uma profissão mais... social.

Era uma coisa pequena e estúpida, mas o fato de ele chamar isso de minha profissão, embora não tivesse publicado nada, fez meu coração apertar um pouco.

Só por isso, deixei passar seu comentário ambíguo anterior. — Não era uma grande leitora enquanto crescia, mas estava passando por um momento difícil há alguns anos e precisava de algo para distrair minha mente do que estava acontecendo. — Estresse no trabalho, as terríveis consequências do meu último rompimento, ver todos os meus amigos do ensino médio ficarem noivos e perceber que meu pai nunca me levaria até o altar... não tinha sido um bom momento. — Um dos meus antigos colegas de trabalho me emprestou seu *thriller* favorito, e o resto é história.

Algumas pessoas escapavam para o romance, outras para a fantasia, mas achei os *thrillers* estranhamente reconfortantes. Claro, estava perdida na vida e ganhando um salário mínimo em uma das cidades mais caras do mundo, mas pelo menos não estava preso em uma cabana com um marido psicopata ou fugindo de um serial killer obcecado por mim. Era tudo uma questão de perspectiva.

— Agora tudo o que tenho a fazer é terminar o meu — disse. — Então posso pedir demissão e chutar Victor Black nas bolas sem me preocupar em perder meu emprego.

O sorriso de Kai aumentou mais um centímetro, mas seus olhos permaneceram sérios por trás dos óculos. — Você terminará.

— Disse isso com uma certeza tão inabalável que meu coração parou por uma fração de segundo.

— Como sabe? — Odiei a nota de dúvida em minha voz.

Sempre fui a borboleta social, a pessoa que animava meus amigos e os incentivava a sair de sua zona de conforto, mas havia noites em que ficava acordada, despojada de toda confiança e pretensão, imaginando quem diabos eu era e o que estava fazendo. Será que escolhi o caminho errado? Existia mesmo um caminho certo para mim, ou estava destinada a vagar pela vida como um fantasma sem rumo? Sem significado, sem propósito, apenas dia após dia de rotina e labuta. Uma vida desperdiçada em más decisões e altos de curto prazo. O torno familiar de ansiedade apertou meu peito.

— Eu sei — disse Kai, sua voz calma me puxando para fora da minha espiral existencial mal cronometrada. — Porque é muito forte para não fazer isso. Pode não pensar assim, mas é. Além disso... — Um vislumbre de travessura rompeu sua expressão sóbria. — Você conta ótimas histórias, apesar das variedades de preservativos.

Ele riu quando joguei um guardanapo nele.

O calor queimava minhas bochechas, mas não era nada comparado ao calor que inundava minhas veias.

Estava vendo um lado diferente de Kai e gostei. Demais.

Mais do que deveria.



CAPÍTULO 11

Kai

Levei Clarissa a gala anual de outono do *Valhalla Club* para nosso primeiro encontro. Foi uma jogada arriscada, considerando o tamanho do evento, mas não podia adiar mais. As mensagens de minha mãe se acumulavam a cada dia, e precisava tirar minha cabeça de uma certa morena com uma queda por impropriedade e um sorriso que se alojou em minha consciência.

Até agora, não estava funcionando.

— Esta filial é tão diferente da filial de Londres. — Clarissa passou os olhos pelo salão de baile dourado. O tema da gala do ano passado focou nos loucos anos 20; este ano prestou homenagem à Roma antiga, completa com altas colunas de mármore, um Coliseu em miniatura e vinho de fluxo livre. — Nossas festas são menos... ostensivas.

— Nova York é o carro-chefe do *Valhalla*. Gostam de se exhibir. — Olhei para o outro lado da sala. Uma multidão já havia se formado ao redor do bar, bloqueando minha visão de quem estava de plantão esta noite.



Resisti em verificar se Isabella estava trabalhando na gala mais cedo, mas agora, gostaria de ter cedido às minhas tentações anteriores.

Clarissa era perfeitamente legal. Ao contrário de nosso estranho reencontro na Monarch, nossa conversa esta noite fluiu facilmente de nossas joias escondidas favoritas em Londres para as últimas notícias do mundo desde que a peguei meia hora atrás. Ela também estava deslumbrante em um vestido rosa de estilo romano e diamantes; mais do que alguns convidados lançaram olhares de admiração para ela ao entrarmos.

Infelizmente, não importa o quanto tentasse me concentrar em Clarissa, minha atenção permanecia dividida entre a mulher que estava ao meu lado e a mulher que passou a residir em meus pensamentos.

Minha mandíbula cerrou com a memória das mãos desprezíveis de Victor tocando Isabella. Não gostava de violência fora do ringue de boxe, mas vê-lo agarrá-la incitou uma raiva sombria e ardente que me fez querer arrancar seu braço e enfiá-lo em um picador de madeira.

Felizmente, ele voltou para DC e não estava presente esta noite, ou eu mesmo seria expulso de *Valhalla* por assassinar outro membro do clube.

Passei a mão pela boca e forcei minha mente para outro lugar. Não era hora nem lugar para fantasias violentas.

Durante a hora seguinte, Clarissa e eu circulamos pela sala enquanto a apresentava aos outros membros. Alguns ela já

conhecia. O *jet set*¹⁰ internacional era pequeno e se reuniam nos mesmos eventos sociais brilhantes todos os anos: Cannes, Legacy Ball, Met Gala, Nova York e Paris Fashion Week. A lista continuava.

Dante e Vivian estavam aqui, assim como os Laurents, os Singhs, Dominic e sua esposa Alessandra. Até o sérvio apareceu, embora tenha saído depois de apenas alguns minutos. Fiquei surpreso por ele ter aparecido; o magnata sisudo e calado raramente aparecia em público. Ele se juntou a *Valhalla* no ano passado, e não o ouvi falar nenhuma vez. Fiz um grande esforço para evitar o bar, mas quando Clarissa pediu licença para usar o banheiro, não resisti a uma olhada rápida. A multidão se dissipou, e me vi examinando toda a extensão da sala em busca de um clarão de púrpura distinto.

Cabelo loiro, cabelo ruivo, prateado... violeta.

Minha respiração parou. Isabella estava no final do bar, conversando com Vivian. Rabo de cavalo alto, olhos brilhantes, sorriso livre. De alguma forma, fez seu uniforme preto simples parecer melhor do que qualquer um dos vestidos caros de grife em exibição esta noite.

Meus pés me levaram pela sala antes que meu cérebro pudesse protestar.

Em uma rara mudança de ritmo, Isabella me viu antes que eu pudesse ouvi-la falando sobre algo inapropriado - preservativos

¹⁰-Expressão cunhada nos anos de 1950, atribuída ao colunista de fofocas do New York Journal American, Igor Cassini, para designar um grupo social com poder aquisitivo suficiente para viajar frequentemente de avião a jato.

brilhantes, talvez, ou uma reencenação moderna de antigas orgias romanas - e sua voz foi sumindo quando me aproximei.

Uma estranha pontada de decepção perfurou meu estômago.

— Oi, Kai. — Vivian sorriu, resplandecente em um vestido azul-marinho até o chão e diamantes condizentes com a herdeira das joias Lau. — Tem um *timing* perfeito. Estava prestes a encontrar Dante. Você o conhece. Não posso deixá-lo sozinho por muito tempo. — Deslizou para fora de seu assento. — Divirta-se. Isa, vejo você na casa de Sloane na quinta-feira.

Ela desapareceu na multidão antes que Isabella ou eu pudéssemos falar alguma coisa.

Um silêncio constrangedor floresceu em seu rastro. Alisei a palma da mão sobre minha gravata, precisando fazer algo com minhas mãos. Meu smoking foi feito sob medida, mas de repente parecia muito apertado, como se mal pudesse conter o tambor pesado do meu batimento cardíaco.

Jantei com presidentes, negocieei com CEOs e passei férias com a realeza, mas nenhum destruiu minha compostura como Isabella.

— Então, onde está o seu encontro? — Perguntou, sem olhar para mim enquanto trabalhava em uma bebida.

Quem... certo. Clarissa. — Ela está no banheiro. — Eu me recuperei rapidamente do meu quase passo em falso. — Achei que seria um bom momento para ver como está. Certificar-me de não distribuir certos... favores de festa ilegalmente nas dependências do clube.

— Há, ha. — Isabella revirou os olhos, mas um sorriso curvou sua boca. — O que eu te disse na outra noite? *Sabia* que você e Corissa acabariam namorando.

— O seu nome é Clarissa, e estamos em um encontro, não namorando. Há uma diferença.

— Sabe o que dizem. A estrada para o namoro é pavimentada com encontros. — Seu tom era casual, mas detectei uma tensão oculta.

— Ciúmes? — Falei lentamente, mais satisfeito com o pensamento do que deveria. Uma satisfação sombria e divertida passou por mim com sua carranca reveladora.

— Dificilmente. Vocês dois são perfeitos um para o outro. São ambos tão... adequados.

— Diz isso como se fosse um insulto. De onde venho, a adequação é uma virtude, não um vício.

— Quer dizer a escola da vida de Rupert Giles? — Isabella torceu o nariz. — Imagino.

Não pude conter um sorriso. — Uma referência *a Buffy*. Por que não estou surpreso? — Ela me lembrava muito o personagem titular dos anos noventa. Frequentemente subestimada por causa de sua aparência e estatura, mas ferozmente inteligente com uma espinha de aço sob o exterior delicado.

— Porque sabe que eu tenho bom gosto — disse afetadamente. Ela me entregou a bebida em que estava trabalhando. Morangos. Rosa. — Tradição.

A ideia de compartilhar uma tradição com Isabella, mesmo que tão boba quanto um coquetel, me agradou ainda mais do que seu potencial ciúme, mas mantive minha voz branda enquanto tomava um gole. Foi o equilíbrio perfeito entre doce e azedo.

— Então, estamos em uma base de tradição agora — disse. — Fico lisonjeado.

— Não fique. Tenho tradições com todo mundo, inclusive com meu vizinho viciado em sexo e com o barista do café local. — As covinhas de Isabella brilharam com a inclinação interrogativa de minhas sobrancelhas. — Sempre que meu vizinho atrapalha meu sono com suas *atividades*, coloco *Nickelback* e canto desafinado até acabar com o humor deles. Geralmente leva cerca de dez minutos. Gosto de pensar que estou fazendo um favor às mulheres porque seus gemidos não *soam* reais. Não há nada pior do que se apresentar vocalmente sem ser pago na forma de orgasmos.

Uma risada borbulhou em minha garganta, mesmo quando meu sangue esquentou ao som da palavra *orgasmos* saindo de sua boca. — E o barista?

— A sua namorada é filipina. Quer aprender *Tagalo*¹¹ para ela, por isso ensino a ele uma nova frase todas as manhãs quando chego para tomar meu café. Ele está ficando muito bom.

Meu sorriso suavizou com a imagem mental de Isabella ensinando a alguém frases aleatórias em tagalo no caixa. Parecia exatamente como algo que ela faria. Por baixo de todo o atrevimento e sarcasmo, tinha um coração de ouro.

¹¹-É um dos principais idiomas falados na República das Filipinas; também conhecido como: tagalogue, filipino, pilipino.

— Nesse caso, estou honrado em fazer parte de uma lista tão ilustre. — Fiz uma pausa. — Menos o vizinho com excesso de sexo.

— Sortudo.

O sorriso de Isabella acelerou meu pulso. Tentei pará-lo, mas o controle escorregou por entre meus dedos como fios de fumaça. Sempre acontecia quando ela estava em jogo.

— Eu sinto muito.

O choque de ouvir a voz de Clarissa colocou minhas defesas de volta ao lugar. Eu me endireitei, observando as bochechas coradas e a expressão de desculpas de Clarissa.

— Isso é terrivelmente rude da minha parte, mas tenho que sair mais cedo — disse. — Uma emergência surgiu na galeria. Um dos nossos artistas em destaque desistiu da próxima exposição.

Um suspiro vergonhoso de alívio esfriou meus pulmões. — Não tem que explicar. O trabalho vem em primeiro lugar.

Clarissa olhou para Isabella. O reconhecimento brilhou em seus olhos, mas não disse nada. Em vez disso, me deu um sorriso hesitante. — Nosso encontro fica para uma próxima?

— Claro — eu disse após a mais breve das hesitações.

— A velha desculpa do trabalho — Isabella disse depois que Clarissa desapareceu na multidão. — Deve ser um encontro terrível.

Ignorei a isca óbvia. A verdade é que também fiquei tentado a sair mais cedo. Já havia falado com todo mundo que queria ver, e depois de anos participando de bailes semelhantes, não fiquei

impressionado com a pompa. Prefiro ir para casa e me perder em um livro, exceto...

Tenho trabalhado nisso por um tempo, mas estou presa...

Tudo o que tenho a fazer é terminar o meu próprio...

Como sabe?

Meu maxilar tensionou enquanto minha conversa com Isabella há duas semanas girava em minha mente. Suas aspirações de carreira não eram da minha conta, mas parecia tão perdida naquele momento, e parecia tão triste...

— Quando seu turno termina? — A pergunta saiu da minha boca por conta própria.

— Em cerca de uma hora. — A sobrancelha de Isabella formou um arco questionador. — Por que?

Não faça isso, alertou uma voz da razão. Esta é uma ideia terrível. Não deve contar a ela sobre...

— Encontre-me na escadaria principal depois que sair — disse. — Eu tenho algo para te mostrar.

Isabella

Tinha um histórico de tomar más decisões quando se tratava de homens, então não foi nenhuma surpresa eu aparecer na escada depois do meu turno. Se fôssemos pegos, estaria na merda. Não Kai, é claro, já que seu status o protegia de quaisquer consequências, mas eu, uma funcionária humilde? Seria expulsa

das instalações de *Valhalla* mais rápido do que poderia dizer *duplo padrão*.

Ainda assim, a curiosidade era uma besta exigente e me segurou firmemente em suas garras enquanto subíamos as escadas e descíamos o corredor do segundo andar.

— Não está me atraindo para um local negro onde pode me cortar em pedaços, está? — Perguntei. — Porque não é assim que prefiro passar minha noite de sábado. Tenho uma forte aversão à dor física.

Kai lançou um olhar incrédulo para mim. — Tem feito muita pesquisa de suspense.

— Não, apenas ouvindo muitos podcasts de crimes reais. — O que supunha ser a mesma coisa. — Nunca é demais ser cautelosa.

— Prometo que não vamos a um site negro. Isso é reservado para as noites de terça-feira.

— Há, ha. Hilário — resmunguei, mas fiquei em silêncio quando paramos em frente a uma porta familiar.

— A biblioteca. — A decepção cortou meus nervos. — É isso?

Eu gostava da biblioteca tanto quanto qualquer pessoa, mas depois de esperar um labirinto de passagens secretas ou uma sala escondida chique, foi um pouco decepcionante.

Um pequeno sorriso tocou os lábios de Kai. — Tenha fé.

A biblioteca de *Valhalla* se elevava dois andares até um elaborado teto de catedral gravado com os brasões das famílias fundadoras. Escadas rolantes e em espiral com filigrana ligavam o

andar principal ao andar superior, repleto de livros encadernados em couro e bugigangas de valor inestimável.

Segui Kai por uma daquelas escadas até a seção de mitologia, onde passou os dedos por uma estante de livros tão antigos que seus títulos mal eram legíveis. Ele parou em uma cópia surrada de *A Ilíada*, torceu a estatueta de ouro do leão em uma mesa próxima com a outra mão e puxou o livro antes de colocá-lo de volta na estante.

— O que está...

O rangido suave da estante se abrindo engoliu o resto das minhas palavras. Fiquei boquiaberta.

Oh meu Deus.

Tapete roxo de pelúcia abafou meus passos quando entrei, sentindo como se tivesse caído no meio de um filme sobre um bilionário rico e excêntrico que gostava de confundir seus herdeiros com enigmas e passagens secretas.

Então a surpresa *era* uma sala escondida. E não apenas qualquer sala escondida, mas a sala escondida dos meus sonhos.

Uma linda escrivaninha e uma cadeira ocupavam a parede direita, completa com uma máquina de escrever vintage e uma luminária de vidro Tiffany que encharcava a sala com um suave brilho âmbar. Na parede oposta, um antigo baú de couro servia de mesa para pilhas de revistas velhas e bugigangas variadas. Um sofá de aparência aconchegante estava no meio da sala, cheio de almofadas e uma manta de caxemira vermelha.

Um suspiro sonhador escapou. Geralmente preferia barulho e caos a paz e sossego, mas poderia me enrolar naquele cobertor e ficar aqui para sempre.

— Meu bisavô construiu esta sala quando Valhalla foi fundada — disse Kai, fechando a porta atrás de nós. — Era o mais introvertido dos fundadores e queria um lugar onde pudesse ficar sozinho e ninguém pudesse encontrá-lo. Só o comitê gestor sabe que existe, e só minha família sabe como abri-la.

— E eu — disse suavemente, virando-me para encará-lo.

Kai fez uma pausa. — E você.

As palavras penetraram tão profundamente na minha pele que minha respiração não conseguia encontrar o seu caminho. — Não tem medo que eu conte para alguém?

Ele se encostou na parede, a imagem da elegância casual, seus olhos nunca deixando os meus. — Contaria?

Sustentei seu olhar por um momento antes de sacudir lentamente a cabeça. Meus nervos zumbiam como fios sob a chuva, espalhando faíscas de consciência pelo meu corpo.

Duas pessoas. Uma sala secreta. Nossa presença aqui parecia dolorosamente íntima, como o último encontro de um par de amantes infelizes ou um vislumbre proibido dentro do diário de alguém.

Um sorriso apareceu na boca de Kai. — A sala não é um tesouro. Não há artefatos de valor inestimável ou depósitos de ouro aqui, mas se quiser um lugar tranquilo para escrever...

As centelhas de consciência se fundiram em um calor dourado e doce.

Eu não funcionava bem em silêncio. Minhas dúvidas e indecisões infeccionaram na ausência de companhia, crescendo garras e presas que despedaçaram minha criatividade em tiras, mas o gesto de Kai foi tão atencioso que não tive coragem de dizer a ele, então simplesmente sorriu com a dor crescente em meu peito.

— Obrigada. Isso é... — vacilei, sem saber como expressar as emoções que me dominavam. Não conseguia me lembrar da última vez que alguém fez algo tão atencioso por mim sem esperar nada em troca. Não quando se tratava de minha escrita, que até meus amigos às vezes tratavam como um hobby mais do que qualquer outra coisa. — Isso é incrível.

O calor de sua atenção repousou em minhas costas enquanto caminhava pela sala, observando os detalhes, a decoração e os diferentes títulos nas prateleiras. Para minha surpresa, não se limitaram aos clássicos. Havia livros infantis, textos acadêmicos, romances e contos de fantasia. *Dostoievsky* e *Austen* sentavam-se ao lado de clássicos chineses como *Journey to the West*¹² e *Dream of the Red Chamber*¹³; Neil Gaiman e George RR Martin ocuparam a prateleira abaixo de Judy Blume e Beverly Cleary. A coleção eclética abrangeu uma gama impressionante de culturas, gêneros e épocas.

¹²-No Brasil, "Jornada ao Oeste" de Wu Cheng'en.

¹³-No Brasil, "O Sonho da Câmara Vermelha", de Cao Xueqin.

— Estamos perdendo a erótica dos dinossauros — disse Kai com uma cara completamente séria. — Terei que remediar esse descuido em breve. Se você tiver alguma recomendação, sinta-se à vontade para me enviá-la

Lancei a ele um olhar semicerrado. — Gosta de zombar comigo, não é? — Acusei com uma bolha de riso reprimido.

Outro fantasma de sorriso, seguido por um brilho perverso que fez minha pulsação disparar.

— Pareço alguém que faria uma coisa dessas? — Kai empurrou a parede e caminhou em minha direção, seu passo fácil, mas poderoso, como uma pantera contemplando vagorosamente seu próximo movimento.

O espaço entre nós desmoronou, assim como qualquer vislumbre de leviandade quando parou a minha frente. O calor de seu corpo era uma coisa viva, respirando, nublando minha mente e roubando meu foco até que meu mundo consistisse em nada exceto olhos escuros, lâ macia e o cheiro limpo e caro de frutas cítricas e madeira. Arrepios surgiram na minha pele sensibilizada.

— Tem razão. Você e *diversão* não pertencem à mesma frase — consegui dizer. Minha cabeça girava como se tivesse bebido a noite toda em vez de servi-los. — Não posso lhe recomendar nenhum dos livros que li. São muito selvagens. Você pode entrar em choque cardíaco.

Kai me olhou com uma diversão preguiçosa e perigosa que senti até os dedos dos pés.

— Acha que sou chato, Isabella? — A pergunta saiu suave. Obscura. *Sugestiva*, como se estivesse pensando sobre todas as maneiras que poderia provar que eu estava errada. Desceu pela minha espinha e deixou pequenas e deliciosas rajadas de eletricidade em seu rastro.

O ar mudou e engrossou. Cada *tique-taque* do relógio batia no ritmo do meu coração, arrastando-me para mais perto do precipício sem volta.

Eu balancei minha cabeça, tentando formar uma resposta coerente. — Você disse isso. Não eu.

Minha voz não soava como a minha. Era muito fino, muito ofegante, mas a proximidade de Kai extinguiu o oxigênio na sala. Não conseguia respirar rápido ou profundamente o suficiente para manter a cabeça limpa.

— Entendo — murmurou. — Acho que não posso mudar sua opinião. — Foram-se as arestas nítidas e as sílabas formais. Em seu lugar havia veludo e fumaça, sussurrando promessas silenciosas contra minha pele e me obrigando a inclinar o rosto para cima. Apenas uma fração, apenas o suficiente para encontrar seu olhar e ver o calor brilhando sob as poças de claridade escura.

O peso se acumulava na minha barriga, espesso e derretido.

Eu não deveria estar aqui. Não com ele, e não assim, mas estava embriagada, e ele era lindo, e o mundo se transformou em um lindo e nebuloso sonho do qual não queria acordar. Seria tão ruim me entregar *uma vez* depois de anos de abstinência? Para ver se aquela boca severa e esculpida se suavizaria em algo mais sensual quando pressionada contra a minha?

Meus lábios se separaram. Os olhos de Kai baixaram, e o tempo desacelerou como sempre acontecia quando estávamos sozinhos.

Não resisti ao movimento descendente de minhas pálpebras. Meu corpo se esticou de ansiedade pelo momento em que descobriria se aquela sofisticação glacial se derreteria com um beijo.

O momento contudo, nunca chegou.

Ouvi uma maldição baixa. Então o delicioso casulo de calor desapareceu, substituído por uma forte brisa de ar. O frio banhou meus braços e peito.

No momento em que meus olhos se abriram, a estante já havia se fechado atrás dele.

Kai se foi.





CAPÍTULO 12

Kai

— Existe algum motivo para estarmos fazendo isso aqui em vez de no clube? — Dominic lançou um olhar desdenhoso ao redor da sala de simulação. Era o melhor que o dinheiro poderia comprar, com a mais recente tecnologia de ponta, uma caixa de vidro com apetrechos de golfe autografados e um bar completo, mas não parecia nem um pouco impressionado. — Valhalla tem melhores instalações. Isso é adequado, na melhor das hipóteses.

— Não seja esnobe. — Abri uma garrafa de uísque puro malte. — Às vezes, uma mudança de cenário é necessária.

Dominic, Dante e eu estávamos reunidos no novo complexo de entretenimento em *Hudson Yards* para nosso almoço semirregular e troca de informações. Eu fornecia as notícias e os sussurros, Dominic as percepções do mercado e Dante as negociações e transações corporativas. Era um relacionamento mutuamente benéfico, embora ainda não tivéssemos encontrado um ponto de encontro à altura dos padrões de Dominic.

O garoto adotivo quieto com o chip no ombro havia percorrido um longo caminho desde seus dias nos projetos de Ohio. Dominic tinha o gosto mais caro de todos que eu conhecia, e cresci com

peessoas que não hesitavam em desembolsar dezenas de milhões de dólares em arte objetivamente questionável.

— E, às vezes, as pessoas usam o troco como desculpa para evitar um determinado local — Dante falou lentamente de seu assento ao longo da parede. — Você não põe os pés no clube há três semanas, a menos que seja para boxe.

Coloquei o álcool em um copo e evitei seu olhar de águia. — Tenho outras responsabilidades além de ficar no clube. A temporada de férias é uma época movimentada do ano.

— Hum. — O som pesava com ceticismo.

Ignorei. Não estava mentindo sobre minha carga de trabalho. Era uma semana antes do Dia de Ação de Graças, o que significava que eu tinha uma janela apertada para fechar o negócio da *DigiStream* antes que todos saíssem de férias. Minha equipe enfatizou a importância de concluir o negócio antes do final do ano por várias razões financeiras. Não seria um desastre total se as negociações se estendessem até janeiro, mas não me contentei com - não é um desastre - quando se trata de negócios. Queria o acordo fechado antes da votação para CEO.

Claro, Dante não estava errado. Evitei *Valhalla* como uma praga desde a gala de outono. Desde a noite que levei Isabella para o meu esconderijo - meu lugar favorito no clube, que nunca mostrei a ninguém - e quase a beijei.

Joguei de volta minha bebida. O uísque queimou um caminho na minha garganta, mas não conseguiu apagar a memória daqueles grandes olhos castanhos e exuberante boca vermelha. Um pequeno mergulho da minha cabeça e poderia tê-la provado.

Descobri por mim mesmo se seus lábios eram tão macios quanto pareciam e se ela tinha um gosto tão doce quanto imaginava.

Calor me percorreu. Cerrei minha mandíbula e afastei.

Graças a Deus a razão prevaleceu antes que cedesse aos meus instintos mais básicos. Teria sido falta de educação levar uma mulher para um encontro e depois beijar outra mulher na mesma noite, mesmo que a primeira já tivesse ido embora.

Teria valido a pena, cantarolou uma voz insidiosa.

Cale a boca, outra voz estalou. *Nunca sabe o que é bom para você.*

Esfreguei a mão no rosto. Ótimo. Agora estava discutindo silenciosamente comigo mesmo. *Maldita Isabella.*

Dominic terminou sua rodada no simulador. Tomei seu lugar, ansioso por uma distração. Não era um grande fã de golfe, mas o CEO da *DigiStream* adorava, e eu queria aprimorar minhas habilidades para nosso jogo pós-Ação de Graças em *Pine Valley*.

Eu tinha acabado de alinhar minha tacada quando o telefone de Dominic tocou.

— Kai.

Algo em sua voz colocou meus sentidos em alerta máximo. Eu me endireitei, uma corda fria de pavor torcendo em meu estômago quando vi Dominic e Dante olhando para seus telefones com expressões sombrias.

Aconteceu alguma coisa com minha mãe? Talvez estivesse doente afinal; ela desmaiou e foi levada às pressas para o hospital, ou talvez fosse minha irmã e meu sobrinho recém-nascido, que

estavam voando para a Austrália hoje. Houve um acidente de avião, ou um incêndio, ou...

Meu pavor se solidificou em gelo quando os piores cenários passaram pela minha cabeça na velocidade da luz. Peguei meu telefone e examinei as manchetes na tela. Não minha família. O alívio afrouxou o punho em volta do meu coração, mas durou pouco.

O cofundador da *DigiStream*, Colin Whidby, foi levado para o hospital após uma overdose de drogas...

A estrela da tecnologia e CEO da *DigiStream*, Colin Whidby, em estado crítico...

— Caramba, porra. — Dante verbalizou meus sentimentos como só Dante poderia. — Esse é um momento ruim.

— Não diga. — Não me entregava a palavrões com frequência, mas a tentação de xingar empurrou contra meus lábios quando as implicações afundaram.

Sabia que Colin tinha um vício desagradável em drogas; assim como metade das pessoas em *Wall Street*. Não gostava disso, mas também não fiscalizava a vida pessoal dos meus sócios. Poderiam fazer o que quisessem, desde que não prejudicassem outras pessoas ou os resultados financeiros. Além disso, dos dois cofundadores, Colin foi o mais receptivo ao acordo. Seu cofundador Rohan Mishra resistiu até que Colin o trouxe de volta. Agora, tinha que lidar com Rohan ou adiar as negociações de

fechamento até o próximo ano, provavelmente *depois que* a votação para CEO já tivesse acontecido.

Droga.

Mesmo sem o cargo de CEO em jogo, o acordo com a *DigiStream* era essencial. O conselho pode não acreditar em mim, mas o serviço de streaming de vídeo era o futuro das notícias à medida que o mundo mudava dos aparatos de mídia tradicionais para reportagens dirigidas pelos cidadãos. E agora, o acordo que consolidaria meu legado estava em perigo porque um técnico de 24 anos não conseguiu manter o nariz longe da cocaína por tempo suficiente para assinar um contrato que nos tornaria lendas.

— Vá — disse Dante, lendo com precisão o meu humor. — Deixe-nos saber se precisar de alguma coisa.

Eu respondi com um breve aceno de cabeça, meu pânico inicial reorganizando-se em itens de tarefas e listas de verificação. Quando cheguei ao saguão, já havia enviado flores para o quarto de hospital de Colin por meio de minha assistente, procurado o escritório de Rohan para marcar uma ligação e reunido minha equipe para uma reunião de emergência no escritório.

As ações diminuíram minha adrenalina e, quando saí para o ar fresco do outono, recuperei minha habitual clareza fria e prática.

Colin estava no hospital, mas não estava morto. A *DigiStream* ainda funcionava e Rohan participou de todas as reuniões. Não precisava colocá-lo em dia com os últimos acontecimentos. Ele pode precisar de mais cortejos, mas o acordo era do interesse de ambos. Mesmo alguém teimoso como ele podia ver isso. Afinal,

talvez eu consiga salvar o negócio antes das férias. Se não conseguisse, ainda me tornaria CEO.

Tudo ficaria bem.

Cheguei ao cruzamento principal e estava prestes a chamar um táxi quando uma risada familiar me atingiu bem no peito.

Não estava consciente de parar. Tudo que sabia era que, em um minuto, estava me movendo; no seguinte, estava congelado, observando enquanto Isabella caminhava em minha direção. Seu rosto iluminado com animação conforme falava com o cara de aparência vagamente familiar ao seu lado. Seu casaco vermelho-rubi destacava-se contra as massas vestidas de preto que fervilhavam na calçada, mas mesmo sem ele, teria sido o ponto mais brilhante do dia.

Ela riu de novo, e uma lasca de algo verde e desagradável se enrolou em meu peito. Tensionei, esperando nosso eventual encontro. Estava a apenas alguns passos de distância.

Mais perto. Mais perto. Mais perto...

Isabella passou, ainda imersa em uma conversa com seu companheiro. Nem tinha me notado.

— Isabella. — O seu nome saiu mais nítido do que pretendia.

Ela olhou para trás, seu rosto em branco por um segundo como se estivesse tentando se lembrar de quem eu era.

Minha irritação duplicou, juntamente com os tentáculos suspeitos-como-ciúmes-mas-não-possivelmente-ser-ciúmes, serpenteando em minhas veias.

— Oh! Oi. — O vazio deu lugar a um sorriso surpreso. — Kai Young fora do *Upper East Side*. Nunca pensei que veria esse dia.

— Milagres acontecem todos os dias. — Avaliei o homem ao seu lado com uma olhada fria. Fim dos vinte ou início dos trinta. Alto, magro, com cabelos castanhos encaracolados e uma vibração distinta de artista europeu amplificada por seu cachecol xadrez e dedos manchados de tinta.

Não gostei dele à primeira vista.

— Este é Leo Agnelli — Isabella disse, seguindo meu olhar. — É o autor de um dos meus livros favoritos, *The Poison Jar*. Leu isso?

Por isso que parecia familiar. Leo tinha sido o queridinho do mundo literário alguns anos atrás. Ele ainda era bem conhecido, mas seu hiato de dois anos na publicação havia atrofiado seu ímpeto. Rumores diziam que estava trabalhando em um novo livro, mas nada foi confirmado.

— Sim.

Isabella estava muito ocupada falando sobre ele para notar minha resposta sem entusiasmo. — Juntei-me a um grupo de redação local para ver se me ajudaria com meu bloqueio. Hoje foi meu primeiro encontro, então imagine minha surpresa quando o Leo apareceu!

— Sou amigo do organizador — explicou Leo. — Estou na cidade para algumas reuniões e passei para dizer oi.

— Momento ideal. — As covinhas de Isabella apareceram. — É como o destino.

— Que fortuito. — Não entendia sua empolgação com Leo. Ele era bom, mas não era *tão* bom assim.

Ao contrário da maioria dos escritores que se fixaram em um ou dois gêneros, as obras de Leo abrangiam a ficção literária, contemporânea e histórica. *The Poison Jar* era a peça mais introspectiva de seu catálogo, e Isabella odiava ficção literária. Continuaram como se eu não tivesse falado.

— Suas reuniões são sobre seu próximo livro? — Perguntou.

— Algumas delas — Leo disse com um sorriso. — Estou trabalhando em um livro de memórias de viagem sobre os dois anos que passei no exterior.

Portanto, os rumores sobre um novo projeto eram verdadeiros. Normalmente, teria enviado uma mensagem de texto para meu editor de livros e cultura com a notícia, mas estava distraído demais com a forma como o rosto de Isabella se iluminou com a confirmação.

— Sim! Li sua coluna como convidado na *World Geographic*. Não acredito que foi mergulhar em Silfra¹⁴ — disse. — É um dos meus principais itens da lista de desejos.

Minha mandíbula tensionou enquanto ela divagava sobre suas aventuras. Pessoalmente, não achei que fossem grande coisa. E daí se Leo foi mergulhar entre placas tectônicas? Ele não *descobriu* a Fenda de Silfra, pelo amor de Deus.

¹⁴É uma fenda formada no limite tectônico divergente entre as placas da América do Norte e da Eurásia, e está localizada no lago Thingvallavatn no Pingvellir, Parque Nacional na Islândia.

Isabella afastou uma mecha de cabelo do olho. Sua tatuagem apareceu na manga de seu casaco, e tentei não pensar em traçar suas linhas e redemoinhos com minha língua.

Tinha uma reunião para ir, mas não podia deixá-la sozinha com Leo. Seu timing era muito suspeito. Só *estava* na cidade para reuniões? História provável. E se ele fosse um perseguidor ou, pior, um serial killer?

Meu telefone vibrou com uma nova mensagem do meu assistente informando que a equipe de resposta a crises de Whidby estava no local. Eu relutantemente tirei minha atenção de Isabella e digitei uma resposta rápida.

Meu: Vou me atrasar alguns minutos, mas peça a eles que elaborem um plano inicial de crise. Finanças, jurídico, tudo. Quero marcadores quando chegar.

Alisson: Considere feito.

Isabella ainda estava entusiasmada com as viagens de Leo quando olhei para cima novamente.

Escalar o Monte Kilimanjaro. Bungee jumping nas Cataratas Vitória. Navegar pela Passagem de Drake até a Antártica.

Ele era um escritor ou a porra do Indiana Jones?

Ciúme inconfundível corroeu minhas entranhas. Ela nunca sorriu para mim do jeito que estava sorrindo para ele, e não pude deixar de me perguntar se ela o deixaria beijá-la do jeito que quase fiz.

Não deveria tê-la deixado na biblioteca. Meu senso de autopreservação e propriedade havia surgido no último minuto, mas pela primeira vez na minha vida, desejei que não tivessem.

Por fim, não aguentei mais. Minha boca se abriu antes que meu cérebro pudesse me impedir. — Há um grande evento neste sábado. É a inauguração VIP de um novo piano bar no *Meatpacking District*. — Disse quando Isabella parou para respirar. — Eu tenho um ingresso extra, se estiver interessada em participar.

Não era uma caminhada no Monte Everest, mas era um evento exclusivo. Leo não era o único que podia se divertir.

— Oh. — Piscou, claramente pega de surpresa considerando como nossa última interação havia terminado. Fazia três semanas desde que a deixei na biblioteca sem ao menos me despedir. Não foi o meu melhor momento, mas ela tinha um jeito de tirar o melhor e o pior de mim. — Hum, obrigado pelo convite, mas tenho que trabalhar...

— Hina Tanaka é o ato de abertura. — Apostei na esperança de que Isabella soubesse quem ela era. Hina era uma das melhores pianistas do mundo e não se apresentava nos Estados Unidos há anos.

— Oh. — Desta vez, o rosto de Isabella se iluminou de emoção. — Bem, acho que posso encontrar alguém para me substituir.

— Desculpe, mas só tenho dois ingressos — disse a Leo com um sorriso forçado e educado. — Caso contrário, também lhe ofereceria um convite.

— Não se preocupe — disse facilmente. — Não sou um grande apreciador de piano de qualquer maneira. — Olhou para o relógio. — Encontrarei meu agente em meia hora, então tenho que correr, mas foi um prazer conhecê-lo. Isabella, enviarei a você a cópia assinada de *The Poison Jar* quando chegar em casa.

— Ele é um pouco cheio de si, não é? — Disse depois que Leo saiu. — Todo aquele gabar-se sobre suas viagens.

Isabella lançou um olhar estranho para mim. — *Leo?* É uma das pessoas mais realistas que já conheci.

— Sim, bem, só se conheceram hoje. Como sabe que sua avaliação do caráter dele é precisa?

Ela cruzou os braços sobre o peito. — Está doente? Porque está se comportando de maneira muito estranha.

Ela não estava errada. Estava agindo como um idiota mal-educado, mas não conseguia me conter. Vê-la rir e conversar tão facilmente com Leo desencadeou meus piores impulsos de homem das cavernas.

— Não estou doente. Estou... — me controlei e respirei fundo, me acalmando. — Estou atrasado para uma reunião, mas me mande seu endereço e vou buscá-la às sete no sábado.

— Não há necessidade. Posso encontrá-lo no clube. — Isabella fez uma pausa. — Não me deixará lá sem se despedir, né?

Um rubor queimou minhas bochechas com a referência indireta ao que aconteceu na sala secreta. — Não.

— E isso não é um encontro?

— Claro que não.

Era simplesmente um encontro amigável de dois conhecidos em um horário e local predeterminados.

Eu me despedi rapidamente e liguei para Alison no caminho de volta para o escritório. — Estarei aí em vinte minutos — disse. — Enquanto isso, por favor, reagende meu jantar com Russell no sábado. Diga a ele que surgiu uma emergência pessoal.

Deveria levar o COO¹⁵ visitante da nossa empresa neste fim de semana, mas os planos mudaram.

— Claro. Está tudo bem?

— Sim, está tudo bem, mas mudei de ideia sobre a abertura do piano bar. *RSVP*¹⁶ para mim e mais um. Obrigado.

Desliguei. Eu deveria ter pensado em estratégias para administrar a crise do *DigiStream*, mas enquanto o táxi acelerava em direção ao centro de Manhattan, não consegui impedir minha mente de avançar rapidamente para o fim de semana - ou meu pulso de martelar na expectativa de um não encontro completamente inocente, cem por cento platônico.

¹⁵-Sigla para “Chief Operation Officer”, diretor operacional.

¹⁶-Sigla para Répondez S'il Vous Plaît, expressão francesa para “Responda por favor”.

CAPÍTULO 13

Isabella

O piano bar ocupava um porão escondido no estilo *speakeasy* no *Meatpacking District*, aninhado entre uma cafeteria e o tipo de boutique da moda que vendia jeans rasgados por oitocentos dólares cada.

Dois seguranças do tamanho de montanhas vigiavam os convites. Passando por eles, um lance de escada estreito levava a uma sala luxuosa que parecia algo saído da Chicago dos anos 1920, com paredes de tijolos expostos, candelabros de cristal e cabines de veludo vermelho curvadas em torno de mesas de convidados bem vestidos e de salto alto em elegantes trajes de noite de grife. Uma imponente parede de cinco níveis de licor ancorou uma extremidade do espaço, enquanto um palco com um piano de cauda ocupava a outra.

Era impressionante e exclusivo e um retrocesso para tempos mais inebriantes; também era incrivelmente entediante.

Sufoquei um bocejo quando outro pianista subiu ao palco. A noite havia começado de forma promissora com uma performance deslumbrante de Hina, que abriu o show mais cedo para que pudesse pegar seu voo para o Japão - aparentemente, ela concordou em se apresentar no último minuto como um favor ao

dono do clube - mas o resto das horas avançava segundo a segundo torturante.

Gostava de piano, mas não queria ficar sentada ouvindo séries e mais séries de música clássica. Eu precisava *de ação*.

Esvaziei o resto da minha bebida e olhei para Kai, que assistia ao show com uma expressão atenta. Seu perfil era todo de linhas limpas e maçãs do rosto esculpidas, classicamente bonito de uma forma que evocava salões de jazz enfumaçados e o glamour da Velha Xangai.

Terno carvão sob medida moldado em ombros largos, camisa branca engomada contra a pele bronzeada, o perfume sutil e caro de colônia.

Calor e uísque acumularam-se em meu estômago. Meu corpo enrijeceu com apreciação irritante quando me inclinei, prendendo a respiração para não inalar mais daquele perfume delicioso do que o necessário. Estava convencida de que ele misturou sua colônia com drogas.

— Quantas músicas ainda restam? — Sussurrei. Eu morreria se houvesse mais de dois.

— Cinco. — Kai não tirou os olhos do palco.

Cinco? A consternação fria apagou o calor.

Nem deveria estar aqui. Tessa tinha concordado em cobrir meu turno esta noite, mas odiava pedir favores de última hora às pessoas. Além disso, concordar voluntariamente em sair à noite com Kai Young? Pura insanidade, especialmente depois do nosso quase beijo e sua partida abrupta.

Não o via há três semanas e tinha certeza de que ele estava me evitando. Isso não impediu que meu coração palpitasse quando o vi no centro da cidade outro dia ou impediu que um sussurro de satisfação serpenteasse através de mim por sua óbvia antipatia por Leo.

Talvez eu tivesse imaginado, mas poderia jurar que ele estava com ciúmes. O pensamento evocou uma estranha emoção sob minha pele.

— Está gostando das apresentações? Além da Hina — emendei. — Seja honesto.

Kai finalmente olhou na minha direção. A largura total da mesa nos separava, mas o impacto de sua atenção ainda penetrava em meu corpo, preenchendo cada centímetro com um calor desconfortável.

Cruzei e descruzei as pernas, estranhamente sem fôlego. Estava morrendo de vontade de uma dose de tequila, mas todos os pensamentos sobre álcool fugiram quando seus olhos mergulharam para minha coxa nua. A fenda do meu vestido estava aberta e minha pele queimava sob seu escrutínio escuro e inescrutável.

O barulho do resto do bar desapareceu como se alguém tivesse abaixado o volume do rádio. Levou uma quantidade ímpia de força de vontade para não mover minha perna para que ainda mais coxa fosse exposta ao seu calor... ou para me cobrir para não ser tentada a fazer qualquer coisa estúpida.

Como concordar com um encontro em um piano bar quando jurou ficar longe dele? a voz irritante na minha cabeça zombou.

Cale-se.

Tinha o péssimo hábito de descumprir minhas promessas a mim mesma. Não era um grande atributo, mas o possuía, embora não gostasse particularmente de ser criticada por isso.

A sonata atual terminou, seguida por uma onda de aplausos educados.

Kai arrastou seu olhar para encontrar o meu novamente. A queimadura que se espalhou lentamente se seguiu, deslizando sobre meus quadris, minha cintura, meus seios e meu pescoço antes de se estabelecer em minhas bochechas. Eu usava um dos vestidos mais justos da minha coleção - um pequeno vestido de veludo cor de vinho que havia comprado na boutique *Looking Glass* - mas poderia muito bem estar atravessando o Saara em uma parca comprida.

Suor escorria em meu peito e testa. Ainda bem que não pedi aquela dose de tequila, ou poderia explodir em chamas bem aqui no meio do “Concerto para piano nº 1” de Tchaikovsky.

Algo passou pelos olhos de Kai. — As atuações são boas — disse em resposta à minha pergunta há muito esquecida. Seu tom neutro não revelava nada, mas quando olhou para frente novamente, peguei o rápido movimento de seus olhos para o relógio.

O pequeno movimento me tirou do meu estupor.

— Oh meu Deus — respirei, toda luxúria imprudente esquecida. — Está entediado.

Normalmente, ficaria ofendida porque, alô, fui uma excelente companhia, mas mal conversamos a noite toda. Seu tédio não tinha nada a ver comigo (esperava) e tudo a ver com duas horas de música clássica entorpecente.

A boca de Kai pressionou em uma linha reta. — Não estou. Isso é delicioso.

— Você é um mentiroso. — O riso borbulhou da minha garganta, atraindo olhares de condenação da mesa ao nosso lado. Eu os ignorei. — Acabou de checar a hora.

— Verificar a hora não é uma correlação direta com o tédio.

— É sim. — Verifiquei a hora não menos que uma dúzia de vezes desde que a apresentação de Hina terminou. Quem poderia me culpar? Sem dançar, sem falar, sem pedidos de música. Poderia muito bem estar na igreja, pelo amor de Deus. — Admita. Não está se divertindo.

— Não farei tal coisa. — Kai fez uma pausa e acrescentou — Além disso, as apresentações estão quase no fim. Podemos ir para outro lugar depois, se você quiser.

Era o máximo de admissão que eu conseguiria dele. *Homens e seu orgulho*. Prefeririam morrer a admitir que estavam errados. Enquanto isso, *eu* morreria se tivesse que passar mais um minuto ouvindo uma música triste sem letra.

— Por que não vamos para outro lugar agora? — Sugeri. — A noite é uma criança, e você me mostrou sua Nova York. Deixe-me mostrar-lhe a minha.

Uma carranca se formou entre suas sobrancelhas. — Esta dificilmente é minha Nova York, e seria rude sair mais cedo.

— Não, não seria. Ficamos o tempo suficiente para prestar nossos respeitos. — Cutuquei seu joelho com o meu. Seus ombros se enrijeceram visivelmente sob as linhas nítidas de seu terno. — Vamos. Viva um pouco, Young. Prometo que não vai matá-lo.

— Não, mas você pode — murmurou.

Fiquei em silêncio, deixando meus olhos de cachorrinho falarem. Eram os mesmos olhos que me livraram de problemas quando brincava de me fantasiar com as roupas da minha mãe quando era pré-adolescente e acidentalmente rasguei seu vestido favorito. Ela só me deixou de castigo por, oh, duas semanas, em vez do resto da minha vida.

Após um minuto de silêncio, Kai soltou um suspiro cansado. — O que tinha em mente?

Minha expressão inocente e suplicante se transformou em um sorriso. *Sucesso! Isabella, um. Kai, zero.*

Folheei meu calendário mental de eventos para um bom lugar para levá-lo. Uma boate era muito genérica, uma masmorra de sexo muito selvagem. Que tipo de lugar o tiraria de sua zona de conforto sem mandá-lo para... *aha*.

Minha mente parou em uma certa reunião semanal a quilômetros de distância. Meu irmão havia me apresentado a ele, e quanto mais pensava nisso, mais perfeito era. Meu sorriso se alargou. *Obrigado, Félix.*

— É uma surpresa — disse, fugindo da pergunta de Kai. — Confia em mim? — Já estava deslizando para fora da cabine e indo em direção à saída, meu sangue borbulhando de excitação.

Mal podia esperar para sair daqui e ver a cara de Kai quando o trouxesse para o local.

— Não particularmente. — No entanto, me seguiu, com o rosto marcado pela desconfiança. Entregou nosso tíquete de verificação da chapelaria a atendente. Ela voltou menos de um minuto depois com minha Gabardina de retalhos - uma das minhas valiosas descobertas da *Goodwill*; consegui a peça de couro genuíno por menos de vinte e cinco dólares - e o Delamonte feito sob medida de Kai. — Essa atividade não seria ilegal ou ilícita de forma alguma, seria?

— Claro que não. — Coloquei a mão sobre o peito, insultada. — Estou ofendida por ter perguntado. Quando participo de atividades ilegais, eu mesma o faço. Sou inteligente o suficiente para não envolver cúmplices.

Outro suspiro ainda mais cansado.

— Tudo bem. — Kai vestiu o casaco. — Mas se envolver algo que brilha no escuro, vou embora.



CAPÍTULO 14

Isabella

Quarenta minutos depois, nosso táxi parou nas entranhas industriais de *Bushwick*.

— Não — disse Kai categoricamente, olhando para o prédio diante de nós. Janelas rachadas brilhavam ao luar e o grafite transformava o exterior de pedra vermelha em uma profusão de cores, desenhos animados e palavrões. Estava escuro, exceto por uma fileira de luzes acesas no último andar. — Isso parece o tipo de lugar onde assassinos em série escondem os corpos de suas vítimas.

— E você diz que ouço muito crimes reais. — Deslizei para fora do banco de trás e abafei um sorriso quando Kai pagou nosso motorista com uma expressão de dor. Poderia reclamar o quanto quisesse, mas ele estava aqui e não iria embora, ou teria pedido ao motorista para levá-lo para casa. — Prometo, não havia cadáveres da última vez que verifiquei, *mas* isso foi há mais de um mês, então não posso garantir que as coisas não mudaram desde então.

— Se eu soubesse que era tão fã de comédia, a teria levado para o *Comedy Cellar* em vez disso.

— Foi uma falta de previsão de sua parte, mas talvez da próxima vez — brinquei, insinuando que haveria uma próxima vez.

Meu coração estúpido e excessivamente hormonal disparou com a perspectiva.

Kai e eu não tínhamos discutido nosso quase beijo ainda. Depois de três semanas, o que aconteceu na biblioteca parecia um sonho febril, produto de exaustão e fantasias sangrando na vida real. Olhando para ele agora, tão rígido e adequado em seu casaco de quatro mil dólares, era difícil imaginá-lo perdendo o controle assim.

— Talvez. — Kai olhou para a porta da frente de metal preto do armazém como se estivesse infestada de cólera. Alguém pintou com spray três seios gigantes nele, junto com a palavra *Titz* em amarelo fluorescente. — Quão encantador.

— É mesmo. — Ignorei minha decepção com sua falta de resposta ao meu comentário *da próxima vez* e digitei o código de segurança no teclado. Um segundo depois, a porta se abriu. — Sabe o que dizem. O terceiro peito é o charme.

Kai tossiu em seu punho. Se eu não o conhecesse melhor, poderia jurar que escondia uma risada.

A porta se fechou com um estrondo atrás de nós. Descemos o corredor mal iluminado e pegamos o elevador até o último andar, onde uma mulher com rabo de cavalo azul e batom preto estava sentada em um banquinho na entrada. Não havia quartos no prédio; cada andar era composto por um espaço gigante, semelhante a um sótão, e ela parecia excessivamente pequena contra o fundo cavernoso. Ergueu os olhos de seu bloco de

desenho por tempo suficiente para verificar nossas identidades e meu cartão de sócio antes de acenar para que passássemos.

O estúdio estava vazio, exceto pela mulher na porta e um loiro magro de cavanhaque esfregando tinta azul sobre o torso como se fosse óleo de bebê. Todo mundo provavelmente estava lá embaixo, mas queria aliviar Kai antes de jogá-lo no fundo do poço.

Ele parou na beirada da lona que cobria o chão de concreto cinza. Uma parede temporária de madeira ficava no meio da sala, coberta com telas brancas flutuantes e balões cheios de tinta pendurados em alfinetes. Abas destacáveis travavam as telas no lugar. Ao lado da parede, um carrinho de bar com rodinhas continha copos, várias garrafas de álcool transparente e uma jarra cheia de pedaços de papel dobrados.

Os olhos de Kai se moveram dos balões para o bar e para o artista loiro, que agora estava fazendo alongamentos de ioga em seu canto da lona. Uma visão e tanto, considerando que não usava nada além de pintura e um par de shorts soltos.

Uma leve careta cruzou o rosto de Kai quando o loiro mudou para uma pose matadora de louva-a-deus. — Isabella.

— Sim? — Disse brilhantemente.

— A que, exatamente, você nos trouxe?

— Uma comunidade criativa! É como um daqueles lugares de tinta e vinho, mas melhor. Fiz um gesto para a parede, onde rastros brilhantes de tinta serpenteavam sobre algumas das telas e pingavam na lona. — Já assistiu *O Diário da Princesa*? Com Anne

Hathaway? — Tem essa cena com Mia e sua mãe depois que ela descobre que na verdade é uma princesa...

Ele olhou para mim.

— Deixa para lá. A questão é que isso é muito parecido com o que fizeram no filme. Seu objetivo é perfurar esses balões com um dardo para que a tinta se espalhe na tela e crie uma obra de arte abstrata. Se errar, terá que pegar um pedaço de papel daquele pote e responder à pergunta com sinceridade ou tomar uma dose de *Violet's Special Moonshine*. Violet é a dona do estúdio — esclareci. — O *Moonshine* dela não é brincadeira. A última vez que alguém levou mais de três shots, acabou atravessando *Bushwick* e cantando o hino nacional a plenos pulmões. Foi preso por atentado ao pudor, mas a melhor amiga da filha do chefe pagou a fiança porque estavam tendo um caso...

— Isabella — disse Kai novamente.

— Hum?

— Detalhe desnecessário.

Justo. Nem todo mundo achava a vida sexual de nova-iorquinos aleatórios tão interessante quanto eu. Talvez porque estivessem *fazendo* sexo e não se limitando a ouvir sobre isso por meio de amigos e estranhos.

Para seu crédito, Kai não se virou imediatamente e saiu pela porta com a perspectiva de jogar dardos em balões a noite toda. Em vez disso, desviou o olhar do artista yogi¹⁷, tirou o casaco e o colocou sobre uma cadeira próxima. Um fio irritante de alívio

¹⁷-É um termo que caracteriza os praticantes de ioga; iogue, ioguim, ou yogim são também utilizados.

passou por mim. Não deveria me importar se ele ficou. Não gostava muito da sua companhia. Coloquei meu casaco sobre o dele e peguei dois aventais dos ganchos que revestiam a parede à nossa direita.

— Como descobriu sobre este lugar? — Kai arregaçou as mangas e aceitou o avental que lhe entreguei.

Lancei um olhar para seus antebraços. Bronzeado, musculoso, marcado por veias sensuais e um leve toque de cabelo escuro...

Um arrepio elétrico percorreu minha espinha antes que desviasse os olhos. *A nova Isabella não baba nos antebraços de homens aleatórios. Não importa o quão sexys sejam.*

Kai ergueu uma sobrancelha e me lembrei tardiamente de que ele havia feito uma pergunta.

— Meu irmão Felix me contou sobre isso. — Tirei meus saltos e preendi o avental ao meu redor, o tempo todo mantendo meu olhar fixo nas telas. Era mais seguro assim. — Ele é um artista e gosta de vir aqui quando se sente preso. Diz que estar cercado por outros criativos em um ambiente de baixo risco ajuda a liberar ideias. — O método de Felix para desembaraçar nunca funcionou para mim, mas gostei de como o exercício era divertido. Às vezes, fiz par com outra pessoa para a parte das perguntas; outras vezes, me contentava apenas em jogar dardos. — Ele mora em Los Angeles, mas visita Nova York com frequência e conhece todos os lugares ao redor.

— Um artista. Uma escritora. Família criativa. — O calor de Kai roçou meu lado quando se aproximou. Mesmo em um feio

avental preto, ele parecia aristocrático, como um príncipe entre os plebeus.

Pegou um dardo da bandeja próxima e o entregou para mim.

Peguei com cuidado. Nossas mãos não se tocaram, mas minha palma formigou como antes. — Somos apenas eu e Felix — disse. — O resto dos meus irmãos não gosta de artes. Gabriel, o mais velho, dirige os negócios da família. Romero é engenheiro e Miguel ensina ciência política em Berkeley. — Um sorriso irônico. — Muitas famílias asiáticas empurram seus filhos para o direito, medicina ou engenharia, mas meus pais eram a favor de que fizéssemos o que queríamos, desde que não fosse ilegal ou antiético. *Habulin mo ang iyong mga pangarap - Faça você mesmo seus amigos.* Siga os seus sonhos. O lema da nossa família.

Deixei de fora a parte sobre ter que realizar esses sonhos aos trinta anos devido a uma certa cláusula escrita. Era a maneira de meus pais garantirem que não pulássemos de paixão em paixão porque não conseguíamos nos decidir. *Do jeito que fiz nos últimos dez anos.*

Se não estabelecêssemos uma carreira aos trinta anos, então...

Engoli o nó de mal-estar na minha garganta. *Ficará tudo bem.* Eu tinha tempo. Se havia uma coisa que me motivava mais do que a perspectiva de dinheiro, fama e sucesso, era a chance de provar que meu irmão estava errado.

— Você está? — Kai perguntou.

— O quê?

— Perseguindo seus sonhos.

Claro. A resposta estava na ponta da minha língua, mas algo me impediu de dizê-la em voz alta. Meus olhos encontraram os de Kai por um único instante antes de eu desviar o olhar. Meu coração batia atrás da minha caixa torácica, mas tentei o meu melhor para ignorá-lo. Em vez disso, concentrei-me em um balão, mirei e joguei meu dardo o mais forte que pude. Resvalou inofensivamente na madeira.

Suspirei. *Típico*. Venho aqui há meses e só atingi meu alvo duas vezes.

— Sua vez. — Fiz um gesto para o pote de papel. — Estou muito ocupada chafurdando na minha falta de coordenação olho-mão.

Miguel e Gabriel herdaram todos os genes atléticos da família. Era tão injusto.

O olhar de Kai brilhou com diversão, mas não discutiu. Ele arrancou um papel do pote e o desdobrou. — Qual é o seu maior medo?

Era uma pergunta genérica com muitas respostas genéricas - palhaços, perder mais pessoas que eu amava, ficar sozinha. Todas as coisas que me mantiveram acordada até tarde da noite, especialmente depois que assisti *It*¹⁸, mas a resposta que saiu da minha boca não tinha nada a ver com palhaços assassinos ou morrer sozinha em alguma estrada encalhada.

— Uma vida sem propósito. — Embaraço aqueceu minhas bochechas. A resposta soou tão genérica, como algo que um

¹⁸-No Brasil, "*It: A Coisa*". Baseado na obra de Stephen King.

calouro da faculdade diria na aula de filosofia, mas isso não a tornava menos verdadeira.

— Não é um medo concreto, como cair nos trilhos do metrô ou ter um ar-condicionado caindo na minha cabeça — disse, citando duas das preocupações mais comuns dos nova-iorquinos. Uma leve curva tocou os lábios de Kai. — Mas não sei. A ideia de morrer sem conseguir *algo* é... — *Deprimente, sufocante, aterrorizante.* — Estressante, especialmente em uma cidade como Nova York, sabe? Todos aqui parecem saber o que estão fazendo ou pelo menos o que *querem* fazer. Vivem para um propósito, não para sobreviver.

Não conseguia articular por que isso me incomodava tanto. Só sabia que, às vezes, percorria as mídias sociais, consumida pela inveja de todos os anúncios de engajamento, promoção e inserção de outras grandes mudanças de vida. Não invejava a felicidade de meus amigos; Fiquei realmente emocionado quando Vivian se casou e quando Sloane conseguiu um grande cliente, mas gostaria de ter algo meu para compartilhar além de piadas e fofocas. Algo substancial que consumisse meus pensamentos à noite e afastasse a ansiedade inquieta e amorfa que me atormentava sempre que ficava sozinha por muito tempo.

A curva na boca de Kai se endireitou. — Você tem um propósito — disse. Em vez de parecer irritado com minhas divagações, falou com uma certeza familiar. *Vai terminar.* — É para compartilhar suas histórias.

Era o que eu queria, mas se esse fosse meu verdadeiro propósito, não seria melhor nisso? Reprimi minha incerteza. Compartilhei o suficiente da minha confusa angústia interna

durante a noite. Não queria passar meu sábado chafurdando na autopiedade.

— Tem razão. De qualquer forma. — Desviei os olhos e voltei a focar nas telas. — Chega de conversa chata sobre crise existencial. Sua vez.

O calor do olhar de Kai tocou meu rosto por um segundo extra antes de ele olhar para frente. Estava morrendo de vontade de fazer uma pergunta a ele, mas é claro que seu dardo voou direto e certo. Perfurou um dos balões com a precisão de um míssil guiado por laser, assim como seu arremesso seguinte e o seguinte. Meia hora depois, errei todas as minhas tacadas enquanto ele não errou nenhuma.

— Não tem jeito. — Fiquei boquiaberta com a parede salpicada de tinta com descrença. — Você está trapaceando!

Kai arqueou uma sobrancelha escura. — Como alguém trapacearia nos dardos?

Abri minha boca, então a fechei, perplexa. *Maldito seja.* Por que ele tinha que parecer assim e ser bom em tudo o que fazia? Deus realmente tinha favoritos.

— Se eu soubesse, teria acertado o alvo — resmunguei. — Tudo bem. Vamos mudar, já que é claramente algum tipo de máquina desumana de arremesso de dardos. Fiz um gesto para os balões. — Se eu fizer este próximo lance, terá que responder a uma pergunta. É injusto que saiba todas essas coisas sobre mim quando quase não sei nada sobre você.

Ele deu de ombros elegantemente. — Parece justo.

Peguei outro dardo da caixa e estreitei os olhos para a parede. *Posso fazer isso.* Quão difícil poderia ser atingir um balão minúsculo? Respirei fundo, mirei, joguei... e observei o dardo bater no chão sem tocar em um único centímetro de madeira, lona ou látex.

Droga. Meus ombros caíram. *Nem mesmo perto.*

— Estou começando a achar que falhou de propósito — disse Kai, parecendo divertido.

Fiz uma careta. — Nem todos nós temos o dom de... — Minha voz sumiu quando deu um passo atrás de mim, perto o suficiente para que meu cabelo roçasse seu peito. Meu batimento cardíaco vacilou. — O que está fazendo?

— Ensinando-a a arremessar para que não terminemos a noite com um placar de doze a zero. — A brisa fresca de sua voz roçou meu pescoço. — Vitórias esmagadoras dificilmente são vitórias.

O estúdio era tão grande que carregava um frio, apesar do radiador sobrecarregado no canto, mas o calor do corpo de Kai afastou cada grama dele. — Isso não é uma competição.

— Tudo é uma competição. — Kai colocou as mãos nos meus quadris e angulou meu corpo para que eu ficasse na diagonal da parede. — Essa é a postura padrão. Isso torna mais fácil posicionar seu centro de gravidade e mirar. — Estendeu a mão para pegar um dardo e deslizou na minha mão, fechando a palma sobre ele para que pudesse guiar meu braço para cima. Minhas costas pressionadas contra sua frente e enviaram arrepios de consciência excruciante pela minha espinha. — Não quer segurar o dardo com muita força. Pressão demais perturbará o seu equilíbrio...

Geralmente ignorava as explicações técnicas, mas, para minha surpresa, as instruções calmas e constantes de Kai funcionaram depois de um tempo. Talvez fosse o sotaque. Isso tornou tudo melhor.

— Pronta? — A palavra roçou o ponto sensível acima da minha orelha.

Arrepios salpicaram meus braços. Balancei a cabeça.

Kai tirou a mão da minha, mas manteve um leve toque nas minhas costas enquanto eu puxava minha mão direita para trás, apontava e atirava.

Perto... Mais perto...

Tinta azul brilhante explodiu de um balão e derramou sobre uma tela vazia.

Olhei para ele, meu cérebro atordoado demais para registrar o que aconteceu.

Acabei de...

— Oh meu Deus — respirei. Os primeiros formigamento de realização apareceram no meu estômago. — Consegui. Consegui!

Eu gritei, júbilo superando meu choque. Sem pensar, me virei e joguei meus braços em volta do pescoço de Kai, meu peito explodindo de orgulho. Acertar um dardo foi uma pequena conquista, mas parecia maior de alguma forma. Foi a prova de que, com um pouco de orientação e apoio, poderia alcançar o aparentemente impossível.

Não era muito, mas depois de tantos fracassos e caminhos bloqueados, aceitaria qualquer incentivo que pudesse ter.

— Cuidado, ou seremos nós os cobertos de tinta. — Kai riu. Suas mãos subiram ao redor da minha cintura, me firmando. Quase nos derrubei no chão de tanta empolgação. — Então, qual é a pergunta?

— Hum? — Perguntei, ainda feliz com a minha vitória. Mesmo rodeado de acrílico, ele cheirava bem. O que quer que tenha pago por seu “perfume de assinatura”, valeu a pena.

— A pergunta que quer me fazer agora que acertou o alvo — sugeriu.

Certo. Meus dentes afundaram em meu lábio inferior. Estava dividida entre a gratificação instantânea e tomar meu tempo para pensar em algo bom. Perguntar a ele sobre seus medos ou o momento mais embaraçoso parecia uma oportunidade perdida de cavar mais fundo.

— Posso guardar a pergunta para mais tarde?

— Isso vai contra as regras que estabeleceu anteriormente.

— Não eram regras, eram diretrizes. Além disso... — Dei um sorriso travesso. — Regras foram feitas para serem quebradas.

— Por que não estou surpreso em ouvi-la dizer isso? — Kai suspirou. — Tudo bem. Uma questão de sua escolha, a ser determinada em uma data posterior.

— Obrigada. — Sorrio. — Viu? Nem tudo é preto e branco. Ainda há esperança para você.

— Bom saber. Estava ficando preocupado — disse secamente.

Meus braços ainda estavam em volta de seu pescoço, suas mãos ainda em minha cintura. Minha explosão inicial de excitação

havia desaparecido, e minha respiração desacelerou para igualar a dele.

Nossos sorrisos gradualmente desapareceram quando uma faísca de algo diferente de diversão ganhou vida em seus olhos. O ar se acomodou ao nosso redor, espesso com eletricidade, e senti uma vontade inebriante de ficar na ponta dos pés e...

Um zumbido alto afugentou as faíscas. Kai e eu viramos nossas cabeças em direção ao canto, onde o artista/iogue loiro estava meditando no chão. Tinha esquecido completamente que ele estava lá.

Não estava prestando atenção em nós, mas o feitiço havia se quebrado. Soltamos os braços um do outro e recuamos. O constrangimento correu para preencher o novo espaço entre nós.

— Bem — disse Kai rigidamente, suas maçãs do rosto tingidas com um vermelho tijolo opaco. — Este foi um final de noite agradável, embora inesperado. Obrigado pela... experiência esclarecedora. Devo chamar um carro para nos levar para casa?

Minhas sobrancelhas mergulharam. — O que quer dizer com nos levar para casa?

— Já passa da meia-noite. Imagino que esteja cansada.

A maioria das festas só começava à meia-noite em Nova York, e eu estava tudo menos cansada. Kai estava dando a nós dois uma saída fácil.

Se eu fosse esperta, aceitaria, mas a ideia de ir para casa e encontrar um apartamento vazio me deixou apreensiva. Amava Monty, mas não conseguia conversar exatamente com uma cobra.

— Exatamente. É meia-noite, o que significa que a noite ainda é uma criança. Um novo sorriso cheio de malícia surgiu em meu rosto. — Ainda não mostrei a você a verdadeira atração do prédio.

Quase rio com a rapidez com que o rosto de Kai empalideceu.

— Eu quero saber?

— Provavelmente não, mas descobrirá de qualquer maneira.
— Tirei meu avental e o joguei no cesto de roupa suja. — Vamos. Podemos pegar nossas telas mais tarde. Não queremos perder a diversão.

Ele parecia ter uma palavra diferente em mente do que diversão, mas seguiu meu exemplo e tirou o avental, embora com óbvia relutância. Deixamos nossos casacos no estúdio e pegamos o elevador até o porão.

— Prepare-se — disse quando a cabine de aço parou.

A linha de consternação entre as sobrancelhas de Kai se aprofundou. — O que...

As portas se abriram e uma poderosa onda de ruído abafou o resto de suas palavras. Sua consternação se transformou em horror visível. Desta vez, não pude conter minha risada.

Durante o dia, o porão era um depósito glorificado, mas à noite? Era a festa mais badalada e exclusiva do Brooklyn. Sem nome, sem anúncios, apenas boa música, bebidas baratas e inibições destruídas.

O segurança parecido com o Hulk me reconheceu à primeira vista. Era um grande fã de Felix e carimbou nossas mãos com o

símbolo de entrada antes de acenar para nós com um sorriso cheio de dentes.

— Isso é... uma rave? — Não conseguia ouvir Kai claramente por causa da música, mas sua expressão horrorizada me disse tudo o que precisava saber sobre seus sentimentos em relação às raves.

— Claro que não! — Gritei. — Raves tem mais drogas!

Outra risada escapou da minha garganta. Ele parecia ter engolido um limão inteiro.

— Vamos! — Agarrei seu pulso e o puxei em direção ao bar. Não era chique como o *Valhalla*, mas as bebidas eram fortes e os preços baratos. Às vezes, era tudo o que precisávamos.

Levamos um tempo para passar pela multidão suada e giratória, mas acabamos chegando ao outro lado. A alcova do bar fornecia abrigo suficiente da música para que as pessoas se ouvissem sem gritar. Pedi dois dos especiais da casa e entreguei um a Kai.

— A primeira rodada é por minha conta. — Levantei meu copo de plástico. Como disse, não é chique, mas não estava bebendo o recipiente. — Para sair da zona de conforto.

Kai hesitou, olhando para a bebida da mesma forma que olhara para a porta antes, como se ela pudesse matá-lo se chegasse muito perto. Por um segundo, pensei que ele fosse recusar, mas então ele balançou a cabeça, murmurou algo que parecia suspeito como *foda-se* (se minhas habilidades de leitura labial servirem de referência) e bateu seu copo contra o meu.

— Para sair das zonas de conforto.

Inclinamos nossas cabeças para trás e bebemos as bebidas ao mesmo tempo. A queimação ardente do *bourbon* queimou seu caminho até meu estômago. O gosto era horrível, mas o burburinho resultante valia a pena assassinar temporariamente minhas papilas gustativas.

— Jesus. — Kai fez uma careta. — O que colocaram nisso? Ácido de bateria?

— Não pergunte. Às vezes, a ignorância é uma bênção. — Eu o arrastei de volta para a pista de dança.

Ele esfregou a mão livre no rosto. — Um dia você será a minha morte.

Sorrio, tocada pela ideia de que eu era poderosa o suficiente para causar a morte de alguém. Figurativamente, não literalmente. Gostava de ler sobre assassinato, não de cometê-lo.

Foram necessárias várias músicas e *shots*, mas Kai finalmente relaxou o suficiente para agir como uma pessoa normal, em vez de um diretor desaprovador em um baile da escola.

Rindo com prazer quando ele me girou para fora, então me puxou de volta. Era realmente um bom dançarino, uma vez que tirou o bastão de sua bunda.

— Nada mal.

— Nada mal? — Arqueou uma sobrancelha zombeteiramente ofendida. — Ganhei a competição anual de dança da minha universidade por quatro anos consecutivos. Mostre algum respeito.

Revirei os olhos. — Claro que ganhou.

Seu talento era *ser* talentoso. Era extremamente irritante, mas achei difícil segurar minha raiva quando ele estava sorrindo para mim com aquele brilho de menino em seus olhos. Ele sempre foi lindo, com seus planos elegantes e linhas esculpidas, mas esta noite parecia diferente. Mais real, como se tivesse tirado camadas suficientes para seu verdadeiro eu espreitar.

A música diminuiu, assumindo uma batida sensual e hipnótica. Nossos corpos se moveram para combinar, balançando com um ritmo sensual que fez meu pulso latejar em meus ouvidos. Pela segunda vez naquela noite, nossos sorrisos desapareceram quando uma consciência familiar rastejou entre nós.

As luzes brilharam em seus óculos, piscando em azul, depois verde, depois vermelho e azul novamente. Sua camisa umedecida de suor grudava em seus ombros largos, e uma mecha de cabelo grosso e escuro caía sobre seu olho, desgrenhado por uma hora de dança. Tive o súbito desejo de afastá-lo de sua testa.

Meu pulso batia mais forte, dominando a música.

O brilho de menino nos olhos de Kai se foi. Todo o calor acumulado e o desejo que não deveríamos reconhecer queimaram em seu lugar.

Não deveria. Que palavra estranha, considerando que não conseguia pensar em um único motivo para não fazermos nada. Na verdade, não conseguia pensar muito. Uma tontura me encheu quando sua mão deslizou pelas minhas costas e em volta do meu pescoço. Sua cabeça abaixou e meu queixo se ergueu como uma flor inclinada para o sol.

Nossas respirações se misturaram por um único momento sem fôlego. Depois, sua boca estava na minha e minha mente se esvaziou completamente. Nada mais existia exceto isso. O calor, o prazer, a pressão firme de seus lábios e o deslizar suave de sua língua contra a minha.

Meus dedos deslizaram em seu cabelo enquanto inclinei minha cabeça para trás ainda mais, dando-lhe o máximo de acesso possível. Ele tinha gosto de uísque e menta e, Deus, *ele*. Algo tão delicioso e indescritível que queria me afogar nele.

Um gemido escorregou da minha boca para a dele. Ele respondeu com um gemido torturado, suas mãos apertando meu quadril e minha nuca de uma forma que fez o calor queimar entre minhas coxas. Meu primeiro beijo em dois anos. Deveria ter sido estranho ou pelo menos um pouco desconfortável, mas não foi. Em vez disso, parecia completamente, perfeitamente *certo*.

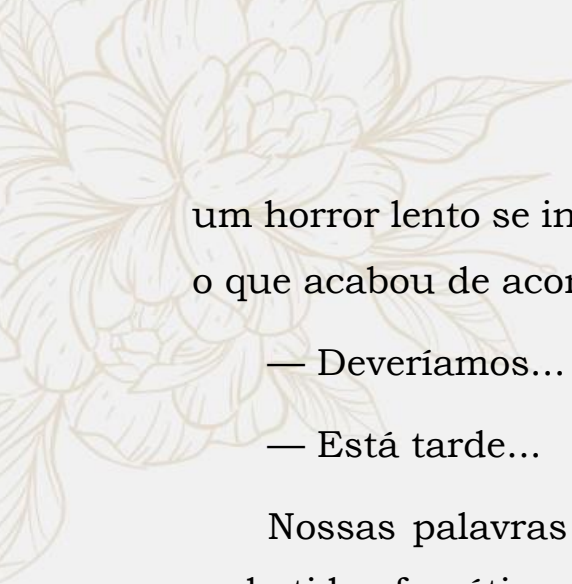
Meus ossos se liquefizeram. Se ele não estivesse me segurando, teria derretido ali mesmo no meio da pista de dança.

Não havia como negar. Rígido, adequado Kai Young, de sotaque chique e hobbies chatos, era um beijador incrível.

Eu ficaria feliz em ficar naquele porão escuro e suado para sempre, mas uma explosão de barulho nos arrancou de nossa bolha com a sutileza de um gigante empunhando uma marreta.

Nós nos assustamos enquanto a música seguia de um R&B suave para um pop rock animado.

Kai e eu olhamos um para o outro, nossos peitos arfando. A mudança de ritmo matou a neblina que envolvia meu cérebro, e



um horror lento se infiltrou em minha consciência quando percebi o que acabou de acontecer.

— Deveríamos...

— Está tarde...

Nossas palavras tropeçavam umas nas outras, perdidas sob as batidas frenéticas. Não importava. Sabia o que ele queria dizer porque as mesmas palavras ecoaram na minha cabeça.

O que fizemos?



CAPÍTULO 15

Isabella

Beijeí Kai.

Kai chato e convencido. Sempre me ouvindo dizer as coisas mais inapropriadas, Kai. Membro do *Valhalla Club* Kai. E eu *gostei*.

O mundo tinha realmente virado de cabeça para baixo.

Limpei o balcão, meus movimentos lentos e distraídos enquanto as lembranças da noite de sábado se desenrolavam em mim como um carretel invisível de seda. Kai e eu saímos do clube depois de pegar nossos casacos e telas e pegar táxis separados para casa sem dizer uma palavra. Quatro dias se passaram desde então, mas minha mente não conseguia parar de repassar nosso beijo.

Não foi apenas o ato físico em si. Era assim que eu me *sentia*, como se estar nos braços de Kai fosse o lugar mais seguro que poderia estar. Beijeí muitos caras antes, mas o nosso foi o único que deu certo.

Ou isso, ou estava muito, muito bêbada.

Suspirei e olhei ao redor da sala vazia. Era um dia antes do Dia de Ação de Graças, o que significava que o clube era uma zona morta. Normalmente, adorava esse turno porque era pago por

pouco ou nenhum trabalho, mas o silêncio estava me deixando louca. Mais trinta minutos. Então poderia levar meu laptop para o meu café favorito e escrever. Não tinha esquecido do prazo de fevereiro, mas estava tão distraída que não tive tempo de pensar nisso.

Eu peguei um lampejo de cinza com o canto do meu olho. Olhei para cima, e o ar morreu em meus pulmões.

Kai. Entrou como se fosse o dono do lugar, o que, como membro do comitê administrativo, meio que era. Sem paletó, sem gravata, apenas uma camisa social branca com as mangas arregaçadas e suspensórios em linhas nítidas até um par de calças cor de carvão perfeitamente ajustadas. Estava de volta ao seu jeito polido de sempre, exceto pela pequena carranca que marcava sua testa.

Forcei o oxigênio a passar pelo nó em meu peito.

Não nos falamos ou nos vimos desde o nosso beijo, e subestimei o impacto que sua presença teria sobre mim. Se eu não tivesse parado de me mexer completamente quando entrou, teria derrubado acidentalmente um dos copos de *Baccarat* de trezentos dólares no chão.

Nossos olhos se conectaram. Um silêncio diferente e mais pesado caiu sobre nós, do tipo tecido de memórias proibidas e palavras não ditas.

Kai chegou ao bar e sentou-se à minha frente; Servi um copo de uísque e empurrei para ele sem dizer uma palavra.

Ele o levou aos lábios, sua garganta trabalhando com um gole sexy.

Não tinha outros clientes para me distrair, então apenas o observei, preguiçosos tentáculos de desejo se enrolando em meu estômago enquanto o silêncio se expandia entre nós. Ele colocou o copo na mesa e nos observamos com cautela, como se estivéssemos avaliando a expressão do outro para saber a coisa certa a dizer.

— Por que não está em Londres? — Finalmente perguntei depois do que pareceram horas, mas provavelmente foram apenas alguns minutos. — Para o dia de Ação de Graças.

O canto de sua boca se curvou, derretendo um pouco da tensão. — Os britânicos não comemoram o Dia de Ação de Graças.

Claro.

— Além disso... — A carranca reapareceu por uma fração de segundo entre suas sobrancelhas. — Tenho uma crise de trabalho para lidar.

— Durante um fim de semana de festividades?

— As crises não são acomodadas dessa maneira. Têm pouco respeito pelos horários humanos. A diversão dourou sua resposta.

— Então você trabalhará o fim de semana inteiro? Isso é tão deprimente. — Uma pontada atingiu meu peito quando imaginei Kai passando a noite toda em seu computador enquanto todos os outros comemoravam com suas famílias.

Não deveria sentir pena dele. Ele ganhava mais em um dia do que a maioria das pessoas ganhava em um ano, mas ainda era humano. Todos mereciam uma folga.

— Não é tão ruim quanto parece. Gosto do meu trabalho. — Esfregou o polegar na borda do copo. — E você? Como está passando as festividades?

— Escrevendo, fazendo compras e me preparando para o *Christmasbirthdaynewyearpalooza*¹⁹ em fevereiro. Eu sei, é um imenso — disse quando sua boca se curvou novamente. — Mas estamos com preguiça de inventar um nome melhor. — Hesitei e acrescentei — Então, ambos estaremos na cidade neste fim de semana.

Não tinha certeza por que isso importava. Não era como se fôssemos convidar um ao outro para passar quatro dias em nossas casas comendo, transando e comprando. Certo?

Kai deu um lento aceno de cabeça. — Tenho um voo noturno para São Francisco hoje à noite — disse. — Parte da gestão de crises no trabalho.

— Oh. — A decepção afundou como um peso no meu estômago.

— Visitou a biblioteca de novo? — Ele mudou abruptamente de assunto. — Para a sua escrita?

— Ainda não. — Isso me lembrou muito dele. Mesmo que não fosse tão silencioso, duvidava que pudesse escrever ali. — Talvez um dia.

¹⁹-As festividades: Natal, Ano Novo e Aniversário Palooza. Natalaniversárioanonovopalooza

— Vejo. — Desta vez, foi ele quem pareceu desapontado.

O silêncio caiu novamente, pontuado pelo zumbido do aquecedor. Deus, isso era uma tortura. Por que eu não podia simplesmente dizer o que queria?

Porque é uma má ideia. Porque é contra as regras. Porque... Entendo. Cale-se.

Kai hesitou. — Sobre o sábado...

— Foi um erro. — Eu o interrompi antes que pudesse dizer o óbvio. — Eu sei. Não tem que dizer isso. Não devíamos ter feito... o que fizemos.

Sua carranca se aprofundou. — Não era isso que eu ia dizer.

Vacilei. — Não era?

O relógio tiquetaqueou no silêncio que se seguiu. Meu coração batia junto com ele, subindo e descendo com a onda de emoção que ameaçava me derrubar.

— Não. — Um músculo se contraiu em sua mandíbula. — A menos que realmente pense que foi um erro.

— Eu... — Por um lado, foi um erro. Kai e eu viemos de mundos diferentes. Seu papel como jovem herdeiro provavelmente envolvia casamento com uma herdeira da sociedade como Clarissa. Envolver-se ainda mais com ele era um caminho certo para o desgosto. Estive lá, peguei a camiseta e nunca quis voltar.

Por outro lado...

Engoli. Não sabia o que Kai e eu tínhamos atualmente, mas o pensamento de cortá-lo cortou-me como uma foice.

— Não precisa responder agora. — Kai se levantou e acenou com a cabeça para o copo vazio, sua expressão ilegível. — Coloque na minha conta. Estarei lá em cima.

No momento em que meu cérebro processou suas palavras, já tinha ido embora.

Estarei lá em cima.

Sua declaração de despedida tocou em um loop enquanto limpava e fechava o bar. Ele não tinha motivos para me dizer isso, a menos que...

Não precisa responder agora... estarei lá em cima.

Uma escolha. Poderia ir para casa, fingir que o beijo nunca aconteceu e seguir em frente com minha vida, ou poderia subir.

A nova Isabella deveria fazer a coisa certa e escolher a primeira opção, mas era óbvio agora que nenhuma versão de mim era boa em fazer o que *deveria*.

Tranquei a porta do bar atrás de mim e caminhei para o segundo andar. Uma parte de mim sabia que estava arriscando meu emprego fazendo isso. Infelizmente, essa parte estava tão fraca que mal pude ouvi-la sobre o tambor do meu coração. Poderia racionalizar minha atração por Kai o quanto quisesse, mas a verdade é que ele me fez sentir mais viva do que qualquer outra coisa por anos.

Parei em frente à sala de piano e descansei a mão na maçaneta. O tamborilar no meu peito se intensificou. *Sem volta agora.*

Abri a porta, entrei... e lá estava ele, recostado ao lado do piano em uma pose enganosamente casual. Cabelo escuro, olhos escuros, devastação tatuada em cada centímetro dele.

Mesmo que não tivesse dado a dica do andar de cima, o instinto teria me guiado até ele. A fusão de olhares em um salão de baile lotado, um encontro casual em um corredor silencioso... não importa onde estivéssemos, uma força invisível nos unia como ímãs ao aço.

Nossos olhos se encontraram.

A emoção cintilou no rosto de Kai. Estava lá, depois se foi, como um navio passando na noite, mas foi o suficiente. Isso me puxou para ele ao mesmo tempo em que ele se endireitou, seu corpo alinhado com a tensão.

Cinco passos. Quatro. Três. Dois. Um.

Parei a centímetros dele, minha mente e meu pulso descontrolados. Não disse uma palavra. Não precisava; minha presença era reveladora o suficiente.

Sua garganta flexionou. Uma respiração se passou e então - colidimos.

Mãos. Lábios. Dentes.

Sua boca esmagou contra a minha, meus dedos emaranhados em seu cabelo, e a urgência acendeu entre nós até que meus membros estavam pesados e fracos de desejo.

Desta vez, não havia multidão, nem música, apenas a necessidade desesperada e frenética de chegar o mais perto possível dele.

Minhas costas bateram contra a lateral do piano. Engoli em seco, mais com a pressão grossa e insistente da excitação de Kai contra a minha coxa do que com o impacto. A dor não foi registrada. Meu sangue era fogo líquido, queimando todas as sensações, exceto prazer, desejo, necessidade. O corpo de Kai moldado contra o meu. Envolveu-me com seus braços, e um gemido subiu na minha garganta quando prendeu meu lábio inferior entre os dentes e puxou.

O CEO rígido e reservado se foi. Em seu lugar estava alguém que beijava como um homem possuído, cheio de promessas imundas e más intenções. Minhas mãos percorriam a pele quente e os músculos esculpidos, febris de desejo. Estávamos tão apertados que podia sentir as batidas selvagens de seu coração, mas não era o suficiente.

Kai gemeu quando arqueei para ele, desejando *mais*.

— Eu tinha razão. Você *será* a minha morte. — Murmurou.

Ele se afastou. Um protesto subiu pela minha garganta, mas morreu rapidamente quando tirou os óculos e os jogou para o lado antes de me beijar novamente, ainda mais profundo desta vez, sua boca explorando a minha tão habilmente que todo pensamento racional se dissolveu. Mãos fortes e quentes agarraram a parte de trás das minhas coxas e me ergueram sobre o piano. Uma ficou na minha coxa, deslizando para cima e ao redor até roçar a umidade que encharcava minha calcinha; a outra sob minha blusa e sutiã para apalpar meu seio.

— Por favor. — Meu meio suspiro, meio ganido teria sido embaraçoso se estivesse em meu juízo perfeito.

Não conseguia colocar oxigênio suficiente em meus pulmões. Minha cabeça ficou leve, cada grama de consciência disparando para o calor crescendo em meu centro.

— E aqui pensei que nunca ouviria você implorar. — O murmúrio sedoso de Kai percorreu toda a extensão da minha coluna e caiu entre as minhas pernas. Pulsou com uma dor vazia quando empurrou minha calcinha para o lado e esfregou o polegar sobre meu clitóris sensibilizado.

Minha visão turvou.

Não vi quando empurrou minha blusa para cima e fechou a boca em volta do meu mamilo, ou quando enfiou um dedo dentro de mim o suficiente para me fazer gritar. O tempo perdeu todo o significado enquanto me consumia, lambendo e chupando e brincando comigo com uma precisão implacável até que me contorcia com um prazer irracional.

Estava praticamente deitada em cima do piano neste momento, e um grito agudo saiu da minha garganta quando pressionou o ponto mais sensível dentro de mim. Eu me debati e resisti, minha mão acidentalmente acertando as teclas de marfim expostas.

Notas discordantes se derramaram no ar, mascarando a sinfonia imunda existente de gemidos, choramingos e os sons molhados de seus dedos mergulhando dentro e fora de mim. Minha excitação escorria pelas minhas coxas e sobre o tampo laqueado do Steinway. Não passava de sensação, perdida em um ritmo que era ao mesmo tempo demais e insuficiente.

— É isso, amor. — Grave transformou as palavras suaves de Kai em um comando áspero. — Seja uma boa menina e goze para mim.

Foi tudo o que precisou. Meu orgasmo queimou através de mim como gasolina em chamas. Mais alto, mais quente, caindo sobre mim em onda após onda até que estava tão exausta que não pude fazer nada além de ficar ali, mole e exausta enquanto Kai me limpava.

Um contentamento lânguido se espalhou por mim enquanto enxugava minhas coxas com algo macio - um lenço, talvez - e gentilmente puxava minhas roupas de volta no lugar.

— Bem, essa é uma maneira de comemorar o Dia de Ação de Graças — disse sonolenta. — Muito melhor que o desfile da Macy's.

Sua risada suave cobriu minha pele. — Tecnicamente, é véspera de Ação de Graças.

Kai me ajudou a sair do piano e a ficar de pé, embora meus joelhos estivessem tão fracos que vacilei um pouco antes de recuperar o equilíbrio.

Em algum momento entre me dar um dos melhores orgasmos da minha vida e agora, ele colocou os óculos de volta. Seu cabelo estava despenteado de minhas mãos, e bandeiras coloridas manchavam as cristas de suas bochechas, mas ainda era muito mais organizado do que eu.

— Se você tem clareza mental para saber que dia é hoje, algo está errado. — Baixei meus olhos para onde sua excitação estava

em suas calças. Minha garganta secou e uma nova onda de calor percorreu meu estômago. — Quando é o seu voo de novo?

Temos tempo para um segundo round? O verdadeiro significado por trás da minha pergunta não passou despercebido por nenhum de nós.

Calor escureceu seus olhos, seguido por um sorriso triste. — Tenho uma teleconferência em meia hora. Última antes do feriado. Aparentemente, é a única vez que funciona para todos.

Estava recusando sexo para uma *ligação de negócios*? Tentei não parecer muito insultada.

— Falaremos na próxima semana, quando tivermos mais tempo — disse Kai. — Isto foi... isto é, não esperava... — vacilou, parecendo tão adoravelmente perturbado que não consegui segurar minha irritação.

Estava certo. O dia anterior ao Dia de Ação de Graças não era o melhor momento para um mergulho profundo no que quer que tivéssemos. Ele me dedilhou na sala de piano do clube onde eu trabalhava, pelo amor de Deus - o mesmo clube que me jogaria para fora e me expulsaria se as pessoas descobrissem o que aconteceu.

Eu precisava de tempo para pensar sobre o que fazer a seguir quando não estava em uma euforia pós-orgásmica.

Os indícios de pavor retornaram. Como sempre me encontrei nessas situações? *Ao tomar más decisões*, uma voz cantava na minha cabeça. *Por nunca ter um plano e acabar em lugares que não*

gostaria de estar. Não me incomodei em refutá-lo. Não conseguiria se tentasse.

— Faz sentido. — Coloquei uma mecha de cabelo atrás da orelha, de repente me sentindo insegura. Nossa tensão explodiu espetacularmente depois de semanas, talvez até meses, de acúmulo, e agora tínhamos que lidar com as consequências. O problema era que eu sempre fui péssima na limpeza. Estava sempre me metendo em confusões sem nenhuma visão de como sair.

Kai e eu ficamos em silêncio quando terminamos de arrumar a sala e nós mesmos. Ele parecia tão sem palavras quanto eu, embora pudesse estar apenas se preparando mentalmente para sua ligação, pensei amargamente.

Saí da sala primeiro, mas não dei dois passos antes de parar abruptamente. Meu estômago caiu vários centímetros.

Havia alguém no corredor.

Alto, largo e absolutamente aterrorizante, o homem gigantesco me olhou, seu rosto inexpressivo. Seus olhos eram de um azul gelado e inquietante, tão pálidos que eram quase incolores. Seu cabelo escuro estava cortado curto, e uma cicatriz cruel cortava diagonalmente seu rosto da sobrancelha ao queixo, dividindo-o em duas metades que, de outra forma, seriam perfeitas. Se não fosse pela cicatriz e aqueles olhos que provocam arrepios, poderia ter feito uma matança como modelo com aquelas maçãs do rosto.

Meu olhar mergulhou, e um choque passou por mim ao ver as queimaduras vermelhas grossas se enrolando em seu pescoço como uma corda. Ao contrário da frieza de seu olhar, as

queimaduras pareciam pulsar com raiva sob meu escrutínio, como se estivessem a segundos de saltar de sua pele e me estrangular. Uma pressão de resposta envolveu minha garganta. A quantidade de dor que deve ter suportado para obter aquelas cicatrizes...

Seus olhos se aguçaram como pingentes de gelo. Esperava que me chamasse pelo meu olhar rude, mas ele simplesmente deu a Kai um breve aceno antes de passar por mim e desaparecer no canto.

O encontro durou menos de vinte segundos, mas o toque gelado de seu olhar estremeceu em minha pele.

— Quem era aquele? — Quem quer que fosse, era definitivamente um membro do clube – e tinha visto eu e Kai sairmos juntos da sala de piano.

Meu coração batia de pânico.

— Vuk Markovic, mais conhecido como o sérvio. Não gosta que as pessoas usem seu nome de batismo. — Kai não entrou em detalhes, mas seu tom me disse que havia mais na história do que estava deixando transparecer. — Não se preocupe com ele. Não dirá nada. Ele é reservado.

Escolhi acreditar nele, pelo menos pelo bem da minha sanidade.

Olhei por cima do ombro enquanto caminhávamos em direção às escadas. O corredor estava vazio, mas não conseguia me livrar do frio rastejando na minha nuca, do tipo que tem quando alguém está te observando.



CAPÍTULO 16

Kai

Passei meu fim de semana de Ação de Graças em um hotel, alternando entre trabalho e Isabella. Especificamente, fantasiando sobre Isabella enquanto *tentava* trabalhar.

Eu tinha um negócio multibilionário em jogo, e tudo em que conseguia pensar era na mulher que entrou na minha vida e a explodiu em mil pedacinhos.

O beijo. A sala do piano. As duas melhores e piores decisões da minha vida.

Mesmo agora, dias depois, minha mente ecoava com os gritos de Isabella enquanto gozava em minha mão. Assisti a inúmeras sinfonias, orquestras e apresentações encabeçadas pelos melhores e mais brilhantes do mundo da música, mas nenhuma música jamais soou tão doce.

— Nem está prestando atenção. — A voz irritada de Dante cortou a memória como vidro quebrado através da seda.

— Hum?

Ele lançou um olhar exasperado na minha direção. — Estou tentando ajudá-lo, idiota. O mínimo que pode fazer é ouvir. Não é por isso que estamos tendo esta reunião?

Combinamos uma reunião em seu escritório durante o almoço. Fora de nossas lutas semanais de boxe, onde tínhamos rédea solta para bater um no outro o quanto quiséssemos, frequentemente nos consultávamos sobre assuntos de negócios. É certo que, não poderia seguir seu conselho na metade do tempo porque suas soluções beiravam o ilegal, mas era bom ter uma caixa de ressonância objetiva de terceiros.

— Não. Simplesmente senti falta de sua personalidade alegre e otimista. — Levantei minha água em um brinde simulado. — Você abrilhantou meu dia.

— Foda-se. — Bufou, mas a sombra de um sorriso brincou em sua boca. — Mishra ainda se recusa a se encontrar com você?

— Até agora, mas ele cederá. — Colin Whidby ainda estava no hospital, mas sua condição havia se estabilizado. Sobreviveria. O problema era que ele não estaria de pé por mais alguns meses. Quanto mais esperamos, maior a chance de algo dar errado.

Minha equipe e eu estávamos trabalhando o tempo todo para fechar o negócio da *DigiStream* antes do final do ano, mas parecia cada vez menos provável. Rohan Mishra, o outro cofundador, estava insistindo em certas cláusulas do contrato e se recusando a se encontrar pessoalmente. Um encontro cara a cara valia mais do que uma dúzia de telefonemas.

Droga, Whidby. Se ele tivesse mantido o nariz longe da cocaína tempo suficiente para assinar os papéis, não teríamos esse problema. Se eu estragasse esse negócio, seria motivo de chacota para a comunidade empresarial. Reputação manchada. Legado perdido. Minha pele coçou com o pensamento.

E ainda, apesar do que estava em jogo, não conseguia me concentrar. O que aconteceu em *Valhalla* na semana passada se incorporou em minha psique como uma árvore cavando suas raízes em solo fresco. Isso dividiu minha atenção, arrastando metade da minha mente para a glória e a outra para repetições intermináveis da última quarta-feira à tarde.

O aroma de rosa e baunilha. O belo rubor da pele de Isabella. O suspiro gutural do meu nome intercalado com seus gemidos. Calor formigou minha pele.

— Se você está realmente preso, conheço um cara — Dante disse, puxando minha atenção de volta para o presente novamente. — Pode desenterrar informações que farão com que Mishra desista rapidamente.

Certo. Mishra. *DigiStream*. *Foco*. — Não me diga que é Harper — disse com uma pequena careta.

Christian Harper, o CEO da Harper Security, era o cara de Dante para todas as coisas relacionadas a tecnologia e segurança. Éramos conhecidos, mas era mais próximo de Dante, que havia sido seu primeiro cliente na época e estava muito mais à vontade com seus métodos de “*black-hat*”²⁰. Preferi ficar do lado certo da lei. Minha reputação era imaculada e pretendia mantê-la assim.

Dante deu de ombros. — Sabe que ele pode fazer o trabalho.

Eu balancei minha cabeça. — Posso lidar com Mishra sozinho. — Francamente, fiquei um pouco insultado por ele ter pensado que

²⁰-Hacker. O termo é uma alusão aos filmes de Western, onde os bandidos geralmente usavam chapéu preto.

teria que fazer chantagem para conseguir que o outro homem assassinasse.

Não perdi. Não quando coloco minha mente em algo. De uma forma ou de outra, o negócio da DigiStream *aconteceria*.

— É o seu negócio — Dante demorou. — Mas não diga que não lhe dei uma solução.

Uma batida nos interrompeu, seguida pelo rangido suave da porta se abrindo. Dante se endireitou. Não precisei me virar para saber quem havia entrado; havia apenas uma pessoa que fazia seus olhos brilharem assim.

— Oi, Vivian — disse sem tirar os olhos do meu almoço.

Ela riu. — Oi, Kai.

A esposa de Dante contornou a mesa e se curvou para lhe dar um beijo na bochecha. Ele virou a cabeça no último minuto, então sua boca pegou a dela. As bochechas de Vivian coraram, e meu pãozinho de atum de repente ficou com um sabor adocicado.

— Minha reunião terminou mais cedo, então pensei em fazer uma surpresa para você no almoço — disse um pouco ofegante. Ela colocou duas sacolas brancas sobre a mesa e me lançou um olhar de desculpas quando Dante puxou uma cadeira para perto da dele. — Não sabia que tinha um compromisso. Posso voltar...

— Não há necessidade — interrompeu. — A reunião acabou. Kai tem outro compromisso depois desse. — Ele lançou um olhar para mim. — Feche a porta ao sair, certo?

Vivian franziu a testa. — Não seja rude. Olhe para o prato dele. Ainda está meio cheio.

— Ele não pode comer tudo isso. Está de dieta. — Dante me deu um olhar aguçado. — Certo?

— Na verdade, estou com muita fome hoje — disse lentamente. — Nunca se deve desperdiçar sushi do Masa, embora esteja curioso sobre o que Vivian trouxe. Tem um cheiro maravilhoso.

Se olhar pudesse matar, o olhar de Dante teria me incinerado no local. Retribuí com um sorriso inocente. Depois do boxe e da tradução, provocá-lo era meu passatempo favorito.

— Hambúrgueres, batatas fritas e *shakes* do *Moondust Diner* — disse Vivian, tirando os itens das sacolas. — Fique. Há o suficiente para todos nós e não nos falamos desde Monarch.

Fingi não ouvir o rosnado de advertência de Dante. Já havia reservado a hora para o nosso encontro. Seria grosseiro rejeitar a generosa hospitalidade de Vivian.

— Se você insiste — disse. — Eu amo um bom hambúrguer.

Eu pagaria por isso no ringue de boxe mais tarde, mas não estava preocupado. Dante e eu éramos iguais, e valeu a pena pelo olhar em seu rosto.

Vivian e eu conversamos enquanto ele franzia a testa. Ela era dona de uma empresa de planejamento de eventos de luxo e tinha muitas histórias sobre pedidos malucos e clientes exigentes, muitos dos quais eram conhecidos em comum. Escutei educadamente, fazendo e respondendo perguntas quando necessário, mas não consegui evitar que minha mente se desviasse para uma conexão específica que tínhamos.

Vivian e Isabella eram melhores amigas. Isabella tinha mencionado o que aconteceu na semana passada com ela? Vivian não estava agindo de forma diferente comigo, então presumi que Isabella não tinha dito uma palavra a suas amigas.

Não tinha certeza se ficava aliviado ou ofendido.

— A propósito, não estarei em casa até tarde da noite — Vivian disse a Dante. — Sairei com as meninas. Estamos tentando quebrar a proibição de homem de Isa.

Minha água desceu pelo cano errado. Engasguei com uma tosse enquanto as sobrancelhas de Dante se juntavam.

— O que diabos é uma proibição de homem?

— Ela não sai com ninguém há dois anos por causa de uma... experiência desagradável com um ex. — Vivian explicou. — Achamos que é hora de interromper seu período de seca.

Absolutamente não. Seu período de seca foi destruído. Por mim.

Minha reação foi tão aguda, tão visceral, que tirou o fôlego de meus pulmões. Não tinha nenhum ponto de referência para a possessividade irracional e sombria que corria pelo meu sangue ou o carmesim tingindo minha visão com o mero pensamento das mãos de outro homem em Isabella. Eu não era uma pessoa ciumenta, e um beijo e um orgasmo não faziam um relacionamento, mas isso não importava. Quando se tratava de Isabella, todos os meus costumes anteriores foram pela janela.

— Ela quer quebrar a proibição ou isso é uma intervenção? — Verifiquei meu telefone, meu tom indiferente, mas meus músculos tensionaram em antecipação à resposta de Vivian.

— Tenho certeza que sim. Ela disse que queria em nosso casamento, mas no estilo clássico de Isa, bebeu muito champanhe e adormeceu antes de acontecer. — Vivian riu. — De qualquer forma, o seu aniversário está chegando, então achamos que seria uma boa hora para levá-la para sair.

— Onde vão? — Perguntei casualmente.

Os olhos de Dante cortaram em minha direção. Ignorei seu escrutínio a laser e foquei em Vivian.

— Verve. É um novo clube no centro da cidade — disse, aparentemente alheia às crescentes suspeitas do marido. — Isa está falando em ir desde que abriu.

— A casa de Laurent. Já ouvi falar. — Os Laurents construíram seu império em restaurantes, mas estavam se expandindo para outras áreas da hospitalidade. — Não sabia que o aniversário dela era tão cedo.

— Dezenove de dezembro. Sagitário de ponta a ponta, como ela lhe dirá. — Disse Vivian com um sorriso.

— Por que o súbito interesse em Isabella? — Perguntou Dante. — Finalmente querendo dar à sua mãe a nora que ela tanto deseja?

Olhei para ele. Às vezes, sentia falta dos dias em que tudo o que fazia era caretas e socar as pessoas. Agora ele tinha piadas.

— Não — disse friamente. — Estou perguntando sobre um conhecido que vejo com bastante frequência. É cortesia social - algo que pode querer aperfeiçoar.

— Ah, claro. Erro meu. — Se o sorriso de Dante fosse maior, cairia de seu rosto. O bastardo estava tendo um dia cheio.

Vingança por eu ter ficado e interrompido seu tempo sozinho com Vivian, sem dúvida.

Não importava. Ele podia se vangloriar o quanto quisesse, mas não tinha provas de que eu estava interessado em Isabella. Não era como se eu fosse aparecer no Verve e arrastá-la para longe de potenciais pretendentes como um homem das cavernas territorial.

Eu tinha mais orgulho do que isso.



CAPÍTULO 17

Kai

Uma onda de calor, álcool e barulho me atingiu no minuto em que entrei no Verve.

Em minha defesa, realmente não tinha planejado visitar o clube naquela noite. Não gostava de espaços lotados, tolices bêbadas e remixes indutores de enxaqueca, que as casas noturnas possuíam de sobra.

No entanto, como um executivo da Young Corporation e editor da *Mode de Vie*, a mais importante revista de moda e estilo de vida do mundo, era meu trabalho manter o controle dos principais pontos da cidade. Não estaria fazendo minha diligência se não experimentasse o Verve pessoalmente, não é?

O baixo profundo da última música de sucesso sacudiu meus ossos enquanto abria caminho pela multidão. Para onde quer que eu olhasse, era assaltado por barulho e pessoas - mulheres em vestidos justos, homens em jeans ainda mais justos, casais dançando que mais pareciam fornicação. Nenhum sinal de Isab... de alguém que eu conhecesse. Não que estivesse procurando alguém em particular.



Estava no meio do caminho para a sala VIP quando uma das frequentadoras do clube esbarrou em mim e quase derramou a bebida em meus sapatos.

— *Oops!* Desculpe! — Gritou, seus olhos brilhando de uma maneira que só poderia ser atribuída a drogas, álcool ou ambos. Agarrou meu braço com a mão livre e me olhou. — Ah, você é uma gracinha. Tem namorada?

— Que tal encontrarmos suas amigas em vez disso? — Sugeri. Gentilmente me libertei de seu aperto e a conduzi em direção a suas amigas no bar (facilmente identificáveis, já que usavam as mesmas faixas de despedida de solteira que minha antiga admiradora). Sinalizei para o barman. — Uma garrafa de água para a senhora, por favor.

Quando voltou, ela já estava ocupada tirando fotos com algum terno em um Armani pronto para uso.

Duvido que ela fosse beber a água, mas deixei lá mesmo assim. Ser a única pessoa sóbria em um clube era como ser babá de uma sala cheia de estranhos.

Pedi um uísque para mim, já me arrependendo da minha decisão de vir aqui quando uma voz familiar cortou o barulho. — Kai? É você?

Eu me virei, meu olhar fixo na morena com cabelo caramelo brilhante e olhos azul-acinzentados. Meu rosto relaxou em um sorriso.

— Alessandra, que surpresa agradável. Não pensei que fosse do tipo que frequenta boates.

A esposa de Dominic devolveu meu sorriso com um pequeno sorriso. Objetivamente, era uma das mulheres mais bonitas que já conheci. Parecia uma versão mais jovem de sua mãe, que tinha sido uma das maiores supermodelos do Brasil nos anos noventa, mas, apesar de, ou talvez por causa de sua aparência e casamento com um dos homens mais ricos de *Wall Street*, sempre carregava um ar de melancolia ao seu redor. Dominic era meu amigo, mas eu não era cego para seus defeitos. Ele era tão romântico quanto uma rocha.

— Não sou, mas Dom está ocupado com o trabalho, e faz tanto tempo que não tenho uma noite de garotas... — encolheu os ombros, um breve lampejo de tristeza passando por seus olhos. — Achei que seria bom sair de casa. Deus sabe que passo bastante tempo lá.

Noite das garotas. Uma semente de suspeita brotou em meu estômago, mas mantive meu tom o mais casual possível. — Não tem que explicar. Eu entendo. — Uma pausa, então — Com quem está aqui?

— Vivian e suas amigas. Nos conhecemos na gala de outono do ano passado e mantivemos contato. Quando ela descobriu que eu não tinha planos para esta noite, me convidou para sair com elas. — Alessandra inclinou a cabeça em direção ao elevador. — Quer se juntar a nós? Temos uma mesa na sala VIP.

Vivian e suas amigas, ou seja, Isabella.

O conhecimento acendeu um fósforo em meu sangue, mas reprimi uma reação visível. — Não quero me intrometer em uma noite de garotas.

— Não vai se intrometer. O objetivo da noite é conhecer o sexo oposto. Bem, não eu e Vivian desde que nos casamos — Alessandra emendou. Girou a aliança no dedo. — Mas Sloane e Isabella têm evitado avanços a noite toda. Bem, Sloane tem recusado e Isabella tem aceitado. — Riu. — Ela já deve ter dançado com metade dos homens solteiros daqui.

Algo escuro e indesejado queimou em meu peito.

— Que adorável — disse, minha voz cortada. Forcei um sorriso fácil sobre o desejo de exigir o nome de cada filho da puta que a tocou. Normalmente teria ficado chocado com a reviravolta violenta em meus pensamentos, mas não tinha sido normal desde o momento em que pus os olhos em Isabella.

Uma explosão de risadas ricas e cremosas se espalhou pelo ar, interrompendo minha concentração.

Olhei para cima com um toque de aborrecimento. Estava fazendo um progresso decente em minha tradução de A Arte da Guerra antes de ser rudemente interrompido.

Examinei o bar, meus olhos se fixando na única pessoa que nunca tinha visto antes. Cabelo roxo-escuro, pele bronzeada, curvas incríveis derramadas no uniforme preto característico de Valhalla. Brincos de prata brilhavam em suas orelhas, e quando levantou a mão para tirar uma mecha de cabelo do olho, vi os redemoinhos escuros de uma tatuagem no interior de seu pulso.

Sua colega de trabalho disse algo, e outra explosão de alegria derramou dela. Mesmo que não tivesse, saberia que era a dona da

risada. Irradiava a mesma energia selvagem e desinibida. Ela falava com as mãos, o rosto animado. Não sabia o que ela estava dizendo ou por que eu estava olhando, mas toda vez que tentava desviar o olhar, sua presença exigia minha atenção como um arco-íris em um céu cinza.

Um sussurro de mal-estar percorreu minhas entranhas.

Quem quer que ela fosse, poderia dizer, mesmo sem trocar uma única palavra com ela, que ela seria um problema.

— Kai? — A voz de Alessandra me colocou de volta no clube.

Pisquei para afastar a memória e dei um sorriso fácil. *Foco.* — Mas acho que me juntarei a vocês afinal. Prefiro passar a noite com amigos do que com estranhos.

— Perfeito. — Devolveu meu sorriso. — Vivian ficará feliz em vê-lo.

Conversamos um pouco enquanto pegávamos o elevador até o terceiro andar, mas estava prestando atenção apenas pela metade.

Não tinha procurado Isabella desde a véspera de Ação de Graças. Um, estava sobrecarregado com o trabalho, e dois, precisava de tempo para organizar meus pensamentos.

O meu lado racional insistia que eu deixasse as coisas como estavam. De nada adiantaria continuar perseguindo-a, especialmente com o conselho observando cada movimento meu. Não podia me dar ao luxo de um escândalo antes da votação para CEO, e tudo sobre Isabella - desde seus tópicos de conversa indecente até sua capacidade de invadir todas as defesas que ergui

com nada além de um sorriso - gritava escândalo. O meu lado *irracional*, no entanto, não dava a mínima.

Pela primeira vez na minha vida, o lado irracional estava vencendo.

Quando Alessandra e eu entramos na sala VIP, meus olhos automaticamente vasculharam a sala em busca de um par de covinhas familiares e cabelos escuros.

Nada.

Vivian e Sloane sentaram-se em uma mesa de canto, mas Isabella não estava à vista.

Ela poderia estar no banheiro ou pegando outra bebida... ou poderia estar dançando com alguém em algum outro lugar do clube.

Verde se espalhou em meu sangue como veneno.

Nunca tive ciúmes de ninguém na minha vida. não precisava ter; sempre fui a pessoa mais rápida, inteligente e talentosa da sala. Mal prestava atenção na competição porque não *havia* competição, mas naquele momento, estava com tanto ciúme de uma pessoa hipotética que não conseguia respirar.

Tentei controlar minha emoção descontrolada em uma expressão neutra enquanto me aproximava da mesa. Não tinha certeza se consegui; era muito denso e consumidora, como fumaça saindo de um incêndio florestal.

— Espero que não se importe, mas trouxe um convidado. — Alessandra se sentou ao lado de Vivian, cujas sobrancelhas se

ergueram quando me viu. — Vi Kai lá embaixo e imaginei que quanto mais, melhor.

— Estou aqui para pesquisar — disse, antecipando a pergunta de Vivian. — *Mode de Vie* está apresentando Verve em um artigo sobre a vida noturna de Manhattan.

Nota para mim mesmo: diga ao editor de entretenimento do Mode de Vie para publicar um artigo sobre a vida noturna de Manhattan e mencione Verve.

— Percebo. — A diversão deslizou em seu rosto. — Bem, como Ale disse, quanto mais, melhor. Espero que encontre alguns bons petiscos para o seu... artigo.

— Está fazendo a pesquisa sozinho? — Sloane recostou-se e me avaliou com olhos frios e céticos. Alessandra e Vivian estavam vestidas para sair à noite, mas o coque apertado e o terninho de pernas largas de Sloane pareciam ter saído direto do escritório. — Isso não é algo reservado para escritores juniores, não para presidentes de divisão?

— Prefiro uma abordagem prática para projetos nos quais estou interessado.

— Tais como os relacionados à vida noturna da cidade.

Meu sorriso se apertou. — Sim.

— Interessante. — Parecia que estava se preparando para uma segunda rodada de interrogatório, mas, felizmente, uma gargalhada de uma mesa próxima chamou sua atenção antes que pudesse me interrogar ainda mais. Seus olhos viraram para a

direita, e sua expressão gelou tão rapidamente que senti um calafrio em meus ossos. — Só pode estar brincando comigo.

Segui seu olhar para o grupo descansando na cabine em frente a nós. Consistia em filhos de celebridades, socialites infantis selvagens e alguns parasitas, um dos quais foi chutado sem cerimônia de seu assento pelo último recém-chegado.

Estava de costas para mim, mas eu reconheceria as tatuagens em qualquer lugar. Havia apenas uma pessoa que pintaria o brasão de uma família rival em seu bíceps. Xavier Castillo, o filho mais novo do magnata da cerveja mais rico da Colômbia.

Sloane foi até sua mesa. Ele se virou, um sorriso se formando em seu rosto, apesar do óbvio desagrado dela. Não conseguia ouvir o que estavam dizendo, mas a julgar pelos gestos de suas mãos e sua expressão irreverente, estava a poucos minutos de testemunhar um assassinato.

As sobrancelhas de Alessandra franziram. — É o Xavier? Achei que estava em Ibiza.

Fiquei tão surpreso quanto ela ao vê-lo na cidade. Ele costumava passar os dias em um iate, cercado por modelos e outros herdeiros hedonistas. Seu pai tinha construído sua empresa a partir do zero, mas a ambição de Xavier pairava em algum lugar ao sul de zero.

— Ele se mudou para Nova York há algumas semanas. É o mais novo cliente de Sloane. — Vivian estremeceu quando Sloane apontou um dedo em seu peito, seus olhos afiados o suficiente para perfurar pedra. Xavier bocejou, aparentemente imperturbável. — Estão tendo algumas dores de crescimento.

Depois de outra troca concisa, Sloane caminhou em direção à saída. — Já volto — disse severamente enquanto passava por nossa mesa. Xavier a seguiu, conseguindo parecer entediado e divertido ao mesmo tempo.

Ele acenou uma saudação para mim e piscou para Vivian e Alessandra, que os observou sair com um sorriso irônico.

— E então havia três — disse. — Tanto para a noite das garotas.

— Falando nisso, onde está Isabella? — Perguntei casualmente. Por mais fascinantes que fossem os problemas com os clientes de Sloane, não me importava em especular sobre o que ela estava fazendo com – ou para – Xavier, embora não duvidasse que ela o esfaqueasse com um estilete.

— Está no segundo andar. — Vivian tomou um gole recatado de sua bebida. — Um cara *lindo* a convidou para dançar, e queríamos dar a eles um tempo a sós, então não a seguimos. Ele não era lindo, Ale? Parecia um pouco com Asher Donovan.

A carranca de Alessandra se aprofundou. — Não era *tão* bonito assim...

Vivian olhou para ela, fixamente. Aquela estranha comunicação silenciosa que as mulheres compartilhavam deve ter acontecido, porque o rosto de Alessandra logo relaxou. Seus olhos dispararam em minha direção. — Mas sim, suponho que ele era muito bonito. Isabella certamente pensou assim.

Meus dentes cerraram com tanta força que doeu. — Você a deixou sair com um estranho? Quando foi a última vez que ela fez check-in? Ele pode estar *drogando-a* agora.

Não leram as notícias? A criminalidade aumentou. Novas variantes de drogas de estupro chegam às ruas toda semana. Eram amigas de Isabella! Deveriam estar cuidando dela, não impingindo-a a cada sósia de Asher Donovan que passava. Donovan nem era tão bonito, pelo amor de Deus.

— Ela é adulta. Pode tomar suas próprias decisões — Vivian disse calmamente. — Isa é inteligente o suficiente para cuidar de si mesma. Além disso, o objetivo desta noite era encontrar um caso de uma noite para ela.

— Ou mais — acrescentou Alessandra.

Os olhos de Vivian brilharam. — Ou mais.

Nenhuma das duas parecia compreender a gravidade da situação.

Irritação rastejou em meu peito e alimentou a inquietação borbulhando sob minha pele. — Com licença. — Levantei-me tão abruptamente que quase derrubei os copos da bandeja de um garçom que passava. — Foi ótimo ver vocês duas, mas deveria dar uma olhada no clube. Para pesquisa.

— Claro. — O sorriso de Vivian se alargou. — Boa sorte com seu artigo.

Deixei-as na sala, Vivian parecendo estranhamente presunçosa enquanto Alessandra simplesmente parecia confusa.

Estava impaciente demais para esperar o elevador, então subi as escadas até o segundo andar. Meu telefone vibrou com uma ligação de Dominic enquanto descia; ignorei, embora seu *timing* fosse curioso. Nunca ligava tão tarde e deveria estar no escritório. Dominic raramente prestava atenção em nada exceto números quando estava no modo de trabalho.

No entanto, todos os pensamentos sobre por que ele poderia estar me ligando à meia-noite desapareceram quando cheguei ao meu destino. Ao contrário da espaçosa sala VIP, o segundo andar fervilhava de bêbados na faixa dos vinte e trinta anos. *Reggaeton*²¹ explodiu pela sala, e o ar pingava com sexo, álcool e suor.

Encontrar Isabella tão cedo desafiou todas as probabilidades, considerando o quanto o clube estava lotado, mas virei a cabeça e lá estava ela. Mesmo em uma multidão de centenas, se destacava como um girassol em um campo de ervas daninhas. Rosto corado, olhos brilhantes, bochechas com covinhas em um sorriso aberto. Seu cabelo caía pelas costas em ondas soltas, e o desejo de envolver meu punho em torno de toda aquela seda negra e violeta queimou através de mim. Um puxão e ela seria minha, sua boca pronta para ser tomada, seu pescoço exposto para meus dentes e língua.

Endureci, minha mente viva com fantasias que não deviam entreter. Tranquei meus impulsos menos desejáveis em caixas infalíveis ao longo dos anos, mas um olhar para ela e os parafusos se desintegraram como pergaminho em chamas.

²¹-Estilo musical com raízes latina, caribenha e europeia.

A risada de Isabella passou da música para os meus ouvidos. Inclinou a cabeça para olhar para o homem na sua frente. Cabelos castanhos, camisa mal ajustada, dentes profissionalmente branqueados de político ou vendedor de carros. *Lindo, minha bunda.* Ele parecia um babaca do caralho.

Meu desejo se transformou na ponta dura do ciúme. Brilhou, a uma fagulha do fogo, quando ele passou o braço pela cintura dela e sussurrou algo em seu ouvido.

Isabella deve ter sentido o calor do meu olhar, porque em vez de responder, virou a cabeça para mim. Nossos olhares se encontraram, o dela brilhando de surpresa, o meu indubitavelmente escuro com emoções que prefiro não examinar muito de perto.

Seu sorriso desapareceu, e ouvi a sua respiração do outro lado da sala. Deveria ser impossível, mas estava tão sintonizado com ela que poderia destacar seu menor movimento em um clube cheio de pessoas.

O vendedor de carros disse algo para ela novamente. Ela rompeu nosso olhar, mas meus pés já estavam se movendo, me carregando pelo chão e para o seu lado.

— Aí está você, querida. — Coloquei a mão nas costas de Isabella, logo acima do braço do babaca, que ainda estava enrolado em sua cintura. Meu sorriso educado mascarou a dose viciosa de possessividade que corria pelo meu sangue. — Não me disse que fez um novo amigo.

Os olhos do homem se estreitaram. Não tirou o braço de cima de Isabella. — Quem diabos é você?

— Alguém que reorganizará seu rosto já lamentável se não sair nos próximos dez segundos — disse agradavelmente. — Caso o seu *Patek Philippe* falsificado não saiba as horas corretamente, isso seria agora.

Dez segundos era generoso. Queria bater meu punho em sua mandíbula no momento em que o vi.

Manchas vermelhas se formaram em seu rosto. — Foda-se. Eu...

O homem ficou em silêncio quando meu sorriso se aguçou. Não gostava de violência fora do ringue, mas ficaria feliz em arrancar seus dentes e alimentá-lo com eles.

Meu pulso rugiu com antecipação sangrenta. Ele deve ter lido as intenções rabiscadas em meu rosto, porque rapidamente baixou o braço, murmurou uma desculpa e saiu correndo.

— Que raio foi aquilo? — Isabella exigiu. Encolheu os ombros da minha mão e olhou para mim. — Assustou meu encontro!

Um músculo contraiu em minha mandíbula. — Não é um encontro se não apareceu com ele.

Ocorreu-me que alguém de Valhalla poderia nos ver, mas meus colegas não frequentavam lugares como este. Mesmo que o fizessem, estariam na sala VIP, não na pista de dança geral, mas honestamente, estava muito irritado para dar a mínima. Todo o comitê administrativo poderia estar ao nosso lado, e ainda estaria focado em Isabella.

Ela inclinou o queixo para cima. — É se eu *sair* com ele.

— Se isso foi tudo o que precisou para assustá-lo, ele não merece você — disse friamente. — Se você tivesse saído com ele, teria que suportar dois minutos de fornicção insatisfatória em um colchão sujo sem estrado, então deveria me agradecer. Dado como ele fugiu, duvido que pudesse encontrar ritmo suficiente para bater palmas ao som de uma canção infantil básica, muito menos fazer sua noite valer a pena.

A mandíbula de Isabella se contraiu. Ela me encarou por um longo momento antes de cair na gargalhada. — *Wow*. Fornicação? Quem fala assim?

— Estou errado?

— Não saberia. Como disse, você o assustou antes que eu pudesse confirmar como... — Sua frase foi interrompida em um suspiro quando passei meu braço em volta de sua cintura e a puxei para mim.

— Acha que teria gostado de seu tempo com ele, Isabella? — Perguntei suavemente. — Teria gritado por ele como fez por mim quando eu tinha meus dedos enterrados dentro de sua doce boceta? Quando montou minha mão até que estivesse encharcada com sua liberação? Ainda posso ouvir seus gritos, amor. Todos os malditos segundos de todos os dias.

Um rubor escuro coloriu suas bochechas, engolindo sua diversão anterior. Seus olhos brilhavam com um fogo que combinava com aquele que estava causando estragos em meu bom senso. — Pare.

— Parar o quê? — Minha mão livre deslizou de sua cintura até a parte inferior de suas costas. O calor de sua pele queimou na palma da minha mão, me marcando.

— Pare de dizer coisas assim.

O barulho deveria ter dominado suas palavras ofegantes, mas eu a ouvi tão claramente como se estivéssemos em uma sala vazia. Sua garganta flexionou com um engolir quando rocei meus dedos na extensão nua de suas costas. Seu vestido descia um pouco acima da cintura e sua pele deslizava como seda sob meu toque.

— Coisas como o quê? A verdade? — Abaixei minha cabeça, minha boca roçando a concha de sua orelha. — Se há uma coisa de que me arrependo é de ter ido embora antes de terminarmos o que começamos na sala do piano.

Se tivéssemos, talvez a sua lembrança não tivesse me torturado tanto na última semana. Talvez isso tivesse saciado essa necessidade selvagem de me cravar nela tão profundamente que era o único homem em quem ela conseguia pensar. Tinha trocado uma noite com meus livros por uma boate, pelo amor de Deus. Se isso não era um sinal da minha espiral irreversível, nada era.

Um arrepio a percorreu. Sua cabeça caiu para trás quando meus lábios deslizaram até o lóbulo de sua orelha e beliscaram. — Kai...

O som ofegante do meu nome nos lábios de Isabella destruiu qualquer controle que eu ainda tinha. A luxúria surgiu através de mim, varrendo cada pedaço de lógica e racionalidade de lado.

Poucas coisas na vida eram certas, mas disso eu sabia - se não a tivesse logo, e se ela não me quisesse tão desesperadamente quanto eu a queria, morreria.

— Suba e diga a suas amigas que está indo embora. — Enrolei minha mão em volta de seu pescoço, minha voz tão baixa e sombria que mal a reconheci. — Tem cinco minutos, querida, ou descobrirá em primeira mão que nem sempre sou o cavalheiro que pensa que sou.



CAPÍTULO 18

Isabella

Não me lembrava da desculpa que dei as minhas amigas para sair mais cedo. Não me lembrava muito, realmente, sobre como acabei aqui com Kai à meia-noite e meia, meu coração na garganta e meu corpo vibrando com os nervos.

Estávamos no *Barber*, um bar que parecia, bem, uma barbearia, se as barbearias servissem álcool em falsos frascos de xampu e empregassem DJs que pareciam poder trabalhar como modelos.

Ao contrário do caos de Verve, este lugar gritava exclusividade. Pulseiras de admissão gravadas, música sensual, ar perfumado com os perfumes dos poucos sortudos que sabiam que este lugar existia. Estávamos a apenas alguns quarteirões do clube, mas era como se estivéssemos em um mundo diferente.

A expectativa flutuava sob minha pele quando Kai e eu passamos por uma cortina de veludo que separava o piso principal da área VIP. Ele era uns trinta centímetros mais alto do que eu, mas nossos passos seguiam um ritmo perfeito. De vez em quando, a manga de sua camisa roçava minha pele ou meu cabelo fazia cócegas em seu braço. Nenhum de nós reagiu visivelmente, mas

cada pequeno toque pingava na tensão que já fervilhava ao nosso redor.

Tem cinco minutos, querida, ou descobrirá em primeira mão que nem sempre sou o cavalheiro que pensa que sou.

A pressão doía entre minhas pernas. Depois da semana passada, não tinha dúvidas de que Kai era capaz de algumas coisas pouco cavalheirescas. Amava e odiava o quanto a perspectiva me excitava.

Minha expectativa se espalhou da cabeça aos pés quando a cortina se fechou atrás de nós, nos envolvendo em uma sala que parecia... outra barbearia. Ladrilhos xadrez preto e branco cobriam o chão e assentos giratórios acolchoados pretos ancoravam estações de bar pessoais. Em vez de escovas, secadores de cabelo e gel, as estações ostentavam copos, guarnições e álcool.

A sala estava estranhamente vazia, mas meu coração deu um pulo de surpresa quando Kai caminhou até uma estação e bateu no espelho. Abriu-se, revelando um barman de gravata borboleta. Entregou a Kai duas garrafas e o espelho fechou novamente.

Não conseguia decidir se o cenário era incrivelmente legal ou perturbadoramente assustador.

O olhar de Kai brilhou com diversão com o que viu no meu rosto. Ele me entregou uma das garrafas, que aceitei sem dizer uma palavra.

Não nos falamos desde que saímos de Verve, mas em vez de esfriar meu desejo, o silêncio o ampliou. Sem conversa para me distrair, minha mente girou em uma dúzia de direções - em direção

ao porão em *Bushwick*, onde nos beijamos pela primeira vez; a sala de piano em Valhalla, onde me deu um dos melhores orgasmos da minha vida; e a pista de dança no Verve, onde sua aparição disparou meu pulso mais do que gostaria de admitir.

Não tirei os olhos dele enquanto inclinei minha cabeça para trás e tomei a bebida. A expressão de Kai se infiltrou com interesse preguiçoso, mas seu olhar queimou como se eu estivesse muito perto de um incêndio.

— O que estava fazendo na Verve? — Finalmente falei, minha curiosidade superando meu medo de perturbar o delicado equilíbrio entre nós. — Não me parece o tipo de balada.

Vivian mencionou algo sobre pesquisa de artigos, no qual não acreditei nem por um segundo. Presidentes de empresas multibilionárias não andavam por aí fazendo trabalho braçal.

Kai me observou com aqueles olhos escuros e conhecedores. — Não faça perguntas para as quais já sabe a resposta, Isabella.

Um arrepio passou pela minha pele. Deus, a maneira como disse meu nome foi indecente, como um amante perverso roubando beijos em cantos sombrios. Seda suave em camadas sobre veludo escuro. Enganosamente adequado, mas estonteantemente sensual.

Eu disse a ele para parar, mas, na verdade, estava viciada em sua voz, seu toque, cada coisa sobre ele. E a maneira como olhou para mim me fez pensar que não era a única perdendo o controle.

— Venha aqui. — O comando suave deslizou pela minha espinha.

Meus pés se moveram antes que meu cérebro pudesse protestar. Um passo, dois passos, três, até nossos corpos quase se tocarem. O calor de seu corpo lambeu minha pele e queimou as bordas da minha resistência.

— Não deveríamos fazer isso — sussurrei. — É contra as regras de Valhalla.

Isso foi o que continuei dizendo a mim mesma. Agarrei-me à regra como uma sobrevivente de naufrágio se agarraria a um pedaço de madeira flutuante. Era minha tábua de salvação, a única coisa que me impedia de me afogar nas ondas ferozes do meu desejo, mas a força da maré era muito forte e já sentia meus braços cansando. Mais uma ressaca e era um caso perdido.

— Eu sei — disse Kai, tão calmamente como se estivéssemos passeando pelo Central Park. — Não dou a mínima para as regras.

Meu batimento cardíaco disparou. — Isso é diferente de você. — As palavras saíram tão rápidas que quase se misturaram, mas continuei falando, com medo de me afogar se parasse. — Pensei que adorava regras como se fossem sua religião. É a educação britânica, não é? Aposto que a *Oxbridge* é bastante rígida quando se trata desse tipo de coisa. Você não...

— Isabella.

Forcei um gole na minha garganta. — Sim?

— Cale a boca e deixe-me beijá-la.

E houve uma ressaca. Não tive tempo para pensar. Em um minuto, estava de pé; no próximo, Kai esmagou sua boca na minha, e meus ossos se dissolveram com uma velocidade tão

embaraçosa que teria derretido no chão se ele não estivesse me segurando.

Nosso beijo no Brooklyn foi uma surpresa doce e hesitante. Este foi deliberado, entregue com uma precisão tão dolorosa e direcionada que destruiu todas as minhas defesas de uma só vez.

A mão agarrando meu ar. A firmeza sensual de sua boca. O calor estonteante e o seu cheiro. Cada fraqueza minha, saqueada e acariciada até a submissão.

Minha cabeça ficou leve e não resisti quando Kai nos manobrou para uma cadeira. Parte de mim notou que ainda estávamos em público, apesar da sala vazia, e alguém poderia entrar a qualquer segundo, mas isso dificilmente parecia importante quando estava agarrando meu cabelo assim e puxando meu lábio inferior. Cada arrepio derreteu no próximo até que fui atormentada por um longo e incessante tremor de prazer.

Então ele se afastou e respirei fundo antes de me encontrar em seu colo. Não sabia como acabamos naquela posição, mas não estava reclamando. Não quando sua boca traçou um caminho ardente ao lado do meu pescoço e sua excitação pressionou contra minhas costas, expulsando o oxigênio de meus pulmões novamente.

Eu me movi contra ele, perseguindo o orgasmo que brilhava no horizonte como uma miragem. Perto o suficiente para tocar, mas longe demais para reivindicar.

— Abra suas pernas para mim, amor. — O murmúrio de Kai pingou mel em minhas veias. *Deus, esse sotaque.*

Obedeci. A pressão cresceu entre minhas pernas enquanto sua mão percorria preguiçosamente a parte interna da minha coxa até alcançar minha calcinha encharcada. A força da minha necessidade espremeu um gemido baixo e embaraçoso da minha garganta. Ele mal havia me tocado e já estava uma bagunça.

— Assim mesmo. — Tirou as alças dos meus ombros com a outra mão e gentilmente puxou meu vestido para baixo. Não estava usando sutiã, e cada roçar de ar contra meus mamilos tensos e sensíveis enviava uma sacudida em resposta ao meu núcleo. Eu me contorci, desesperada por mais fricção, mas não consegui força suficiente na minha posição. — Deixe-me sentir como está molhada.

Ele empurrou minha calcinha para o lado.

— Kai. — Engoli em seco quando empurrou dois dedos dentro de mim. O suor escorria na minha testa na sensação agonizantemente doce. — Não podemos... — Minha frase evaporou quando espalmou meu peito e apertou. Esfregou o polegar sobre meu mamilo enquanto seus dedos se aprofundavam.

Minha cabeça caiu para trás mesmo quando a luxúria e a cautela guerreavam pelo domínio. Nada exceto uma cortina de veludo nos separava do resto do bar. Alguém só tinha que empurrar a cortina para o lado para ter uma visão libertina minha sentada seminua no colo de Kai, vestido enrolado até a minha cintura, pernas abertas e pele corada conforme me tocava como um brinquedo.

— Alguém ouvirá. — Um gemido humilhante rasgou o ar quando enterrou os dedos até o fundo e pressionou o polegar contra o meu clitóris inchado.

Minúsculas rajadas de fogos de artifício irromperam sob minha pele. Graves baixos e rítmicos saturavam o ar, mas meu coração batia tão alto que tinha certeza de que as pessoas poderiam ouvi-lo do outro lado da ilha.

— Não, não vão. — Kai parecia terrivelmente calmo, como se estivesse dissecando um texto acadêmico em vez de me foder com os dedos em semipúblico. — Quer saber por que?

Balancei minha cabeça. Meus dentes cravaram em meu lábio inferior com tanta força que o gosto de cobre derramou sobre minha língua.

— Porque você não gozará — disse suavemente. Beliscou meu mamilo, forte, em ênfase de advertência. Faixas gêmeas de prazer e dor forçaram outro gemido da minha garganta. A excitação escorria pelas minhas coxas e em suas calças caras e perfeitamente passadas. — Isso seria altamente inapropriado, considerando que estamos em público.

A cortina de veludo farfalhou. A risada de um estranho passou perigosamente perto de onde estávamos sentados, mas não consegui me importar.

Meu corpo inteiro vibrou com a necessidade. Estava faminta por isso, faminta e oca por algo que só Kai poderia dar. Foi além do físico. Fiz sexo com outros homens antes, mas nunca *quis* assim. Como se fosse morrer se não o tivesse dentro de mim logo.

— Por favor. — A palavra estilhaçada em um gemido entrecortado quando arrastou o polegar sobre o meu clitóris.

Lento. Firme. Totalmente requintado em sua tortura. Tentei me virar para encará-lo, mas ele passou um braço em volta da minha cintura e me prendeu no lugar.

— Não disse que poderia se virar. — Sua boca voltou para o meu pescoço. As palavras gravadas na minha pele com cada beijo leve.

Minha respiração parou. — As pessoas sempre fazem o que diz?

Eu o senti sorrir contra a curva do meu ombro. — Sim.

A simples resposta não deveria ter sido tão excitante, mas porra, foi. E estava cansada de esperar. Finalmente reuni força suficiente para puxar seu braço da minha cintura. Ele me deixou; não era ingênua o suficiente para pensar que poderia tê-lo superado se ele tentasse.

Com uma torção suave, montei em seu colo. Meus seios nus roçaram o algodão branco macio de sua camisa. A respiração de Kai era constante, sua expressão plácida, mas seus olhos brilhavam com tanta intensidade que ameaçavam nos consumir inteiros.

Não tão inalterado, afinal.

O conhecimento me deu confiança para seguir em frente. — Engraçado. Também estou acostumada com as pessoas fazendo o que digo.

A diversão vazou em seu olhar. — Você me mandará fazer alguma coisa, Isabella?

— Sim. — Inclinei-me para frente, pressionando meus seios contra seu peito. Sua diversão desapareceu, deixando poças de escuridão em seu rastro. — Foda-me.

Uma batida passou. Kai não se mexeu.

Linhas de tensão marcavam sua mandíbula e pescoço, mas permaneceu mortalmente imóvel quando estendi a mão para tirar seus óculos.

Queria vê-lo sem nenhuma barreira extra entre nós. Deixei cair os copos no balcão atrás de mim com um ruído suave.

Foi um som minúsculo, mas finalmente desencadeou uma reação.

Kai se levantou tão abruptamente que quase caí de seu colo. Engoliu meu suspiro com um beijo punitivo, e cada pensamento desapareceu da existência.

Mãos. Lábios. Dentes.

Não sabia dizer onde o dele terminava e o meu começava. Não importava. Tudo o que importava era *isso*. O gosto e a sensação dele, mais inebriante e mais potente do que qualquer droga.

Meus braços envolveram seu pescoço e ele colocou minhas pernas em volta de sua cintura enquanto me empurrava contra a parede próxima.

Sua precisão anterior pairava em frangalhos ao nosso redor. Isso era luxúria pura e não adulterada, e não havia espaço para nada tão puro quanto o pensamento racional.

Kai beijou até meu peito, sua boca uma marca quente contra minha pele. Um arrepio passou por mim quando tomou um mamilo em sua boca, lambendo e puxando e provocando até que estava perto de desfalecer.

Suas mãos agarraram meus quadris com força contundente; meus dentes afundaram na curva entre seu pescoço e ombro com um desejo desesperado. Éramos suor, calor e abandono selvagem, e não queria que isso acabasse.

Ele tirou uma das mãos do meu quadril. Ouvi vagamente o ruído metálico de um zíper, seguido pelo barulho de papel alumínio.

A cabeça quente e dura de seu pau cutucou minha boceta. Movi meus quadris com um gemido suplicante, mas ele não se *moveu*, caramba.

— Olhe para mim — disse Kai asperamente.

Inclinei meu queixo para baixo e pisquei para afastar a névoa dos meus olhos. Choque e algo mais primitivo passou por mim.

A luxúria havia arrancado o verniz refinado de Kai. Esculpiu linhas duras em seu rosto, esticando os planos esculpido de suas maçãs do rosto e transformando seus olhos em poças de preto. Mal o reconheci, mas a dor intensa e insistente entre minhas coxas respondeu a esta sua versão com abandono imprudente.

O desejo fundiu nossos olhares enquanto ele empurrava dentro de mim, centímetro por centímetro torturante. Parecia insuportavelmente íntimo, mas não desviei o olhar até que chegou ao fundo e meus olhos se fecharam instintivamente com um

suspiro. Dor formigou em mim, seguida por uma explosão de prazer. Eu tive brinquedos para me fazer companhia nos últimos dois anos, mas nenhum deles era tão grande ou enterrado tão fundo. O alongamento implacável tirou o oxigênio dos meus pulmões, e meu corpo involuntariamente resistiu e torceu conforme eu lutava para acomodá-lo.

— Por favor. — Não tinha certeza se estava implorando para ele parar ou me fazer gozar. Ambos. Nenhum. Não importava. Tudo o que eu sabia era que ansiava por algo que só ele poderia dar, e esperava desesperadamente que pudesse descobrir por conta própria, porque não conseguia nem lembrar meu nome agora.

Kai agarrou minhas coxas para me segurar no lugar enquanto se retirava. Lentamente, até que apenas a ponta de seu pênis estivesse dentro de mim. Então empurrou de volta. Mais fundo. Mais rápido. Mais forte.

Qualquer coerência remanescente se desfez quando me fodeu contra a parede com tanta força que chacoalhou meus ossos. Tudo borrado. Minhas unhas cravaram em seus ombros enquanto guinchos e gemidos saíam de mim, misturando-se com seus grunhidos e o baixo profundo e rítmico da música. Meu corpo inteiro estava em sobrecarga sensorial. Não importa o quanto tomei, não foi o suficiente. *Mais. Preciso de mais.*

Os dentes de Kai roçaram meu pescoço. — Ainda acha que sou chato? — Sua provocação sussurrou em meu ouvido ao mesmo tempo que um impulso particularmente selvagem.

Sensação de fogo branco me atravessou. Lágrimas vazaram de meus olhos, e balancei como uma potranca indomável, selvagem e

fora de controle. Coração batendo forte, dedos arranhando, boca se abrindo em um grito imprudente que foi abruptamente interrompido quando colocou a mão sobre minha boca. Os resquícios abafados do meu grito vazaram em torno de sua palma.

— Shh. — A voz de Kai era suave, quase gentil em contraste com o jeito impiedoso que fodia. — Não queremos que alguém entre e veja sua doce boceta sendo destruída pelo meu pau, não é?

As palavras inesperadamente vulgares, proferidas com um sotaque tão aristocrático, me levaram ao limite.

— Deus, *Kai*.

Meu orgasmo rasgou através de mim, desdobrando-se em onda após onda de prazer irracional, de enrolar os pés. O mundo ficou em branco em um momento suspenso e sem fôlego antes de eu voltar à realidade.

As estocadas suaves e profundas ficaram erráticas. Sua respiração sibilava entre os dentes, e me agarrei a ele, atordoada demais para fazer qualquer coisa além de segurar quando finalmente gozou com um gemido alto.

Nossos peitos arfaram enquanto nos abraçamos na descida. Se não fosse pela parede apoiada as minhas costas, ambos poderíamos ter caído no chão. *Oh, meu Deus*. Tentei falar, mas minhas cordas vocais não funcionavam. Estava muito exausta e saciada.

Eventualmente, nossos batimentos cardíacos voltaram ao normal. Kai se retirou e gentilmente me colocou de pé antes de se desfazer de sua camisinha e endireitar nossas roupas.

— Sabe... — alisou meu vestido sobre minhas coxas com uma expressão pensativa. — Isso deve ser o tempo mais longo que a ouvi ficar sem falar.

Seu peito ressoou com o riso quando saí do meu transe induzido pelo sexo e dei a ele um olhar zombeteiro.

— Não seja tão presunçoso — disse. — É simplesmente o resultado de fazer sexo pela primeira vez em dois anos. Não é o deus do sexo que pensa que é.

Era uma mentira descarada, mas não podia deixar seu ego inflar ainda mais para que não flutuasse no espaço. *Então*, onde conseguiria meus orgasmos?

— Interessante. — Kai pegou os óculos na estação do bar e os colocou. — Isso não é o que disse quando gozava em todo o meu pau.

Calor queimou minhas bochechas, mesmo quando meu estômago formigou com suas palavras. — Você é insuportável. — Lancei um olhar cauteloso para a saída. — Tivemos sorte de ninguém nos viu.

A possibilidade de ser pego adicionava uma emoção inegável, mas *realmente* ser pego teria sido desastroso.

— Não teriam. A segurança sabe que não deve deixar ninguém voltar aqui até que eu dê o sinal — disse com um encolher de ombros. — Quinhentos dólares são uma grande quantia para a motivação.

Fiquei boquiaberta. — Tinha alguém montando guarda o tempo todo? — E me levou a acreditar que estávamos a um festeiro bêbado de mostrar o clube inteiro. Inacreditável.

— Claro. Não poderia ter alguém entrando e nos pegando.

— Porque fotos do jovem herdeiro praticando atividades carnais em um bar colocariam em risco sua candidatura a CEO.

— Não. Porque se alguém te visse assim, teria que matá-los.
— Disse isso de forma tão simples, tão casual, que levou um momento para que as palavras fossem absorvidas.

Assim que foram, o ar desapareceu de meus pulmões.

De repente, percebi que fiz sexo com *Kai Young*. No fundo de um bar, nada menos. Se alguém me dissesse que eu estaria nessa situação há apenas algumas semanas, teria rido na cara deles. Agora minha proibição de homem estava em pedaços aos nossos pés, e corria o risco de ser pega na armadilha pós-sexo, também conhecida como ler mais na situação do que o que estava lá.

A velha Isabella teria concordado com isso e pegado todas as sobras que pudesse conseguir. Às vezes, a ignorância era uma bênção, especialmente quando se era jovem, inexperiente e desesperada por amor ou algo parecido, mas percorri essa estrada e ela me levou a um lugar que nunca mais quis visitar. Então, embora odiasse ser a pessoa que iniciava conversas sérias logo após o sexo, fui direto ao ponto. Nosso relacionamento era muito complicado para deixar as coisas se prolongarem sem limpar o ar.

— Então, o que acontece a seguir? — Meu coração batia tão forte que quase doía.

Uma linha interrogativa se formou entre as sobrancelhas de Kai.

— Isso. — Fiz um gesto entre nós. — Nós. O que estamos fazendo?

— Recuperando de excelentes orgasmos, presumo.

Todo o peso da decepção ancorou meu estômago. — É esperto demais para se fazer de bobo. — Disse, magoadada com sua atitude descuidada.

Quebrei uma promessa de anos a mim mesma por ele, e ele não conseguia me levar a sério o suficiente para uma conversa significativa.

O sorriso de Kai gradualmente se dissolveu. Seus olhos procuraram meu rosto; tudo o que viu o fez estremecer.

— Você tem razão. Sinto muito — disse calmamente. — Mas pensei que soubesse.

Desta vez, eu era o confusa. — Sabia o quê?

— Que não há como voltar atrás depois disso. — Sua admissão foi um hálito quente na minha pele. — Nunca deveria ter me deixado levá-la, Isabella. Porque agora que o fiz, não conseguirei deixá-la ir.



CAPÍTULO 19

Kai

Estava fodido, literal e figurativamente.

Se Isabella tinha dominado meus pensamentos antes de fazermos sexo, os consumiu completamente depois. Fazia uma semana desde que a levei ao Barber, e nem um minuto se passou sem que a lembrança de seu gosto me assombrasse.

Esfreguei a boca com a mão e tentei me concentrar no discurso final de minha mãe. Era o último dia do retiro anual da liderança da empresa, que aconteceu este ano em nosso escritório em Manhattan. Executivos de alto nível vieram de todas as partes do mundo para quatro dias de seminários, workshops e networking, em todos os quais passei rapidamente. Posso ter me distraído, mas ainda assim poderia vender, ser mais esperto e superar todos os outros membros da *Young Corporation* de olhos fechados.

Meu telefone vibrou com uma nova mensagem.

— ...apoie-se em suas forças individuais como líderes para construir uma empresa ainda maior e melhor que reflita a direção do mercado... — A voz de minha mãe ia e vinha enquanto verificava minhas mensagens.

Isabella: está sozinho agora?

Um pequeno sorriso curvou meus lábios.

Eu: Não. Estou no retiro da empresa.

Não a via desde o início do retiro, mas trocávamos mensagens todos os dias. Nossas conversas consistiam principalmente de memes e vídeos engraçados (enviados por ela), artigos interessantes e recomendações de comida (enviados por mim) e subtextos de paquera (enviados por ambos). Normalmente, não era um grande fã de longas conversas de texto porque inevitavelmente perdiam o sentido, se é que havia um em primeiro lugar, mas esperava ansiosamente pelas suas mensagens com uma embaraçosa ansiedade.

Isabella: perfeito. Então tenho uma foto para você ;)

Uma foto apareceu na tela. Instintivamente roubei meu telefone da mesa, mas para meu alívio e decepção, não era nada escandaloso. Isabella estava recostada no sofá da sala secreta da biblioteca, com as bochechas cheias de covinhas com um sorriso travesso e o cabelo espalhado em torno dela em um ramo de seda cor de ametista. Sua mão livre segurava uma garrafa de Coca Mexicana.

Isabella: eis um futuro autor de best-sellers trabalhando duro

Meu sorriso aumentou mais um centímetro.

Eu: Vejo isso. Suas mãos devem estar cansadas de digitar em seu teclado invisível.

Isabella: em primeiro lugar, o brainstorming também está funcionando, juiz mcjudgy

Isabella: em segundo lugar, criei uma cena de sexo incrivelmente detalhada sobre a qual lhe contaria

Isabella: mas já que está sendo tão rude, guardarei para mim

Calor correu para minha virilha, mas organizei minhas emoções em uma expressão neutra.

Eu: Talvez deva gastar a mesma quantidade de tempo com pontuação e letras maiúsculas adequadas. Ouvi dizer que são habilidades necessárias para escritores...

Isabella: ...

Isabella: como ousa

Isabella: Estou enviando uma mensagem para você, não escrevendo uma tese de faculdade

Isabella: e sim, removi toda a pontuação de propósito

Isabella: espero que isso te desperte :)

Uma risada sussurrou em minha garganta, o ruído suave anormalmente alto no silêncio. *A reunião.* Porra.

Olhei para cima para encontrar o resto da sala olhando para mim. Minha mãe estava com o cenho franzido em desaprovação, o que significava que eu levaria uma bronca mais tarde.

— Existe algo que gostaria de compartilhar? — Tobias se arrastou de seu assento puxa-saco ao lado dela. — Um novo acordo excitante, talvez? As coisas finalmente deram certo com o *DigiStream*?

Do outro lado, Richard Chu sorriu. Normalmente, os membros do conselho não comparecem aos retiros de liderança, mas o comitê de votação do CEO optou por participar neste ano para que pudessem “avaliar melhor suas opções”.

A presença de Richard foi a única razão pela qual Tobias foi ousado o suficiente para me chamar. O pequeno patife se escondia atrás de seu benfeitor como uma criança se escondendo atrás das saias de sua mãe. Provavelmente era por isso que Richard gostava tanto dele; sabia que poderia controlá-lo.

— Estamos a caminho de fechar em breve — disse suavemente. — Grandes negócios como a *DigiStream* levam tempo. Entendo que esta não é uma área em que tenha experiência, mas é para isso que servem esses retiros. Aprendizado.

O sorriso de Tobias não se moveu. — É engraçado dizer isso. — O brilho em seus olhos enviou o primeiro fio de desconforto pela minha espinha. Seu ego era tão frágil que reagia ao menor insulto, mas absorveu minha farpa pública sem pestanejar. — Pode não ter grandes novidades hoje, mas eu tenho. — Passou a mão na gravata, seu relógio de ouro cafona brilhando presunçosamente sob as luzes. — Estou feliz em anunciar que, após meses de negociações a portas fechadas, chegamos a um acordo com a *Black Bear Entertainment*.

As palavras giraram no ar por um momento atordoado antes que a mesa explodisse em barulho. Apenas minha mãe, outro candidato a CEO e eu ficamos em silêncio.

A *Black Bear Entertainment* era uma das empresas de entretenimento mais prolíficas do mundo. Sua aquisição

adicionaria uma lista enorme e diversificada de conteúdo muito necessário ao nosso serviço de vídeo por assinatura, que historicamente era uma das divisões mais fracas da empresa. Há anos que vínhamos tentando consertá-lo.

Como atual CEO, minha mãe já devia saber do negócio. Não estava preocupado com isso ofuscando a *DigiStream*, que valeria pelo menos três vezes mais uma vez fechado, mas Tobias me vencendo com um anúncio chamativo me irritou *pra caralho*. Ouvi indícios de que estava perseguindo *Black Bear*; não esperava que fosse bem-sucedido.

Olhei de relance para o outro candidato silencioso. Paxton James estava ao lado de Richard com uma expressão indecifrável. Além de mim, o vice-presidente executivo de desenvolvimento de negócios era a pessoa mais jovem na sala. Era perspicaz, espirituoso e inovador. De todos os candidatos, gostava mais dele, embora soubesse que não deveria subestimá-lo como fiz com Tobias. Ele agia como se não quisesse o cargo de CEO na metade do tempo, mas não havia subido na hierarquia tão rapidamente sem uma boa dose de ambição. Provavelmente estava se escondendo e avaliando o que a bomba da *Black Bear* significava para suas chances na votação.

Estudei os outros candidatos para ver sua reação às notícias de Tobias.

Laura Nguyen, nossa diretora de comunicações, sentou-se com as costas rígidas, seu desdém mal disfarçado por um sorriso tenso. Disparou o perfil público da *Young Corporation* nos últimos cinco anos, e não gostava de Tobias ainda mais do que eu. Prova

de que tinha bom senso quando se tratava de imprensa e pessoas. Ao seu lado, Russell Burton se afundou em seu assento. Atuou como diretor de operações da empresa por mais de uma década. O quieto e despretensioso pai de dois filhos era o tipo de homem que lidava melhor com sistemas do que com pessoas. Sua candidatura era uma formalidade depois de tantos anos de serviço competente, mas, a julgar por quão verde ficava toda vez que alguém mencionava a votação, preferia enfiar uma faca no olho do que assumir o fardo de CEO.

— Parabéns. — Minha voz cortou o barulho. A sala ficou em silêncio novamente, e ofereci a Tobias um sorriso cortês. — A aquisição é um grande ganho para a empresa. Estou animado para ver onde isso vai.

Não dei a ele a satisfação de uma reação maior. Não havia benefícios em agir mesquinho e ciumento. Nem estava com ciúmes, apenas irritado. A reunião foi oficialmente encerrada. A conversa baixa e o arranhão de metal contra o carpete encheram a sala enquanto todos corriam para o *happy hour*. A reunião pós-retiro era opcional, mas ninguém nunca perdia a oportunidade de confraternizar.

Tínhamos reservado o bar no final da rua e, pelas próximas duas horas, circulei pela sala enquanto tentava não pensar em Isabella. Prefiro passar a noite com ela, mas tive que dedicar meu tempo à sua presença.

Paxton aproximou-se de mim durante uma calmaria e foi direto ao ponto. — Acha que a Black Bear moverá a agulha para Tobias?

— Sim, mas não o suficiente.

— Não o descarte tão facilmente. Ele é um bastardo complicado.

Deslizei um olhar para o meu companheiro. Por baixo daquele comportamento descontraído, havia os instintos de um tubarão.

— Lembra-me de alguém que conheço.

Paxton sorriu, sem se preocupar em negar. — Estou aqui para o passeio. EVP de uma empresa da Fortune 500 antes dos trinta e cinco anos? Nada mal para um garoto de Nebraska. CEO seria bom, mas não estou apostando nisso. Dito isto... — acenou com a cabeça para onde Tobias conversava com Richard e dois outros membros do comitê de votação. — Tenho baixa tolerância para esse tipo específico de besteira. Se não posso ser eu, prefiro que seja você.

Examinei-o por cima do meu copo. — Quer uma aliança.

— Um acordo — corrigiu. — Aliança soa tão formal, mas serei direto com você. Dois eleitores estão se inclinando em minha direção agora. Pode não parecer muito, mas em caso de empate, cada voto adicional conta. Posso convencê-los a votar em você.

— Fará isso pela bondade do seu coração, presumo — disse secamente.

— Isso e a promessa de uma promoção — disse Paxton sem hesitar. — Presidente de Vendas de Publicidade quando Sullivan se aposentar. Ele já está com um pé fora da porta, e você sabe que tenho talento para isso.

— Adiantando-se, não é? Sullivan ainda tem uns bons cinco anos na empresa.

Paxton lançou-me um olhar divertido.

Justo o suficiente. Sullivan era mais verificado do que uma sacola de compras na Citarella. Nossos anunciantes o amavam, mas dei a ele dois anos no máximo antes de ele partir.

— Já conversamos o suficiente sobre negócios na semana passada — disse. — Aproveite as bebidas e a comida esta noite. Discutiremos quaisquer assuntos de negócios mais tarde.

Deixei minha resposta propositalmente vaga. Gostava de Paxton como pessoa, mas confiava nele tanto quanto podia.

— Claro. — Ergueu a taça, aparentemente imperturbável com minha recepção morna à sua proposta. — Ansioso por isso.

As festividades terminaram por volta das nove. A liderança da empresa escapou um por um até que restasse apenas um punhado.

Finalmente. Poderia me desculpar e ir embora sem parecer rude. Eu tinha networking suficiente para durar pelo próximo ano.

— Kai. — Minha mãe me parou na saída. — Uma palavra.

Reprimi um suspiro. *Tão perto.* Eu a segui até um canto sossegado do bar, fora da visão direta dos demais executivos.

O sorriso profissional que usara durante toda a noite havia desaparecido, deixando linhas de tensão em seu rastro.

— Não se preocupe — disse. — O acordo do *Black Bear* não será nada comparado ao *DigiStream* quando for concluído. A diretoria sabe disso.

Ela arqueou uma elegante sobrancelha escura. Com sua pele macia e cabelos pretos abundantes, cortesia da melhor esteticista e colorista de Londres, poderia passar por alguém com quase trinta anos em vez de cinquenta. — *Será que passará?*

— Claro — disse, insultado por ela ter perguntado. — Quando falhei?

— Dizem que Mishra não está cedendo e Whidby corre o risco de ser removido permanentemente do cargo de CEO. Se ouço essas coisas, o conselho também; não estão satisfeitos.

Meus ombros tensionaram. — Eu sei. Tenho contingências para todos esses cenários.

— Tenho certeza que sim, mas isso não é suficiente. — Minha mãe franziu os lábios. — Não se trata apenas de negócios, Kai. As eleições para CEO não são tão claras quanto as declarações de lucros e perdas.

— Estou ciente.

— Não acho que esteja. — Sua voz baixou. — Ser votado não é uma questão de mérito. É sobre política. Seu sobrenome é uma vantagem e um prejuízo. Alguns membros do conselho o favorecem porque é jovem e valorizam a estabilidade, mas outros se ressentem de você exatamente por isso. Estão usando o atraso da *DigiStream* e suas... visões modernas sobre o futuro da empresa

para defender sangue novo. Essa facção está crescendo mais alto a cada dia.

Um calafrio varreu o ar e penetrou em meus ossos. — O que está tentando dizer?

— Estou dizendo que precisa parar de usar seu nome e currículo e começar a aplacar alguns de seus opositores, ou pode muito bem perder a votação.

A palavra *perder* me atravessou como uma besta com presas.

A história lembrou os vencedores. Os perdedores desapareceram na obscuridade, seus nomes perdidos ao longo do tempo como estátuas polidas por muitas mãos. Mortos em todos os sentidos, como se nunca tivessem existido.

A pressão sufocava meu peito. — Não perderei — disse, minha voz mais fria do que pretendia. — Eu nunca perco.

— Certifique-se de não perder. — Minha mãe não parecia totalmente convencida. — Já falei mais do que deveria. Eu deveria ser neutra, mas é o nome de nossa família em jogo. Imagine o que as pessoas dirão se um Young perder o cargo de CEO da Young Corporation. Nunca nos recuperaremos da vergonha.

Ela me encarou com o mesmo olhar sério que fazia inimigos e aliados tremerem diante dela. — Campanha para o trabalho, Kai. Faça o que for preciso para fazê-los felizes. Sei que acha que está abaixo de você, mas não deixe seu orgulho atrapalhar a vitória. A menos que queira que Tobias lhe dê ordens do escritório do canto.

Meu estômago se revoltou.

Odiava a palavra *campanha* quase tanto quanto a palavra *perder*. Era tão... indigno. Os sorrisos falsos, o beijo na bunda, as banalidades que ambas as partes conheciam, mas não reconheciam como mentiras, mas minha mãe sabia exatamente quais botões apertar; Prefiro engolir um frasco de veneno a aceitar um único pedido de Tobias Foster.

O ar gelado da noite esfriou minha raiva quando saí. Ainda assim, o mal-estar agitou-se sob a minha pele, e voltar para casa, para o meu apartamento, não tinha o mesmo apelo de sempre. Peguei meu telefone e abri meu último tópico de mensagens.

Eu: Ainda está em Valhalla?

Deveria ter sido excluído da socialização, mas conversar com Isabella nunca me esgotou tanto quanto conversar com outras pessoas.

Isabella: Não, acabei de chegar em casa

Isabella: Não tenho turno esta noite...

O convite implícito era claro.

Eu: estarei aí em vinte minutos.



CAPÍTULO 20

Isabella

A campainha tocou às cinco para as dez, exatamente vinte minutos depois que enviei uma mensagem de texto ao Kai com meu endereço.

Meu coração disparou quando abri a porta e o encontrei parado no corredor, o cabelo despenteado e as bochechas coradas por causa do vento. Vê-lo pessoalmente pela primeira vez em quase uma semana foi como respirar pela primeira vez depois de prender a respiração por muito tempo.

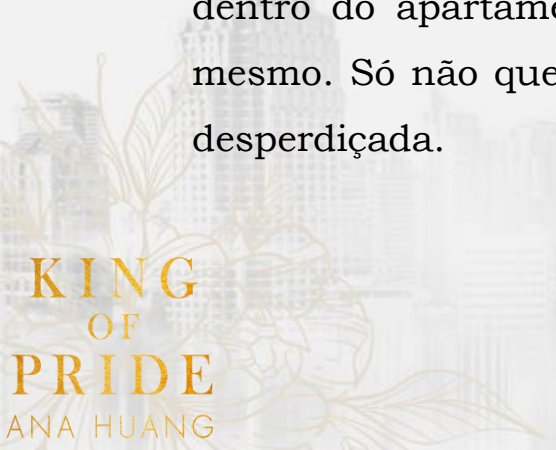
Uma euforia fria inundou meus pulmões. — Oi — disse sem fôlego.

Um sorriso curvou seus lábios. — Oi.

— Alguém já lhe disse que sua pontualidade é assustadora?

— Não com tantas palavras, não. — Deu de ombros casualmente. — Se for um problema, posso sair e voltar...

— Não se atreva. — Agarrei seu pulso e o arrastei, rindo, para dentro do apartamento. — E não pareça tão satisfeito consigo mesmo. Só não queria que a limpeza do meu apartamento fosse desperdiçada.



Kai parecia ainda mais satisfeito. — Limpou para mim? Fico lisonjeado.

O sangue subiu para o meu pescoço e peito. Se ele me tocasse agora, provavelmente se queimaria. *Serviria bem para ele.* — Não disse isso. De qualquer maneira, era devido arrumar alguma coisa. O momento é pura coincidência.

— Estou vendo.

— De qualquer forma. — Ignorei o brilho de conhecimento em seus olhos e deliberadamente virei minhas costas para ele. Passei um braço pelo espaço recém-arrumado. — Bem-vindo a minha humilde residência. Seiscentos metros quadrados de luxo com aluguel controlado, bem no coração do *East Village*.

Eu tive sorte com meu apartamento estúdio. Um amigo de um amigo morou aqui antes de voltarem para o Arizona, e o peguei antes de ir para o mercado. Mil e seiscentos dólares por um local no centro da cidade com iluminação natural decente, lavanderia no prédio e sem infestação de baratas ou ratos? Pelos padrões de Nova York, era uma pechincha.

Kai veio ao meu lado e examinou os pequenos detalhes que havia acrescentado para tornar o apartamento mais aconchegante - a coleção de copos de *shot* que adquiri em minhas viagens, o teclado elétrico escondido embaixo da janela, o retrato a óleo que Vivian e Sloane encomendaram como uma piada para um dos meus aniversários. Retratava Monty como um aristocrata vitoriano usando uma gola branca com babados. Foi a coisa mais ridícula que já vi, e adorei.

O estúdio provavelmente era do tamanho do armário de Kai, mas estava excessivamente orgulhoso dele. Era meu, pelo menos enquanto pudesse pagar o aluguel, e fiz dele meu lar em uma cidade que mastigava e cuspi recém-chegados de olhos arregalados mais rápido do que podiam desfazer as malas.

— Este apartamento é muito você — observou Kai, seu olhar caloroso e divertido pousando no vaso dourado de penas de pavão ao lado da porta.

Algo vibrou em meu peito. — Obrigada.

Então, porque seria rude da minha parte não apresentar o verdadeiro dono da casa, fui até o viveiro e recuperei a píton bola descansando no meio da vegetação.

— Conheça Monty. — Eu o comprei alguns meses depois que me mudei para Nova York. As pítons-reais eram de manutenção incrivelmente baixa e baratas de cuidar, o que as tornava perfeitas para minha agenda e salário de barman. Monty não era tão fofinho quanto um gato ou cachorro, mas era bom voltar para casa e ter um animal de estimação, mesmo que tudo o que fizesse fosse comer, beber e dormir.

Ele deslizou por cima do meu ombro e olhou curioso para Kai, cuja boca cintilou com um sorriso.

— Monty, a píton. Bonitinho.

— Meu pai era um grande fã *de Life of Brian*²² — admiti. Eu não era uma fã tão dedicada, mas gostava de trocadilhos e meu pai teria se divertido se ainda estivesse vivo.

— Interessante. Achei que seria uma garota da Pomerânia²³.

— Porque sou adorável com um cabelo lindo?

— Não, porque é pequena e graciosa. — O sorriso de Kai se transformou em uma risada quando dei um tapa em seu braço.

— Seja legal, ou mando Monty *pra* cima de você.

— Uma grande ameaça, mas ficaria mais preocupado se ele fosse uma víbora em vez de uma píton-real amigável — Kai demorou.

Como se para provar seu ponto, Monty esfregou a cabeça contra a mão estendida de Kai.

— Traidor — resmunguei. — Quem é que te alimenta? — Não pude contudo, reprimir meu próprio sorriso com a visão adorável.

A maioria das pessoas tinha pavor de cobras porque as achava feias, venenosas ou más. Algumas cobras eram, mas julgar uma espécie inteira por algumas maçãs podres era como julgar todos os humanos pela população de assassinos em série. Era grosseiramente injusto, e eu tinha uma queda por qualquer um que tratasse Monty com respeito em vez de parecer que queria chamar o controle de animais para ele na primeira chance que tivesse. Depois de alguns minutos, coloquei Monty de volta em seu

²²-A Vida de Brian (em inglês: Monty Python's Life of Brian) é um filme de comédia e sátira britânico de 1979.

²³-Raça de cachorro, nativa da Pomerânia, região que engloba parte da Alemanha e Polônia na Europa Central.

viveiro, onde bocejou e se enrolou alegremente em uma bola. Era bem socializado e tinha uma tolerância maior para ser segurado do que outras cobras, mas tentava não estressá-lo com muito contato de estranhos.

— Como foi o retiro? — Lavei minhas mãos e voltei para Kai, que se lavou depois de mim. — Quatro dias de treinamento de liderança soa como um método especial de tortura criado nas profundezas do inferno corporativo.

Não podiam me *pagar* o suficiente para comparecer. Bem... tudo bem, faria isso por um milhão de dólares, mas nada menos.

— Não é tão ruim — Kai disse com outra risada. — Houve uma sessão sobre diversificação e consolidação de escopo que foi bastante esclarecedora.

Meu nariz torceu com desgosto. — Não acredito que estou fazendo sexo com um homem que usa o termo “diversificação e consolidação de escopo”. Foi a isto que os encontros em Nova York chegaram?

Um sorriso perverso apareceu em seu rosto. — Não estava reclamando quando gritou meu nome apenas algumas noites atrás.

Se alguém me dissesse há dois meses que o enfadonho Kai Young estaria sorrindo para mim daquele jeito, teria perguntado que droga estavam tomando. Agora, lutei e falhei em conter o rubor.

— Não deixe isso subir à sua cabeça — disse arrogantemente.
— Terá que replicar antes de começar a se gabar. Quem sabe? Poderia ser uma maravilha de um só sucesso.

— Talvez. — Ele se aproximou de mim. Minha frequência cardíaca aumentou, e o ar mudou, tornando-se nebuloso com antecipação. — Vamos testar sua teoria?

Aqui está a coisa sobre os humanos. Quase sempre deixaremos de lado o bom senso em favor da gratificação instantânea. Sabia que comer pizza toda semana não era saudável, mas ainda assim comia. Sabia que deveria escrever todas as manhãs antes de assistir à Netflix, mas não o fiz. E sabia que me envolver com Kai era a pior ideia na história das más ideias, mas estava me afogando sozinha há anos, e estar com ele era a única vez que conseguia respirar.

Não resisti quando me beijou ou quando aquelas mãos inteligentes e ágeis removeram nossas roupas com alguns puxões e empurrões hábeis. Minhas próprias mãos se juntaram, mapeando avidamente a pele nua e os músculos esculpidos. Nossa primeira vez foi explosiva, o culminar de meses de construção. Esta foi doce e lânguida, livre de medo e intensificada por nossa semana separados. A noite se estendeu diante de nós em uma tela infinita de possibilidades, e a pintamos com beijos e suspiros até que o prazer os varreu de lado com um golpe ousado. Quando acabou, afundei ainda mais na cama enquanto Kai rolava de cima de mim, meus membros pesados com um calor lânguido.

— Não diga a Viv e Sloane — disse — mas é o melhor hóspede que já tive. Maravilha de dois hits. Dez em cada dez, recomendo.

Não me importava se inflasse seu ego ainda mais. Estava muito ocupada flutuando em uma nuvem de felicidade pós-coito. Sua risada me fez sorrir. Cada reação desinibida que eu arrancava dele era outro fio desfeito. A máscara estava caindo, revelando cada vez mais o verdadeiro Kai, e gostava dele mais do que gostaria de admitir.

— Seu segredo está seguro comigo.

Apesar do humor enrugando seus olhos, senti uma tensão subjacente em sua voz. Um entalhe se formou entre suas sobrancelhas, fraco, mas claramente visível.

— Está tudo bem? — Perguntei. — Parece mais estressado do que alguém que acabou de fazer sexo deveria estar. Dependendo da sua resposta, estou extremamente ofendida ou um pouco preocupada.

— Não é você — disse. — É o trabalho.

— Claro que é. Seria um empresário de Nova York se não estivesse preocupado com o trabalho o tempo todo? — Brinquei antes de ficar séria. — É a *DigiStream*?

— Isso faz parte. — Houve uma longa pausa. Então baixinho, tão baixinho que quase não o ouvi, disse — Minha mãe disse que posso perder a votação para CEO.

A admissão me tirou do meu estupor induzido pelo sexo. Eu me levantei, o lençol escorregando do meu peito na minha pressa. Seu rosto se iluminou um pouco, então caiu quando puxei o lençol de volta. Teria achado adorável se não estivesse tão indignada.

— Por que? É a melhor pessoa para o trabalho! — Argumentei, embora não soubesse nada sobre o que ele realmente fazia ou quem eram os outros candidatos. Simplesmente não conseguia imaginar alguém mais inteligente ou mais capaz do que Kai.

Além disso, era um *Young*. Seu sobrenome brilhava tão grande e intensamente no arranha-céu da empresa que podia ser visto a quilômetros de distância. Como poderia perder?

— A política do escritório. — Ele me deu um breve resumo da situação, o que não diminuiu minha ira.

— Isso é estúpido — disse quando terminou de falar. — Por que as pessoas ricas gostam tanto de terem suas bundas beijadas? Não irrita depois de um tempo?

O lado da boca de Kai se contraiu. — Excelentes perguntas, querida. Presumo que as respostas sejam o ego deles e sim, isso irrita, mas não se importam. — Seus dedos entrelaçados com os meus sobre os lençóis. — No entanto, aprecio seu ressentimento em meu nome.

— Sua mãe pode estar errada — disse, embora parecesse improvável. Fazer as pazes com os membros egocêntricos do conselho não era o fim do mundo, mas era irritante que Kai tivesse que recorrer à bajulação quando seu histórico deveria falar por si. — Já descobriu por que ela está deixando o cargo tão cedo?

— Não. Ela não me dirá até que seja a hora certa. O que, conhecendo-a, poderia ser nunca.

— E quanto ao seu pai? O que ele pensa? — Kai nunca falou sobre ele. Enquanto Leonora Young dirigia seu império da mídia

sob os holofotes, seu marido era uma figura muito mais misteriosa. Só tinha visto uma ou duas fotos dele.

— Está em Hong Kong. Ele administra uma empresa de serviços financeiros lá, separada da *Young Corporation*. Meus pais são separados — Kai esclareceu quando minhas sobrancelhas se ergueram. Sua mãe morava em Londres, que ficava bem longe de Hong Kong. — Estão separados há dez anos, mas ocasionalmente fazem aparições públicas juntos quando necessário. A separação deles é um segredo aberto.

— É muito tempo para uma separação sem divórcio.

— Eles se ressentem demais para ficarem juntos, mas se amam demais para se separarem. Além disso, dividir seus bens seria muito complicado — disse Kai secamente. — Não é uma situação saudável para nenhum dos envolvidos, mas Abigail e eu estamos acostumados com isso, e é bastante simples no que diz respeito a famílias disfuncionais.

Considerando que o pai de Vivian chantageou Dante para se casar com ela antes que realmente se apaixonassem, diria que é um eufemismo.

— Por que se separaram? — Eu me enrolei contra o peito de Kai, deixando sua voz e batimentos cardíacos constantes me embalar em contentamento.

Preferia as noites fora do que as noites dentro, mas poderia ficar aqui e ouvi-lo falar para sempre. Ele raramente se abria sobre sua vida pessoal, então não tomaria um único segundo disso como certo.

— Minha mãe trabalhava demais, meu pai ficou ressentido, e assim por diante. — Kai parecia distante, como se estivesse contando a história de outra família em vez da sua. — Quase embaraçoso, realmente, como o motivo é clichê, mas os clichês existem por um motivo.

— Verdade — murmurei. Meu pai largou o emprego de professor para criar meus irmãos e a mim enquanto minha mãe trabalhava. Ele não se ressentia dela, mas até exibia um lampejo ocasional de irritação quando ela perdia outro jantar ou passeio nos primeiros dias de sua carreira.

— Chega de falar de mim — disse Kai. — Como foi o resto da sua sessão de redação?

— Hum... bom — me esquivei. Tentei escrever na sala secreta, mas como esperado, não consegui fazer muito no silêncio. Tocar música em meus fones de ouvido ajudou apenas um pouco. — Como disse, fiz mais *brainstorming* do que escrevi, mas isso também conta.

— Hum. — Kai abaixou a cabeça e deu um beijo preguiçoso no meu ombro. — Lembro-me de mencionar algo sobre uma cena de sexo detalhada...

Um calor fresco acendeu em meu estômago. — E me lembro que não estou lhe contando nada sobre isso porque foi tão rude. — Disse afetadamente.

— Minhas mais sinceras desculpas. Não deveria ter te ofendido tanto. — Acariciou meu peito com a mão livre. Prazer passou por mim e se manifestou na forma de um suspiro. — Talvez haja uma maneira de compensá-la...

Havia, e ele fez, uma e outra vez até que as estrelas piscaram e o primeiro indício sombrio do amanhecer rastejou pela janela.

CAPÍTULO 21

Kai

A semana seguinte passou em um borrão de sexo, trabalho e mais sexo. Quando não estava com Isabella, estava ocupado montando minha estratégia de campanha. Era um mal necessário, mas além de enviar presentes de Natal personalizados para os membros votantes, não precisei implementá-lo até depois do Ano Novo. Todo mundo estava muito ocupado durante as férias.

No entanto, tinha que cumprir outras obrigações sociais. Por mais que gostasse de passar todo o meu tempo livre com Isabella, a natureza ilícita de nosso relacionamento significava que não poderia levá-la a nenhum dos eventos para os quais fui convidado, incluindo a grande exposição de inverno da *Saxon Gallery*.

Aceitei uma taça de champanhe de boas-vindas da *hostess* e examinei a exposição. Normalmente, a galeria atendia ao público do centro da cidade, mas os grandes nomes em sua vitrine de inverno atraíram alguns VIPs da cidade e internacionais. Avistei Dante e Vivian andando de mãos dadas pela exposição. A supermodelo Ayana flutuou pela sala em uma camada etérea de tule vermelho enquanto Sebastian Laurent segurava a corte no canto.

Até Vuk Markovic fez uma de suas aparições únicas, embora não parecesse inclinado a interagir com ninguém. Ficou parado no canto, seus olhos gelados dissecando os outros convidados como um cientista examinando insetos sob um microscópio.

— Kai, estou tão feliz que pôde vir. — Clarissa apareceu ao meu lado, elegante, mas um pouco desorientada, em um vestido de festa preto e fone de ouvido. Era a diretora de relações artísticas da galeria, e teria pulado o evento se ela não tivesse me convidado pessoalmente. Eu não a via desde a festa de gala de outono, mas me senti culpado o suficiente por enganá-la naquela noite que aceitei.

— Claro. A exposição está ótima — disse. — Você e o resto da equipe fizeram um trabalho maravilhoso.

Conversamos um pouco antes de um silêncio constrangedor descer entre nós. Nossas conversas nunca foram tão confortáveis ou emocionantes quanto aquelas com Isabella, mas conversamos com bastante facilidade na festa de gala. No entanto, Clarissa parecia distraída esta noite, como se sua mente estivesse flutuando a mil quilômetros de seu corpo.

— Não posso conversar por muito tempo. Tenho que garantir que os artistas tenham tudo de que precisam. Tipos criativos podem ser bastante temperamentais. — Sorriu, mas havia uma nota estranha em sua voz. Seu olhar percorreu a galeria como se estivesse procurando por alguém antes de pousar no meu novamente. Uma resolução curiosa endureceu suas feições. — Devemos conseguir bebidas em breve. Ainda te devo uma por deixar a gala de *Valhalla* mais cedo.

— Claro — disse, embora me sentisse um pouco desconfortável em concordar com o que ela provavelmente pensava ser um encontro quando estava envolvido com Isabella. — Deixe-me saber quando estiver livre.

Depois que saiu, ainda com aquela expressão distraída estampada no rosto, cortei um caminho diagonal em direção a Dante e Vivian. Só cheguei na metade do caminho antes que alguém esbarrasse em mim e quase derrubasse a bebida da minha mão.

— Sinto muito! — Uma voz familiar puxou meu olhar para a direita. — Eu... Kai?

— Isabella?

Olhamos um para o outro, nossos rostos refletindo a imagem do espanto. Ela me disse que também tinha um evento esta noite, mas nunca em um milhão de anos esperava vê-la aqui. Um vestido de veludo preto derramou sobre suas curvas, revelando quilômetros de pele bronzeada, enquanto botas pretas de salto alto a aproximaram do nível dos meus olhos. Era claramente uma convidada, embora vestida mais para uma festa *underground* do *East Village* do que para uma exibição na galeria Chelsea.

— O que está fazendo aqui? — Isabella se recuperou primeiro.

— Poderia te perguntar a mesma coisa.

— Estou aqui com meu irmão. Ele está... em algum lugar. — Acenou com a mão ao redor da sala. — Eu o perdi há um tempo, mas há muito vinho e lanches para me manter ocupada.

— Estou vendo. — A diversão superou minha surpresa. Sua mão livre carregava um prato com uma pilha tão alta de *hors d'oeuvres*²⁴ que parecia a Torre Inclinada de Pisa. — Tem certeza de que pegou comida suficiente, amor?

Um leve tom rosado cobria as bochechas de Isabella e a ponta de seu nariz. — Na verdade, não. Estava prestes a pegar mais quando *alguém* entrou no meu caminho.

— Que rudes da parte dele.

— Muito. Ninguém tem boas maneiras hoje em dia.

— Um sinal de nosso iminente colapso social, sem dúvida. — Minha boca se curvou em um sorriso preguiçoso e apreciativo enquanto inclinava meu queixo para baixo. — Em uma nota menos sinistra, está linda. Ainda bem que não colocou isso antes de eu sair, ou nenhum de nós estaria aqui agora.

Passei o dia no seu apartamento antes de ir para casa me trocar para o evento. Agora, gostaria de ter ficado a noite toda. Tinha algumas ideias para o que poderíamos fazer que rivalizavam com a criatividade de qualquer um dos artistas.

A falsa indignação de Isabella derreteu sob um rubor mais profundo. O ar engrossou com algo quente e doce antes que balançasse a cabeça. — Shh. — Seus olhos dispararam ao redor da sala. — Alguém vai ouvi-lo. Dante e Viv estão *bem ali*.

— Dante e Vivian estão muito ocupados olhando um para o outro para notar qualquer outra coisa.

²⁴-Aperitivo ou entrada, é um pequeno prato servido antes de uma refeição na cozinha europeia.

Isabella estava certa, no entanto. Embora estivéssemos tendo uma conversa inocente - por enquanto - atrair qualquer atenção adicional para nós seria imprudente. Vuk já estava desconfiado depois de nos ver saindo juntos da sala do piano. Felizmente, o homem nunca falava e nunca se envolvia nos negócios dos outros, a menos que fosse necessário, mas nem sempre teríamos essa sorte.

Um dos outros convidados se desvencilhou de seu companheiro e disparou uma flecha em minha direção. Era o repórter de artes e cultura do principal jornal da empresa, o que significava que eu tinha que entretê-lo.

— Há uma alcova no fundo da galeria, atrás da escultura de ondas — murmurei enquanto o repórter se aproximava. — Encontre-me lá em uma hora.

Isabella não respondeu. Ela se virou, mas não antes que visse o brilho de resposta em seus olhos.

Pelos próximos cinquenta e cinco minutos, me misturei sem entusiasmo antes de pedir licença para usar o banheiro. Em vez de virar à direita em direção ao banheiro, deslizei para a alcova dos fundos. A exposição aconteceu na sala principal, então essa área em particular estava silenciosa, exceto pelo zumbido baixo do aquecedor. Uma escultura de onda desconstruída escondeu a alcova dos transeuntes, tornando-a o local perfeito para um encontro.

Isabella já estava esperando quando entrei.

— Estava brincando nas duas primeiras vezes, mas isso não é coincidência. Você *está* me seguindo — brincou.

Fechei a distância entre nós com três passos largos. — Tem uma opinião bastante elevada de si mesma, Srta. Valencia.

Seu sorriso floresceu ainda mais, esculpindo belas covinhas em suas bochechas. — Mas é injustificável?

— De jeito nenhum.

Sua respiração em resposta roçou meu peito. O cheiro de rosa e baunilha provocou meus sentidos, e tinha certeza que até mesmo as deusas do mito nunca tinham cheirado tão divinamente. Minhas palmas formigavam com o desejo de enrolar meu punho em torno daquelas ondas escuras e sedosas e mapear cada curva e vale de seu corpo - a coluna elegante de seu pescoço, a curva suave de seu ombro, a reentrância de sua cintura e o brilho de seu corpo, quadris. Veludo e seda, prontos para serem levados.

A necessidade pulsava como uma coisa viva dentro de mim, mas mantive meus braços ao lado do corpo, assim como ela. Esgueirar-se em um evento cheio de colegas e jornalistas já era bastante perigoso, mas tentar ficar longe dela era como pedir ao oceano para parar de beijar a costa.

Impossível.

Meu queixo caiu enquanto o dela se inclinava para cima, aproximando nossos olhos. Não falamos. Não nos tocamos. E, no entanto, este foi o destaque da minha noite.

— Estou tentado a sair antes dos discursos oficiais dos artistas — murmurei. — Mas isso seria indelicado da minha parte, não é?

— Possivelmente. — Isabella engoliu em seco quando coloquei uma mecha de cabelo atrás da orelha. Não pude evitar; precisava de algum tipo de contato com ela antes de enlouquecer. — Mas a polidez é superestimada.

Bom, porque não havia nada educado sobre os pensamentos que passavam pela minha mente agora.

— Bem, isso é inesperado.

A voz oleosa encharcou nossa intimidade quente com mais eficácia do que um balde de água gelada. Minha mão caiu, e Isabella e eu nos separamos como marionetes puxadas em direções diferentes.

— Kai Young e a bartender se beijando em um evento público. Nunca pensei que veria esse dia.

Victor Black estava na entrada da alcova. Seus olhos brilhavam com deleite malicioso enquanto vagavam entre mim e Isabella. Deve ter acabado de chegar; não o tinha visto antes.

Uma corda de pavor se apertou em volta do meu peito.

Tecnicamente, Isabella e eu não estávamos fazendo nada de errado, mas Victor tinha talento para transformar situações inocentes em besteiras espalhafatosas e best-sellers.

— Não estamos em Valhalla — Isabella disse friamente. — Sou uma convidada aqui. Se quiser que alguém o direcione para a saída, recomendo verificar com um dos funcionários usando crachás claramente marcados.

— Meu erro. É tão fácil esquecer quando está vestida como uma prostituta. — O rancor alisou o sorriso de Victor enquanto

sua atenção se voltava para mim. — Não é de admirar que tenha ficado tão chateado quando me viu falar...

Atravessei a sala mais rápido do que ele poderia reagir. O resto de sua frase se dissolveu em um grunhido de dor quando o joguei contra a parede com meu antebraço pressionado contra sua garganta.

— Segundo erro da noite, Black — disse baixinho. — Não desrespeite *nenhuma* mulher assim quando estou na sala. — *Especialmente Isabella.*

A fúria fria cravou cacos irregulares em meu peito e lavou o quarto de carmesim. As feições de Victor se transformaram em um mapa de pontos vulneráveis - os olhos, o nariz, o maxilar e as têmporas. Um ataque certo pode destruir todos eles.

A presença de Isabella era a única coisa que me mantinha semicontrolado. Uma reação descomunal confirmaria as suspeitas de Victor, e a satisfação momentânea de reorganizar seu rosto empalideceria diante das consequências a longo prazo. Ele deve ter chegado à mesma conclusão. Apesar da pontada de medo sangrando em seus olhos, não recuou.

— Claro. — Sua voz saiu alta e esganiçada graças a sua garganta presa. — Você tem razão. Certamente o grande Kai Young é inteligente demais para fazer algo tão estúpido quanto confraternizar com uma *bartender Valhalla* tão perto da votação para CEO. — Sufocou outra respiração dolorida quando pressionei meu braço mais apertado contra seu pescoço.

— Kai.

O carmesim recuou da minha visão ao som da voz ansiosa de Isabella.

Deixei cair meu braço e olhei para Victor. Ele se endireitou e tossiu antes de continuar: — Os membros votantes são verdadeiros defensores quando se trata de escândalo. Um dos principais candidatos a executivo da *Greentech* perdeu o cargo há alguns anos por causa de um caso com a babá. Quinze anos de trabalho duro, pelo ralo.

Lembrei-me. O escândalo dominou os noticiários por meses. A diferença era que eu não era casado. Poderia namorar quem quisesse.

Diga isso a Valhalla e ao conselho, sussurrou uma voz insidiosa.

Cerrei os dentes. Triunfo lentamente substituiu a apreensão no rosto de Victor. Ele atingiu seu alvo, e sabia disso.

— Você é um CEO — disse Isabella, chegando ao meu lado. — Então, obviamente, os conselhos corporativos não se importam muito com escândalos. Seu carro não explodiu no início deste ano?

O rosto de Victor ficou vermelho. A destruição pelo fogo de seu Porsche ganhou as manchetes na primavera. Nunca encontrou o responsável, mas sua lista de inimigos tinha quilômetros de extensão. Pode ter sido qualquer um. Normalmente, abominava a destruição sem sentido de propriedade, mas achei difícil reunir simpatia por ele. Ninguém morreu. As únicas coisas prejudicadas eram seu ego, seu carro e sua reputação, não que esta última fosse ótima para começar.

— Isa! — Um homem de calça e camisa de linho entrou na sala, interrompendo a resposta de Victor. — Aí está você. Estava procurando por você.

Eu o reconheci imediatamente como Oscar, um dos artistas de destaque da galeria. Alto e magro, com cabelo preto na altura dos ombros amarrado em um rabo de cavalo e uma série de conchas puka adornando seu pescoço, parecia estar pendurado dez no Havaí em vez de ser a atração principal de uma exposição de arte exclusiva em Chelsea. Passou por um Victor surpreso e colocou um braço sobre os ombros de Isabella. Minha coluna tensionou.

— Farei meu discurso em breve. Pensei em levá-la comigo, considerando que inspirou uma das peças.

Ela torceu o nariz. — Não, obrigado. Odeio discursos, e esta é a sua noite.

A violência crescente de antes havia se dissipado, substituída por outro tipo de tensão.

— Isabella, não sabia que conhecia Oscar — disse com um sorriso tenso, lutando contra a vontade de arrancar o braço dele de cima dela.

— Nós mais do que nos conhecemos. Ele é uma das minhas pessoas favoritas no planeta. — Ela sorriu para ele.

Um músculo contraiu em minha mandíbula. — Que adorável.

E o que eu sou? Fígado picado?

Não gostava do homem das cavernas ciumento e territorial que me tornava sempre que a via sorrindo para outro homem, mas nada sobre minha atração por ela jamais foi racional.

Isabella piscou com meu tom curto antes que a diversão aparecesse em seus olhos. — Oscar é...

— Oh, sinto muito! — Uma bela mulher asiática parou abruptamente ao lado da escultura de onda. Victor havia desaparecido. Não tinha notado ele sair, mas boa viagem. — Não queríamos interromper. Não estávamos, hum, esperando que alguém voltasse aqui. — Um rosa delicado coloriu suas bochechas.

Ao seu lado, um homem de aparência familiar com cabelos castanhos e olhos verdes gelados nos examinou como se fosse nossa culpa interrompê-los, embora estivéssemos aqui primeiro. Típico Volkov.

— Alex, Ava, que bom vê-los. — Disfarcei minha irritação com Oscar e Isabella com um sorriso. *Por que o braço dele ainda está em volta dos ombros dela?* — Não sabia que estava na cidade.

— Ava queria ver a exposição, então aqui estamos. — Além de um toque de suavidade no nome de sua esposa, a voz de Alex Volkov era fria o suficiente para fazer a temperatura da sala despencar.

O notoriamente distante bilionário do setor imobiliário possuía o calor de uma caverna de gelo do Ártico, mas suavizou consideravelmente desde que começou a namorar Ava, alguns anos atrás. Éramos amigáveis, se não amigos. Era dono do arranha-céu que abrigava a sede da *Young Corporation* em Nova York, bem como metade da rua onde eu morava. Considerei-o da mesma forma que fiz com Christian Harper, mas pelo menos com Alex, sabia o que estava recebendo. Christian era um lobo vestido com roupas de ovelha sob medida. Dante ofereceu várias outras

vezes para que ele desenterrasse sujeira sobre Rohan Mishra e os outros candidatos a CEO, e recusei todas as vezes.

Dante se sentia confortável em ultrapassar os limites éticos, mas me recusei a vencer trapaceando. Não havia glória em falsas vitórias.

Falando no diabo.

— Tem uma festa secreta aqui e ninguém nos convidou? Estou ofendido. — O sotaque profundo de Dante precedeu sua aparição no canto com Vivian ao seu lado. — Estava me perguntando para onde todos foram.

— Acredito que a grande maioria dos convidados ainda está na área de exibição principal — disse secamente, imaginando como meu encontro íntimo com Isabella se transformou neste circo.

Então, como se a sala não estivesse lotada o suficiente, Clarissa entrou como uma tempestade, sua expressão severa.

— Uh-oh. — Oscar finalmente soltou o braço dos ombros de Isabella. — Acho que estou com problemas. — Não parecia particularmente preocupado.

— Aí está você — disse em uma voz cortada. — Seu discurso é em três minutos. Tem que vir comigo. Agora.

Nunca tinha ouvido Clarissa soar tão irritada, embora, para ser justo, não tivesse falado com ela anos antes de ela se mudar para Nova York.

— Estarei lá. — Oscar não se mexeu. Ela não se mexeu.

Após um momento de silêncio, suspirou e a seguiu. O resto da sala saiu atrás deles. Caí para trás para poder andar ao lado de Isabella.

— Vocês dois pareciam amigáveis — disse. — Como se conheceram?

Seus olhos dançaram com riso renovado. — Kai, Oscar é meu irmão. Seu nome verdadeiro é Felix, mas usou o nome de nosso pai como pseudônimo de artista. É a sua forma de homenagear.

O irmão dela?

Uma onda de choque passou por mim. Olhei para a parte de trás da cabeça de Oscar - Felix. — Como...

Apesar de sua cor escura, Oscar/Felix era obviamente branco. Isabella era filipina.

— Seus pais morreram quando ele era um bebê — disse. — Meus pais foram seus padrinhos antes de adotá-lo legalmente. Faz parte da família desde antes de eu nascer. — Suas covinhas apareceram novamente. — Viu? Não há razão para ficar com ciúmes.

Calor tocou minha pele. — Não estava com ciúmes.

— Claro que não. Você olha para todos os homens como se quisesse rasgá-los em pedaços e assá-los.

— Se não estivéssemos em público — disse, minha voz baixa e calma — colocaria você sobre meus joelhos e a puniria apenas por sua insolência.

A respiração de Isabella falhou de forma audível. — Como desejar.

Um sorriso surgiu em meus lábios, mas foi uma vitória de Pirro, porque não ser capaz de cumprir minha ameaça foi tão torturante para mim quanto para ela.

Entramos na sala principal de exposições, onde Oscar/Felix já havia começado seu discurso.

Enfiei a mão no bolso e tentei me concentrar nas suas palavras, em vez da mulher parada ao meu lado. Uma fria onda de surpresa me inundou quando meus dedos roçaram o que parecia ser um pedaço de papel.

Discretamente recuperei e desdobrei. Os outros convidados estavam muito ocupados ouvindo os discursos dos artistas para notar como enrijei à medida que li o bilhete.

Sem nome, sem assinatura, apenas duas frases simples.

Tome cuidado. Nem todo mundo é quem parece.



CAPÍTULO 22

Isabella

Tanto a empresa de Kai quanto Valhalla se esvaziaram na segunda quinzena de dezembro, dando-nos bastante espaço para nos esgueirarmos o quanto quisermos. Todos haviam fugido para *St. Moritz* ou *St. Barth's*, mas evitamos os pontos críticos da cidade por precaução.

Em vez disso, fizemos bom uso da minha cama - a única peça de mobiliário em que esbanjei - e dos vários cantos e recantos do clube. Ocasionalmente, nos entregamos a destinos fora do comum: o Jardim Botânico de Nova York no Bronx, pequenas lojas de bolinhos e chá em Flushing, um show de comédia *underground* no Harlem.

Eram áreas que nunca teria visitado sozinha devido ao tempo e à distância, e adorei explorá-las com Kai. No entanto, meu lugar favorito ainda era, sem dúvida, o lugar onde tudo começou.

Entrei em nosso quarto secreto. A estante se fechou atrás de mim e meu coração acelerou quando vi que Kai já estava lá. Sentou-se na poltrona, lendo um daqueles clássicos enfadonhos de que tanto gostava. De camisa e suspensórios, com as mangas arregaçadas e os óculos na ponta do nariz, parecia o professor mais sexy do mundo.

— Se meus professores se parecessem com você na faculdade, teria passado muito mais tempo na aula em vez de matar aula na praia — disse.

Kai salvou seu lugar com um marcador e colocou o livro de lado antes de olhar para cima. — Vagando na praia? — Disse com uma quantidade desordenada de interesse. — Suponho que não tenha fotos suas para apoiar sua reivindicação. Para fins de verificação, é claro.

— Claro — disse em um tom solene. — Sem fotos, mas tenho algo melhor. — Passei a mão na minha frente. — Encontrei esta gabardina na minha loja vintage favorita. Parece apropriadamente espiã, não acha? Perfeito para se esgueirar.

Kai parecia desapontado. — Suponho — disse duvidosamente. — É certamente... um estilo.

— Hum. — Inclinei minha cabeça com uma carranca pensativa. — Talvez goste mais quando vir o que estou usando por baixo...

Desamarrei meu cinto, revelando o *body* preto de renda e seda que vesti depois do meu turno. Foi vendido por um preço incompreensível, mas, graças a Vivian, tive um desconto perpétuo para amigos e familiares na Delamonte, uma das marcas de luxo do portfólio de Dante.

Kai parou, seu olhar fixo no material frágil como um predador se prendendo a uma presa. O casaco caiu no chão enquanto eu caminhava em sua direção, meus saltos deslizando com facilidade sobre o tapete macio.

— Achei que poderíamos jogar um jogo hoje. — Montei em seu colo e passei meus braços em volta do seu pescoço.

— Que tipo de jogo? — Parecia incrivelmente calmo, mas sua respiração acelerou quando pressionei minha boca em sua mandíbula.

— Aquele em que não tem permissão para me tocar até gozar. — Beijei de seu pescoço até a cavidade de sua garganta. Seu cheiro tão delicioso que queria envolvê-lo ao meu redor como um cobertor. — Se tocar, perde e terá que ler apenas os livros de minha escolha por um mês.

Kai estava tão estressado com a *DigiStream* e o trabalho. Esperançosamente, isso iria soltá-lo.

— E se eu ganhar? — As palavras ficaram esfumaçadas no ar cada vez mais denso.

— Se você ganhar... — enganchei meus dedos em torno de seus suspensórios e me endireitei. — Farei o que quiser por vinte e quatro horas.

Seus olhos brilharam com interesse sombrio. — O que eu quiser?

Um traço de medo misturado com uma potente dose de excitação. — Sim.

Não era uma oferta que daria a qualquer outra pessoa, mas confiava nele. Não tiraria vantagem da situação. Além disso, não tinha intenção de perder.

Kai se recostou. Sua expressão fechada enquanto me observava com o interesse desinteressado de um professor

examinando um aluno ou de um rei observando um camponês.
Faça o seu melhor, seus olhos desafiaram.

Meu coração martelava atrás de minhas costelas conforme soltei seus suspensórios e tirava os botões de sua camisa. Lentamente, um por um, até que seu torso estivesse nu e pudesse sentir o calor de sua pele nua. Nossas respirações e o tique-taque suave do relógio enchiam a sala. Kai possuía a mente de um estudioso, mas o corpo de um atleta. Magro e esculpido, seus músculos elegantes são resultado de boxe em vez de exercícios de ginástica.

Passei minha língua contra seu mamilo e sorriu com seu estremecimento resultante. Continuei minha jornada pelas curvas definidas de seu peito e abdômen até chegar ao seu cinto. Levei menos de um minuto para remover as barreiras e libertá-lo de seus limites. Seu pênis saltou para fora, grosso e cheio de veias e já vazando pré-sêmen. Minha boca encheu d'água com a memória de seu sabor e sensação.

— Deus, mal posso esperar para colocá-lo em minha garganta — disse com a voz rouca.

Empilhei minhas mãos em seu comprimento impressionante e girei minha língua ao redor da cabeça, saboreando o arrepio que percorreu seu corpo. Adorava fazer boquetes em Kai. Nada me excitava mais do que vê-lo perder o controle e saber que eu era a responsável por seu prazer. Poderia dar, receber e reter como quisesse.

Hoje não tinha intenção de reter.

Balancei minha cabeça para cima e para baixo, lambendo e chupando e levando-o cada vez mais fundo. Olhei para cima, a bola de calor em meu estômago se contraindo com a intensidade nua no rosto de Kai. Sua mandíbula se apertou tanto que pude ver o espasmo muscular.

Mais fundo... mais fundo...

Seu pênis atingiu a parte de trás da minha garganta. Engasguei, meus olhos lacrimejando quando meu reflexo de vômito começou. A baba escorria dos cantos da minha boca e escorria pelo meu queixo. Meu clitóris pulsava no mesmo ritmo da minha pulsação crescente. Queria desesperadamente me tocar, mas se tocasse, cederia e imploraria para ele me foder novamente.

Os nós dos dedos de Kai ficaram brancos ao redor dos apoios de braço. Não tinha feito um som desde que o jogo começou. Havia algo tão sexy sobre os sons molhados e desleixados do meu boquete preenchendo o silêncio conforme ele tão claramente se esforçava contra a coleira de seu controle. Pontos dançaram a frente da minha visão, e finalmente me afastei com um suspiro. O oxigênio inundou meus pulmões, me deixando tonta, mas evaporou novamente nas próximas palavras de Kai.

— Não disse que poderia recuar. — Sua voz carregava uma calma sobrenatural. — Continue chupando, Isabella.

O comando derramou através de mim como lava derretida. Deveria ser a única dando as cartas, mas minha resistência se desintegrou antes mesmo de se formar completamente. Obedeci, levando-o ao máximo novamente.

— Porra. — Seu gemido correu direto para a dor que crescia entre minhas pernas. — Assim mesmo, querida. Você toma meu pau tão lindamente.

Ele não me tocou, mas suas palavras de encorajamento agiram em seu lugar. Eram um punho no meu cabelo, guiando-me para cima e para baixo com velocidade crescente. Eram mãos em meus seios e dedos manipulando meu clitóris até que minha umidade combinasse com a confusão de lágrimas, baba e pré-sêmen manchando meu rosto.

A cabeça de Kai se inclinou para trás. Os tendões em seu pescoço se esticaram e sua respiração áspera se misturou com meus engasgos e gorgolejos até que finalmente desceu pela minha garganta.

— Engula cada gota. É isso. — Seus dedos emaranhados no meu cabelo. — Fica tão bonita de joelhos com a boca cheia do meu esperma.

Gemi. Um pequeno farol de orgulho brilhava em meu peito, e foi só depois que engoli completamente que me sentei de cócoras.

— Boa menina — Kai murmurou, alisando a mão sobre minha cabeça.

O orgulho brilhou mais forte, mas não o suficiente para me fazer esquecer o propósito do jogo. — Você me tocou — sibilei, minha voz áspera de meus esforços. — No final. Perdeu.

A diversão vazou em seu olhar. — Toquei em você depois que gozei, amor. O que significa que eu ganhei.

— Isso é... — vacilei, insegura. Estava tão perdida em minhas ministrações que não prestei atenção ao tempo.

Kai apertou meu cabelo antes de soltá-lo. — Escolha um livro.

— O quê? — Pisquei, desorientada pela mudança repentina e desconcertante de assunto.

— Um livro. — Acenou com a cabeça para os volumes encadernados em couro alinhados nas prateleiras. — Escolha um.

A curiosidade me obrigou a escolher um livro ao acaso.

— Abra.

Abri em uma página no meio. Coincidentemente, escolhi *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen, um dos poucos clássicos de que gostei.

— Agora incline-se sobre o sofá e abra as pernas.

Minha confusão aumentou mesmo quando o calor rastejou pelo meu sangue, me deixando em chamas. Nesta posição, estava nua para ele, os minúsculos pedaços de minha lingerie fazendo pouco para esconder minha excitação inchada ou os sucos encharcando minhas coxas.

— Jogaremos um novo jogo. — Kai deu um passo atrás de mim. — É simples. Se você conseguir ler uma página inteira em voz alta sem parar ou gaguejar, eu a deixo gozar.

— O que... — Engoli em seco quando deslizou a fina seda para o lado e roçou uma pena sobre meu clitóris. *Onde diabos conseguiu uma pena?*

Outra escovada, e onde a encontrou de repente não importava. Um gemido subiu pela minha garganta. Tentei empurrar para trás contra ele, mas sua outra mão segurou meu quadril, me forçando a parar.

— Comece a ler, Isabella. — Ferro subjacente a sua voz. — Ou ficaremos aqui o dia todo.

Ele é sádico. Esse foi o único pensamento que passou pela minha mente enquanto tentava ler a página conforme me torturava com a pena. Era firme o suficiente para provocar choques de prazer, mas muito flexível para induzir um orgasmo, não importa o quanto resistisse e me esfregasse contra ele.

— Sr. Darcy, com grande decoro, solicitou... — A pena roçou um ponto particularmente sensível, e minha frase foi interrompida com um gemido. Pequenos arrepios percorreram minha espinha.

Transformaram-se em um grito chocado quando a palma da mão de Kai pousou na minha bunda nua com um tapa forte. Houve uma pontada de dor de tirar o fôlego, seguida por uma lenta explosão de calor.

— Recomece — ordenou com o comando severo de um professor implacável.

Recomecei, mas nunca consegui mais de dois parágrafos antes de fazer uma pausa ou gaguejar. Cada erro me rendeu outro tapa até que meus olhos se encheram de lágrimas e me contorci com um abandono estúpido. Dor e prazer se misturaram em uma queimadura deliciosa e agonizante. Mal estava prestando atenção ao texto. Chegou ao ponto em que cada palavra que saía da minha boca se alternava com uma surra forte.

— Por favor — soluzei. — Eu não posso... preciso...

— Sim, pode. — A voz de Kai era tão inflexível quanto sua punição. Enfiou dois dedos na minha boceta exposta e pingando.

Oh Deus. Minhas entranhas deram um nó; minha respiração saiu pesada, ofegante. *Tão perto.* Se ele apenas se movesse, eu poderia... poderia...

— A menos que esteja bagunçando de propósito. — Continuou empurrando até que estava com os nós dos dedos dentro de mim. — Isso te excita, Isabella? Ser humilhada e punida como uma colegial suja?

— Não. Sim. Não sei — gemi, muito tonta e ligada para pensar corretamente. Lágrimas escorreram pelo meu rosto quando torceu e curvou os dedos para dentro. Debati-me novamente, mas não adiantou. Não conseguia fricção suficiente para acender o pavio fervendo em meu estômago. — Preciso gozar... deixe-me gozar... *por favor.*

Não importa o quanto implorei, no entanto, Kai se recusou a ceder.

— Pode gozar assim que terminar sua tarefa. Esse é o jogo. — Retirou a mão e retomou sua deliciosa tortura emplumada. — Gosta disso, não é? Agora comece de cima.

Não sabia como, mas eventualmente reuni força de vontade e presença de espírito suficientes para ler a página sem bagunçar. As palavras saíram, cada vez mais rápidas, antes de atingirem um crescendo ofegante na última frase. Os dedos de Kai bateram

dentro de mim novamente. Seu polegar pressionou contra meu clitóris, e sua outra mão deu um tapa forte e final na minha bunda.

Meu orgasmo rasgou através de mim em uma lágrima brutal e entorpecente. Meu corpo inteiro se curvou com a intensidade; rajadas de luz explodiram atrás de meus olhos quando o livro caiu de minhas mãos flácidas e atingiu a almofada com um leve baque. Quando flutuei de volta para baixo uma eternidade depois, ainda estava atormentada com tremores de quão forte gozei. Os ecos dos meus gritos pairavam no ar, trazendo uma onda de mortificação ao meu rosto.

— Perfeito. — A voz de Kai suavizou. Era ele mesmo novamente, não o mestre cruel e exigente que me forçou a dançar no fio da navalha do orgasmo por Deus sabe quanto tempo. Mãos fortes e gentis alisaram e amassaram a queimadura. — Sabia que poderia fazer isso. Um trabalho excelente, Sra. Valencia.

— Foda-se — murmurei, cansada demais para infundir minhas palavras com muito veneno. — Nunca mais poderei ler Austen da mesma maneira.

Kai me virou e deu um beijo sorridente no meu beicinho. — Olhe pelo lado bom. Sempre que se depara com um obstáculo, sabe que não pode ser mais difícil do que ler uma página inteira de *Orgulho e Preconceito* em voz alta enquanto alguém tenta fazê-la gozar.

Uma risada e um gemido simultâneos escaparam dos meus lábios. — Você é a única pessoa que conheço que pode transformar o sexo em uma estranha lição de vida motivacional.

— É um talento especial, junto com meu domínio fluente do latim e capacidade de produzir orgasmos incríveis.

— Huh. Não sei sobre *incrível* ...

Gritei quando ele me pegou e me jogou no sofá. — Precisa de outra lição? — Ameaçou, seus olhos dançando com uma luz brincalhona que fez meu coração derreter. Sexo e brincadeiras à parte, minha versão favorita de Kai era relaxada e confortável. Estava tão estressado o tempo todo, e fiquei feliz em vê-lo feliz.

— Talvez. Nunca fui ótima na escola. — Não resistiu quando o puxei para perto de mim e coloquei um braço e uma perna sobre ele como se fosse um ursinho de pelúcia gigante. A sonolência atingiu com a rapidez de um raio. — Bocejei e me aconcheguei mais perto dele. — Mas vamos... — Outro bocejo. — Descanse primeiro. Tem que recarregar. — Murmurei a última frase em seu peito.

Kai e eu ficamos em um silêncio confortável. As últimas semanas tinham sido um turbilhão de sexo alucinante e encontros dignos de desmaio, mas não chegavam aos momentos de silêncio entre eles. Poderia deitar aqui ao seu lado e ouvir seu coração bater para sempre.

— O que vai fazer no Natal? — Kai perguntou depois de um tempo. Brincou distraidamente com as pontas do meu cabelo, e o calor se infiltrou em mim com a intimidade casual de seu toque.

— Assistir compulsivamente comédias românticas bregas e massacrar as receitas tradicionais de Natal da minha mãe — disse.

— Um dia desses, *farei um buko pandan*²⁵ tão bom quanto o dela. E você?

— Assistir filmes de ação cafonas e pedir comida para viagem — brincou. Outro silêncio caiu. Então, perguntou, tão baixinho que quase não o ouvi — Por que não passa comigo?

Meus olhos se fixaram nos dele. — O quê?

— Passe o Natal comigo. Nós dois estaremos na cidade e podemos chegar a um acordo sobre os filmes.

Meu coração gaguejou sob o golpe da minha surpresa. Sexo e namoro era uma coisa. Passar as férias juntos era outra. Minha família pode ter adiado nossa celebração por motivos logísticos, mas o Natal era sagrado para nós. Com quem passamos importava.

Além disso, Kai e eu estávamos pisando em uma linha tênue em nosso relacionamento. Estávamos nos divertindo agora, mas viemos de mundos diferentes. Era apenas uma questão de tempo até que tudo explodisse na nossa cara. Meu peito apertou com o pensamento.

Por outro lado... se o que tínhamos estava destinado a acabar, não faria sentido aproveitar cada segundo enquanto durasse?

Não pense demais. Faça o que parece certo. O conselho de meu pai flutuou, espontaneamente, em minha mente. Estava falando sobre música, mas o mesmo princípio se aplicava aqui.

²⁵-Também conhecido como palamig, é um termo coletivo para várias bebidas geladas filipinas que geralmente incluem ingredientes semelhantes a geleia.

Tomei uma decisão instantânea. Não era o que a Nova Isabella deveria fazer, mas a Nova Isabella poderia forçá-lo.

Escovei meus lábios sobre os de Kai com um sorriso. — Adoraria passar o Natal com você.

CAPÍTULO 23

Kai

Por mais que desejasse passar as férias com Isabella, tínhamos mais uma ocasião para comemorar antes do Natal. Ela insistiu que colocássemos os dois em um só, mas não aceitei.

— É seu aniversário. Deve ser comemorado separadamente. — Passei meus braços em volta de sua cintura e coloquei meu queixo entre seu pescoço e ombro. Sentamos na minha cama, suas costas pressionadas contra a minha frente, nossos corpos soltos e lânguidos depois de sua festa de aniversário naquela noite.

— Já comemoramos. — Isabella bocejou. Suas amigas alugaram um quarto privado em um restaurante italiano exclusivo, seguido de uma experiência VIP em uma boate próxima. — Não precisamos fazer isso duas vezes.

— Esta noite foi ideia de suas amigas. Não é o mesmo. — Vivian havia me convidado por cortesia, mas suas amigas não sabiam sobre nós, o que significava que passamos a noite agindo como simples conhecidos. Não podia beijá-la, dançar ou falar com ela como queria, mas ela estava feliz, que era o que importava. — Diga seu desejo — disse, esfregando um polegar preguiçoso sobre sua pele. Era tão quente e macia que poderia tê-la segurado aqui, assim, para sempre. — Qualquer coisa que quiser.

Isabella virou a cabeça para olhar para mim. — Jura? Qualquer coisa?

— Paris no café da manhã e Barcelona no jantar? Posso ter meu jato pronto em uma hora.

Sua risada roçou meu peito. — Kai, *não* vamos para a Europa amanhã.

— Eu sei. Iríamos hoje à noite.

Ela se afastou para olhar para mim completamente. — Pare. Também não vamos voar para Paris esta noite.

Minha boca se curvou com a descrença pintada em seu rosto. — Por que não? É o final de semana. — Era egoísta, mas queria acumular todos os seus sorrisos e risadas para mim. Já que isso não era possível, me contentaria em fazê-la sorrir ao máximo. Suas amigas tiveram sua vez; agora, era minha. — Chegaríamos a tempo de comer croissants no café da manhã e passear por *Montmartre*. Poderíamos observar as pessoas, folhear os livros na *Shakespeare and Company*, fazer compras vintage no *Marais*...

Pintei um retrato sedutor de Paris, minha expectativa já aumentando com o pensamento de uma escapadela de fim de semana. Sem olhos curiosos, sem regras inquebráveis. Só nós, curtindo a cidade juntos.

A expressão de Isabella vacilou por uma fração de segundo antes de se consolidar com a recusa. — Tentador, mas quero outra coisa. Algo mais normal.

— Como uma apresentação privada no *Lincoln Center*? — Isso era ainda mais fácil do que voar para a Europa.

— Não. — Os olhos de Isabella brilharam com malícia, e foi aí que eu soube, sem sombra de dúvida, que havia cometido um erro terrível. — Quero ir para *Coney Island*.

Isabella

Localizada no extremo sul do *Brooklyn*, entre *SeaGate* e *Brighton Beach*, *Coney Island* era conhecida por seu parque de diversões, praias e calçadão. Durante o verão, fervilhava de gente, mas no inverno os passeios fechavam e a área se transformava em uma cidade fantasma.

Foi isso que o tornou o local perfeito para um encontro, digamos, um casal que estava tentando ficar fora do radar.

— O que acha? — Disse. — Isso não é divertido?

— *Diversão* não é a primeira palavra que me veio à mente — Kai disse secamente. Estava vestido como uma pessoa normal hoje em um suéter e jeans. Sim, o suéter era de caxemira, e sim, o jeans provavelmente custava mais do que o aluguel mensal de uma pessoa comum, mas pelo menos abandonou o terno e a gravata.

Tão sexy quanto parecia em trajes de negócios, ficava ainda melhor em roupas casuais.

— Ah, vamos — disse. — A praia é uma merda no inverno, mas os cachorros-quentes eram bons, certo?

— Poderíamos ter comprado cachorro-quente na cidade, amor.

— Não é o mesmo. Os cachorros-quentes de *Coney Island* são diferentes.

Kai respondeu com um olhar meio divertido e meio exasperado.

Estávamos andando pelo calçadão, o parque de diversões de um lado e o Oceano Atlântico do outro. Não estava tão frio hoje em comparação com as semanas anteriores, mas não protestei quando passou um braço em volta dos meus ombros e me puxou para mais perto. O calor irradiava pelo meu corpo. Mordi o lábio, tentando e falhando em conter um sorriso cafona.

Paris parecia um sonho, mas era isso que eu queria. Um encontro legal e normal onde poderíamos ser um casal legal e normal. Por mais que adorasse uma boa aventura, achava que a normalidade era altamente subestimada.

— Obrigada por vir aqui comigo. — Disse. — Sei que não é a Europa, mas achei que um passeio mais casual seria legal. Foram semanas agitadas.

O rosto de Kai suavizou. — Quando eu disse *qualquer coisa*, quis dizer isso. Isso inclui visitar *Coney Island*. — Sua boca se contorceu com uma pequena careta.

Uma risada explodiu entre meus lábios. — Não seja esnobe. Parece que estou fazendo você nadar no Atlântico no auge do inverno.

— Primeiro, sou um excelente nadador mesmo em temperaturas extremas. Dois, não sou esnobe. Simplesmente tenho um gosto apurado.

— Se por exigente, quer dizer *chato*, então está correto.

Nossas brincadeiras continuaram no Aquário de Nova York, onde me diverti demais com os “tanques de toque” interativos. Depois de muito implorar e persuadir, convenci Kai a mergulhar as mãos na água e tocar a vida marinha.

— Tem medo de peixe? — Perguntei, suprimindo outra risada por sua expressão cautelosa.

— Não, não tenho *medo* de peixe, mas a textura deles... — parou quando viu meu sorriso largo. — Você é uma ameaça.

— Talvez, mas também sou a aniversariante, então vale o que digo. Agora, o que acha dos polvos?

Nas quatro horas seguintes, arrastei Kai por *Coney Island*. Depois do aquário, fomos patinar no gelo e bebemos cervejas demais em uma cervejaria local. Ele não era o tipo de cara do *Brooklyn* ou da cerveja, mas tirando o incidente do peixe, não reclamou nenhuma vez. Quando terminamos o dia com fatias gigantes de uma pizzeria conhecida, quase parecia estar se divertindo.

— Admita — disse com a boca cheia de queijo e calabresa. — Você se divertiu.

— Por sua causa. — Kai pegou um pepperoni de sua fatia e colocou na minha. Ele odiava a cobertura e eu adorava, o que significava que éramos parceiros de pizza feitos no céu. — Não por causa deste lugar.

Borboletas mergulharam no meu estômago. Como ele conseguia dizer a coisa perfeita todas as vezes sem nem tentar?

Essa era uma das coisas que mais amava nele. Ele era atencioso e carinhoso porque era quem ele *era*. Não havia segundas intenções.

— Então, qual é a classificação deste aniversário em comparação com os outros? — Perguntou depois que terminamos nossa comida e começamos a andar novamente. O sol estava baixo no horizonte e queríamos sair antes do pôr do sol.

— Muito alto. Na verdade... — parei no calçadão e me virei para colocar meus braços em volta do seu pescoço. Fiquei na ponta dos pés e dei-lhe um beijo suave. — Foi perfeito. Obrigada.

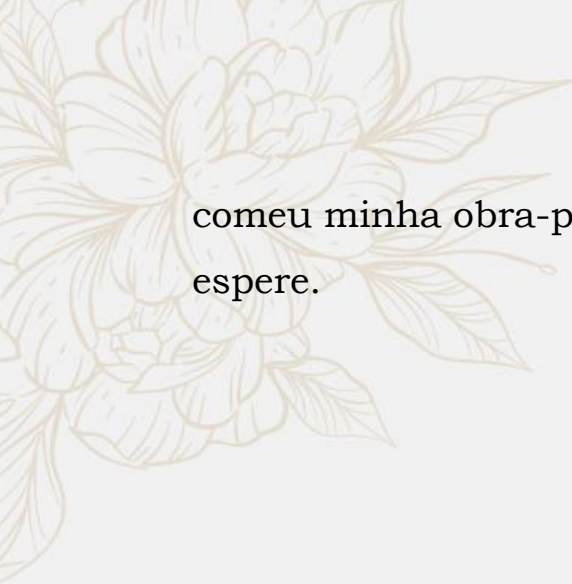
— De nada. — Sua boca roçou a minha. — Feliz aniversário, amor.

Ele havia me presenteado com um lindo colar de ouro e ametista antes, mas seu melhor presente foi me acompanhar e passar um tempo aqui comigo. Um calor inabalável se instalou em meus ossos. Não importava que fosse inverno ou que meu rosto estivesse ferido pelo vento. Teria flutuado em uma nuvem de felicidade ensolarada se Kai não estivesse segurando minha mão.

— A primeira parte do meu desejo de aniversário se tornou realidade — disse quando retomamos nossa caminhada. — Vamos ver a segunda parte. — Infelizmente, não era algo que o dinheiro pudesse comprar.

Kai me deu um olhar interrogativo. — Qual é a segunda parte?

— Fazer *buko pandan* tão bom quanto minha mãe no Natal. Venho tentando há anos. — Eu me imaginei vagando pela cozinha com um avental adorável e a expressão maravilhada de Kai quando



comeu minha obra-prima de sobremesa. — Vai acontecer. Apenas espere.



CAPÍTULO 24

Kai

Isabella não fez, de fato, *buko pandan* tão bom quanto sua mãe.

Nunca havia provado a famosa receita da matriarca Valencia, mas uma mordida na sobremesa fria me disse tudo o que eu precisava saber.

— Não entendo. — Isabella olhou para a iguaria com consternação. — Poderia jurar que acertei a proporção dos ingredientes desta vez! Como minha mãe faz isso?

Ela se jogou no banquinho da cozinha em uma penugem de lã com estampa de rena e desespero. Parecia tão adorável que não pude reprimir um sorriso, apesar da delicadeza da situação.

— Receio que existam certos superpoderes que só as mães têm. — Acrescentei uma pilha extra de marshmallows a uma caneca fumegante de chocolate quente e a empurrei para ela. — Cozinhar receitas tradicionais é uma delas.

Isabella tomou um gole melancólico da bebida açucarada. — Isso é ruim?

Sim. Estava bastante certo de que o prato geralmente doce não deveria ser tão... salgado, mas enquanto operava com base no

princípio geral da honestidade, cavalos selvagens não conseguiam arrancar essa verdade particular de mim.

— É perfeitamente comestível. — Misturei leite no meu chá e rezei para que ela não me pedisse para elaborar ou, Deus me livre, dar outra mordida. — No entanto, é Natal. Deveríamos estar aproveitando o dia em vez de, ah, cozinhar. Por que não peço comida em vez disso?

Ela concordou com um suspiro. — Isso provavelmente é uma boa ideia.

Escondi meu alívio e fiz o pedido no meu telefone.

Deveríamos lidar com as receitas de Natal da sua mãe ontem à noite, mas ficamos... distraídos depois que ela apareceu na minha porta usando um vestido vermelho. Certo, o vestido era modesto para os padrões de Isabella, mas não importava. Poderia usar um saco de batata e a visão ainda me atingiria no estômago. Foi bastante preocupante. Estava pensando em financiar pesquisas sobre seu impacto desconcertante sobre mim durante minha próxima rodada de doações científicas.

Migramos da cozinha para a sala de jantar, que minha governanta havia decorado com uma enorme árvore de Natal depois do Dia de Ação de Graças. Esculturas de renas de mármore branco, elegantes coroas de ouro e uma fileira de meias de veludo cor de neve adicionavam à atmosfera festiva.

— Isto é tão bonito. — Isabella passou as mãos sobre as meias.
— Se eu fosse você, nunca as tiraria.

O calor acendeu no meu estômago. Pedi a mesma decoração todos os anos. Mudá-lo anualmente era uma perda de tempo e eficiência, e nunca pensei muito sobre isso, mas vê-los através dos olhos dela me fez apreciar um pouco mais os detalhes.

— Poderia mantê-los — disse. — Mas então não haveria decoração de outono, decoração de Halloween, decoração de Ano Novo Lunar...

— Bom ponto. — Deixou cair a mão com outro suspiro. — Odeio como continua fazendo isso.

Nossa comida chegou com uma velocidade surpreendente e, após algum debate sobre Netflix versus jogos de tabuleiro, nos acomodamos em rodadas cada vez mais competitivas de *Scrabble* com panquecas de canela, rosquinhas de champanhe, ovos Benedict e batata-doce.

— *Viscacha*²⁶? Está brincando? — Isabella bateu com a palma da mão no tabuleiro quando ganhei o terceiro round consecutivo. — Como *vem* com essas palavras?

— Você inventou *quetzals*²⁷ na última rodada — apontei.

— Um, visitei a Guatemala na faculdade e dois, ainda assim perdi. — Estreitou os olhos. — Está trapaceando?

— Não preciso trapacear — disse, ofendido. — Trapacear é para os intelectualmente preguiçosos e desonestos.

A Isabella chegou perto de me vencer algumas vezes, mas terminamos com um placar final de cinco a zero. Quase a deixei

²⁶-Designação comum aos pequenos roedores sul-americanos, pertencente à família das chinchilas.

²⁷-Unidade monetária da Guatemala.

vencer no final, mas ela não aceitaria bem uma perda lamentável de minha parte. Além disso, a ideia de desistir voluntariamente de uma vitória coagulava como bile em meu estômago. Além de sua explosão de *viscacha*, aceitou o resultado com calma.

— Tenho uma coisa para você — disse depois que terminamos de comer e guardamos o tabuleiro de *Scrabble*. — Sei que não falamos nada sobre presentes, mas vi isso e não resisti.

Enfiou a mão na bolsa e me entregou um pacote embrulhado em papel pardo. Dizia *Para Kai. Feliz Natal!!* em sua assinatura cursiva maluca. Corações vermelhos pontilhavam os *i* e combinavam com o laço vermelho.

Uma pontada perfurou meu estômago ao ver os corações desenhados à mão. Desembrulhei o presente metodicamente, tomando muito cuidado para não rasgar o papel ou o laço. O embrulho caiu, revelando um livro diferente de qualquer outro que havia encontrado antes.

Olhei para a capa, confusa demais para formar uma resposta coerente. — É isto...

— Uma cópia assinada de *A Raptor Ripped My Bodice*, o último dino erótico de Wilma Pebbles — Isabella confirmou. — É uma mercadoria quente, já que Wilma vende apenas um pequeno número de livros autografados a cada ano. Eu literalmente tinha três telas ao mesmo tempo para poder pegar uma antes que esgotassem. Parabéns. — Suas covinhas se aprofundaram. — Sua coleção literária agora está completa. Além disso, tem algo novo para traduzir quando o conselho te irritar. Aposto que será mais relaxante do que traduzir Hemingway.

Se os corações quebraram a parede externa de minhas defesas, o presente - e sua explicação - a demoliram além do reparo.

Recebi incontáveis presentes em minha vida. Um Audi customizado no meu aniversário de dezesseis anos; um relógio *Vacheron Constantin* de edição limitada quando fui aceito em Oxford; uma cobertura no topo do *Peak* em Hong Kong quando me formei em Cambridge com meu mestrado. Nenhum deles me tocou tanto quanto um frágil livro erótico de velociraptor.

— Obrigado — disse, tentando entender o estranho aperto no meu peito. Esperava sinceramente não estar no começo de um ataque cardíaco. Isso arruinaria o Natal para sempre para todas as partes envolvidas.

— Espere, isso não é tudo. — Isabella puxou um envelope pardo de sua bolsa.

— O raptor tem um irmão que também gosta de um bom corte de corpete? — Provoquei.

— Há, ha. Na verdade, *tem*, mas não está pronto para as dobras desse *livro*. Não. Este é, hum, meu manuscrito até agora. — Isabella me entregou o envelope com uma expressão visivelmente nervosa. — Não tenho certeza se conta como um presente, pois não posso garantir que seja bom, mas se quiser ler, então aqui está. Apenas prometa que não lerá até *que* eu vá embora.

Esqueça o que eu disse sobre o livro. Isabella confiar em mim com seu trabalho em andamento foi...

Foda-se. Engoli em seco após a pressão rastejante na minha garganta.

— Prometo. — Enfie o envelope embaixo de Wilma Pebbles e peguei uma caixa debaixo da árvore. A maioria dos presentes era para exibição; apenas dois foram exceções. — Nessa nota, também tenho uma surpresa para você. Parece que estávamos na mesma página sobre presentes.

O rosto de Isabella se iluminou. — *Adoro* surpresas. — Pegou a caixa e a balançou suavemente. Seguiu-se um som de chocalho. — O que é? Sapato? Um novo laptop?

Rio. — Abra e descubra.

Isabella não teve meu problema em preservar o papel de embrulho. Rasgou a folha metálica sem hesitar, revelando uma simples caixa preta. Uma onda desconhecida de ansiedade passou por mim quando ela removeu a tampa e ficou totalmente imóvel.

— Oh meu Deus — suspirou. — Kai...

Dentro da caixa, aninhada em uma cama de papel de seda, estava uma máquina de escrever vintage dos anos 1960. O fabricante faliu décadas atrás e havia menos de uma dúzia de seus produtos ainda circulando em leilões e antiquários. Paguei o resgate de um rei para renová-lo e restaurá-lo antes do Natal, mas valeu a pena.

— Você disse que continua apagando o que escreve, então pensei que isso ajudaria. — Bati na lateral da caixa. — Sem opção de exclusão em uma máquina de escrever.

— É lindo. — Isabella passou os dedos pelas teclas, os olhos com um brilho suspeito. — Mas não posso aceitar isso. É muito. Comprei *erótica de dinossauros para você*, pelo amor de Deus. Isso não é de forma alguma um comércio igual.

— Não é uma troca. É um presente.

— Mas...

— É rude recusar um presente de um anfitrião em sua própria casa — disse. — Posso lhe mostrar a página de referência exata em meu manual de etiqueta se não acreditar em mim.

— Realmente tem... quer saber? Não quero saber. — Balançou a cabeça. — Acredito em você. — Ela se inclinou e me beijou, o rosto suave de emoção. — Obrigada.

— De nada. — Segurei seu rosto com uma mão e aprofundei o beijo, tentando ignorar os pensamentos inapropriados rastejando pelo meu cérebro. Como o quão natural era acordar ao seu lado ou como isso era o mais em paz que sentia em meses, ou como poderia passar todos os natais com ela, só nós dois, e ser feliz.

Eram pensamentos que não devia entreter. Não quando não podia prometer nada além do que tínhamos no momento.

Meu estômago revirou. Afastei a bolha de desconforto e me inclinei para trás. — Antes que me esqueça, tem mais uma coisa. — Acenei para a caixa. — Verifique os lados.

Depois de algum farfalhar, Isabella recuperou uma caixa menor e mais fina. Era aproximadamente do tamanho de um Kindle, mas duas vezes mais grosso devido ao teclado conectado.

— É uma máquina de escrever digital — expliquei. — Muito mais fácil de viajar.

— Por que não estou surpresa que tenha pensado em tudo? — Brincou. Ela apertou minha mão, seu rosto se suavizando. — Obrigada novamente. Esses são os melhores presentes que já recebi, exceto talvez pela pintura de Monty.

— Compreensível. É difícil superar um retrato a óleo de um aristocrata serpentino do século XIX.

— Exatamente.

Nossos olhares se encontraram e demoraram. Mil palavras não ditas se amontoaram no pequeno espaço entre nós antes de desviarmos o olhar ao mesmo tempo.

Fizemos sexo várias vezes nas últimas vinte e quatro horas, mas foram os pequenos momentos que pareciam mais dolorosamente íntimos.

Um coração desenhado à mão. Um simples obrigado.

Uma sensação intangível e penetrante de que era aqui que deveríamos estar.

— Vamos assistir a um filme — Isabella disse, quebrando a tensão. — Não é realmente Natal sem uma maratona de filmes natalinos.

— Você escolhe. — Dei um beijo suave em sua testa e me levantei, tentando aliviar o retorno da pressão em meus pulmões. — Vou fazer pipoca, mas *nada* de filmes com a realeza. — Depois da cobertura jornalística implacável da história de amor de conto

de fadas da Rainha Bridget e do Príncipe Rhys de Eldorra nos últimos anos, estava totalmente fora da realeza.

— Mas isso é quase todos eles! — Isabella protestou. — Não me dê esse olhar... ugh, tudo bem. Espero que não tenha nada contra os padeiros, ou estamos *realmente* sem sorte.

Um sorriso surgiu em meus lábios quando entrei na cozinha e liguei a pipoqueira. Era mais fácil respirar quando não estava perto dela. Deveria ter sido um alívio, mas o fluxo de oxigênio era quase desconcertante. Tinha acabado de colocar a pipoca em uma tigela quando meu telefone tocou.

Número desconhecido.

Eu teria ignorado isso como operador de telemarketing, mas paguei uma quantia exorbitante para bloquear efetivamente as chamadas não solicitadas e ninguém tinha meu número de celular pessoal, exceto alguns poucos amigos, familiares e colegas de trabalho.

— Alô?

— Feliz Natal, Young.

Minha espinha enrijeceu de surpresa com o sotaque suave e característico de Christian Harper. Não me preocupei em perguntar como conseguiu meu número. Tinha um talento especial para descobrir informações privadas, e era por isso que Dante usava tanto seus serviços.

— Feliz Natal — disse, friamente educado. — A que devo o prazer?

— Só queria ver se já teve a chance de abrir meu presente. Acredito que um mensageiro entregou ontem.

Minha mente voltou para o mensageiro magro de cabelos escuros e a pequena caixa que me entregou. Pretendia abri-lo ontem, mas Isabella chegou logo depois.

Não tinha pensado muito sobre isso desde que presentes semelhantes chegavam todos os anos, mas agora, um fio de desconforto deslizou pela minha espinha.

— O que é?

— Abra e descubra — disse em um estranho espelho do que disse a Isabella antes.

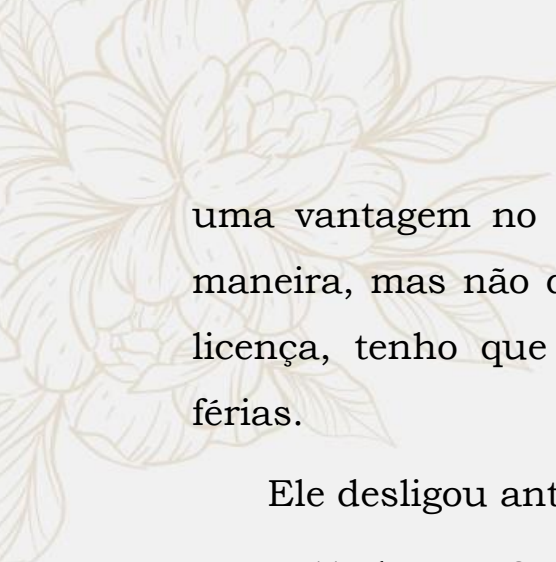
Permaneci em silêncio. O dia em que abri um pacote não solicitado de Christian Harper foi o dia em que caminhei pela Times Square nu por minha própria vontade.

Christian suspirou, conseguindo infundir o som com partes iguais de tédio e diversão. — É um presente de um amigo em comum. Um pequeno chip com tudo o que precisa para garantir sua posição como um dos CEOs mais jovens da *Fortune 500* no final de janeiro. De nada.

A implicação me atingiu como uma caixa de tijolos. — Chantagem — disse categoricamente.

Eu *mataria* Dante. Era o único amigo em comum que faria algo assim. Ele tinha boas intenções, mas seus métodos eram, na melhor das hipóteses, questionáveis.

— Garantias — Christian corrigiu. — Dante disse que seria moralmente puro demais para usá-lo, mas nunca é demais ter



uma vantagem no bolso de trás. Não me importo de qualquer maneira, mas não diga que nunca te dei nada. Agora, se me dá licença, tenho que voltar para minha namorada. Aproveite as férias.

Ele desligou antes que eu pudesse responder.

— Tudo certo? — Isabella perguntou quando voltei para a sala com nossos lanches. — Isso levou muito tempo.

— Sim. — Eu me acomodei ao seu lado e bani a chamada de Christian para o fundo da minha mente. Não importava que ele tivesse enviado o equivalente a uma bomba nuclear de informação; nunca iria usá-lo. — Está tudo bem.

CAPÍTULO 25

Isabella

— Se você digitar mais rápido, torcerá o pulso — disse Sloane sem tirar os olhos do computador. — Desacelere.

— Não posso desacelerar. Tenho menos de um mês para terminar este livro e só tenho... — verifiquei minha contagem de palavras — ...quarenta e duas mil, seiscentas e quatro palavras, várias centenas das quais são espaços reservados.

Era a semana após o Ano Novo. As pessoas estavam de volta das férias, e o café do *Upper West Side* onde Sloane e eu montamos acampamento fervilhava de atividade. Ela tinha uma reunião com um cliente nas proximidades em uma hora e eu precisava de um lugar barulhento onde pudesse me concentrar.

Normalmente, usava o escritório de Vivian como meu espaço de escrita enquanto ela fazia o trabalho administrativo, mas era um dia de folga para ela. Então aqui estava eu, minha bunda plantada em um banquinho de madeira, meu coração acelerado e minhas mãos trêmulas por causa de quatro xícaras de café expresso enquanto tentava colocar meu manuscrito em forma.

As férias tinham sido um sonho. Comi, dormi e flutuei pela cidade com Kai ao meu lado e sem me importar com o mundo, mas

agora que haviam acabado e Manhattan havia retomado sua energia frenética e raivosa, a absoluta impossibilidade de minha tarefa pairava diante de mim como o Monte Everest. Quarenta mil palavras em três semanas. *Deus*, por que não fui mais disciplinada sobre minha escrita antes?

Porque estava distraída. Porque sempre foge das coisas difíceis.

Porque é fácil continuar empurrando as coisas difíceis para amanhã até que não haja mais amanhã.

Pânico e autoaversão formaram um nó apertado na minha garganta.

Na minha frente, Sloane batia, seu rosto uma máscara de fria eficiência. Tínhamos mais ou menos a mesma idade e ela era dona de seu próprio negócio super bem-sucedido. Vivian também. Como é que elas tinham suas merdas juntas e eu não? Qual era o segredo delas?

Eu tinha um salário fixo e um estilo de vida decente, mas estava apenas sobrevivendo enquanto elas prosperavam. Não invejava o sucesso de minhas amigas; no entanto, o peso dos meus fracassos pesava demais em meu peito. *Por que não posso aparecer por mim mesmo onde realmente importa?*

— Como estão as coisas com Xavier? — Perguntei. Precisava de uma distração ou cairia em um deserto de produtividade. Nada bloqueou mais minha criatividade do que a insegurança crescente. — Ele ainda está vivo, ou o assassinou e escondeu o eu corpo no porta-malas do seu carro?

— Vivo por enquanto, mas me pergunte novamente em vinte e quatro horas — Sloane murmurou. — Estou a uma piada irreverente de cortá-lo em pedaços com uma faca de açougueiro. Será uma publicidade ruim para mim, mas posso girá-lo. Ele é insuportável.

A loira vestindo Lululemon ao nosso lado olhou para cima e lentamente avançou em direção ao outro lado da longa mesa comunal.

— Por que o contratou como seu cliente se o odeia tanto? — Sloane vinha reclamando dele desde o dia em que foi buscá-lo no aeroporto. Achei que já teriam aprendido a se dar bem, mas a irritação dela parecia aumentar a cada dia.

— Favor a seu pai. — Seu tom curto não convidava a mais investigações. — Não se preocupe. Posso lidar com Xavier Castillo. Seu sorriso estúpido, covinhas e presentes engraçados *não vão...* — apontou para o teclado — ...me impedir de cumprir meus deveres.

Minhas sobrancelhas dispararam. Nunca, em todos os anos que a conheço, vi Sloane tão exaltada.

— Claro que não. — Parei. — Quais são seus deveres de novo?

— *Ser uma profissional...* — respirou fundo, prendeu e soltou antes de passar a mão pelo coque perfeito. Sua voz se nivelou. — Reparando, cultivando e mantendo sua reputação como um membro *valioso* da sociedade, não um playboy perdulário com zero objetivos ou ambição.

— Bem, se alguém pode fazer isso, é você — disse alegremente, ignorando sabiamente a realidade de que Xavier era, na verdade, um playboy perdulário sem aspirações discerníveis. — Eu tenho fé em você.

— Obrigada.

Sloane e eu caímos em silêncio novamente. Não tinha certeza se minhas palavras eram boas, mas continuei digitando.

Kai não disse nada sobre os capítulos que dei a ele no Natal, o que não ajudou em nada minha ansiedade. Já os tinha lido? Se sim, por que não mencionou isso? Eram *tão* ruins? Se não, por que não? Talvez não estivesse realmente interessado em lê-los. Talvez o tenha colocado em uma posição embaraçosa ao impingir a ele um manuscrito incompleto e não editado. Devo perguntar a ele sobre isso, ou isso tornaria as coisas ainda mais estranhas?

— É... Hum. — Havia uma nota estranha na voz de Sloane.

— Hum?

Ugh, deveria ter parado com a erótica dos dinossauros. O que estava pensando?

— Já olhou as notícias?

— Não por que? Asher Donovan bateu em outro carro? — Perguntei distraidamente.

Nenhuma resposta. Olhei para cima. Uma sensação fria rastejou pela minha espinha com a expressão neutra de Sloane. Só usava aquele olhar quando algo estava muito, muito errado. Ela silenciosamente virou seu laptop para que eu pudesse ver sua tela.

O distintivo texto vermelho e preto do *National Star* apareceu em seu site. Manchetes sensacionalistas e fotos nada lisonjeiras de celebridades dominavam a página, o que não era incomum. O tabloide *trashy* era famoso por...

Espere.

Meus olhos se depararam com um vestido familiar. Mangas compridas, caxemira verde-esmeralda, uma bainha que roçava o topo das minhas coxas. Um roubo de quinze dólares das profundezas do porão da boutique Looking Glass. Eu o usei em um encontro com Kai duas semanas atrás.

Meu estômago revirou.

Não eram fotos de celebridades. Eram fotos nossas. Kai e eu em *Coney Island*. Nós passeando pelo Jardim Botânico de Nova York, nossas cabeças inclinadas para rir. Ele me alimentando com uma torta de nata em um restaurante Dim Sum no Queens. Eu saindo de seu prédio de apartamentos, parecendo completamente desarrumada e levemente culpada. Dezenas de fotos capturando alguns dos nossos momentos mais íntimos. Pensávamos que ninguém que conhecíamos estaria em lugares tão afastados, mas obviamente estávamos errados.

Minha pele ficou quente e fria. O muffin que comi no café da manhã ameaçou subir pela minha garganta e estragar o MacBook impecável de Sloane.

Estou tão morta.

Assim que o clube visse isso, acabou. Eu perderia meu emprego e provavelmente entraria na lista negra de trabalhar em

qualquer bar em um raio de oitenta quilômetros. Pior ainda, se os repórteres investigassem, descobririam...

— Respire. — A voz nítida de Sloane cortou minha névoa de pânico. Fechou o laptop e empurrou um copo de água na minha mão. — Beba isso. Conte até dez. Ficaré tudo bem.

— Mas...

— Faça isso.

Em termos de conforto e calor, ela não era a melhor. *Era*, no entanto, excelente no gerenciamento de crises. No momento em que bebi a água, já havia digitado um plano de bala de dez pontos para desarmar a bomba.

Primeiro passo: desacreditar a fonte.

— É o *National Star*, que ajuda — disse. — Ninguém leva esse trapo a sério. Mesmo assim, será bom...

— Não está brava? — Interrompi. O líquido espirrou no meu estômago, me deixando enjoada. — Sobre eu manter a coisa Kai em segredo de você e Viv?

Sloane revirou os olhos. — Isa, por favor. Qualquer pessoa com um cérebro funcionando pode ver que ambos têm tesão um pelo outro. Só estou surpresa por ter demorado tanto para fazer algo a respeito. Além disso, entendo porque não nos contou. É uma situação delicada, dado o seu trabalho. Isso me leva ao meu segundo ponto. Valhalla irá...

Ela foi interrompida novamente, desta vez pelo zumbido do meu telefone.

Parker. Falando no diabo.

Meu estômago caiu ainda mais. — Segure esse pensamento.
— Inspirei uma lufada de ar e me preparei. — Alô?

Então. Morta.

— Isabella. — A voz da minha supervisora soou na linha como cubos de gelo pontiagudos. Não havia um traço de seu calor habitual. — Por favor, reporte-se a Valhalla o mais rápido possível. Precisamos conversar.



Meia hora depois, entrei no escritório executivo do *Valhalla Club* com uma pilha de blocos de concreto no estômago.

Reservado para o atual chefe do comitê administrativo, que alternava entre os membros efetivos a cada três anos, o escritório com painéis de mogno parecia um cruzamento entre uma biblioteca georgiana e uma catedral. Uma enorme escrivaninha escura dominava o outro lado da sala.

Vuk Markovic estava sentado atrás dela com a postura rígida de um general descontente inspecionando suas tropas. Deve ser o atual chefe do comitê. Não prestava atenção à política do clube, então nem sabia quem eram os membros do comitê além de Kai e Dante – ambos, notei com um sobressalto, estavam sentados em frente à mesa de Vuk. Ocuparam as cadeiras à direita; Parker estava sentada à esquerda, com o rosto tenso.

Todos os olhares se voltaram para mim quando entrei.

Autoconsciência formigou minha pele. Evitei o olhar de Kai enquanto me aproximava, com medo de que qualquer contato visual desencadeasse a pressão que crescia em meu peito.

— Isabella. — Parker acenou com a cabeça para a cadeira ao seu lado. — Sente-se. — Ela era a pessoa de classificação mais baixa na sala, mas iniciou a reunião indo direto ao ponto. — Sabe por que está aqui?

Coloquei minhas mãos sob minhas coxas e engoli um pedaço de pavor. Não adiantava bancar o idiota. — Por causa das fotos no *National Star*.

Parker olhou para Vuk. Aqueles olhos pálidos e misteriosos me observavam com um foco enervante, mas não disse uma palavra.

— O clube tem uma regra estrita de não confraternização entre membros e funcionários — disse Parker quando não se manifestou. — Está claro no seu contrato de trabalho, que assinou ao ser contratada. Qualquer violação da referida regra...

— Não estávamos confraternizando. — A voz uniforme de Kai cortou o resto de sua frase. — Isabella e eu temos amigos em comum. Vemo-nos com frequência fora do clube. Dante pode atestar isso.

Minha cabeça virou, espontaneamente, em sua direção. Mantive sua atenção em Parker, mas praticamente podia *sentir* as gavinhas de conforto envolvendo-me. Um nó confuso de emoção se enroscou na minha garganta.

— É verdade. — Dante parecia entediado. — Kai e eu somos amigos. Isabella e minha esposa são melhores amigas. Faça as contas.

Não tinha certeza por que ele estava aqui. Kai, pude entender, já que isso também o envolvia. Talvez Dante fosse uma testemunha de caráter? Nós tecnicamente não estávamos em julgamento, embora sentisse que estávamos.

De qualquer forma, fiquei grata por seu apoio, mesmo quando a culpa se infiltrou em minhas entranhas. Kai e eu quebramos as regras intencionalmente, e agora outras pessoas estavam sendo arrastadas para isso.

Parker fez uma pausa, claramente tentando descobrir como responder sem ser tomada por idiota – as fotos revelavam muito mais intimidade do que entre conhecidos casuais – ou irritar seus empregadores.

— Com todo o respeito, Sr. Young, você e Isabella estavam sozinhos naquelas fotos — disse cuidadosamente. — Foram flagrados de mãos dadas...

— Eu estava simplesmente guiando-a por um terreno acidentado — disse Kai, seu tom de voz tão suave e confiante que quase escondia o absurdo de sua desculpa. — Encontramo-nos várias vezes durante as férias para planejar uma festa surpresa para o aniversário de Vivian.

— Estava planejando uma festa surpresa para *Vivian Russo* em *Coney Island*? — Parker perguntou em dúvida.

Uma pausa curta, mas significativa, saturou a sala.

— Ela gosta de rodas-gigantes — disse Dante.

Outra pausa mais longa. Parker olhou para Vuk novamente em um óbvio pedido de ajuda. Ele não respondeu. Agora que pensei sobre isso, nunca ouvi o homem pronunciar uma única palavra.

Não escapou da minha percepção que eu era a única na berlinda, embora Kai e eu estivéssemos *errados*, mas ele era um VIP rico e poderoso e eu não. A diferença de tratamento era esperada, embora não necessariamente justa.

— As fotos não prova que quebramos a regra de não confraternização — disse Kai. — É o *National Star*, não o *New York Times*. A última edição afirmava que o governo está colhendo ovos alienígenas em Nebraska. Não têm credibilidade.

A boca de Parker se apertou.

Minha culpa se transformou em lama. Gostava da minha supervisora. Ela sempre foi boa para mim e manteve meu segredo todo esse tempo. Odiava colocá-la em uma posição tão difícil.

— Entendo, senhor — disse. — Mas simplesmente não podemos deixar o assunto sem solução. Os outros membros...

— Deixe-me preocupar com os outros membros — disse Kai. — Vou...

— Não. Ela está certa. — Minha interrupção silenciosa interrompeu a discussão deles. Meu coração batia com incerteza, mas segui em frente antes que perdesse a coragem. — Conhecia as regras, e os detalhes não importam. O que importa é como parece, e não parece bom, para nós ou para o clube...

Kai olhou para mim. *O que está fazendo?*

A mensagem silenciosa ecoou alto e claro na minha cabeça. Ignorei, embora uma dor quente torcesse meu coração com o quão inflexivelmente ele estava tentando me defender. Não mentiu, mas mentiu. Para mim.

— O que estou tentando dizer é que sei o que fiz — falei, concentrando-me em Parker. *É apenas um trabalho.* Poderia pegar outro. Provavelmente não teria os mesmos benefícios, horas e pagamento, mas sobreviveria. E se Gabriel me desse merda por mudar de empregador de novo... bem, cruzaria essa ponte quando chegasse a hora. — E estou disposta a aceitar as consequências.

Houve um tempo em que ficaria feliz em deixar os outros lutarem minhas batalhas por mim, mas era hora de assumir a responsabilidade por minhas ações.

O olhar de Kai queimou um buraco na minha bochecha. Ao lado dele, Dante se endireitou, revelando uma centelha de intriga pela primeira vez desde que entrei na sala. Sua presença era claramente por lealdade a Kai e não por nenhum interesse particular em meu futuro em *Valhalla*.

Parker suspirou, o som misturado com arrependimento. Eu era uma de suas melhores funcionárias, mas era uma defensora das regras. Como minha gerente, ela levou a culpa pelas minhas merdas.

Ela olhou para Vuk em busca de confirmação. Seu queixo caiu, e embora estivesse esperando por isso, *pedindo* por isso, suas próximas palavras ainda abriram um buraco no meu estômago.

— Isabella, está demitida.



CAPÍTULO 26

Kai

Não segui Isabella depois que ela saiu. O instinto gritou comigo para confortá-la, mas a razão parou minha mão. Havia muitos olhos em nós agora; não queria arriscar arrastá-la ainda mais nessa confusão.

Além disso, tinha cerca de cem outras pessoas para aplacar antes de poder me concentrar em minha vida pessoal.

Repórteres, membros do conselho, executivos da empresa, amigos e família... meu telefone estava tocando sem parar desde que as fotos explodiram na internet naquela manhã. Não era uma estrela de cinema ou do rock, mas ainda havia muita gente interessada na vida dos ricos e escandalosos. Pontos de bônus se o escândalo afetou o futuro de uma das maiores e mais famosas corporações do mundo.

— O que estava pensando? — A fúria de minha mãe rugiu através da linha, sem se deixar abater pelos milhares de quilômetros que separam Nova York e Londres. — Entende o que fez? Estamos a semanas da votação. Isso pode destruir *tudo*.

Uma enxaqueca rastejou sobre meu crânio e apertou. Olhei pela janela da sala de conferências de *Valhalla*, meu estômago revirando com um coquetel de emoções.

Não tinha dúvidas de que Victor Black estava por trás dessa bagunça. O *National Star* era a sua publicação, e o bastardo era mesquinho e vingativo o suficiente para enviar alguém para me seguir depois que machuquei seu ego.

— São fotos inocentes — disse. — E é a *National Star*. Ninguém leva o *Star* a sério.

Foi a mesma desculpa que usei antes. Infelizmente, minha mãe não era tão facilmente influenciável quanto Parker.

— *Inocentes* seriam fotos suas lendo para crianças no Dia Mundial do Livro, não passeando por Nova York com aquela *mulher* — minha mãe disse friamente. — Uma bartender? Sério, Kai? Arrumei você com alguém como Clarissa e escolheu uma garimpeira comum? Ela tem cabelo roxo, pelo amor de Deus. E *tatuagens*.

A raiva perseguiu minha vergonha, incinerando-a em uma explosão de fogo. — Não fale sobre ela assim — disse, minha voz letalmente baixa.

Minha mãe ficou em silêncio por um momento. — Não me diga que se *apaixonou* por ela. — Uma pitada de escárnio manchou suas palavras.

Claro que não.

A negação estava na ponta da minha língua, mas não importava o quanto pressionasse, não cedia. Eu gostava da

Isabella. Gostava dela mais do que qualquer pessoa que pudesse lembrar, mas havia um vasto oceano de diferença entre *gostar* e *se apaixonar*. O primeiro era um caminho seguro e claramente marcado. O último foi um acidente abrupto e potencialmente fatal na encosta de um penhasco, e não estava pronto para dar esse salto.

Não sabia como categorizar meus sentimentos por Isabella. Tudo o que sabia era que a ideia de nunca mais vê-la parecia uma lâmina serrilhada cortando meu peito.

— Ainda podemos salvar isso. Como disse, é a *Star*. — Minha mãe mudou de sua linha original de questionamento. Não pressionou a questão de Isabella, provavelmente porque estava com medo de obter uma resposta que não gostaria. — Incline-se em sua falta de confiabilidade. Tranquelize a diretoria. E, pelo amor de Deus, pare de ver aquela mulher.

Meu aperto estrangulou meu telefone. — Não estou terminando com ela.

Os últimos meses tinham sido um show de merda. Isabella era o único ponto brilhante na minha vida agora. Removê-la, e...

Foda-se.

Afrouxei minha gravata, tentando aliviar a pressão repentina em meu peito.

— Fala sério. — Minha mãe mudou do inglês para o cantonês, um sinal claro de que estava chateada. — Está disposto a jogar seu futuro fora por causa de uma garota? Tudo pelo que trabalhou. Sua carreira, sua família, seu *legado*.

Meus dentes cerrados. — Está exagerando. São apenas fotos.
— Nem mesmo as picantes, diga-se de passagem.

Droga, deveria ter tomado mais precauções. Fui arrogante, descuidado. Tão certo que ninguém jamais perceberia.

O que eu estava pensando? *Esse é o problema. Não estava.*

Estava muito distraído com Isabella, e isso voltou para nos morder na bunda. Minha mente voltou para a nota que recebi na *Saxon Gallery*. Considerei isso uma brincadeira, mas talvez houvesse mais do que pensava inicialmente. O momento parecia terrivelmente suspeito.

Tome cuidado. Nem todo mundo é quem parece.

De quem poderiam estar falando? Victor? Clarissa? Mais alguém na galeria?

— São apenas fotos agora. — minha mãe disse, chamando minha atenção de volta para ela. — Quem sabe o que mais sairá? Basta uma faísca para começar um incêndio, e *qualquer* escândalo, por menor que seja, pode fazê-lo perder votos cruciais.

A pressão aumentou, escurecendo minha visão. Não conseguia me concentrar. Minha habitual clareza fria havia desaparecido, deixando um turbilhão de tumulto em seu rastro. Havia mil vozes na minha cabeça, clamando para derrotar os outros como passageiros abrindo caminho para um trem na hora do rush.

Fique com ela. Deixe-a.

— Eu resolvo isso.

— Só tem...

— Sei quanto tempo tenho. — Eu raramente batia na família. As crianças asiáticas simplesmente não respondiam aos pais, não importando o quão crescidas ou bem-sucedidas fossem, mas se não desligasse o telefone nos próximos cinco minutos, explodiria. — Como eu disse, consertarei isso. Em duas semanas, as fotos serão uma mera lembrança e eu serei eleito CEO.

A outra opção era horrível demais para contemplar.

Perdendo. Recebendo ordens de Tobias. Tornar-me motivo de chacota. O gosto de cinzas encheu minha boca.

— Espero que sim. — Minha mãe não reconhecia minha rara perda de paciência; havia coisas maiores em jogo. — Ou entrará para a história como o Young que perdeu o controle do império de sua família. Lembre-se disso da próxima vez que sentir vontade de correr pela cidade com sua nova namorada.



Depois que desliguei, enviei o resto das minhas ligações para o correio de voz e peguei um carro para a casa de Isabella. Fiz com que o motorista seguisse uma rota sinuosa para o caso de eu ainda estar sendo seguido, mas não importava muito se fosse. As fotos haviam feito seu estrago.

Isabella parecia notavelmente calma quando abriu a porta.

— Estou bem — disse antes que eu pudesse perguntar. Se não fosse pela vermelhidão na ponta do nariz e nos olhos, poderia ter

acreditado nela. — É apenas um trabalho. Encontrarei outro. Viu? Já comecei a procurar. — Gesticulou para o site de busca de empregos em seu computador. — Estou pensando em adicionar *fotogênica mesmo em fotos espontâneas* na seção de habilidades especiais. — Uma pequena oscilação traiu sua piada.

Não sorrio. — Isa.

— Já fui demitida antes. Não tantas vezes como desisti, mas o resultado final é o mesmo. — A aparência de um sorriso tenso em seu rosto. — O que é mais uma falha nos livros? Isso não...

— Isa.

— Não importa no grande esquema das coisas. A única merda é se Parker me colocar na lista negra com outros bares. Ela conhece todo mundo na indústria da vida noturna de Nova York. *Acho que não vai...*

— Isabella. — Abri meus braços. — Vem aqui, amor.

Ela ficou em silêncio, com os olhos vidrados. Seu peito arfava com sua divagação rápida e não se mexeu por um longo e prolongado segundo. Então seu rosto se contorceu e ela caiu em meus braços abertos com um soluço baixo que me atravessou como estilhaços. Dei um beijo no topo de sua cabeça e a segurei enquanto chorava, desejando não me sentir tão impotente.

Ninguém estava acima das regras de *Valhalla*, nem mesmo o comitê administrativo. Poderia facilmente encontrar outro emprego para ela ou pagar suas contas para que não tivesse *que* encontrar um novo emprego, mas isso não cairia bem. Ela era muito independente para aceitar a caridade de alguém. Além disso,

conhecia Isabella bem o suficiente para saber que sua demissão de *Valhalla* não era a raiz do problema aqui.

Ela confirmou menos de um minuto depois, quando levantou a cabeça, os olhos vermelhos e inchados pelas lágrimas. Uma dor abriu caminho em meu peito e apunhalou meu coração.

— Desculpe. — Soluçou. — Isso é tão estúpido. Eu totalmente não queria chorar por causa da sua camisa muito bonita e provavelmente muito cara. — Esfregou o polegar sobre o algodão manchado de rímel como se fosse magicamente apagar as marcas pretas.

— É só uma camisa. — Segurei seu pulso, acalmando-a. — E não é estúpido. Teve um... dia cansativo.

— Kai Young, o rei do eufemismo. — O sorriso aquoso de Isabella se dissolveu quase tão logo se formou. — Não é nem a parte de ser demitida que me incomoda. Quero dizer, obviamente estou chateada, mas parte de mim esperava que isso acontecesse. Só... — Sua garganta balançou com um engolir duro. — Eu me sinto um fracasso. O aniversário da minha mãe é em algumas semanas, meu livro ainda não está pronto e terei que ir para casa e contar à minha família que fui demitida. É pior porque eles têm me apoiado tanto. Bem, além de Gabriel, mas isso é outra história. Tiveram fé em mim o tempo todo, e continuo decepcionando-os.

— Não os está decepcionando. Não há limite de tempo para o sucesso, e eles são sua família — disse. — Querem que você seja feliz.

— Fico feliz quando estou com você ou com meus amigos, mas quando você sai e fico sozinha, me sinto... perdida. Como se não

soubesse onde deveria estar na vida. — A última palavra saiu como um sussurro dolorosamente vulnerável.

A dor se intensificou, rastejando em meus ossos e veias como veneno sem cura. Tinha bilhões no banco e as pessoas mais poderosas do mundo na discagem rápida, mas nunca me senti tão impotente.

— Não está sozinha — disse suavemente. — Você tem a mim.

Se fosse qualquer outra pessoa, teriam que me arrancar as palavras com um alicate, mas com Isabella, a admissão flutuou tão facilmente entre nós quanto uma lufada de ar.

Seus olhos brilharam com um brilho fresco. Uma lágrima escorreu por sua bochecha, e a limpei com meu polegar, desejando poder oferecer mais do que palavras e uma promessa. Daria qualquer coisa para vê-la feliz – verdadeiramente feliz, não apenas feliz no momento. Sem medos, sem ansiedades, apenas a liberdade de florescer em todo o seu potencial.

— Estaremos perdidos juntos. — Um sorriso afiou meus lábios. — Para sua sorte, tenho um excelente senso de direção.

— Engraçado, porque não tenho *direção*. — Sua expressão escureceu ainda mais antes de ela balançar a cabeça. A melancolia tensa recuou um centímetro. — Todo homem pensa que tem um grande senso de direção. Aposto que se recusa a pedir ajuda mesmo quando *está* perdido. — Isabella soltou uma risada. — De qualquer forma, chega de falar de mim. E você? A diretoria deve estar pirando com as fotos. Não sou exatamente uma parceira para o CEO. — A preocupação engoliu o humor fugaz em seus olhos. — Não afetará a votação, não é?

Sua pergunta agarrou meu coração e apertou. Foi ela quem foi demitida e estava preocupada *comigo*. Naquele momento, queria caçar todas as pessoas que já a fizeram se sentir um fracasso, uma decepção ou qualquer coisa menos do que perfeita *pra caralho*.

— Isso causou algumas complicações, mas não são nada que não possa lidar. — Alisei o sulco em sua testa com um beijo. — Não se preocupe comigo, amor.

— Sei que deveríamos ter sido mais cuidadosos — disse calmamente. — Mas é ruim que não me arrependa do que fizemos?

— Não. — Meus lábios traçaram a curva de sua bochecha até o canto de sua boca. — Porque eu também não.

Repassei e dissequei os últimos três meses dezenas de vezes desde que as fotos apareceram. A sala de piano, as férias, nosso primeiro “encontro” no Brooklyn e o subsequente encontro na biblioteca... eram imprudentes, sim, mas também eram os únicos raios de sol no cinza avassalador da minha vida. Não tinha notado como meu mundo estava mudo até que Isabella apareceu, cheia de vida, cor e energia, como uma rosa desabrochando no meio de um deserto árido. Não trocaria nenhum dos meus momentos com ela por toda a calma e paz do mundo.

Eu achava que abominava o caos, mas de alguma forma, em algum lugar ao longo do caminho, aprendi a amá-lo.

— O que faremos? — Isabella sussurrou. — *O Star* ainda pode ter gente nos seguindo...

— Cuidei disso. — A equipe especial que contratei imediatamente ao ver as fotos poderia descobrir um rabo mais

rápido do que um cão de caça poderia encontrar um osso. Deveria ter sido o suficiente, mas o impulso e um desejo desesperado de limpar a preocupação de seu rosto empurraram minhas próximas palavras para fora da minha boca. — Vamos embora.

Ela se assustou com minhas palavras. — O quê?

— Vamos passar o fim de semana fora. Fazer uma pausa, recarregar e reagrupar. — Quanto mais pensava nisso, mais gostava da ideia de uma retirada estratégica para algum lugar quente, longe de olhares indiscretos e das garras geladas da cidade. — Minha família possui propriedades em Turks e Caicos. Ninguém nos incomodará lá.

Isabella olhou para mim como se eu tivesse sugerido andar descalço para a Califórnia. — Não podemos simplesmente *ir embora*.

— Por que não?

— Porque! — Pela primeira vez, foi o alerta para a minha espontaneidade. — Você já está em apuros por causa das fotos. Mesmo que seu rabo não nos siga até lá, alguém pode nos ver e vender mais fotos para os tabloides.

— Não vão. Confie em mim. — Balancei a cabeça para seu computador. — Tem que terminar seu livro e encontrar um novo emprego. Tenho que apagar cem incêndios e elaborar uma nova estratégia para a votação do CEO. Podemos trabalhar juntos. Será a nossa versão de um retiro executivo.

Isabel hesitou.

— Ficaria surpresa com o quanto uma mudança de cenário pode liberar sua criatividade — disse. — Pense nisso. Prefere trabalhar em um café superlotado de Midtown ou em uma bela ilha tropical?

— Não vou a cafés em Midtown. São muito deprimentes. — Estava cedendo. Eu podia ver isso em seus olhos. — Tem certeza de que ninguém nos verá?

— Absoluta.

— Deus, que dia foda. — Balançou a cabeça, uma gargalhada histérica escapando de sua garganta. — Acordei, fui demitida e agora estou pensando em fugir para Turks e Caicos.

— Para ser justo, não há melhor momento para fugir do que depois de ser demitido — disse. — Dias de férias ilimitados.

Minha boca se curvou quando soltou outra risada pequena, mas genuína. Minha vida profissional poderia estar em chamas, mas a visão do sorriso de Isabella tinha uma maneira de endireitar meu mundo, mesmo que apenas por um tempo.

— Torce meu braço, por que não? — Seus olhos continham um traço persistente de tristeza, mas seu brilho habitual estava retornando lentamente. Isabella não percebeu, mas era a pessoa mais forte e resiliente que conhecia. — Se você se cansar da vida executiva, deveria entrar no ramo de vendas de viagens. Faria uma matança.

Meu sorriso avançou mais um milímetro. — Mantereis isso em mente.

— Agora, a verdadeira questão. — Isabella sorriu, e uma onda de calor inquietante encheu meu estômago. — O que uma pessoa leva para uma escapadela de fim de semana no Caribe?



CAPÍTULO 27

Isabella

Quando Kai disse que sua família possuía uma propriedade em Turks e Caicos, imaginei uma mansão de praia arejada com móveis de vime e belos jardins. Não tinha imaginado uma *maldita ilha inteira*.

Apelidada de Jade Cay pela cor de suas águas circundantes, a ilha se estendia por mais de quatrocentos acres de vegetação exuberante, praias imaculadas e vida selvagem exótica. A residência principal em estilo balinês ocupava o ponto mais alto da ilha, oferecendo vistas espetaculares de 360 graus do Caribe e todas as comodidades de um resort de luxo cinco estrelas. Oito quartos, três terraços envolventes, duas piscinas de borda infinita, um chef particular que fez a lagosta mais deliciosa que já provei.

Viveria e morreria feliz aqui.

Kai e eu voamos ontem à tarde. Passamos a noite nos acomodando, mas hoje estávamos prontos para trabalhar. A manhã foi um borrão de escrita (eu), ligações (ele) e reuniões (nós dois). Kai estava certo; labutar no meu manuscrito no paraíso tropical era muito melhor do que labutar no inverno infernal da Nova York pós-Natal.

No momento, estávamos fazendo uma pausa para o almoço no terraço superior e nunca me senti tão relaxada, mesmo com meu prazo aparecendo no horizonte como uma nuvem de tempestade. Aqui, rodeada pelo mar e pelo sol, quase poderia esquecer as fotos *do Star* e ser demitida. Em algum momento entre o prato principal e a sobremesa, Kai pediu licença para usar o banheiro e voltou com uma pasta preta fina na mão.

— Guarde isso — disse, cutucando seu pé com o meu embaixo da mesa. — Sem trabalho durante as refeições, lembra?

— Não é trabalho no sentido tradicional. É um presente. — Seus olhos ganharam vida com o riso quando me animei como um cachorro ouvindo a palavra *passar*.

— Um presente? Para mim?

— Disse que estava tendo problemas com bloqueio de escritor, então fiz algumas pesquisas e reuni uma lista de maneiras de superar o bloqueio. — Ele me entregou a pasta. — Confirmei com vários neurocientistas que esses métodos são cientificamente sólidos.

Quase engasguei com meu suco de toranja espremido na hora. — Consultou uma equipe de *neurocientistas* sobre meu bloqueio criativo?

Ele encolheu os ombros. — Doo uma quantia significativa para várias organizações científicas todos os anos. Como tal, ficam felizes em satisfazer alguns dos meus pedidos mais pessoais.

Abri a pasta e examinei as sugestões. A maior parte era um conselho que já conhecia ao vasculhar a web. Meditar, reservar um

tempo todos os dias para brincadeiras criativas, usar a técnica *Pomodoro*²⁸, e assim por diante. Havia alguns que não tinha visto antes, mas não importaria se Kai tivesse me entregado um pacote de panfletos introdutórios de aula de ioga.

Ele se deu ao trabalho de pesquisar soluções e consultar neurocientistas, pelo amor de Deus. Meus namorados anteriores pensaram que estavam me fazendo um favor quando pegaram pizza a caminho de minha casa. A última vez que alguém fez algo tão atencioso sem esperar nada em troca foi quando um certo bilionário me mostrou o quarto secreto de sua família e o ofereceu como espaço para escrever.

Minha garganta se apertou de emoção. Abaixei minha cabeça e pisquei para afastar uma pontada embaraçosa. A última coisa que queria era começar a chorar por causa do meu caranguejo e arroz. Já chorei uma vez na frente de Kai esta semana; duas vezes seria um exagero.

Folheei as páginas ruidosamente enquanto lutava contra minhas emoções descontroladas. A pressão na minha garganta aliviou quando parei no penúltimo item.

— Envolver-se em atividade sexual frequente e rigorosa quando se sentir presa — li em voz alta. — Orgasmos estimulam a criatividade, entre outras coisas. — Lancei um olhar suspeito para Kai, que o devolveu com um olhar inocente. — Huh. Eu me pergunto quem inventou isso.

²⁸—É um método de gerenciamento de tempo desenvolvido por Francesco Cirillo, que consiste na utilização de um cronômetro para dividir o trabalho em períodos de 25 minutos, separados por breves intervalos.

Seu sorriso se espalhou lento e derretido como mel quente. — Não precisa se perguntar. Está cientificamente comprovado, meu amor.

Meu amor.

Ao nosso redor, o mundo ficou estranhamente quieto. Nenhum pássaro cantou. Nenhuma onda batia contra as costas distantes. Até o vento parou.

Kai tinha me chamado *de amor* muitas vezes antes, mas nunca me chamou *dele*.

Uma palavra. Quatro letras. Às vezes, faziam toda a diferença.

O sorriso de Kai deslizou para uma linha de compreensão. A tensão aumentou entre nós, envolvendo meu tronco e se acomodando em meu peito como um peso de concreto.

Não era desagradável, mas era o tipo de silêncio tão carregado de significado que abafava qualquer admissão que espreitasse sob a superfície. Não estávamos preparados para essas conversas.

Mudei de assunto antes que a pausa se estendesse para um território obrigatório.

— Bem, vejamos como suas outras sugestões se saem antes de testarmos a teoria do orgasmo — disse levemente. — E você? Como estão as negociações com Mishra?

DigiStream foi um dos muitos incêndios que Kai teve que apagar devido às fotos *do National Star*. Pensei que era hipócrita da parte deles se importar tanto com quem ele passava seu tempo livre quando *seu* CEO foi hospitalizado por uma overdose de

drogas, mas o que eu sabia? Era apenas uma bartender. Ex-bartender, se não encontrasse um novo emprego logo.

Kai mudou e, assim, o mundo voltou rugindo. Os sons dos pássaros e do oceano voltaram, e o vento soprou fios de cabelo em meu rosto. A tensão derreteu como poças de gelo sob o sol.

— Removeram Whidby do cargo de CEO há dois dias — disse. — Mishra o substituiu oficialmente e está fechando fileiras, o que significa que estou basicamente de volta à estaca zero. Está um caos por lá.

— Por que ele está tão relutante sobre o acordo quando seu cofundador estava tão pronto para assinar? — Kai e eu não conversávamos sobre o seu trabalho com frequência. Disse que isso me aborreceria e concordei plenamente, mas estava genuinamente curiosa sobre o negócio da *DigiStream*.

— Whidby foi fácil. Ele queria o dinheiro. Mishra é um purista. Não quer abrir mão do controle da *DigiStream* para uma corporação que irá, entre aspas, estripá-la.

Escolhi minhas próximas palavras com cuidado. — *Vai estripá-la?*

— Não exatamente. Seu sucesso decorre em grande parte de sua cultura e dinâmica de equipe. Não quero estragar isso — disse Kai. — Mas todas as aquisições exigem alguma forma de mudança, tanto do comprador quanto do vendedor. Suas operações precisam ser simplificadas para se adequar ao resto da empresa.

— Esse é o ponto crítico — conjecturei.

Kai baixou o queixo em afirmação. — O maior. Mishra está preocupado com a integração. Quer um acordo em que a *DigiStream* opere exatamente como agora. Obviamente, isso não é possível. Mesmo que eu concorde, os membros do conselho não concordarão. Têm que aprovar o plano estratégico para todas as novas aquisições.

— Existe uma maneira de oferecer concessões sobre mudanças específicas com as quais ele está preocupado, em vez de um acordo geral?

As sobrancelhas de Kai se ergueram. — Talvez. Os detalhes são um pouco complicados, mas estávamos trabalhando em um plano semelhante antes que a expulsão de Whidby deixasse de lado as negociações. Um pequeno sorriso tocou seus lábios. — E você diz que não gosta de falar de negócios.

— Eu não. Isso me faz dormir noventa por cento do tempo. Você tem sorte de esta conversa cair nos dez por cento restantes. — Sua risada trouxe um sorriso de resposta ao meu rosto, mas desapareceu quando me aventurei em minha próxima pergunta. — Não estou dizendo que isso acontecerá, mas hipoteticamente, o que acontece se não ganhar?

— Mantenho meu título e posição, mas serei motivo de chacota. — Seu rosto cimentado em pedra. — Os outros candidatos podem voltar para seus empregos e continuar porque eram tiros no escuro de qualquer maneira. Sou um Young. Serei para sempre conhecido como a pessoa que perdeu a empresa de sua família para um estranho.

— Ainda será um acionista majoritário — observei. Eu pesquisei. Kai controlava mais de um quarto das ações da empresa, perdendo apenas para sua mãe.

— Não é o mesmo. — Um músculo palpitou em sua mandíbula antes de suavizá-lo. — As pessoas se lembram dos líderes, não dos eleitores.

— Acho que as pessoas se lembrarão de você de qualquer maneira — disse. — Quebrou recordes mesmo não sendo CEO, e há muitos executivos-chefes que são péssimos em seu trabalho. Suas realizações importam mais do que um título.

A expressão de Kai suavizou. Abriu a boca, mas meu telefone tocou e o interrompeu antes que pudesse responder.

Surpresa e confusão surgiram ao ouvir o nome do interlocutor. — É Alessandra.

Éramos amigas, mas não consegui pensar em um motivo para ela me ligar do nada.

— Atenda — disse Kai. — Deve ser importante se ela está ligando no fim de semana.

No final, a curiosidade venceu. Caminhei até o outro lado do terraço e atendi a ligação. — Alô, Ale.

— Alô. Está livre para falar agora?

Olhei para Kai e meu almoço pela metade. — Por um instante. O que se passa?

— Percebo que isso pode ser presunçoso da minha parte, então peço desculpas antecipadamente. — Um traço de constrangimento

coloriu sua voz. — Mas ouvi dizer que você e Valhalla se separaram, e está procurando um novo emprego.

Eu me animei. — Estou. Conhece alguém que está procurando uma bartender?

— Não. No entanto... — Sua pausa carregava a hesitação de alguém debatendo suas próximas palavras. — *Estou* procurando uma assistente. Não quero passar por uma agência. Prefiro ter alguém que eu conheça e confie, e é por isso que pensei em você.

Decepção passou pelo meu estômago. — Aprecio isso, mas tenho que ser honesta. Daria um PA terrível. Mal consigo manter o controle da minha agenda, muito menos da de outra pessoa.

— Oh não, não é uma assistente pessoal — Alessandra disse rapidamente. — Uma de negócios. Deveria ter sido mais clara.

Minhas sobrancelhas se juntaram. — Não sabia que tinha um negócio.

— Eu não. Ainda não, daí a necessidade de uma assistente. — Soltou uma risada estranha. — Tenho muitas ideias, mas preciso de ajuda para implementá-las. Vivian mencionou que você trabalhou em uma startup uma vez? Então tem uma ideia de como é construir algo do zero.

— Isso é exagerar o que eu fiz — disse secamente. — Trabalhei como assistente de marketing e fiquei lá apenas alguns meses. Não suportava todos os irmãos *fintech*²⁹. — Puxei meu lábio inferior entre meus dentes. Precisava de um novo emprego, mas não queria

²⁹-É um termo surgido da união das palavras *financial* e *technology* se tratando da tecnologia e inovação aplicadas na solução de serviços financeiros e que competem diretamente com o modelo tradicional ainda prevalente do setor.

prometer algo que não poderia cumprir. — Honestamente, Dominic seria mais útil. Construiu uma empresa multibilionária do zero. — *E ele é seu marido.*

Guardei essa última parte para mim. Alessandra não falava muito sobre seu casamento, mas eu sabia que havia problemas no paraíso.

— A mesma empresa multibilionária o mantém ocupado demais para ajudar em pequenos projetos como este. — Uma corrente de tristeza correu sob seu tom leve antes de desaparecer. — Serei honesta. Gosto de você, e acho que trabalharíamos bem juntas. Posso oferecer um salário competitivo e horários flexíveis para que tenha tempo para trabalhar em seu manuscrito.

Meu coração pulou, então afundou. Era uma ótima oferta, mas o que eu sabia sobre abrir um negócio e ser assistente? Nada. Não queria começar outro trabalho apenas para falhar miseravelmente novamente. Estaria melhor aderindo ao que eu sabia.

— Que tal isto? — Alessandra disse rapidamente. — Enviarei um e-mail com os detalhes e pode pensar sobre isso. Estou procurando contratar alguém em breve, então, se puder me dar uma resposta dentro de uma ou duas semanas, seria ótimo.

Depois de mais um segundo de hesitação, concordei. Desliguei e voltei para a mesa, onde terminei meu almoço e transmiti sua oferta a Kai. Suas sobrancelhas se ergueram quando mencionei que Alessandra estava começando seu próprio negócio, mas não expressou as mesmas reservas que eu tinha sobre o trabalho.

— Deveria aceitar — disse. — Ale é uma boa pessoa, e trabalhar para ela quase certamente será melhor do que qualquer trabalho de bartender na cidade.

— Mas nunca fui assistente de negócios. — Meu estômago revirou. — E se eu estragar tudo e destruir a empresa dela antes mesmo de decolar?

— Não vai. — Como sempre, sua voz firme e confiante afrouxou alguns dos nós. — Tenha tanta fé em si mesma quanto nos outros, Isa.

Gostaria de poder, mas a fé era mais fácil quando não tinha uma centena de “e se” destruindo-a.

Kai deve ter detectado o tumulto dentro de mim porque empurrou a cadeira para trás e se levantou.

— Não há mais trabalho hoje — disse, estendendo a mão. — Vamos aproveitar a ilha. Tenho algo para te mostrar.



Nas quatro horas seguintes, Kai e eu desfrutamos de todas as vantagens de ter uma ilha tropical isolada para nós. Mergulhamos, andamos de jet skis e nos deleitamos em águas tão claras que podia ver as escamas dos peixes nadando ao nosso redor. Quando o sol se pôs no horizonte, nos secamos e tomamos o caminho panorâmico de volta à casa principal.

— Esta é a coisa mais clichê que já fiz — disse. — Uma longa caminhada ao pôr do sol na praia? Poderia muito bem nos colocar na capa de um folheto de lua de mel e nos chamar *de casal genérico*. — Um suspiro sonhador passou por meus lábios. — Amo isso.

Se fosse qualquer outro homem e qualquer outra ilha e qualquer outro pôr do sol, teria odiado. O que havia de interessante em uma caminhada? *Nada*.

No entanto, este era Kai. O brilhante, lindo e atencioso Kai, com os meio sorrisos preguiçosos e olhos conhecedores que viam partes de mim que nem eu conseguia encontrar. Um brilho dourado profundo encharcou a ilha, dando-lhe uma névoa de sonho, e tive certeza, naquele momento, de que não havia absolutamente nada que preferisse fazer do que caminhar lado a lado com ele.

— Tive a sensação de que sim — disse ele com um daqueles sorrisos que eu tanto amava. Não podia acreditar que uma vez pensei que ele fosse enfadonho e chato. Bem, tudo bem, podia acreditar, mas desde então alterei minha opinião. — Mas ainda não mostrei a melhor parte.

— Esta não é a parte em que saca seu pau e tenta me seduzir na praia, é? — Provoquei.

— Querida, se eu quisesse seduzi-la na praia, já estaria gritando em volta do meu pau — Kai disse lentamente, seu tom casual em desacordo com suas palavras sujas.

Calor rastejou sobre minhas bochechas e puxou meu estômago. — Você tem uma opinião bastante elevada sobre suas habilidades.

— É o resultado inevitável de um *feedback* contínuo e delirante, receio.

Enruguei meu nariz e bati meu quadril contra o dele quando chegamos a um afloramento rochoso no final da praia. — Egomaniaco.

Kai riu. — Já fui chamado de coisa pior. — Parou na rocha maior. — Estamos aqui.

Olhei duvidosamente para a formação calcária desgastada. Era *isso* que ele queria me mostrar? Parecia com qualquer outra rocha de praia. — Oh. É tão, hum, irregular.

— Não a pedra, amor — disse, sua voz seca. — *Isto*.

Foi então que notei os entalhes — as letras C+M gravadas no lado oposto ao oceano, dentro de um coração. Era o tipo de declaração doce e cafona que se esperaria encontrar no banheiro de um colégio, não em uma ilha particular no Caribe.

— Encontrei há alguns anos — disse Kai. — Foi quando minha família comprou a ilha. Não sei quem são C e M, pois não correspondem às iniciais dos proprietários anteriores da ilha, mas gosto de pensar que estão vivendo felizes juntos em algum lugar.

Passei meus dedos sobre a rocha áspera. Por alguma razão, as esculturas simples e sinceras fizeram meu coração torcer. — Kai Young, um romântico secreto. Quem diria?

— É o dinossauro erótico que me deu de presente de Natal. Abriu meus olhos para um novo mundo de romance.

— Cale-se. — Rio, depois parei. — Você realmente leu?

Um sorriso surgiu em seus lábios. — Nunca saberá.

Ele ainda não tinha dito nada sobre o meu manuscrito. Neste ponto, prefiro que esqueça tudo sobre isso. Se ele achava que era uma droga, não queria saber.

— Não sei quantos anos as esculturas têm, mas duraram pelo menos meia década — disse Kai, com o rosto sério de contemplação. — Já deveriam ter erodido. Quem quer que sejam C e M, deixaram sua marca.

Como Kai, eu esperava que o misterioso casal estivesse bebendo *mai tais* e passeando pela praia juntos em algum lugar do mundo. Mesmo que não estivessem, as esculturas eram um monumento inesperado ao amor que um dia tiveram. Prova de que, não importa o que acontecesse, houve um tempo e um lugar onde se amavam tanto que o imortalizaram em pedra.

Kai enfiou a mão no bolso e tirou um cinzel.

— O que está fazendo? — Perguntei, semialarmada. Onde ele *encontrou* um cinzel?

— Acho que deveríamos fazer companhia aos nossos amigos anônimos. — Estendeu a ferramenta. — Vamos?

Meu coração disparou. Após um momento de hesitação, peguei o cinzel e pressionei cuidadosamente a ponta contra a rocha. A umidade amoleceu o calcário, tornando-o mais fácil de manipular. Kai e eu nos revezamos esculpindo até letras claras

tomarem forma. Não precisávamos discutir a mensagem; já sabíamos.

K + I - dentro de um coração.

Foi de longe a coisa mais cafona que já fiz, mas isso não impediu uma pressão maravilhosa e dolorida contra minha caixa torácica.

A gravura não era um anel. Não era uma promessa. Não foi nem uma declaração de amor no sentido normal da palavra. No entanto, de alguma forma, o fato de termos deixado nossa marca no mundo juntos significava mais para mim do que qualquer uma dessas coisas. Era pequeno, mas era nosso, e era perfeito.

A mão de Kai encontrou a minha. Nossos dedos se entrelaçaram e a pressão aumentou até que pensei que poderia explodir.

— Estou gostando cada vez mais do Kai romântico secreto — disse, engolindo o nó na minha garganta. Tentei um tom alegre. — Se este é o resultado de dino erótica, espere mais Wilma Pebbles em seu futuro.

— Bom. Já terminei de traduzir o primeiro para o latim.

Meus olhos se voltaram para os seus risinhos. — Está...

Ele me cortou com um beijo, e o resto das minhas palavras derreteu sob o calor insistente de sua boca. As férias em Nova York. O santuário de uma sala escondida. Uma ilha aninhada no coração do Caribe. Bolsões mágicos de tempo e espaço que pertenciam apenas a nós.

E quando o sol se extinguiu brilhantemente no horizonte, e as sombras do nosso beijo se transformaram no frio azul do crepúsculo, me vi desejando poder ficar neste momento particular, com este homem particular, para sempre.





CAPÍTULO 28

Isabella

O resto do nosso fim de semana passou em uma adorável névoa de trabalho e diversão. Peguei as sugestões de bloqueio de escritor de Kai e realmente as implementei, em vez de lê-las repetidamente, como se os benefícios fossem de alguma forma transferidos por osmose.

Rapidamente descobri que meditar não era para mim, mas a sugestão de jogo criativo ajudou. O mesmo aconteceu com o orgasmo, para sua (e minha) satisfação.

Quando voltamos para Nova York, havia escrito vinte e cinco mil palavras e debatido até a morte sobre a oferta de trabalho de Alessandra. No final, aceitei.

Kai estava certo. Eu precisava ter mais fé em mim. Além disso, ela estava oferecendo um *ótimo* salário e não tinha motivação para vasculhar sites de busca de emprego.

Assim que aceitei, as coisas mudaram rapidamente. Três dias após meu retorno, comecei meu primeiro dia de trabalho como assistente de negócios de Alessandra (nome da empresa pendente). Kai estava na Califórnia novamente para as negociações da



DigiStream, mas acordei com uma nota de voz tão encorajadora dele naquela manhã.

Lembre-se, leu uma página inteira de Austen enquanto leva uma surra. Se você pode fazer isso, pode fazer qualquer coisa.

Ele tinha razão, mas isso não impediu que os nervos batessem em meu estômago enquanto seguia Alessandra pelo seu apartamento.

Os Davenport moravam em uma cobertura moderna e ampla em *Hudson Yards*, completa com janelas do chão ao teto, uma escada em espiral de vidro flutuante e um terraço privativo com piscina e fogueira. Era absurdamente grande para duas pessoas e estava cheio de tantos itens inestimáveis que tive medo de tocar em qualquer coisa para não quebrar acidentalmente um ovo *Fabergé* de dois milhões de dólares.

— Que tipo de negócio está interessada em começar? — Perguntei.

Provavelmente deveria ter confirmado *antes* de aceitar o trabalho, mas os mendigos não podiam escolher, e tinha outras prioridades em Turks e Caicos, ou seja, comida, escrita e muito sexo.

— Você verá — Alessandra disse com um sorriso misterioso. Era possivelmente a pessoa mais bonita que já conheci, mas um ar de melancolia temperava sua beleza.

— Não é metanfetamina, é? — Minha maratona *de Breaking Bad* de Ano Novo com Kai passou pela minha cabeça.

Sua risada soou como sinos de prata ao vento. — Infelizmente, química nunca foi meu forte. — Abriu a porta no final do corredor. — Não, é algo um pouco mais, hum, criativo.

A primeira coisa que notei quando entrei foi o cheiro. Exuberante e perfumado, me transportou instantaneamente de volta aos climas do Caribe. A segunda era a variedade de buquês coloridos alinhados na mesa e no parapeito da janela. Finalmente, meus olhos foram atraídos para a parede oposta, onde uma galeria de flores prensadas pendurava em elegantes molduras de madeira.

— Oh, uau — respirei. Não tinha certeza do que estava esperando, mas não esperava *isso*.

— É um hobby bobo — disse Alessandra, com as bochechas vermelhas. — Não estou curando o câncer nem nada, mas é divertido e me ajuda a passar o tempo enquanto meu marido está trabalhando.

— Não é bobo. Estes são *lindos*. — Passei os dedos pela moldura de vidro que protegia um enorme herbário prensado em papel preto. — Quanto tempo levou para fazer isso?

— Cerca de um mês, se incluirmos o tempo de secagem. Aquele é um dos meus favoritos. São todas flores que desabrocham à noite, daí o fundo preto. — Alessandra mordeu o lábio inferior. — Às vezes, dou de presente para amigos. As pessoas parecem gostar deles, então pensei: por que não abrir uma loja on-line? Uma pequena.

— Essa é uma ideia incrível.

Ela não precisava do dinheiro, mas era claramente apaixonada pela arte. Contei pelo menos uma dúzia de obras de arte de flores prensadas na sala. Deve estar fazendo isso há pelo menos um ano.

Seu rosto relaxou. — Obrigada. Fico feliz que pense assim. É muito melhor do que metanfetamina, não?

Rio. Ela estava certa. Trabalharíamos bem juntas. Como era meu primeiro dia, passamos as próximas duas horas resolvendo minha agenda, logística e expectativas. Nenhuma de nós realmente sabia o que estávamos fazendo, mas nos divertimos descobrindo isso juntas.

Concordamos com uma lista provisória de tarefas, a ser alterada se e quando necessário. Eu ajudaria com pesquisa, marketing e tarefas administrativas, incluindo nomes de empresas de *brainstorming*. Alessandra queria manter as coisas discretas para começar, mas uma vez que nos orientamos e resolvemos a logística, contrataria mais pessoas. Até então, era um show para duas pessoas.

Não tinha horário definido. Desde que cumprisse meus prazos, poderia trabalhar quando e onde quisesse.

— Dito isso, pode trabalhar aqui se quiser. — Alessandra gesticulou ao redor do apartamento. Estávamos de volta à sala de estar, que era tão grande que poderia facilmente abrigar um jogo do Super Bowl. — Não se sinta obrigada, mas se cansar de ficar sozinha, minha porta está sempre aberta.

— Posso aceitar essa oferta. Odeio trabalhar sozinha. — Hesitei, debatendo se deveria fazer minha próxima pergunta. — Tem certeza de que Dominic não se importará?

Ela me deu um sorriso triste. — Ele nem notará.

O seu casamento não era da minha conta, mas não pude deixar de sentir uma pontada de solidariedade. *Dinheiro não compra felicidade.* Era clichê, mas era verdade.

Meus olhos pousaram na foto do casamento apoiada na lareira. — Essa é uma bela foto de vocês dois.

Suas características físicas não mudaram muito ao longo dos anos - Alessandra possuía a mesma pele impecável e escultura óssea impressionante, Dominic o mesmo cabelo dourado e mandíbula esculpida - mas mal reconheci as pessoas na foto. Nela, o rosto de Alessandra brilhava de alegria, e seu novo marido a olhava com óbvia adoração. Pareciam jovens e felizes e incrivelmente apaixonados. Era difícil reconciliá-los com o frio titã de Wall Street dominando os jornais de negócios e a mulher quieta e melancólica diante de mim.

— Obrigada. — O sorriso de Alessandra assumiu uma qualidade tensa. Não olhou para a lareira. — Falando em fotos, devemos criar contas de mídia social, certo? Não sou muito boa em fotografia, mas posso contratar um profissional...

Aceitei seu óbvio desvio. Era o seu casamento. Se ela não queria falar sobre isso, não iria pressioná-la.

Duas horas depois, quando saí da sua casa, já era fim de tarde e eu estava voando alto depois do nosso encontro. Tinha uma tonelada de trabalho para fazer além de terminar meu manuscrito, mas depois de ser demitida, foi bom me sentir útil novamente.

O *ping* de um alerta de notícias perfurou meu estado de espírito quando entrei na estação de metrô mais próxima. Configurei alertas de notícias para o meu nome contra o conselho de Sloane. Não pude evitar; Eu *precisava* saber o que as pessoas estavam dizendo.

Tirei meu telefone do bolso. Esperava mais rumores dos tabloides sobre mim e Kai, talvez até mesmo alguém que nos pegou juntos em Turks e Caicos. Sua equipe era a única outra pessoa na ilha, mas nunca se sabe. Meios de comunicação vulgares como o *National Star* tinham olhos e ouvidos por toda parte.

No entanto, a onda de manchetes mais recente não teve nada a ver com nossa fuga improvisada e tudo a ver comigo. Especificamente, minha família e meu passado. Bile revestiu minha garganta.

Oh, porra.





CAPÍTULO 29

Kai

Colin Whidby era meu contato principal para as negociações da *DigiStream* até sua hospitalização e subsequente expulsão. Carismático, gregário e propenso a exageros, era o tipo de fundador de *startup* que enfeitava capas de revistas e aparecia em clipes de entrevistas virais.

Rohan Mishra era o seu oposto. Quieto, calmo e metódico, o prodígio de 24 anos me observava com óbvio ceticismo.

Finalmente o convenci a concordar com outra reunião, mas nossas conversas não estavam progredindo mais do que por e-mail e videoconferência.

— Tem a base de usuários e a tecnologia, mas não tem a capacidade de escalar com a rapidez que o seu negócio exige — disse. — Seu público atual está concentrado nos Estados Unidos, Canadá e alguns bolsões da Europa. Podemos levá-lo global. Nossa presença em mercados emergentes...

— Não dou a mínima para os mercados emergentes — disse Rohan. — Eu te disse. Não é pelo dinheiro. Colin e eu construímos esta empresa do zero. Saímos de Stanford e trabalhamos duro para chegar onde está hoje. Ele pode ter ficado impressionado com

todos os zeros que está jogando, mas eu não. Fiz minha pesquisa, Young. Acha que desistirei e deixarei que alguma corporação abutre entre e nos destrua como fez com a Black Bear?

Caramba, Tobias.

Minha mandíbula se apertou. A tinta do contrato da Black Bear ainda não havia secado antes que passasse por uma “reestruturação significativa”. Demissões em massa, moral destruída. Foi uma bagunça.

— Não sou o único ponto de execução em Black Bear — disse.
— Garanto a você que a *DigiStream* será integrada perfeitamente sob minha supervisão.

— Não importa se é você ou outra pessoa. É tudo a mesma coisa. — Rohan balançou a cabeça. — Você cuida dos seus resultados, não dos outros. Com a saída de Whidby, a empresa precisa de estabilidade, não de mais mudanças.

Frustração irritava sob minha pele. *Maldito Whidby*. Deveria tatuar a frase, considerando quantas vezes passou pela minha cabeça.

— Dê-me uma lista de preocupações específicas — disse. — Demissões, reestruturação de equipe, cultura de trabalho. Vamos resolvê-los. Estamos em negociações há mais de um ano, e você e eu sabemos que uma fusão seria um benefício para ambas as empresas. Este é um negócio de bilhões de dólares que depende de alguns pequenos detalhes.

— Pequeno, mas importante. — Rohan tamborilou com os dedos no apoio de braço. — Vi os tabloides e ouvi os rumores. Sua escolha como CEO não é garantida.

Minha espinha endureceu. Apaguei os incêndios mais urgentes enquanto estava em Turks e Caicos, mas havia muitos incêndios menores deixados sem controle. Minha mãe descobriu sobre Jade Cay, e foi por isso que evitei suas ligações durante toda a semana. Tive que entrar em contato com Clarissa, que me deixou uma mensagem de voz enigmática no fim de semana, e Paxton, que entrou em contato novamente com uma oferta de aliança. Do jeito que as coisas estavam indo, estava pensando seriamente nisso.

— Sinceramente, não achei que fosse do tipo playboy — Rohan disse, seus olhos afiados. — Esgueirar-se com uma bartender? Muito diferente da imagem que retratou anteriormente.

Irritação endureceu minha mandíbula. Se havia uma coisa que odiava quase tanto quanto perder, era ser chamado de falsa. — Não sabia que minha vida pessoal era considerada em nossas conversas.

— Não deveria, mas dada a confusão com Whidby, tenho certeza de que entende por que hesito em fazer negócios com alguém que está envolvido em um escândalo.

— Estava namorando uma funcionária, não usando drogas — disse categoricamente. Usei o pretérito deliberadamente, se não com sinceridade. Ninguém precisava saber sobre meu relacionamento contínuo com Isabella até depois da votação. — Ela não está mais empregada em *Valhalla*, o que torna o ponto discutível.

— Talvez. — Seus dedos bateram mais rápido.

Esgueirando-se com uma bartender? Muito diferente da imagem que retratou anteriormente.

Podia ler nas entrelinhas. Rohan não se importava com Isabella em si. A fofoca dos tabloides questionou meu personagem e estava preocupado em ser enganado. Infelizmente, por mais que eu tentasse tranquilizá-lo, ele não cedeu.

— Podemos retomar nossa última rodada de negociações após a votação — disse Rohan após meia hora de idas e vindas infrutíferas. — Não assinarei nada até ter certeza de que o novo CEO honrará os termos, tanto no espírito quanto no papel. Não posso arriscar e, como disse, estamos em negociações há algum tempo. Se você for eleito e ainda não chegarmos a um acordo, sinto muito. O negócio está morto.



Saí do escritório de Rohan e fui direto para o bar do hotel para tomar uma bebida forte. Minha cabeça latejava com uma enxaqueca cruel, que meu uísque não fez nada para aliviar.

Quatro meses atrás, tinha o negócio *DigiStream* fechado, a posição de CEO ao alcance e minhas emoções irritantes sob controle. Agora, meu controle sobre minha vida profissional e pessoal estava se desfazendo mais rápido do que as costuras de um casaco surrado.

A queda começou no momento em que subi as escadas e ouvi Isabella tocando o “*Hammerklavier*” no *Valhalla*. Se eu tivesse ficado no bar naquele dia, poderia estar em uma situação totalmente diferente agora.

O problema era que, se eu tivesse ficado no bar, Isabella e eu teríamos permanecido conhecidos. Nada de quarto secreto, nada de encontro no Brooklyn, nada de maratonas de filmes natalinos ou escapadelas em ilhas ou as dezenas de pequenos momentos que tornaram os meses infernais suportáveis.

Meu estômago se revirou.

Esfreguei a mão no rosto e tentei focar meus pensamentos. Estava aqui a negócios, não para chafurdar em *deveres e se*.

Meu telefone acendeu com um alerta de notícias. Olhei para ele, então congelei.

“As mentiras da amante de Kai Young expostas!” o *National Star* exclamou.

Uma sensação amarga se espalhou pelo meu estômago. Cliquei no título e fui recebido com uma foto gigante de Isabella trabalhando em um bar. Usava calças sexys, um pequeno top curto e um grande sorriso enquanto se inclinava sobre o balcão. Vários tipos de garotos de fraternidade cobiçavam seu decote. Não conseguia ver seus rostos inteiros, mas tive o desejo súbito e visceral de caçá-los e arrancar seus olhos.

Engoli minha raiva e rolei para o artigo real.

Bartender, brinquedinho e... herdeira milionária? Leu certo! A última aventura de Kai Young não é nenhuma funcionária inocente presa na teia de um empregador predatório. [Leia nosso artigo sobre como o herdeiro bilionário aparentemente “legal” abusou de seu poder no exclusivo Valhalla Club para coagir a mulher mais jovem a um relacionamento].

Investigamos um pouco o passado da pobre garota e descobrimos que Isabella Valencia não é tão pobre assim. Na verdade, é a única filha de Perlah Ramos, fundador e CEO da rede de hotéis de luxo Hiraya. A astuta matriarca manteve seu nome de solteira enquanto seus filhos adotaram o sobrenome de seu marido...

Choque espirrou gelo na minha espinha. Hiraya Hotéis? Estava bebendo em uma de suas propriedades neste exato segundo.

A linhagem de Valencia possui várias crianças talentosas, incluindo o filho mais velho de Ramos e Hiraya COO Gabriel, um engenheiro premiado, professor titular na UC Berkeley e o célebre artista Oscar (né Felix Valencia). Não é de admirar que sua filha mais nova - e única filha - tenha mantido sua verdadeira identidade em segredo! Além de uma série de passagens curtas como bartender e biscates ainda mais curtos, tem embaraçosamente poucas realizações em seu nome. Deve ser difícil ser tão ofuscada por seus irmãos.

Exceto por Oscar, a família Ramos/Valencia é notoriamente tímida em relação a imprensa. Perlah Ramos não dá uma entrevista há mais de oito anos. Isso explica por que ninguém fez a conexão com Isabella antes, mas isso não explica por que o esnobe Kai Young se rebaixou a mexer com a ajudante. Herdeira ou não, ela está longe de ser o tipo usual educado na Ivy League.

Achamos que a Valencia mais jovem é bastante talentosa em outros aspectos que não envolvem seu cérebro...

Li o suficiente. A fúria superou o choque em um piscar de olhos. Carmesim espirrou em minha visão enquanto um calor rápido e branco queimava em minhas veias.

Foda-se a Califórnia e a DigiStream. Eu processaria o *National Star* até o esquecimento e dismantelaria a empresa de mídia de Black, pedaço por pedaço, até que nem mesmo os abutres tocassem em sua carcaça podre. Então rastrearia o próprio Victor Black e ia matá-lo.

— Kai Young?

Uma voz desconhecida interrompeu meus pensamentos cada vez mais violentos e alarmantes. Olhei para cima. Um homem mais ou menos da minha idade estava ao meu lado, seu terno e gravata tão bem passados quanto os do meu armário.

O reconhecimento apagou as chamas crescentes da minha raiva.

Não precisei perguntar quem era o recém-chegado. Tinham os mesmos olhos escuros, lábios carnudos e pele morena. Ela

explodiu de vida e cor enquanto ele parecia ter chupado um limão podre desde que escapou do útero, mas as semelhanças eram inegáveis.

— Gabriel Valencia, COO da Hiraya Hotels. — O irmão de Isabella me deu um sorriso fino. — Precisamos conversar.



Quinze minutos depois, sentei-me em uma cadeira no escritório de Gabriel.

O *Hiraya Hotels* estava sediada em Los Angeles, mas operava hotéis em todo o estado. Como COO, Gabriel deve ter um escritório na maioria, se não em todos eles.

Nós nos entreolhamos com cautela em sua mesa. Não foi como imaginei conhecer a família de Isabella, mas pelo menos ele me interrompeu antes que eu cometesse vários crimes e um assassinato.

— Primeiro, devo me desculpar pela maneira pouco ortodoxa com que me aproximei de você — Gabriel disse rigidamente. — Damos o maior valor à privacidade de nossos hóspedes. No entanto, sou notificado sempre que um VIP faz check-in em qualquer um de nossos hotéis. Dadas as circunstâncias, deve entender por que o procurei quando vi seu nome.

— Por circunstâncias, suponho que quer dizer os textos do *National Star*? — Recusei-me a chamá-los de artigos. Os artigos

exigiam um mínimo de objetividade; a publicação mais recente foi difamação. Assim que meus advogados terminassem com eles, não sobraria muito do *Star*. Eu me certificaria disso.

Victor obteve sua vitória de curto prazo, mas cometeu um erro crucial de longo prazo.

A boca de Gabriel se achatou ainda mais em uma linha de granito. — Por sua causa, as fotos da minha irmã estão espalhadas por todo aquele trapo. Estão arrastando o nome da minha família para a lama e perseguindo nossos hotéis, nossos escritórios corporativos, nossas linhas pessoais. — Como se fosse uma deixa, o telefone do escritório tocou com um ruído estridente. Ele ignorou. — O artigo acabou de ser publicado e já começou.

— Lamento que esteja lidando com assédio, mas isso é um problema *do National Star* — *disse calmamente*. — Não vazei essas fotos para eles, nem tive nada a ver com a publicação mais recente.

Aquele em que revelaram que Isabella era a herdeira da fortuna dos Hotéis Hiraya.

Eu tinha sido tão incandescente com as mentiras repugnantes que tinha esquecido a bomba. Agora, a percepção sobre a identidade de Isabella afundou com clareza de diamante. Por que ela manteve isso em segredo? Seus amigos sabiam a verdade e eu era o único no escuro?

Desconforto formou um nó no meu peito.

— Talvez não, mas ela não estaria nessa situação se não fosse por você. — Gabriel disse. — Nunca nos conhecemos, mas conheço

sua reputação. Pensei que estava acima de tirar vantagem de seus funcionários.

Minha mandíbula apertou. Esta foi a terceira vez que meu caráter foi questionado hoje, e estava ficando cansado disso.

— Eu não tirei vantagem dela — disse friamente. — Foi uma relação consensual. Nunca coagi uma mulher a fazer nada que não quisesse.

— Foi ou é?

Eu parei. Não sabia como Isabella queria lidar com as coisas com sua família, mas meu silêncio era resposta suficiente.

As narinas de Gabriel dilataram. — Ela já namorou homens como você antes — disse. — Ricos, charmosos, acostumados a conseguir o que querem. Feliz em mantê-la em segredo até que a merda atinja o ventilador. Isabella parece difícil, mas é romântica de coração e, como seu irmão, é meu trabalho protegê-la, inclusive dela mesma. Ela tem o hábito de tomar más decisões.

Minha mão se fechou em torno da borda do meu braço. Dar um soco no rosto do irmão da minha namorada provavelmente não foi a melhor jogada, mas odiava como ele a infantilizava. Ela pode ter guardado segredos de mim, mas depois de conhecer Gabriel, pude entender o porquê. Não gostaria também que ninguém soubesse que eu era parente dele.

— Ela é adulta. — Eu me esforcei para manter a calma. — Suas decisões, boas ou más, são dela. Você não tem o direito de interferir na vida dela.

— Não fiz isso antes e veja o que aconteceu. Essa bagunça com Easton. Ser demitida de Valhalla. Envolver-se com *você*. — Gabriel tamborilou com os dedos na mesa. — Quer me explicar por que você - o jovem herdeiro - está andando pela cidade de Nova York com minha irmãzinha quando pode ter qualquer mulher que quiser?

Porque ela é linda, inteligente e engraçada. Porque ver o seu sorriso é como ver o sol nascer, e estar com ela é a única vez que me sinto vivo. Nenhuma outra mulher se compara.

— O fato de você ter que perguntar — disse baixinho — prova o quanto a subestima.

Peguei um breve vislumbre de surpresa antes que a expressão de Gabriel se fechasse novamente. — Pode pensar que é diferente dos outros homens, mas não é — disse. — Fique longe de Isabella. Ela não precisa de outro idiota oportunista arruinando sua vida. Este é o seu primeiro e último aviso.

— E se eu não fizer isso? — Perguntei agradavelmente.

Sua expressão fria combinava com a minha. — Descobrirá o que acontece em breve.

A ameaça mal me tocou. Gabriel poderia tentar me intimidar o quanto quisesse, mas eu tinha lidado com muito pior do que irmãos superprotetores. Se Isabella quisesse que eu fosse embora, ela mesma me diria. Não precisava de outras pessoas lutando suas batalhas pessoais por ela.

No entanto, uma coisa que Gabriel disse ficou comigo pelo resto da tarde e noite adentro.

Quem diabos é Easton?

CAPÍTULO 30

Isabella

Escondi-me no meu apartamento e ignorei todas as minhas ligações, mensagens de texto e e-mails por dois dias inteiros. Eram implacáveis - minha família, meus amigos, a mídia. Alguns tinham boas intenções, outros nem tanto. Independentemente disso, não conseguia reunir energia para enfrentar nenhum deles.

A única vez que interagi com o mundo exterior foi através do meu trabalho com Alessandra, que felizmente manteve nossas trocas profissionais e não perguntou sobre as revelações do *National Star*. Após a revelação da identidade, o tabloide continuou publicando artigos e rumores, a maioria dos quais eram mentiras descaradas.

Fui para a reabilitação devido ao vício em cocaína (fui voluntária lá durante a faculdade). Dormi com empregadores anteriores para ser contratada (eles desejavam, *porra*). Tive uma orgia com um time inteiro da MLB depois da *World Series* alguns anos atrás (eu os servi durante a noite de comemoração e tomei uma rodada de drinks com eles).

As alegações eram tão ridículas que as rejeitei imediatamente. Se alguém fosse ingênuo o suficiente para pensar que eu tinha um filho secreto induzido por orgia escondido no Canadá, isso era

problema deles. No entanto, as verdades eram muito mais difíceis de engolir.

Além de uma série de passagens de curta duração como bartender e biscates ainda mais curtos, tem embaraçosamente poucas realizações em seu nome...

Herdeira ou não, ela está longe de ser o tipo usual educado na Ivy League.

Náusea coalhava meu estômago. Enfiei uma mão sob minha coxa e balancei meu joelho quando Kai voltou de sua cozinha com duas canecas de chá.

Olheiras sombreavam seus olhos, e seu cabelo normalmente arrumado estava despenteado, como se tivesse passado os dedos por ele muitas vezes. A tensão envolveu sua boca e alinhou os planos largos de seus ombros. Meu coração se contorceu com sua óbvia exaustão.

Ele voltou para Nova York naquela tarde e me enviou uma mensagem pedindo para me encontrar. Era a primeira vez que nos falávamos desde a última rodada de sucessos *do National Star*, o que não era um bom presságio para nós.

Aceitei o chá em silêncio. Kai sentou ao meu lado no sofá, com as sobrancelhas franzidas.

— Como está? — Perguntou.

Uma onda embaraçosa de emoção cresceu ao som de sua voz. Ele tinha ido embora há menos de uma semana, mas parecia uma

vida inteira. — Estou bem. — Soltei uma risada fraca. — Fiquei famosa enquanto você estava fora. A fama cobra seu preço.

Ele não sorriu com a minha tentativa esfarrapada de piada. — Estou lidando com Black. O *Star* retratará suas histórias.

Meu humor forçado escorregou. — Mas não aquela sobre minha família — disse baixinho. — Essa é verdade.

Um músculo flexionou em sua mandíbula. — Não. Não aquela. — Ele colocou a bebida na mesa de café e esfregou a mão no rosto. — Por que não me contou?

— Porque eu... — vacilei. — Não sei. Guardei segredo por tanto tempo que nem me passou pela cabeça falar nada. Sei que parece uma bobagem esconder, mas minha família é *extremamente* reservada. A semana passada deve estar matando-os.

Culpa e vergonha borbulhavam em um caldo inquietante em meu estômago. — Quando me mudei para Nova York, era muito selvagem e não queria que minhas ações refletissem mal sobre eles. Se as pessoas soubessem quem eu era, estaria em todos os sites de fofoca. Também jurei que não confiaria no nome e no dinheiro da minha família para sobreviver, e não o fiz. Algumas pessoas podem pensar que sou estúpida por não aproveitar o que tenho, mas não queria ser um daquelas garotas ricas que viviam da riqueza dos pais sem fazer nada.

Minha mãe manteve nossas vidas pessoais fora da imprensa por décadas. Até Felix, meu irmão mais famoso, se concentrava em seu trabalho em entrevistas. Queria explorar a cidade e apenas *viver* sem me preocupar em manchar o nome da família, e não queria que as pessoas me tratassem de maneira diferente porque

era uma herdeira. Sem escrutínio, sem expectativas, sem pressão. Funcionou... até que não funcionou.

— Alguém sabia antes da nota? — Kai perguntou, seu rosto ilegível.

— Viv e Sloane. — Enrolei minhas mãos em volta da minha caneca e me consolei com o calor. — Descobriram organicamente quando minha mãe apareceu para uma visita surpresa alguns anos atrás. Sloane a reconheceu. Parker também sabia desde que fez minha verificação de antecedentes pré-contratuais, mas prometeu não dizer nada.

Meu fundo fiduciário era uma bênção e uma maldição. Não tinha acesso a ele ainda; entraria em ação se e quando “estabelecesse” uma carreira que amava, conforme determinado por minha mãe e Gabriel. Se eu ainda estivesse flutuando de emprego em emprego quando fizesse trinta anos, perdia o dinheiro para a caridade. Teoricamente, era bom saber que tinha dinheiro para me apoiar. Na realidade, a estipulação de idade amplificou a pressão. Tentei não pensar muito nisso porque, quando o fiz, não conseguia respirar. Não era nem sobre o fundo fiduciário, mas sim sobre o simbolismo. Se o perdesse, significaria que eu havia falhado, e falhar quando todas as portas estavam abertas para mim parecia um tipo especial de inferno.

— Falei com seu irmão quando estava na Califórnia.

A confissão de Kai me tirou da espiral de autopiedade. Minha cabeça se ergueu. — *O quê?*

Escutei com crescente descrença e raiva enquanto explicava o que aconteceu, desde o ultimato de Rohan Mishra até a aparição

de Gabriel no bar. Não é de admirar que parecesse tão estressado. Os últimos dias foram tão ruins para ele quanto foram para mim.

— Ele não tinha o direito — esbravejei. — Não tinha absolutamente *nenhum* direito de emboscá-lo assim.

— Ele é seu irmão. É protetor — disse Kai suavemente.

Protetor? Era melhor Gabriel aprender a se proteger porque ia estrangulá-lo com uma daquelas estúpidas gravatas de seda que tanto amava.

— Ele também mencionou alguém chamado Easton. — O olhar de Kai permaneceu firme enquanto meu sangue se solidificou em gelo. — Quem é esse?

Meu coração martelava em meus ouvidos. Esqueça o estrangulamento. Isso era bom demais para o meu irmão. Ia fazê-lo assistir enquanto rasgava cada terno em seu armário com tesouras de jardinagem antes de sufocá-lo vivo com os restos. Um gosto amargo brotou em minha garganta. Meu primeiro instinto foi mentir e dizer que não conhecia ninguém chamado Easton, mas estava cansada de viver na sombra do que aconteceu. Deixaria aquele idiota ditar muito da minha vida por muito tempo. Era hora de deixar o passado para trás, de uma vez por todas.

— Easton é meu ex. O último homem com quem estive antes de você e a razão pela qual não namorei ninguém por dois anos. — A amargura se derramou em meu peito e estômago. — Eu o conheci em um bar. Não estava trabalhando naquela noite, apenas me divertindo e conhecendo novas pessoas. Estava sozinha desde que Sloane e Vivian estavam fora da cidade, e quando se

aproximou de mim, achei que era perfeito. Inteligente, bonito, bem-sucedido.

Os olhos de Kai escureceram, mas permaneceu em silêncio enquanto eu falava. — Nosso relacionamento decolou rapidamente. Duas semanas depois do encontro, estava me levando para viagens de fim de semana e me comprando todos aqueles presentes caros. Pensei que o amava e estava tão cega por minha paixão que não percebi as bandeiras vermelhas que são tão claras em retrospectiva. Como a maneira como só me levava a lugares remotos para nossos encontros, ou como nunca conheci seus amigos e colegas de trabalho porque me queria “só para ele” por mais algum tempo. — Fiz uma careta para a ingenuidade do meu eu mais jovem. — Transformou suas desculpas em intenções românticas quando a verdade era tão simples. Ele tinha uma esposa e dois filhos em *Connecticut*.

Um som amargo, meio riso e meio soluço, marcou minha garganta. — Que clichê, né? O proverbial trapaceiro casado com a família escondida nos subúrbios, mas essa não foi a pior parte. A pior parte foi quando a dita esposa nos surpreendeu no meio do sexo.

Kai empalideceu.

— Sim, eu sei. Ela suspeitou que ele estava tendo um caso e contratou um investigador particular para segui-lo. Naquela noite, ela tinha bebido um pouco demais. Ficou agressiva quando o PI enviou a localização do marido para ela. Apareceu, gritando e chorando. Como pode imaginar, fiquei horrorizada. Eu não tinha ideia... — forcei o oxigênio através de meus pulmões apertados. —

Easton e sua esposa tiveram uma grande discussão. Tentei sair porque minha presença estava piorando as coisas, e foi então que ela... sacou uma arma.

Ainda me lembrava do brilho frio do metal sob as luzes do hotel. O terror profundo que me roubou o fôlego e o silêncio frio e penetrante que caiu sobre a sala como um lençol branco sobre um cadáver.

— Easton e eu tentamos acalmá-la, mas ela estava muito bêbada e chateada. A próxima coisa que soube foi que ele estava tentando tirar a arma dela. Disparou por acidente e... — Minha respiração ficou mais curta. *Gritos. Chora. Sangue. Tanto sangue.*

— A bala de alguma forma a atingiu. Ela está viva, mas nunca mais andará. — O conhecimento me atingiu como uma bola de demolição, espalhando estilhaços pontiagudos e despedaçando a dor em meu peito. — Ela não... quero dizer, não deveria ter sacado a arma, mas estava... não foi culpa dela. O seu marido a traiu *comigo*, e ela é quem está sofrendo por isso.

Um soluço sacudiu meus ombros. Fazia tanto tempo que não falava sobre isso. Mesmo minhas amigas não sabiam toda a verdade sobre o que aconteceu. Apenas pensaram que eu tive um rompimento ruim com um idiota traidor. Falar sobre isso com Kai rompeu a represa em minhas emoções, e tudo - a culpa, a raiva, o horror, a vergonha - correu sobre mim como uma inundação varrendo uma planície. Kai me envolveu em seus braços e me segurou enquanto chorava. Easton, Valhalla, o *National Star*, o prazo do meu manuscrito... cada merda e erro que cometi nos

últimos anos. Brotaram de mim em um rio de dor até eu ficar oca e dolorida.

— Não foi sua culpa — disse calmamente. — Você não sabia. Não o fez traí-la, e não a fez trazer a arma. É tão vítima da situação quanto qualquer outra pessoa.

— Eu sei, mas *parece* minha culpa. — Afastei-me, minha voz crua de meus soluços. — Fui tão estúpida. Deveria ter percebido...

— Pessoas assim são trapaceiros experientes. Você era jovem e ele se aproveitou disso. Não foi sua culpa — repetiu Kai com firmeza. Enxugou uma lágrima perdida da minha bochecha. — O que aconteceu com ele?

— A última vez que ouvi, se mudou para Chicago antes de seu negócio falir e se afastou de seus filhos. Têm mais de dezoito anos agora e acho que nunca o perdoaram pelo que aconteceu com a mãe deles.

Não sabia onde Easton estava agora. Esperançosamente apodrecendo nas profundezas do inferno.

— Vejo. — A expressão de Kai enviou um dardo de trepidação pela minha espinha.

— Não o localize — disse. — Quero dizer. Só quero deixá-lo no passado e não quero que se meta em encrenca.

Uma sugestão de diversão floresceu nos cantos de sua boca. — O que acha que farei com ele se eu, hipoteticamente, rastreá-lo?

— Não sei. — Limpei minhas bochechas com as costas da minha mão. — Mutilá-lo?

— Isso certamente passou pela minha cabeça — Kai murmurou. — Eu...

O toque suave da campainha o interrompeu.

Enrijeci novamente enquanto Kai e eu trocamos olhares cautelosos. Estávamos escondidos até a votação do CEO - entrei pela entrada dos fundos do prédio mais cedo - e uma visita inesperada nos dias de hoje era mais motivo de alarme do que de comemoração. Um vislumbre de pavor passou por mim quando Kai atendeu a porta. Um repórter de tabloide de alguma forma passou pela segurança? Devo me esconder?

Um leve murmúrio de vozes escapou da entrada. Não consegui ouvir suas palavras exatas, mas o tom surpreso de Kai veio alto e claro.

Ele voltou à sala de estar um minuto depois, com o rosto sombrio.

Meu estômago caiu no chão quando vi quem estava atrás dele. De repente, desejei que *fosse* um repórter de tabloide; isso teria sido infinitamente preferível aos recém-chegados.

Nunca as conheci pessoalmente, mas reconheci suas fotos no noticiário.

Leonora e Abigail Young.

Mãe e irmã de Kai.



CAPÍTULO 31

Kai

Nós quatro sentamos na sala de estar – Isabella e eu em um sofá, minha mãe e Abigail no sofá à nossa frente.

Enfrentávamos um ao outro como exércitos opostos no campo de batalha, cada um esperando que o outro disparasse o primeiro tiro. Uma praga de silêncio tenso engolfou a sala. O único som vinha do relógio de sentinela no canto, tão impassível e sem paixão quanto um deus observando as mesquinhas brigas dos humanos.

Tick. Tock. Tick. Tock.

Sabia que minha mãe apareceria eventualmente. Leonora Young era incapaz de abrir mão do controle sobre minha vida pessoal. No entanto, não esperava que arrastasse minha irmã com ela. Abigail parecia que preferia estar caminhando pelos Andes no inverno do que sentada aqui.

— Ouvi dizer que seu encontro com Mishra foi ruim. — Minha mãe foi direto ao ponto. Além de um revelador aperto em suas feições quando viu Isabella pela primeira vez, não reconheceu sua presença desde que chegou. — Felizmente, tenho boas notícias que podem neutralizar o problema da *DigiStream*. Tobias está fora. Retirou sua candidatura há uma hora.

O choque queimou minha defesa instintiva com o comentário de Mishra. — Ele se *retirou*? Por que?

— Não deu um motivo. Ele simplesmente disse que não se sentia a pessoa certa para o papel no momento.

Não fazia sentido. Ele tinha o acordo da Black Bear e estávamos a pouco mais de uma semana da votação. De todos os outros candidatos, Tobias era o *menos* propenso a jogar a toalha. Não desistiria tão perto da linha de chegada a menos que...

Uma suspeita se formou em meu estômago. *As fotos. A desistência.* Os dois principais candidatos foram atingidos com semanas de diferença um do outro e perto o suficiente da eleição para que tivéssemos pouco tempo para nos reunirmos. Talvez tenha sido uma coincidência, mas o momento era extremamente conveniente.

No entanto, mantive meu rosto neutro enquanto minha mãe continuava. Não queria lançar acusações até que tivesse mais do que meus instintos me apoiando.

— Isso é uma coisa boa — disse minha mãe. — Gosto de Tobias, mas era seu maior concorrente. Os votos dele estão em disputa, o que significa que precisa de um empurrão de campanha de última hora.

— Estamos aqui para verificá-lo de qualquer maneira depois de tudo o que aconteceu — acrescentou Abigail. — A notícia de Tobias veio na hora certa. Agora, podemos debater como reunir esses votos.

— Abby. — Eu a nivelei com um olhar uniforme. — Você odeia falar de negócios.

Ela era uma socialite profissional. Sua experiência de campanha começou e terminou com a presidência de um comitê de gala. Minha mãe provavelmente a forçou a vir para que pudesse me convencer a terminar com Isabella. Sabia que eu não a ouviria, mas poderia ouvir minha irmã.

— Ainda posso ter ideias — Abigail rebateu. — Você é meu irmão. Eu quero que ganhe.

— A primeira ordem do dia é gerar boa imprensa — disse minha mãe, interrompendo nosso bate-papo. Quando eu e Abigail começávamos, poderíamos discutir por horas. — Marquei um encontro público entre você e Clarissa.

Ao meu lado, Isabella se mexeu pela primeira vez desde que nos sentamos. Minhas mãos se fecharam em punhos, mas me forcei a relaxar até minha mãe terminar de falar.

— Ela estava compreensivelmente hesitante, dada a situação em que a colocou, mas concordou. Isso ajudará a anular os rumores sobre você e sua... amiga. — Seus olhos passaram rapidamente por Isabella com desdém. — Não que pareça particularmente preocupado com os tabloides pegando-os juntos.

Ela estava certa. Mesmo depois do escândalo *do National Star*, tinha sido descuidado ao me esgueirar com Isabella. Se eu fosse esperto, cortaria contato com ela até depois da votação, mas ela tinha um jeito de confundir meu cérebro. Talvez isso fosse parte do problema. Sempre que estava com Isabella, o mundo parecia...

mais brilhante. Poderia estar queimando ao nosso redor e não importaria, desde que estivesse lá.

— Primeiro, não vou a um encontro com Clarissa — disse friamente. — É errado enganá-la. Em segundo lugar, Isabella está sentada bem aqui.

— Isso é enganá-la? — Minha mãe arqueou uma sobrancelha esculpida e mudou para cantonês. — Sua paixão por Isabella passará, e perceberá que Clarissa é muito mais adequada para você quando se trata de criação, educação e temperamento. Pode pensar que sou arrogante, mas sou sua mãe. Só quero o que é melhor para você. Já vi muitas crianças rebeldes cometerem erros terríveis para permitir que faça o mesmo. Olhe para os Gohs. A filha deles fugiu com aquele garoto *horrível* da piscina apenas para engravidar e ficar sem sua herança. Seus pobres pais não puderam mostrar seus rostos na sociedade desde então.

— Clarissa e Isabella não são cachorros — disse em cantonês, tentando manter a calma. — Não podemos colocá-las lado a lado e comparar sua criação. No entanto, se o fizéssemos, devo lembrá-la de que Isabella é a herdeira dos Hotéis Hiraya? Não é uma garçonete humilde, como pensou originalmente.

Não estava chateado com Isabella por esconder seu histórico familiar de mim. Inicialmente, fiquei magoado por não ter confiado em mim o suficiente para me contar seu segredo, mas entendi por que fez isso. Honestamente, a revelação de sua família tornou nosso relacionamento mais fácil de vender para minha família e para o conselho. Um Young namorando uma bartender era escandaloso. Um Young namorando uma herdeira era normal.

Os lábios de minha mãe se afinaram. — Não é sobre a riqueza. É sobre adequação. Ela...

— Não acha que Kai deveria ser quem determina a adequação de seu parceira? — Isabella interrompeu. Sorriu ao ver a surpresa no rosto de minha mãe. — Sou chinesa filipina. Falo inglês, tagalo, *hokkien*, mandarim e cantonês. Estou surpresa que não tenha pensado nisso, dada toda a sua *educação* e criação.

Passei a mão na boca, escondendo meu sorriso. Um sorriso semelhante surgiu nos lábios de Abigail. Adorávamos nossa mãe, mas também adorávamos ver as pessoas reclamando dela. Isso não acontecia com frequência.

Ela se recuperou com uma velocidade notável, como Leonora Young sempre fazia. — Então deveria saber por que você e meu filho não combinam — disse em uma voz como água gelada. — Se não fosse por você, não estaríamos nessa... situação. Um Young dirige nossa empresa desde que foi fundada, há mais de um século. Recuso-me a deixar uma paixão espalhafatosa arruinar nosso legado.

— É engraçado — disse Isabella. — Quer que Kai administre uma empresa da Fortune 500, mas o trata como uma criança que não pode tomar suas próprias decisões. Como concilia essas duas coisas?

Meu sorriso se alargou. Deveria estar pensando na *DigiStream*, na retirada suspeita de Tobias e em tirar minha família do meu apartamento o mais rápido possível, mas tudo que conseguia pensar naquele momento era o quanto queria agarrar Isabella e beijá-la.

Minha mãe ficou, compreensivelmente, menos impressionada com a resposta de Isabella. — Como ousa falar comigo desse jeito? — Virou os olhos furiosos para mim, com as bochechas vermelhas de indignação. — *Esse é o tipo de mulher pela qual está disposto a jogar fora seu futuro?*

— Ninguém está jogando nada fora. — Impiedosamente encurralei minha diversão em uma linha reta. — Isabella não é responsável por nada disso. São necessários dois para manter um relacionamento. Ela não me forçou a sair com ela, nem apontou a mão para o *National Star*. É tão vítima de Victor Black quanto qualquer outra pessoa.

— Falando em Victor, o que fará com ele? — Perguntou Abigail. Ela o desprezava quase tanto quanto eu depois que o *Star* insinuou que ela estava desviando fundos de caridade anos atrás.

— Estou cuidando disso. — Ignorei suas maquinações no passado porque não eram dignas de minha atenção, mas ele foi longe demais. Quando terminasse com ele, não teria mais uma empresa *ou* reputação.

— Discutiremos seu relacionamento particular mais tarde — minha mãe disse, sua expressão rígida. Deve ter percebido que não conseguiria falar comigo com Isabella sentada ali. — No entanto, nossa declaração pública afirma que *nunca* houve um relacionamento e que as fotos são inocentes. A desistência de Tobias coloca você na liderança novamente, mas não podemos ser complacentes. Precisamos partir para a ofensiva midiática.

Como atual CEO, ela não deveria planejar estratégias comigo, mas a reputação de nossa família estava em jogo. Leonora Young

não era uma quebradora de regras por natureza, mas quando pressionada, os fins sempre justificavam os meios.

— Acha que sair com Clarissa deveria fazer parte dessa ofensiva — disse categoricamente. Sem pensar, enrolei minha mão sobre a de Isabella. A dela descansava em seu colo, a pele gelada. Estava mais nervosa do que sua bravata anterior deixava transparecer.

Uma onda de proteção cresceu em meu peito. Dei um pequeno aperto na sua mão, que ela retribuiu.

A boca de minha mãe franziu. — Sim. Clarissa entende a natureza do encontro e concordou em ajudar. Precisamos reabilitar a sua imagem. Cada pedacinho ajuda, especialmente tão perto da votação.

— Eu dificilmente acho...

— Deveria fazê-lo.

Três pares de olhos chocados se voltaram para Isabella, incluindo os meus. — Com licença? — Disse, com certeza tinha ouvido errado.

— Deveria fazer isso — repetiu. — Você e Clarissa sabem que não é um encontro real, o que resolve o problema de enganá-la. É um golpe de relações públicas e, se isso o ajuda a ganhar a votação, vale a pena fazê-lo.

Uma sombra de aprovação cruzou o rosto de minha mãe. — Pela primeira vez, estamos de acordo.

— É uma boa ideia — Abigail entrou na conversa. — Um encontro equivale a pelo menos uma semana de imprensa.

Jesus Cristo.

Não gostava da ideia de usar Clarissa para promover meus próprios meios. Era cafona, mas sabia como a mídia funcionava. Cada pedacinho ajudava.

— Tudo bem — disse, imaginando como minha vida profissional havia evoluído de fusões para golpes publicitários. — Um encontro. Farei isso.

Só esperava que não voltasse para me morder na bunda mais tarde.



Dois dias depois da visita de minha mãe e minha irmã, cerrei os dentes e fiz uma visita a Richard Chu em sua casa na *Fifth Avenue*. Após o rancor inicial que seguiu sua chegada surpresa, nós quatro, incluindo Isabella, deixamos nossas diferenças de lado para resolver meu plano para as próximas duas semanas. O primeiro passo foi o encontro de relações públicas com Clarissa. O segundo passo foi um encontro cara a cara com o membro mais poderoso do conselho da empresa.

Como minha mãe disse, a retirada de Tobias aliviou um pouco a pressão, mas não podia me dar ao luxo de complacência.

— Isso é uma surpresa. — Richard cruzou as mãos sobre o estômago e me olhou divertido. Um toque de triunfo brilhou em

seus olhos, fazendo meu estômago revirar. — O intrépido Kai Young me procurando em *minha* casa. Que honra.

Minha mandíbula travou, reprimindo uma resposta mal-humorada. Odiava o cheiro velho e mofado de seu escritório. Odiava o olhar presunçoso em seu rosto. Acima de tudo, odiava ter que pedir ajuda a ele, como um cão vadio implorando por migalhas. Parte de mim preferiria pular da ponte do Brooklyn a dobrar os joelhos, mas havia mais do que meu orgulho em jogo. Pelo menos era o que eu dizia a mim mesmo.

— Temos muito a discutir. — Meu sorriso mascarou meu desgosto. — Tenho certeza que vai concordar.

— Engraçado como gostaria de falar agora que seu futuro está em jogo. — Richard ergueu uma espessa sobrancelha grisalha. — Certamente não quis me ouvir quando eu disse que estávamos indo rápido demais com todo esse ruído digital.

Porque seu conselho está mais desatualizado do que seu gosto em decoração.

Seu escritório poderia ser colocado inteiro em um museu de artefatos do final do século XX e ninguém piscaria.

— Já que Tobias está fora da disputa, é do nosso interesse trabalharmos juntos — disse, desviando de sua observação direta. — Você e eu sabemos que sou a melhor pessoa para o trabalho. Paxton é muito inexperiente, Russell é muito dócil e Laura é talentosa em comunicação, mas não tem capacidade para CEO. Entretanto, venho me preparando para isso desde que nasci. Pode não gostar de mim, mas ainda quer o melhor para a empresa. Isso seria eu liderando.

Ricardo bufou. — Não há nada como a arrogância da juventude. Tudo bem. — Abriu as mãos. — Já que veio até aqui, deixe-me ouvir o que tem a dizer.

Eu me irritei com seu tom paternalista, mas me forcei a ignorá-lo. Apresentei minha proposta. Era simples. Se ele me promettesse seu voto, o indicaria como conselheiro sênior durante meu primeiro ano como CEO, o que lhe daria uma influência considerável sobre as iniciativas da empresa. O primeiro ano, especialmente os primeiros cem dias, eram cruciais para um novo CEO. Era quando definiam o tom e as prioridades de sua liderança daqui para frente. Trazer Richard para meu círculo íntimo foi uma concessão significativa de minha parte, mas foi a única maneira de aliviar suas preocupações e garantir seu voto.

— Interessante — disse depois que terminei. — Pensar sobre isso.

Minha coluna travou. Ele *pensaria* sobre isso? Calor ferveu lento e grosso em minhas veias. — Esta é a melhor oferta que receberá.

Eu não imploraria. Não mais do que já tinha.

Richard me deu um sorriso enigmático. — Tenho certeza. — Ele se levantou e estendeu a mão em uma rejeição óbvia. — Bom vê-lo, Kai. Boa sorte com a votação.

Mantive a calma durante a viagem de elevador e a caminhada pelo saguão, mas o ar gelado de janeiro tirou as portas do meu controle. A frustração surgiu, sem controle, através do meu sangue.

Eu: Está livre para uma partida hoje à noite?

Dante respondeu menos de um minuto depois.

Dante: Emergência?

Eu: pedido amigável

Dante: Certo. Vejo você às 7

Dante: Aliás, você me deve. Deveria assistir a um filme com a Viv hoje à noite

Eu: Tenho certeza de que sua vigésima revisão de Stardust teria sido tão brilhante quanto a primeira

Dante: Foda-se

Guardei meu telefone no bolso, minha raiva diminuindo com a promessa de uma luta garantida mais tarde. Algumas pessoas faziam terapia; Dante e eu nos socávamos. Era mais rápido, mais eficiente e servia como exercício físico.

Subi no carro que me esperava e instruí o motorista a me levar de volta ao escritório.

Richard achava que era um fazedor de reis, mas poderia vencer sem ele.

Eu era Kai Young.

Nunca perdia.



CAPÍTULO 32

Isabella

Não poderia fazer isso. Mesmo com meu horário de trabalho flexível, os desbloqueadores de escritor aprovados por neurocientistas de Kai e a perspectiva de enfrentar a expressão presunçosa de Gabriel, *sabia que estava blefando*, não consegui terminar meu livro a tempo.

Faltava menos de uma semana para o aniversário de minha mãe, e toda vez que me sentava em frente à minha nova máquina de escrever, congelava. Não era mais uma questão de deletar; as palavras não vinham, ponto final. Faltavam apenas alguns capítulos, mas meu cérebro estava cheio de outras preocupações - os abutres da *National Star*, meu terrível encontro com a mãe de Kai, a incerteza de meu relacionamento com Kai e, acima de tudo, seu recente encontro com Clarissa.

Fui eu quem disse a ele que estava tudo bem. Sabia que não era real e que o encontro era puramente para fins de relações públicas, mas isso não me impediu de jogar o jogo de comparação quando as fotos chegaram às páginas da sociedade no início desta semana. Kai e Clarissa tendo um jantar romântico em um restaurante italiano. Kai e Clarissa andando pela rua, de mãos

dadas. Ambos eram elegantes e sofisticados - a combinação perfeita.

Uma combinação melhor do que você e ele, sussurrou uma voz insidiosa.

Meu estresse e minhas inseguranças se acumularam como uma represa, bloqueando o fluxo da criatividade até ficar sedenta por inspiração. Já que não consegui encontrar uma maneira de passar pelo quarteirão, em vez disso me joguei no trabalho para Alessandra. Era muito mais fácil construir o sonho de outra pessoa do que o meu. Havia menos risco, menos investimento, menos medo do fracasso.

Criamos um nome para seu negócio - Floria Designs, em uma homenagem às flores e a Florianópolis, sua cidade favorita no Brasil. Configurei as contas de mídia social, criei um site básico e criei uma conta de vendedor no *Etsy*. Examinamos planos de negócios, estratégias de marketing e demonstrações financeiras.

Às vezes ficava na casa de Alessandra até as dez ou onze da noite, mas nunca via Dominic. Era como se ele nem morasse lá.

— Ele passa a maior parte do tempo em seu escritório — disse Alessandra quando um dia perguntei a ela sobre isso durante o café da manhã.

— Parece um desperdício gastar tanto dinheiro em uma bela casa e não aproveitá-la. — Quanto mais tempo passávamos juntos, mais confortável eu ficava falando sobre outras coisas além do trabalho.

Não queria me intrometer, mas tinha a sensação de que Alessandra precisava de alguém para desabafar.

— A cobertura custou a ele vinte e cinco milhões — disse. — O escritório lhe dá mais de três bilhões. Com o que acha que ele se preocupa mais?

Eu não tinha resposta para isso.

Comemos em silêncio, ambas perdidas em nossos próprios pensamentos, antes que ela falasse novamente. — Como está? Grande dia hoje.

O pão virou cinzas na minha língua. — Estou bem. Apenas nervosa por Kai.

Depois de meses de espera e planejamento, a votação para CEO da *Young Corporation* finalmente chegou. Coloquei um alerta para os resultados, mas meu telefone ficou mudo a manhã toda.

— Ele ganhará — disse Alessandra. — Não consigo imaginá-los escolhendo outra pessoa. Ele é um Young.

— Eu sei, mas será bom confirmar. — Uma sensação inquietante se agitou em meu estômago, que culpei pelo jantar pesado da noite passada.

Ela estava certa. Kai estava quilômetros à frente dos outros candidatos. Eu não tinha motivos para me preocupar.

De acordo com Kai, o conselho havia comprado o anzol, a linha e a chumbada para fotos Clarissa. Nós nos abstivemos de nos encontrar pessoalmente desde a visita surpresa de sua família. Era muito arriscado, dado o escrutínio intensificado após a façanha de

Clarissa, então nos contentamos com ligações e mensagens de texto.

Não vê-lo pessoalmente não ajudou minha praga geral de ansiedade, mas estava mais preocupada *com* ele do que com qualquer outra coisa. Se ele perdeu...

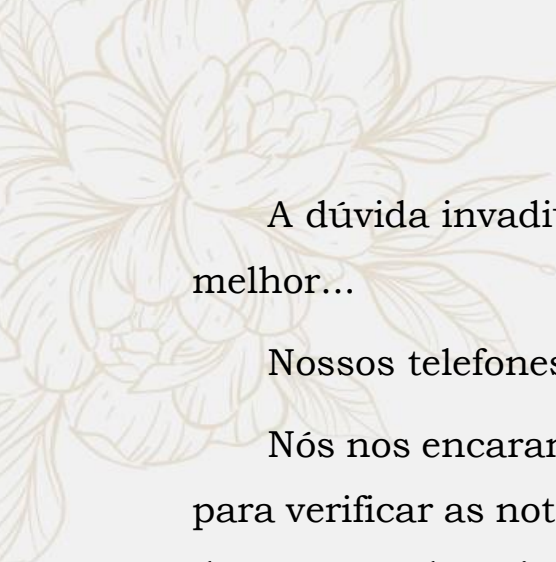
Não vá por aí. Ele não perderá.

O café da manhã continuou de maneira igualmente silenciosa. Alessandra e eu geralmente tínhamos muito sobre o que conversar, mas estávamos distraídas demais para sermos uma boa companhia.

Olhei para o meu telefone pela vigésima vez naquela manhã. *Nada.*

— Vamos repassar o plano de mídia social novamente — Alessandra disse depois que terminamos de comer. — Vai ajudar a tirar sua mente de outros assuntos.

— Verdade. Não há nada como a promessa da fama nas redes sociais para me distrair. — Lutei contra o desejo de pesquisar no Google *Young Corporation*. Por que estavam demorando tanto? O comitê de votação estava deliberando desde a manhã e já era meio da tarde em Londres. Talvez meus alertas de notícias estivessem quebrados. — Seremos uma daquelas empresas divertidas e sarcásticas on-line, como a *Wendy's*. Eu sei! — Estalei os dedos. — Podemos começar uma guerra na internet mutuamente benéfica com outra empresa de flores prensadas. Haverá mais flores e drama do que um episódio de *Bridezillas*. Quem não gostaria disso?



A dúvida invadiu a expressão de Alessandra. — Não sei se é o melhor...

Nossos telefones vibraram ao mesmo tempo, cortando-a.

Nós nos encaramos por um segundo antes de nos esforçarmos para verificar as notícias. Meu coração disparou quando vi o nome da empresa de Kai preenchendo minha tela.

Era isso.

Os resultados da votação do CEO foram divulgados.



CAPÍTULO 33

Kai

Dante deu um soco na minha mandíbula. Minha cabeça foi jogada para trás e o gosto de cobre encheu minha boca.

Deveria ter doído, mas a adrenalina amorteceu o impacto. Eu me afastei e devolvi seu golpe com um dos meus. O gancho cruel o atingiu no alto do peito, provocando um grunhido de dor.

A transpiração cobria meu rosto e torso. Estávamos nisso há mais de uma hora. Meus músculos gritavam de agonia, e o cheiro de sangue, suor e testosterona entupia minhas narinas. Uma vez que minha adrenalina caísse, ficaria fora por pelo menos um dia.

Eu me preocuparia com isso mais tarde. Por enquanto, concentrei meu foco em derrotar Dante e sair de uma certa reunião em Londres. Nem o atual CEO nem os candidatos foram permitidos na sala durante as deliberações, por isso estava voando às cegas até que o comitê eleitoral anunciou sua decisão.

Acertei outro soco na bochecha de Dante; ele me pegou nas costelas. De novo e de novo, o ritmo familiar de nossos socos e ganchos era quase suficiente para levar o voto para o fundo da minha mente.

Quase.

— Poderia ter se poupado da tortura de esperar se tivesse usado o que te dei — ofegou, desviando de um *uppercut*. — Eu literalmente entreguei a posição para você em uma bandeja de prata, ou em um envelope pardo, se formos técnicos.

Foi a primeira vez que ele reconheceu ter enviado o “presente” de Natal de Christian.

— Disse a você, eu não preciso me rebaixar a chantagem. — A ideia de usar a informação passou pela minha cabeça depois que as fotos minhas e de Isabella apareceram pela primeira vez, mas a descartei assim que surgiu.

Recorrer à chantagem era o mesmo que admitir a derrota. Isso significava que eu não era bom o suficiente para vencer sozinho.

— Não é chantagem. É um seguro. — O sangue vazou de um corte na testa de Dante, e o início de uma contusão escureceu sua mandíbula.

Vivian me daria uma bronca mais tarde pelo estado deplorável em que devolveria seu marido, mas duvidava que eu estivesse muito melhor. A sessão de hoje foi catarticamente brutal.

— Engraçado. Isso é exatamente o que Harper disse.

— E ele está certo. — Dante fez uma pausa com uma careta. — Não diga a ele que eu disse isso. O ego do bastardo dispararia pela porra do telhado.

Bufei. — Achei que seria contra chantagem, dado o que aconteceu com o pai de Vivian.

Seu rosto escureceu com a menção de seu sogro. — Em certas situações, sim — disse. — Mas também se mostra

surpreendentemente eficaz a curto prazo. Só precisa ser inteligente o suficiente para antecipar as consequências de longo prazo.

Ou eu poderia ignorá-lo e não ter nenhuma consequência de longo prazo para começar. Antes que pudesse responder, o toque do meu telefone soou no ar encharcado de suor e sugou a leveza da sala.

Nossos movimentos pararam. O ar evacuou de meus pulmões quando me concentrei no banco onde coloquei meu telefone.

Poderia ser um operador de telemarketing, meu assistente ligando com uma pergunta ou uma dúzia de outras possibilidades, mas meu instinto me dizia que não. Eram onze da manhã aqui, o que significava que estava perto do fim do dia de trabalho em Londres. Momento perfeito para um anúncio do CEO.

Meu coração batia forte o suficiente para abafar o toque. Um gosto metálico brotou na minha língua, inundando-me com partes iguais de antecipação e mau presságio.

Depois de tudo - os esquemas, os escândalos, os contratemplos - era isso. O momento da verdade.

— Kai.

A voz baixa de Dante chamou minha atenção de volta para ele. Seus olhos estavam fixos em algo por cima do meu ombro, e seguiu seu olhar até a saída. Uma âncora arrastou meu estômago direto para o piso de lona preta do ringue de boxe. Um zumbido baixo encheu meus ouvidos.

Isabella estava ao lado da porta, seu peito arfando com respirações rápidas. Não sabia como ela entrou, mas sabia por que estava aqui. Estava escrito em seu rosto.

Eu havia perdido a votação.

Isabella

O silêncio era ensurdecedor.

Dante murmurou uma desculpa sobre encontrar Vivian para almoçar e saiu rapidamente, deixando Kai e eu sozinhos na academia de boxe.

Ele ficou parado como uma pedra no meio do ringue. O suor brilhava em seu torso nu e umedecia seu cabelo, fazendo-o parecer um guerreiro recém-saído da batalha.

Peguei o final de seu combate com Dante. Foi a primeira vez que vi Kai lutar, e isso me deixou sem fôlego. A precisão, o poder, a graça letal - era como assistir a um mestre executar uma dança lindamente coreografada.

Se eu estivesse aqui por qualquer outro motivo, teria saboreado a experiência, mas tudo o que senti foi uma bola gelada de pavor na boca do estômago.

— Quem? — O rosto e a voz de Kai estavam limpos de emoção.

Engoli o aperto na minha garganta. — Alguém chamado Russel Burton?

Então, ele reagiu. Um pequeno empurrão de seus ombros, seguido por uma compreensão escura e ardente em seus olhos.

O nome o surpreendeu.

Esperei por uma reação maior - uma maldição, um discurso retórico, *algo* que indicasse seu reconhecimento do que aconteceu. Em vez disso, desceu do ringue, enxugou o rosto com uma toalha e abriu a tampa de sua garrafa de água. Se não fosse por seus movimentos rigidamente controlados e a tensão em seu pescoço, teria pensado que não tinha me ouvido.

Caminhei em sua direção com a cautela de um caminhante que se aproxima de uma cascavel.

Quando vi a notícia sobre a seleção de Russell, meu estômago revirou como se eu tivesse perdido. Não conseguia imaginar como Kai deve ter se sentido. Esta era *sua* família. A sua companhia. Seu Legado.

Uma simpática Alessandra me deu o dia de folga. Consegui falar com Dominic e de alguma forma o convenceu a me dar acesso a *Valhalla*, onde sabia que Kai estava lutando boxe com Dante.

Não sabia o que fazer ou como poderia ajudar, mas só queria estar aqui para ele.

— Talvez seja um engano — arrisquei. Corri para cá o mais rápido que pude e não li o artigo inteiro. — Talvez eles...

— Não é um erro. — Kai parecia estranhamente calmo. Olhou para cima, sua pele esticada sobre as maçãs do rosto. A subida e descida desigual de seu peito traía suas emoções mascaradas.

Meu coração se apertou. — Kai...

Ele esmagou o resto das minhas palavras entre nossas bocas. O beijo foi tão súbito, tão inesperado, que tropecei um passo para trás antes de me segurar. Nós nos beijamos antes, muitas vezes. Doce, abrasador, faminto, lânguido... a natureza de nossos abraços diminuía e fluía dependendo de nosso humor, mas ele nunca me beijou *assim*. Mãos emaranhadas no meu cabelo, dentes raspando em meus lábios, músculos vibrando com energia espiralada. Desesperado e febril, como se estivesse se afogando e eu fosse sua única tábua de salvação.

Pedaços de sua máscara de pedra caíram no chão ao nosso redor. As emoções se derramaram pelas rachaduras irregulares, arrastando minhas mãos para seus ombros, seus dentes no meu pescoço e seu punho ao redor da bainha da minha saia.

Kai puxou para cima e me apoiou contra o ringue de boxe ao mesmo tempo. Um rasgo de seda, um farfalhar de roupa, e então estava dentro de mim, me fodendo com uma intensidade que me deixou ofegante. Meu corpo tremia com a força de cada estocada, e lutei para me segurar em algo, qualquer coisa, que pudesse me segurar enquanto trabalhávamos juntos em sua raiva.

Uma sinfonia de grunhidos, gritos e batidas de carne contra carne ecoaram na sala vazia. Uma mão agarrou seu cabelo enquanto a outra agarrou as cordas acima de mim. Tínhamos feito sexo violento antes, mas isso não era sexo. Foi uma catarse.

Forte. Urgente. Implacável.

Ainda assim, não demorou muito para que o prazer tomasse conta de meus sentidos. Mais uma estocada e meu orgasmo detonou, ondulando pelo meu corpo em uma série de

estremecimentos e tremores secundários. Kai gozou logo depois de mim, sibilando um áspero “Foda-se” enquanto seu esperma escorria pela minha coxa.

Nós nos abraçamos por um momento, nossas respirações irregulares no silêncio. Um calor lânguido inundou minhas veias, mas foi temperado pelo nó em minha garganta.

Quando Kai levantou a cabeça novamente, seus olhos estavam cheios de remorso. O nó apertou. — Isa...

Não tive que perguntar a razão por trás de sua culpa. — Está tudo bem — o tranquilizei. — Estou tomando pílula. — Ele não foi o único que se deixou levar. O pensamento de preservativos nem passou pela minha cabeça até agora.

— Não deveria... eu não... — passou a mão no rosto. — Foda-se — repetiu. Seu olhar me percorreu, demorando-se em meu pescoço e peito. Olhei para baixo e estremeci quando vi os chupões marcando minha pele. — Você está bem?

— Mais do que bem, se o meu orgasmo foi alguma coisa — brinquei, esperando apagar sua carranca. Não funcionou. Minha boca se suavizou com uma nova preocupação. Agora que minha euforia pós-sexo estava diminuindo, a gravidade da situação voltou com força total. — Eu deveria te fazer a mesma pergunta.

Foi uma pergunta estúpida porque *é claro que* não estava bem. Tinha acabado de perder o controle da empresa de sua família, mas não tinha experiência em lidar com questões como essa e preferia que ele falasse sobre isso do que fingir que estava tudo bem. Aprendi com a experiência que engarrafar as coisas só levaria a mais problemas no futuro.

A garganta de Kai vibrou. — Russell Burton.

Meu coração se partiu com a descrença entorpecida em sua voz. — Sim — disse suavemente.

Não sabia quem era Russell, mas o odiava mais do que qualquer outra coisa no mundo agora. Não, correção: odiava o *comitê de votação* mais do que qualquer outra coisa. Espero que todos tenham engasgado com suas más decisões e feias canetas corporativas.

Kai não chorou, gritou ou disse outra palavra, mas quando enterrou o rosto no meu pescoço e meus braços envolveram suas costas, senti a intensidade de sua dor como se fosse minha. Isso reverberou pelo meu corpo, estrangulando meus pulmões e ardendo em meus olhos. Ele sempre foi tão legal e composto que vê-lo quebrar, mesmo que um pouco, acendeu uma dor crua que me deu um soco direto no coração.

Gostaria de ter o poder de voltar no tempo ou colocar algum juízo no comitê de votação. Como não podia e não havia nada que pudesse dizer para melhorar as coisas, simplesmente o abracei e o deixei sofrer.



CAPÍTULO 34

Kai

Perdi.

A frase repetiu-se tantas vezes em minha mente que não tinha mais forma ou significado. No entanto, seu impacto não mudou.

Cada vez que ecoava na minha cabeça, desencadeava o mesmo soco no estômago. Libertava a mesma sensação escura e oleosa que deslizou por minhas veias e formou um buraco sem fundo em meu estômago.

Era a *sensação* de perder, que era infinitamente pior do que a própria palavra.

Joguei de volta meu uísque. Isso não apagou a amargura que revestia minha garganta, mas me isolou dos olhares e sussurros. Até certo ponto, de qualquer maneira.

Três dias se passaram desde os resultados da eleição para CEO. Nesse tempo, tinha feito meu trabalho normalmente. Participei de reuniões, parabeneizei Russell e recebi inúmeras ligações, e-mails e mensagens. À noite, ia na casa da Isabella, ou ela vinha na minha, porque agora que a votação tinha acabado, não me importava quem nos visse juntos.



Não discutíamos trabalho, mas nas horas nebulosas entre o final da noite e o início da manhã, quando me enterrei dentro dela e ela se desfazia em meus braços, encontramos maneiras de confortar um ao outro sem palavras.

O barman deslizou outro copo de uísque pelo balcão. Acenei um breve agradecimento e olhei ao redor do bar. *Valhalla* estava lotado. Sempre era na sexta-feira, e foi por isso que apareci deliberadamente esta noite.

As pessoas podiam falar o quanto quisessem, mas me recusei a dar-lhes a satisfação de me esconder e lamber minhas feridas como um cachorro chicoteado.

Eu era Kai Young, caramba.

Consegui tomar um gole da minha bebida fresca antes que uma voz familiar e oleosa arruinasse meu apetite.

— Ora, ora. Veja quem está fora de casa logo após a derrota.
— Victor Black escorregou para o assento ao lado do meu, cheirando a presunção e colônia pegajosa. — É mais corajoso do que pensava, Young.

— Passa muito tempo em Nova York ultimamente. — Arqueei uma sobrancelha desdenhosa. — A DC finalmente o banuiu dos limites da cidade?

Trocar insultos com alguém como Victor estava abaixo de mim, mas precisava de uma distração com Isabella e Dante fora da cidade. Ela tinha voado para a Califórnia para o aniversário de sua mãe na noite anterior, e Dante e Vivian estavam em Paris no fim de semana.

— O que posso dizer? Nova York está tão interessante ultimamente. — A respiração de Victor flutuava em uma nuvem de vodca. Fiz uma careta. O homem estava claramente bêbado, não que tivesse muito cérebro, mesmo quando estava sóbrio. — Deve ser humilhante perder a empresa de sua família para alguém de fora. Para Russell Burton, nada menos. — Balançou a cabeça em falsa descrença. — Se eu fosse você, nunca mais mostraria meu rosto em público.

— Só podemos esperar — disse friamente, lutando contra o lento arrepio de raiva sob minha pele. — E se *eu* fosse *você*, me preocuparia mais com sua própria empresa. Não durará muito mais tempo.

Meus advogados já estavam destruindo o *National Star* por calúnia e difamação, mas isso era apenas uma distração enquanto cavávamos mais fundo nas partes que poderiam derrubar todo o império Black & Co. Os fios estavam lá. Apenas tivemos que localizá-los e desvendá-los.

A boca de Victor torceu. — Aquele processo bobo de difamação? Não é nada. Sabe quantos processos enfrentamos e *ganhamos* todos os anos?

— Mais do que células cerebrais chacoalhando em torno dessa sua cabeça excessivamente gelificada, tenho certeza.

Eu me permiti outro gole de *Macallan* e tive grande prazer no rubor escarlate adornando as bochechas de Victor.

— Quer saber qual é o seu problema? — Ele se inclinou, seus olhos brilhando com malícia.

— Tenho certeza que me esclarecerá.

— Acha que é inteligente *pra* caralho. Que é melhor que todo mundo porque estudou em escolas chiques e cresceu com uma colher de prata enfiada na bunda. Não tem ideia do que significa trabalhar *para* algo como Burton e eu, e você estava tão cego por seu complexo de superioridade - sua crença de que ninguém poderia tocá-lo porque está tão acima deles - que não viu o que estava bem na sua frente. Eu até lhe dei uma pequena dica sobre a *Saxon Gallery*. — Victor balançou a cabeça.

Então foi ele quem me deixou aquele bilhete. Fez isso para foder comigo, sem dúvida. Deveria ter ligado os pontos antes; além de Isabella, ele foi o único perto o suficiente para alcançar meu bolso, mas essa não era a parte em que eu estava preso. O que ele disse antes disso foi.

— Seu orgulho é sua ruína, Young — disse. — E estou aqui para documentar cada passo do caminho.

Eu o deixei divagar. Estava muito inchado de excesso de confiança e regozijo caricatural para notar seu deslize.

Não tem ideia do que significa trabalhar para algo como Burton e eu.

Russell morava em Londres, então não o via pessoalmente desde a eleição. Parecia chocado e oprimido quando liguei para ele, mas algo estava errado. Ele quase parecia *muito* chocado, como alguém tentando convencer seus amigos de que não sabiam sobre a festa surpresa de antemão. Não pensei muito nisso na hora porque queria desligar o telefone o mais rápido possível, mas pensando bem...

Russell Burton, Diretor de Operações. Lida com todos os assuntos internos, supervisiona as funções administrativas e operacionais do dia-a-dia da empresa...

A compreensão atingiu com clareza repentina e ofuscante.

Engoli um palavrão e me levantei, ignorando a tagarelice de Victor. Ele havia superado os resultados da votação e estava falando besteira sobre sua casa nos *Hamptons*.

Vinte minutos depois, tranquei a porta da frente da minha cobertura e disquei o número de Tobias.

Eram duas da manhã em Londres, mas ele atendeu conforme o esperado. O homem nunca dormia.

— O que quer? — A irritação correu quente e amarga sob sua voz. Era a voz de alguém que foi forçado a desistir de algo que queria apenas para assistir a um colega inferior tomá-lo.

Eu conhecia bem a sensação.

— Sobre sua retirada da votação para CEO — disse. — Precisamos conversar.

CAPÍTULO 35

Isabella

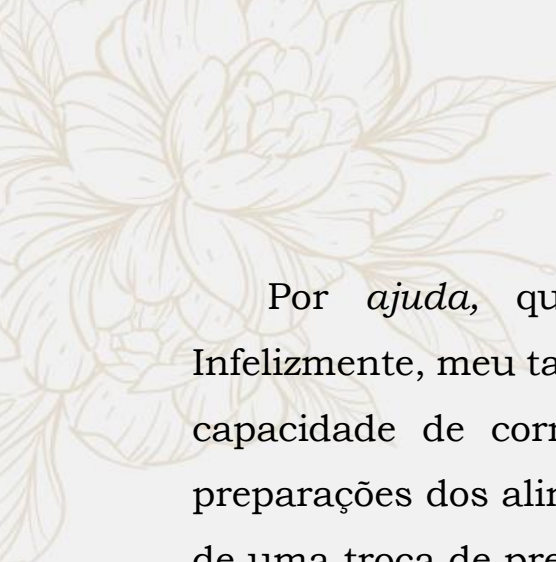
Na manhã de sexta-feira, cheguei à Califórnia com uma mala de mão, um bloco de concreto no estômago e nenhum manuscrito concluído em mãos.

Tentei. Realmente tentei, mas não importava o quanto esforçasse, não conseguia entender o último quarto do livro. Minha criatividade secou completamente, deixando uma casca de ideias descartadas e frases incompletas em seu rastro.

Felizmente, a sexta-feira foi tão agitada que ninguém perguntou sobre o manuscrito. Minha família celebrou o *Christmasbirthdaynewyearpalooza* em ordem cronológica, o que significa que fui lançada nas festividades de Natal assim que aterrissei. Depois de deixar minha bagagem no quarto da minha infância e tomar um banho rápido, ajudei minha mãe e meus irmãos a preparar nosso tradicional banquete de fim de ano - bolos de arroz *bibingka*³⁰, macarrão *pancit bihon*, frango assado no espeto *lechon manok*, salada *buko pandan*, *lumpiang ubod*³¹, rolinhos de primavera recheados com camarão, legumes, coco e carne de porco.

³⁰-Tipo de pastel de arroz,

³¹-Rolinho primavera de palmito, com várias carnes e legumes em um crepe de ovo.



Por *ajuda*, quis dizer cortar legumes e lavar pratos. Infelizmente, meu talento na cozinha rivalizava apenas com minha capacidade de correr um quilômetro em quatro minutos. As preparações dos alimentos se misturavam à refeição real, seguida de uma troca de presentes na qual todos tínhamos que adivinhar os presentes antes de abri-los. Foi um turbilhão de risos, álcool e alegria e a última noite que passamos juntos como uma família antes de tudo ir para o inferno.

Na manhã seguinte, nos reunimos na sala para o aniversário da minha mãe, cansados, mas otimistas. Para a maior parte, de qualquer maneira.

Os nervos martelavam em minhas veias enquanto minha mãe caminhava através de sua pilha de presentes. Gabriel sentou-se ao seu lado, entregando-lhe um novo item sempre que ela terminava de fazer *ooh* e *aah* sobre o anterior.

Romero, Miguel, Felix e eu estávamos espremidos no sofá em frente a eles - Felix rabiscando em seu bloco de desenho, Romero mexendo em seu relógio e Miguel esparramado, parecendo a morte aquecida. Ele tinha bebido mais ontem à noite.

Minha lola e meu lolo ocupavam o canto. A cada poucos minutos, meu lolo cochilava e meu lola batia em seu braço, acordando-o.

— Oh, isso é adorável. — Minha mãe segurou o colar de lua crescente pintado à mão pelo Felix até a luz. — Obrigada.

— Estou feliz que gostou — disse ele facilmente. — Achei que seria apropriado, considerando que é o seu aniversário e o da empresa.

O logotipo dos Hotéis Hiraya era uma lua crescente e quatro estrelas, uma para cada criança Valencia. Seu vigésimo quinto aniversário foi no final do mês.

Felix foi adotado, mas era o mais atencioso de todos nós.

— Oh, *ihó*. — Minha mãe o abraçou, os olhos brilhando de emoção. Ela era a melhor amiga dos pais de Felix antes de suas mortes e, às vezes, compensava a sua ausência esbanjando cuidado e atenção extras com ele.

Nem meus irmãos nem eu nos ressentimos dela por isso. Amávamos Felix tanto quanto ela e éramos igualmente culpados por dar a ele um tratamento especial. Sabíamos o que era perder um dos pais; não poderíamos imaginar perder ambos.

— O de Isabella é o último — Gabriel disse, entregando a minha mãe uma caixa grande e alegremente embrulhada. Ele lançou um olhar ilegível para mim.

Ninguém havia mencionado o *National Star* ou Kai desde que cheguei. Como regra, não discutimos temas negativos durante as comemorações do Natal ou do Ano Novo Lunar, o que deixou o dia de hoje como exceção.

Meus nervos se intensificaram, raspando minhas entranhas em carne viva. Queria que Kai estivesse aqui, mas não queria que meu fracasso estragasse seu primeiro encontro com minha família. Ele já tinha muitos problemas para resolver, e nem sempre podia

usá-lo como um amortecedor. Precisava enfrentar a música por conta própria.

— Pare de balançar o pé — Miguel gemeu ao meu lado. — Está sacudindo o sofá e me dando dor de cabeça.

— Talvez não devesse ter bebido tanta sangria ontem à noite — disse. — Acho *que é* problema seu, não meu pé balançando.

Ele murmurou algo que soou como uma maldição misturada com um gemido.

— Isa, isso é maravilhoso! — Minha mãe admirou a luxuosa caixa de presente que comprei em seu spa favorito em *Palawan*. Consistia em uma gama completa de produtos de higiene pessoal, cuidados com a pele e seu perfume exclusivo. O resort não vendia a caixa on-line, então tive que pedir a um dos meus primos nas Filipinas para comprá-la e enviá-la para mim. — Estive querendo comprar isso. Estou quase sem perfume.

— Momento perfeito então. — Reuni um sorriso, rezando para que ninguém perguntasse sobre o *outro* presente que deveria dar a ela hoje.

Vá em frente. Vá em frente. Vá...

— Sim, é muito bom. — A voz nítida de Gabriel interrompeu minhas orações silenciosas. — Mas acredito que Isa tem outro presente.

A testa de minha mãe franziu. Miguel levantou a cabeça enquanto meu lolo abria um olho, excitado pela perspectiva do drama. Sete olhares me prenderam no lugar como um inseto na parede. A saliva virou serragem na minha boca.

— Que outro presente? — Uma linha de perplexidade cavou entre as sobrancelhas de Romero.

— O livro dela no qual está trabalhando nos últimos três anos.
— Gabriel não tirava os olhos dos meus. — Disse que teria o manuscrito completo para nós hoje, não é?

Thud. Thud. Thud.

Cada batida do coração martelava tão alto na minha garganta que pensei que poderia engasgar. Meus dedos se curvaram ao redor da borda do sofá enquanto uma gota de suor escorria pela minha espinha. Parte de mim queria afundar no chão e nunca mais voltar; outra parte queria socar meu irmão e tirar a expressão de conhecimento de seu rosto.

— Isabella? — Chamou Gabriel.

O gosto de centavos inundou minha língua. — Não tenho isso — disse calmamente. — Não está terminado.

O silêncio caiu sobre a sala, pontuado pelo chilrear dos pássaros do lado de fora da janela. Calor marchou em meu rosto em uma cruzada implacável. Tentei respirar fundo, mas o oxigênio era muito escasso, minha pele muito rija. Vergonha e culpa inflaram dentro de mim, testando as costuras da minha compostura e vazando pelas rachaduras como enchimento de um animal de brinquedo rasgado.

Aguentei a tempestade *do National Star*, o rompimento com Easton e o encontro com a mãe de Kai, mas nunca me senti menor do que naquele momento.

— Tudo bem — disse Felix, sempre o pacificador. — Está quase pronto, certo?

Dei um aceno suave. Estava presa há *quase* semanas, mas não precisavam saber disso.

Gabriel cruzou os braços. — Achei que estava quase pronto há quatro meses.

— Vamos lá, cara. — Miguel o encarou. — Não seja um idiota.

— Não estou sendo um idiota — Gabriel disse friamente. — Estou confirmando o que Isa me disse no final de setembro.

Outro silêncio invadiu, pesado com apreensão.

— Ele tem razão. Eu disse isso. Eu... — Couro apertado contra meus dedos curvados. — Não estava tão perto quanto pensava.

Poderia culpar várias pessoas e coisas pelo meu fracasso - os tabloides, meu trabalho diário, meu relacionamento com Kai, meu irmão por definir o prazo, mas no final das contas, a culpa foi minha. Eu é que não tinha disciplina para fazê-lo, que me deixava distrair por sexo e festas; quem decepcionou a mim e aos outros repetidamente.

Gabriel foi duro, mas ele estava certo.

Meus olhos estavam quentes e queimados, e de repente estava feliz por Kai não estar aqui. Não queria que ele testemunhasse minha espetacular implosão e percebesse em que confusão estive envolvido esse tempo todo. Eu era parte da razão pela qual perdeu a votação para CEO, e não valia a pena.

— O presente do spa é o suficiente — disse minha mãe, dando a seu filho mais velho um olhar de reprovação. — Venha. Vamos

comer. *Tigil muna sa mga bigating usapan. Não há mais conversa pesada para o dia.*

Ela me tranquilizou com um tapinha na saída. Linhas de preocupação marcaram sua boca, mas não mencionou o que aconteceu. Após a morte repentina de meu pai, odiava qualquer coisa que perturbasse a harmonia de nossa família; Acho que temia que qualquer discussão acabasse sendo as últimas palavras que um de nós diria aos outros.

No entanto, o fantasma de sua decepção me perseguiu pelo resto da tarde e me seguiu até o pátio naquela noite, depois que as festividades terminaram e minha mãe e meus avós se retiraram para seus quartos.

Enrolei-me no banco, consolando-me com a disposição familiar do assento e a suavidade das almofadas. Holofotes com sensor de movimento iluminaram o quintal, lançando um brilho amarelo pálido sobre a piscina onde aprendi a nadar, a casa da árvore onde me escondi quando estava chateada e os vários cantos e recantos onde meus irmãos e eu brigamos, brincamos e crescemos juntos. Uma sensação melancólica de nostalgia flutuou sobre mim. Fazia tanto tempo que não morava aqui, mas toda vez que visitava, era como se nunca tivesse ido embora.

A porta de vidro deslizante se abriu. — Ei. — Felix saiu, seu corpo alto e magro iluminado pelas luzes da casa. — Está bem?

— Sim. — Abracei meus joelhos no meu peito, meu peito apertando com sua voz preocupada. — Estou bem.

Ele se sentou ao meu lado. Havia trocado suas belas roupas de festa por uma camiseta desbotada e shorts. — Você não parece bem.

— É a minha alergia.

— Você não tem alergia.

— Sabe-tudo.

A risada suave de Felix me arrancou um pequeno sorriso.

— Se isso é sobre mais cedo, não pense muito nisso — disse.
— Sabe como Gabe é.

— Mas ele está certo. — Uma nova pressão floresceu atrás dos meus olhos. Pisquei, determinada a não chorar. Eu me sentia patética suficiente sem que meu irmão mais legal sentisse pena de mim. — Deveria ter terminado o livro, e não terminei. Nunca termino. Não sei por que... — Apertei meus joelhos contra o peito.
— Não sei por que é tão difícil para mim quando é tão fácil para vocês.

— Isa. — Felix me encarou com um olhar incrédulo. — Não é fácil para nenhum de nós. Sabe quanto tempo levou para eu descobrir o que queria? Quão difícil foi para Miguel escolher uma especialidade? Até Gabe tem problemas para conseguir que as pessoas o ouçam porque é muito jovem.

— E Romero?

— Oh, ele é uma aberração. Tenho certeza de que nasceu com um computador no lugar do cérebro.

O riso derreteu um pouco da tensão em meus ombros. — Ele levará isso como um elogio.

— Tenho certeza que vai. — Félix sorriu. — A questão é que você está no caminho certo. Começou seu livro, que é mais do que a maioria da população conseguiu. Pode parecer que estamos, entre aspas, *antes* de você, mas também somos mais velhos. Temos mais experiência de vida. — Beliscou minhas bochechas. — *Baby ka pa lang*. — *É apenas um bebê*.

— *Pare*. — Eu o rebati com outra risada. — Não aja como se fosse tão velho e sábio. Você é apenas quatro anos mais velho que eu.

— Pode viver várias vidas em quatro anos. — Felix recostou-se e esticou as pernas. — A questão é que não está atrasada. Ainda é jovem. Você tem muito tempo para descobrir isso.

Foi o que pensei quando tinha vinte e dois anos e estava convencida de que seria a próxima grande apresentadora de *talk show*. Agora tinha vinte e nove anos e não estava nem perto de descobrir, fosse o que fosse.

Apreciei as tentativas de Felix de me tranquilizar, mas quanto mais conversávamos sobre isso, pior me sentia. As garantias de alguém tão bem-sucedido soavam paternalistas, mesmo quando não era sua intenção.

— Eu sei — disse, mais porque queria encerrar a conversa do que porque concordava com ele. Meus olhos caíram em seu pescoço nu. — Onde está o seu colar?

Seu mentor, o tipo *woo-woo* “estar em sintonia com a onda”, presenteou-o após sua primeira exposição. Nunca tinha visto Felix sem ele.

Coçou a nuca, as bochechas inexplicavelmente vermelhas. — Eu, uh, perdi.

Meu radar de irmã entrou em alerta total. Ele estava mentindo, mas antes que pudesse investigar mais, a porta se abriu novamente. Gabriel apareceu, seu corpo iluminado por trás era um sinistro derramamento de escuridão na porta.

Felix levantou-se rapidamente. — Está ficando tarde e estou exausto. Vejo vocês amanhã. Você tem isso — acrescentou em um pequeno sussurro quando passou por mim.

Se com isso quis dizer pavor absoluto e total, então ele estava certo.

O terceiro e mais tenso silêncio do dia brotou quando Gabriel ocupou o lugar vago de Felix e a porta se fechou atrás de meu outro irmão.

Coloquei minhas mãos sob minhas coxas. Ele tamborilou com os dedos no banco.

Olhei para a piscina.

Ele queimou um buraco na minha bochecha e finalmente falou. — Estou tentando ajuda-la, Isa.

— Ajudar? — A indignação arrancou a palavra da minha garganta. — Como me humilhar na frente de todo mundo vai *ajudar*?

— Não humilhei você. Eu te pedi algo que nos prometeu. — A boca de Gabriel se afinou. — Todo mundo sempre te mimou porque é a mais nova, mas é uma adulta agora. Palavras e ações têm consequências. Promessas exigem acompanhamento. Temos sido

pacientes por anos enquanto “descobria as coisas” em Nova York.
— Fez aspas no ar com os dedos. — Obviamente, isso não funcionou.

Cada palavra acertada com a força e a precisão de uma bala guiada. As frágeis paredes da minha indignação desmoronaram tão rapidamente quanto foram erguidas, deixando-me em carne viva e exposta.

Você é uma adulta agora. Promessas exigem acompanhamento.

Esse sempre foi meu problema, não foi? Nunca poderia manter uma promessa para mim mesma.

Jurei que terminaria o livro até hoje e não consegui. Disse que desistiria dos homens depois do meu ex e não desisti. Prometi priorizar meu trabalho em *Valhalla* e, bem, todos sabíamos como isso acabou. Não me arrependi de ter ficado com Kai, mas o peso dos meus fracassos esculpiu buracos no meu peito.

— Sabe o que diz a cláusula — disse Gabriel. — Encontrar sua paixão e estabelecer uma carreira aos trinta anos, conforme julgado por mim e minha mãe, ou perderá sua herança.

Essa cláusula era o maior controle que Gabriel tinha sobre mim. Quando nossa mãe o adicionou, ele já trabalhava para ela e servindo como chefe de fato da família, então fazia sentido adicioná-lo como juiz e árbitro.

O peso em meu peito pressionou cada vez mais forte, espremendo lágrimas em meus olhos. Não me importava tanto com o dinheiro. Obviamente, não queria perdê-la, mas perder minha herança significava mais do que abrir mão de milhões. Significava,

sem sombra de dúvida, que eu havia falhado onde todos os outros tiveram sucesso.

— Não precisa me lembrar — disse baixinho. — Eu sei.

— Tem mais um ano. Volte para casa. Descobriremos isso juntos.

— Voltar para casa não mudará as coisas, Gabe. — Não podia deixar Nova York. Além da minha família, tudo e todos que amava estavam lá. — Isso só vai piorá-las.

Sua boca afinou ainda mais. — Não tem responsabilidade em Nova York. Ninguém te pressiona. Se você ficar lá, nunca...

— Para. — Mil vozes espremidas dentro da minha cabeça, lutando por atenção. Minha. Gabriel. Meus pais. Kai. Leonora Young, Parker, Felix e todas as outras pessoas que decepcionei de uma forma ou de outra.

Não humilhei você. Eu te pedi algo que nos prometeu.

Siga os seus sonhos.

Vai terminar. É forte demais para não.

Você e meu filho não combinam.

O clube tem uma regra estrita de não confraternização. Está claro no seu contrato.

Está quase acabando, certo?

— Simplesmente pare. — A emoção destruiu as sílabas ao meio. — Não voltarei. Deixe-me descobrir isso sozinha, está bem?

Não sabia o que faria, mas sabia que não poderia fazer com Gabriel pairando sobre mim. Seu julgamento esmagaria qualquer liberdade de pensamento de mim.

Seguiu-se uma longa pausa.

Depois, ele se levantou, sua sombra me envolvendo sob as luzes do pátio. — A escolha é sua — disse, seu tom frio com desaprovação. — Mas não diga que não avisei.

Um segundo depois, a porta se fechou atrás dele, deixando-me sozinha na escuridão e na miséria.



CAPÍTULO 36

Kai

— Quero isso feito de forma limpa. Sem chantagem, sem contornar a lei — disse. — Não quero que uma única atividade ilegal seja rastreada até mim.

— Se você insiste. — O sotaque suave de Christian Harper fluiu sobre a linha. — Devo dizer que já faz um tempo desde que lidei com alguém que tem uma moral tão inflexível. É quase refrescante.

Somente Christian pronunciaria a palavra *moral* com tanto desdém.

Recostei-me na cadeira e bati com a caneta na mesa. Tentei manter minhas relações com ele ao mínimo, mas quando se tratava de desenterrar rastros digitais e desenterrar sujeira, era incomparável. Era o único que conseguiria o que preciso antes da cerimônia de transição do CEO na próxima semana.

Trechos da minha conversa com Tobias na sexta-feira cavaram em meu cérebro. Inicialmente relutou em falar, mas a amargura e o ressentimento provaram ser um bom abridor de palavras. Em meia hora, divulgou o verdadeiro motivo por trás da retirada de sua candidatura - um envelope contendo fotos espontâneas de sua

filha tiradas ao longo de dois meses e uma nota anônima ameaçando prejudicá-la se ele não desistisse da corrida ao cargo de CEO.

A fúria borbulhante escaldava minhas veias, mas a forcei de lado para poder me concentrar na tarefa em mãos. Precisava planejar meus próximos passos com cuidado, ou tudo desmoronaria.

— Preciso da evidência até o final do expediente de amanhã — disse. — Pode fazer isso?

— Por favor. Este trabalho é uma brincadeira de criança. — Christian parecia entediado. — Já encontrei o que precisa. Acontece que seu intrépido COO está envolvido em um programa robusto de espionagem e sabotagem corporativa. Contratou investigadores particulares para acompanhar os principais membros do conselho e executivos seniores por meses. Pode reconhecer alguns dos nomes. Tobias Foster, Laura Nguyen, Paxton James... Kai Young.

— Todos os candidatos a CEO — disse categoricamente. — Que coincidência.

Já suspeitava de Russell depois do deslize de Victor. Deixando de lado sua improvável eleição, Victor mencionou o nome de Russell com uma familiaridade que ia além da comiseração profissional de pessoas que abriram caminho até o topo desde origens modestas. A função de Russell como COO também lhe deu acesso a praticamente todos os aspectos da empresa, incluindo arquivos pessoais confidenciais, e-mails internos e registros de

bate-papo. Mesmo os investigadores particulares não conseguiram desenterrar algumas dessas informações.

Isso era uma grande vantagem sobre os membros votantes, a maioria dos quais não teria votado nele em vez de mim, Paxton ou Laura sem forte motivação.

No entanto, precisava de confirmação externa de minhas suspeitas e do escopo de suas atividades, ambas as quais Christian acabou de me dar.

— Foi esperto — disse Christian. — Ele incluiu uma pista falsa sobre si mesmo para que seu envolvimento não fosse óbvio se alguém descobrisse a espionagem, e enterrou seus pagamentos sob várias contas de fachada. Levei cerca de uma hora para desmascará-lo. Os detalhes estão no cofre, ao lado de suas comunicações com Victor e vários membros do conselho.

Abri o cofre digital que Christian tinha compartilhado comigo e folheei os arquivos.

Chantagem. Coerção. Conspiração. Russell tinha sido um menino ocupado.

— Suponho que verei algumas dessas fotos nas notícias em breve? — Christian parecia não se importar menos.

— Não até depois da cerimônia de transição. — Olhei para uma foto de Victor e Russell se encontrando debaixo de uma ponte. Era uma foto tão clichê que quase rio. Poderiam se passar por atores de um drama policial barato. — Não gostaria de antecipar a revelação pessoal.

— Claro. — Desta vez, uma nota de prazer entrou na voz de Christian. — Muito mais dramático assim.

Discutimos alguns detalhes restantes antes de eu desligar e sair do cofre. Minha fúria anterior diminuiu, substituída por uma clareza fria.

Pedir a Christian para priorizar meu pedido me custaria no futuro. Sua taxa padrão era exorbitante, mas ele negociava mais favores do que dinheiro.

Atravessaria aquela ponte quando chegasse lá. Na semana passada, chafurdei no choque da minha perda. Esta semana, tinha um propósito novamente: expor Russell e forçar uma nova votação para CEO. De acordo com os estatutos da empresa, se um novo CEO fosse considerado inapto antes de sua nomeação oficial, o comitê de votação tinha quatorze dias para selecionar um substituto.

Victor estava certo sobre uma coisa. Minha arrogância me custou o papel de liderança na primeira vez porque me recusei a pedir ajuda; não cometeria o mesmo erro duas vezes.

Peguei o telefone novamente, uma emoção de vitória iminente passando por mim. Eu tinha seis dias para montar meu plano, mas a parte difícil já estava feita.

Agora, era hora de recuperar a empresa da minha família.



CAPÍTULO 37

Isabella

Quando o *Christmasbirthdaynewyearpalooza* terminou, estava mental, física e emocionalmente exausta. Muitos sorrisos forçados, dias de dezesseis horas e olhares preocupados de meus outros irmãos quando pensavam que eu não estava olhando.

Tentei dormir no voo de volta para Nova York, mas minha mente estava atormentada pela indecisão sobre meus próximos passos.

Queria terminar meu livro, mas se não o terminei até agora, provavelmente nunca terminaria. Deveria desistir em vez de perder meu tempo perseguindo algo que nunca conseguiria.

Gostei de trabalhar com Alessandra e fui decente no meu trabalho. Talvez me tornasse uma assistente em tempo integral. Era mais fácil seguir instruções do que criar algo do zero para mim, e prefiro trabalhar para ela do que para Gabriel.

Não tem responsabilidade em Nova York.

A escolha é sua, mas não diga que não avisei.

Meu peito apertou quando destranquei a porta do meu apartamento e acendi as luzes.

Já sabia o que Gabriel diria. Ele me repreendia por ser negligente, me pressionava para trabalhar no hotel e insistia que voltasse para casa em vez de perder meu tempo em Nova York, tudo naquele tom irritantemente calmo de sei-melhor-que-você. Às vezes, seu comportamento imperturbável me lembrava Kai, exceto que Kai era infinitamente menos irritante e mais encorajador.

Meu coração deu outro aperto ao pensar em Kai e no que tinha que fazer, mas deixei isso de lado.

Não se preocupe com isso até que seja necessário.

Tomei banho, desfiz as malas e disse oi para Monty. Alimentei-o antes de sair, então estava bem por mais uma semana.

— Ei, amigo. Está com saudades de mim? — Acariciei sua pele fria com uma mão conforme se enroscava em meu outro braço e estalava a língua em saudação. Os répteis não podiam sentir emoções como os humanos sentiam, mas podia jurar que seus olhos brilharam de preocupação quando me olhou, ou talvez fosse minha exaustão falando.

Dei um último tapinha em Monty antes de soltá-lo de volta em seu aquário.

Pesquei na bolsa o novo *thriller* de Ruby Leigh que comprei no aeroporto e me preparava para mergulhar em uma noite de sexo, assassinato e autoconsolo quando a campainha tocou.

Gemi. — *Sempre* tem que tocar depois que fico confortável.

Joguei fora meu cobertor de pele falsa e caminhei, descalça, até a porta. Olhei pelo olho mágico, esperando ver a velhinha do 4B que sempre me pedia para consertar o seu Wi-Fi.

Cabelo preto. Óculos, maçãs do rosto que poderiam cortar vidro. Kai.

Meu coração caiu vários centímetros.

— Comprei Juliana's no caminho para cá — disse quando abri a porta. — *Tarte branca*, sua favorita.

Ele entrou, parecendo ainda mais incrivelmente bonito do que o normal em uma camisa de botão azul-claro e terno carvão. Deve ter vindo direto do trabalho.

— Obrigada. — Dei um sorriso fraco, tentando ignorar os nós gordurosos de tensão que se formavam em meu estômago. — Tem um timing perfeito. Estava prestes a pedir a entrega.

Kai me deu um beijo rápido. Não tivemos a chance de conversar no fim de semana, já que eu estava muito ocupada com minha família, mas seus movimentos eram fáceis e relaxados enquanto nos acomodávamos na minha mesa de jantar e comíamos a pizza. Não o via tão sereno desde antes da votação do CEO.

— Você parece feliz — arrisquei. — Aconteceu alguma coisa no trabalho?

Um sorriso brilhou em seu rosto. — Poderia dizer isso.

Escutei, de boca aberta, enquanto contava o que tinha acontecido nos últimos dias. Quando terminou, meu queixo estava praticamente raspando o chão.

— Espere. Russell estava *espionando* os candidatos e chantageando os membros do conselho para que votassem nele? Como isso funciona?

Minha cabeça girou. Não conseguia entender esse nível de subterfúgio corporativo; parecia algo saído de um programa de TV, não da vida real.

— Ele se concentrou em derrubar Tobias e eu, já que éramos sua maior competição — disse Kai. — Não poderia me chantagear para desistir, já que é a empresa da minha família e as pessoas nunca acreditariam que desisti voluntariamente, então atacou de uma maneira diferente. Deixou a maioria dos membros do conselho sozinhos. Os únicos que pressionou a votar nele foram os que já estavam em cima do muro.

— Incluindo Richard?

As feições de Kai endureceram. — Não. Richard supostamente votou em Paxton.

Portanto, seu contato de última hora com Richard não funcionou. Conhecendo Kai, deve irritá-lo sem fim, considerando como engoliu seu orgulho para pedir o apoio do outro homem.

— Achei que tinha dito que Russell não queria ser CEO — disse. Russell trabalhou na *Young Corporation* por mais de uma década. De acordo com Kai, odiava lidar com assuntos externos, então por que iria tão longe para ser o rosto público da empresa?

A boca de Kai pressionou em uma linha fina. — Eu o julguei mal.

Vindo de alguém que estava acostumado a estar certo o tempo todo, foi uma grande admissão. Senti um nó no estômago quando descreveu seu plano para expor Russell e forçar uma nova votação

para CEO, que ele certamente venceria se a primeira parte de seu plano fosse bem-sucedida.

Não duvidei nem por um segundo que *daria* certo. Este era Kai. Quando colocava algo em sua cabeça, sempre o fazia. Além de Russell, a única razão pela qual perdeu foi porque o distraí. Se não fosse por mim, poderia ter descoberto Russell antes e não teria que lidar com tudo isso.

— Chega de trabalho. E você? — Kai perguntou. — Como foi o *Christmasbirthdaynewyearpalooza*?

Por alguma razão, ouvi-lo dizer *Christmasbirthdaynewyearpalooza* naquela voz chique fez minha garganta fechar.

Ele tinha feito tantas coisas ridículas e imprudentes por minha causa, e eu não valia a pena.

— Foi bom. — Peguei minha massa de pizza, incapaz de olhá-lo nos olhos.

— É a mesma forma que disse bom quando perguntei se gostava de James Joyce — disse secamente.

Estremeci com o lembrete. A leitura de *Ulysses* cimentou minha opinião de que um, os clássicos não eram para mim e, dois, a escrita do fluxo de consciência me fez querer arrancar meus olhos.

— Foi bom rever minha família. — *Exceto Gabriel*. — Mas eu... — Rasguei outro pedaço de crosta. — Hum, não terminei meu manuscrito a tempo.

Dada a loucura em torno da votação para CEO, não havíamos discutido o andamento do meu livro antes de eu sair. Eu me senti ainda pior admitindo meu fracasso para Kai do que para minha família. Ele tentou ajudar tanto, com a máquina de escrever e as sugestões de bloqueio do escritor, e eu ainda o decepcionei.

— Tudo bem — disse gentilmente. — Terminará. Não foi um prazo difícil.

Era uma vez, sua fé inabalável me apoiou. Agora, isso só me fez sentir pior porque não merecia.

— Talvez não com uma editora, mas foi para minha família. — Dei a ele um breve resumo do que aconteceu no aniversário da minha mãe. A ansiedade zumbia, aguda e apertada como se estivesse sentada na sala murchando sob o escrutínio da minha família novamente.

Quando finalmente olhei para cima, meu estômago revirou na escuridão que encobria o rosto de Kai.

— Seu irmão — disse ele — é um babaca.

O sentimento era tão direto e diferente dele que me assustou com uma rápida explosão de risadas.

— Sim, ele se orgulha disso. — Meu sorriso derreteu tão facilmente quanto se formou. — Mas não estava errado. Nem... — forcei oxigênio em meus pulmões. *Apenas diga.* — Nem sua mãe. Sobre nós.

Só assim, o ar mudou. A leveza desapareceu, dando lugar a uma tensão espessa e rastejante que me estrangulou como uma videira espinhosa.

Kai ficou estranhamente imóvel. — Significa?

Meu coração vacilou. — O que significa que não somos um bom par — disse, forçando as palavras através do nó na minha garganta. — E nós deveríamos... deveríamos ver outras pessoas.

Tropecei na última metade da minha frase. Saiu irregular e tremula, como se tivesse sido arrastado por arame farpado enquanto subia pela minha garganta. Não sabia de onde vinha o sentimento porque a última coisa que queria era ver outra pessoa ou ver *Kai* com outra pessoa, mas falar era a única maneira de manter minhas emoções sob controle.

Os olhos de Kai eram planícies planas e insondáveis de granito. — Ver outras pessoas.

— Você tem tanta coisa acontecendo com a empresa e o trabalho, e eu tenho um monte de coisas na vida que preciso descobrir. — Apressei as desculpas antes de perder a coragem. — Seríamos distrações um para o outro. Quero dizer, foi divertido enquanto durou, mas nunca tivemos um futuro. Somos muito diferentes. Sabe disso. — Minhas palavras tinham gosto de cianeto - amargas e venenosas o suficiente para fazer meu coração parar de bater.

— É isso que temos? — Kai perguntou baixinho. Ainda não havia se mexido. — *Diversão?*

Miséria fechou minha garganta. Estava me afogando de novo, oprimida pela autoaversão e desamparo. Se eu fosse outra pessoa me observando fazer o que estou fazendo, gritaria para que parasse de ser idiota. Tinha esse homem lindo, brilhante e *incrível* - um homem que me apoiava e encorajava, que me beijava como se eu

fosse seu oxigênio e me fazia sentir vista pela primeira vez na vida - e o estava afastando.

Não porque não me importasse com ele, mas porque me importava demais com ele para segurá-lo ou deixá-lo ressentido comigo no futuro. Um dia, ele acordaria e perceberia que eu era muito menos do que pensava, e isso me esmagaria. Estava salvando a nós dois de um inevitável desgosto antes que chegássemos fundo demais.

Já está muito fundo, uma voz sussurrou antes que a empurrasse para o lado.

— Sim. — Forcei minha resposta passando por lábios rígidos. — As férias, o quarto secreto, a ilha privada... foram experiências incríveis e não me arrependo, mas não são sustentáveis. Foram... — A frase foi interrompida, inundada de lágrimas. — Nunca foram feitos para durar para sempre.

Algo quente e úmido escorregou pelo meu rosto, mas não me incomodei em afastá-lo. Meus olhos estavam muito cheios, meu peito muito apertado. Não conseguia respirar rápido ou fundo o suficiente e tinha certeza de que morreria aqui, nesta mesa, com a alma vazia e o coração em pedaços.

Um músculo se contraiu na bochecha de Kai, sua primeira reação visível desde que toquei no assunto. — Não faça isso, Isabella.

Mãos de aço esmagaram meus pulmões com o som cru e doloroso do nome.

— Está melhor com alguém como Clarissa — continuei, me odiando mais a cada segundo que passava. Minha voz era tão grossa e aquosa que parecia irreconhecível para meus próprios ouvidos. — Ela é o que precisa. Eu não.

Outra lágrima escorreu do meu queixo e caiu no meu colo. Em seguida, outra, e outra, até que houvesse muitas para contar e se misturassem em um rio incessante, interminável de dor.

— Pare. — Os dedos de Kai se fecharam em punhos cerrados. — Se eu quisesse alguém como Clarissa, estaria com Clarissa, mas não estou. *Quero você.* Sua risada, seu sarcasmo, suas piadas inapropriadas e seu estranho amor por dinossauros eróticos...

Uma pequena risada floresceu no deserto da minha dor. Só Kai poderia me fazer rir em um momento como este. *E pensar que uma vez disse que ele era chato.*

Seu sorriso fugaz combinou com o meu antes de desaparecer. — Estamos tão perto, Isa. Valhalla, o *National Star*, a votação para CEO... não há nada que nos impeça de estarmos juntos. Não desista de nós. Agora não. Assim não.

Meu breve momento de leveza morreu.

A dor em sua voz combinava com a que me consumia. Foi pior do que nas vezes em que quebrei meu braço ou acidentalmente cortei minha mão porque não era físico. Era emocional e penetrou tão profundamente em minha alma que tinha certeza de que nunca poderia desenterrá-lo.

Dor angustiante, que rouba a alma e que desafia a respiração.

Queria acreditar em Kai. Queria afundar em sua confiança e deixar que isso me levasse porque entendia a ironia de terminar quando as coisas que nos separavam não eram mais aplicáveis, mas não se tratava de obstáculos externos. Era sobre quem éramos como pessoas, e éramos fundamentalmente incompatíveis.

Uma faixa invisível apertou meu torso, esmagando meu peito.

Era bem-sucedido e motivado; eu era inconstante e pouco confiável. Ele alcançou todos os objetivos a que se propôs; não consegui manter um emprego por mais de um ano.

Nossas vidas se entrelaçaram por um breve e glorioso momento, mas no final das contas estávamos em caminhos diferentes. Eventualmente, nos afastaríamos muito para ficarmos juntos sem que um de nós ou ambos se separassem.

Abracei minha cintura, tentando me manter unida quando estava lentamente quebrando em pedaços. — Sinto muito — sussurrei.

Meu amor. Desculpe.

Dois pares de palavras. Duas configurações. Ambas devastadores de maneiras totalmente diferentes.

Senti mais do que ouvi o impacto deste último em Kai. Uma onda de choque ondulou pelo ar e contornou seu rosto com uma agonia brilhante e ardente. Foi angustiante em seu silêncio e que tudo consumia em sua potência, seus efeitos claramente gravados na elevação irregular de seu peito e no brilho brilhante de seus olhos.

Ele estendeu a mão para mim, mas me abracei mais forte e balancei a cabeça. — Não torne isso mais difícil do que tem que ser. — Lágrimas escaldaram minha pele. — Por favor, Kai. Por favor, vá embora.

Meus soluços se libertaram. Ondas de dor se desenrolaram dentro de mim, batendo contra minhas defesas e me arrastando sob sua fúria terrível e feroz até que me afoguei em angústia.

Kai não era do tipo que ficava quando não era desejado. Era muito orgulhoso, muito bem-educado. No entanto, demorou, sua angústia um espelho tangível da minha, antes de finalmente partir e o ar esfriar.

Não ouvi a porta fechar. Não senti a madeira dura machucando minha pele quando afundei no chão ou ouvi os soluços ofegantes da minha respiração.

A única coisa que existia na ausência de Kai era o nada.



CAPÍTULO 38

Kai

A cerimônia de transição do CEO ocorreu no salão de baile de um hotel em Londres. Todos os executivos da *Young Corporation* estavam presentes, juntamente com um punhado de funcionários locais e “amigos da empresa” VIP.

Era a ocasião perfeita para uma queda, mas não pude aproveitar o momento tanto quanto gostaria.

Por favor, vá embora.

A lembrança da voz e do rosto angustiados de Isabella me comiam como ácido. Não tinha falado com ela desde que deixei seu apartamento na semana passada, mas ela me assombrava cada segundo de cada dia.

Tudo me lembrava dela - livros, álcool, até a cor roxa. Foi particularmente insuportável esta noite, quando o logotipo do pavão roxo da empresa adornou tudo, desde o pódio até as sacolas de presentes em todos os assentos.

Cerrei o maxilar e me concentrei no palco, tentando ignorar a câibra agonizante em meu peito.

A noite tinha progredido sem problemas até agora. O jantar transcorreu sem problemas e minha mãe estava terminando seu

discurso com notável compostura. Se Leonora Young estava chateada por ceder o controle da empresa de sua família a alguém de fora, não dava para saber olhando para ela. Sua voz soou genuinamente sincera quando agradeceu ao conselho e aos funcionários pelo apoio durante sua gestão e apresentou Russell no palco.

Eu sabia a verdade. Por dentro, estava incandescente de raiva.

Meus ouvidos ainda estavam sangrando por causa da nossa ligação pós-votação. Não sabia sobre as manipulações de Russell e culpou Isabella pela minha perda.

Eu disse que ela era uma distração... Se tivesse me ouvido, nunca teria perdido... o nome da nossa família nunca se recuperará...

Não nos falamos desde então.

A sala saudou seu discurso com aplausos estrondosos. Minha mãe apertou a mão de Russell, seu rosto era uma tela de profissionalismo cuidadosamente construída, antes de voltar para sua mesa.

Minha mão se fechou ao redor da haste da minha taça de vinho enquanto Russell subia ao pódio atrás dela para uma recepção mais silenciosa.

Altura mediana, constituição mediana, cabelos castanhos medianos e olhos castanhos. Era o tipo de pessoa que se misturava tão perfeitamente com o cenário que praticamente desaparecia. Eu o havia descartado como uma não-ameaça, mas finalmente vi sua

fachada memorável pelo que era: um disfarce magistral, aprimorado e aperfeiçoado ao longo de anos operando sob o radar.

Minha pele formigou.

Russell era quem falava, mas todos os olhos estavam em mim, esperando por uma reação que nunca daria.

Se as pessoas quisessem um show, logo conseguiriam. Só não de mim.

Do outro lado da mesa, a preocupação de Vivian - com Isabella, a votação para CEO ou ambos - fez um buraco na minha bochecha. A *Russo Group* respondia por mais de cinquenta por cento da publicidade impressa de nossa empresa, então Dante recebia convites para todas as funções importantes. Normalmente recusava, mas apareceu esta noite para - o entretenimento - como chamava.

Ele e Vivian eram os convidados de honra da minha mesa. A maioria dos grandes anunciantes era. Minha mãe reinava sobre uma mesa de membros do conselho enquanto Tobias, Laura e Paxton ocupavam assentos próximos ao palco. Observaram Russell falar com expressões variadas de raiva, desgosto e contemplação. Ele não considerava Laura ou Paxton ameaçadores o suficiente para chantageá-los, mas me perguntei o que diriam quando descobrissem que os estava espionando.

— Quero agradecer especialmente aos membros do conselho que acreditaram em mim... — Russell continuou, sem saber que seus quinze minutos sob os holofotes estavam prestes a expirar.

Ignorei a preocupação de Vivian e examinei a sala. Apreciei sua solicitude, mas tinha um objetivo e um objetivo apenas esta noite.

Minha expectativa aumentou quando a porta de serviço do salão de baile se abriu e meia dúzia de empregados entraram. Cada um carregava uma pilha de pacotes do tamanho de um menu, que distribuíam silenciosamente aos convidados enquanto Russell falava.

A reação deles veio rapidamente. A confusão tomou conta da multidão quando receberam os papéis, seguida por murmúrios chocados.

Russell vacilou com o barulho, mas seguiu em frente. — ...prometo executar minhas funções como CEO com o melhor de minhas habilidades...

Os murmúrios ficaram mais altos. As pessoas estavam ficando agitadas; talheres tilintavam, corpos se moviam e tosses e suspiros pontuavam a tensão crescente.

— Aquele bastardo. — A risada suave de Dante viajou sobre o barulho. — Não pensei que fosse capaz.

Dei a ele uma visão geral sobre a situação de Russell na semana passada, mas não compartilhei os detalhes impressos para todos os cerca de cem convidados presentes.

— O que está acontecendo? — Vivian sussurrou. — Achei que fosse uma cerimônia de entrega.

— E é, *mia cara*. — Dante ainda estava rindo. Colocou um braço em volta de sua esposa e beijou o topo de sua cabeça. — Só não do tipo que estava pensando.

Tomei um gole de vinho e voltei minha atenção para o palco. Satisfação sacudiu em meu peito com a transpiração cobrindo o rosto de Russell. *Está prestes a ficar muito pior para você.*

Com a ajuda de Christian, montei um especial das transgressões de Russell - pagamentos a detetives particulares; instruções para que os referidos detetives sigam membros do conselho e executivos de alto escalão; e-mails conspirando com Victor, um concorrente, para prejudicar minha reputação.

O clamor chegou a um ponto em que abafou o discurso de Russell.

Ele finalmente parou, seus olhos saltando ao redor da sala. Uma mistura de alarme e raiva espreitava pelas rachaduras de seu comportamento afável. — O que é isso? — Exigiu. — O que está acontecendo?

Normalmente não gostava do infortúnio de outras pessoas, mas no caso dele, merecia.

Alisei a mão sobre minha gravata. Ao sinal combinado, os técnicos diminuíram as luzes e ligaram a tela de projeção atrás de Russell.

A apresentação de slides anterior dos destaques da carreira de minha mãe mudou para fotos de Russell e Victor se encontrando pessoalmente. Da nota ameaçadora para Tobias, ampliada e nítida em alta resolução. De notas semelhantes aos principais membros

do conselho, coagindo-os a vários votos. Ele os fez dividir o apoio entre ele, Paxton e Laura, então ganhou por uma pequena margem, reduzindo assim as suspeitas.

A sala explodiu.

Laura deu um pulo, com uma expressão assassina, as mãos gesticulando freneticamente para Paxton, que parecia atordoado. Do seu outro lado, os olhos de Tobias brilharam, sua boca se contorceu com um prazer impiedoso. Um copo quebrou várias mesas abaixo, e vários membros do conselho chantageados tentaram fugir antes que o olhar cortante de minha mãe os congelasse.

Ao contrário da maioria dos convidados, não reagiu às revelações na tela. Sua expressão refletia a de alguém esperando na fila do supermercado, mas quando seus olhos encontraram os meus, brilharam com surpresa e um orgulho feroz e inflexível. Não precisou perguntar se eu era o responsável pela confusão. Ela já sabia.

Levantei-me e a sala ficou em silêncio tão rapidamente que foi quase cômico. Cada par de olhos se voltou para mim enquanto caminhava até o pódio e pegava o microfone das mãos congeladas de Russell.

Ele não se moveu desde que o projetor foi ligado. A cor havia desaparecido de suas bochechas, mas, fora isso, parecia ter problemas para entender a mudança abrupta nos acontecimentos.

— Desculpe-me por interromper seu discurso — disse, enganosamente educado. — Percebi que está bastante entusiasmado com sua escolha como CEO. No entanto, antes de

concluirmos oficialmente sua transição, achei que gostaria de compartilhar suas atividades extracurriculares com a empresa. Parece apropriado, dado o destaque que têm nessas atividades.

Uma vez que a evidência estava lá para todos verem, mantive meu resumo curto. Espionar, conspirar com um concorrente, usar registros de funcionários para fins pessoais e antiéticos. A lista continuou.

— Isso é absurdo. — O nervosismo elevou a risada de Russell a uma oitava mais alta. — Entendo que está chateado por perder a votação, Kai, mas me incriminar por...

Eu bati no pódio. Um segundo depois, um vídeo substituiu as fotos na tela.

Russell e Victor no escritório satélite da Black & Co. na Virgínia, discutindo em detalhes como e quando publicar os artigos sobre mim e Isabella. A conversa logo mudou para o pagamento de Victor - uma quantia considerável em dinheiro mais a promessa de Russell de dar a ele vários furos de notícias futuros se fosse escolhido como CEO.

Obrigado, Christian.

As fotos e documentos eram condenatórios, mas o vídeo foi o golpe mortal. O pânico se formou nos olhos de Russell. Ele se virou, mas deve ter percebido que não tinha para onde ir, porque não tentou fugir enquanto eu fechava o show da noite.

— Tem razão. Estou *chateado* por perder a votação — disse. Ferro subjacente à minha voz. — Estou chateado por perder para alguém que trapaceou para vencer. Foi um COO decente, Russell.

Poderia ter competido de forma justa em vez de mentir e manipular as mesmas pessoas que prometeu servir.

— Justa? — A palavra trouxe uma onda violenta de carmesim ao seu rosto. — *Justa?* Não havia nada *de justo* no processo, e sabe disso. Trabalhei duro para a empresa por duas décadas, dez delas como COO. Deveria ser o segundo em comando, mas no minuto em que você chega, recém-saído da escola com seus diplomas chiques e sobrenome, as pessoas o tratam como se estivesse no comando. Bem, estou farto disso.

As mãos de Russell se fecharam. — O processo de seleção para CEO foi uma farsa. Todo mundo sabia que você ganharia simplesmente porque é um Young. Fui incluído como candidato por pena apesar de tudo que fiz pela empresa. Enquanto Leonora estava ocupada viajando e você perseguindo negócios fantásticos, mantive as luzes acesas e os escritórios funcionando. Mereço reconhecimento, caramba, e me *recuso* a servir sob o comando de algum arrogante e um fanfarrão arrogante que pensa que é melhor do que todos!

Sua voz aumentava com cada palavra até que explodiu como um trovão pela sala atordoada. Uma veia latejava em sua testa e salpicos de saliva saíam de sua boca. O fedor de raiva e indignação emanava dele em ondas grossas e ondulantes, fazendo meu estômago revirar.

Este era um homem que vinha reprimindo seus sentimentos há anos, senão décadas. Um homem que acreditava tão firmemente em seu martírio que não via nada de errado no que

fazia. Em sua mente, tinha todo o direito de mentir, trapacear e chantagear para chegar ao topo porque “merecia”.

Não era imune às minhas deficiências. Olhando para trás, posso admitir que me sentia tão merecedor do cargo de CEO quanto ele. A única diferença era que eu não ferrava com outras pessoas para tentar obtê-lo.

Eu mantive meu olhar firme no dele. — Diz isso — disse, cada sílaba afiada o suficiente para cortar. — No entanto, considerou Tobias uma competição forte o suficiente para ameaçá-lo a se retirar. Se fosse realmente fraudulento, poderia ter parado comigo e o deixado sozinho, mas não parou, não é? Porque sabe que por trás de suas justificativas e desculpas, você simplesmente não é tão bom assim.

O golpe baixo acertou com precisão infalível. A cor restante sumiu do rosto de Russell. Sua boca abriu e fechou, mas nada saiu.

Normalmente não recorreria a ataques *ad hominem*³², mas ele fez da minha vida e da de Isabella um inferno nas últimas semanas. Mesmo que não tivesse me alvejado, nunca iria perdô-lo pelo que ele e Victor fizeram com ela.

A calma finalmente provocou uma reação comedida do conselho. Para minha surpresa, Richard Chu foi o primeiro membro a se manifestar e declarar inválida a seleção de Russell. Outros entraram na fila e as coisas mudaram rapidamente depois disso.

³²-É uma falácia do tipo informal, caracteriza-se pela tentativa de refutação de uma linha propositiva a partir da crítica ao seu autor, e não ao seu conteúdo.

No momento em que os convidados atordoados saíram do salão meia hora depois, Russell havia sido destituído de seus cargos e responsabilidades na empresa, seu vice havia sido nomeado seu substituto interino e a data para a votação de um novo CEO foi marcada para duas semanas a partir de agora. Também haveria uma investigação criminal sobre as atividades de Russell e um ajuste de contas para o conselho, um quarto do qual havia sucumbido à sua chantagem por vários motivos, mas isso era assunto para outro dia.

— Kai. — Minha mãe me interrompeu depois que me despedi de um Dante extremamente entretido e de uma Vivian em estado de choque. — Uma noite e tanto dirigiu esta noite.

— Obrigado. Se eu perder a votação pela segunda vez, talvez siga a carreira de produtor de espetáculos — disse secamente. — Parece que tenho jeito para isso.

Um sorriso tocou seus lábios.

Entre Isabella, a visita surpresa de minha mãe e minha perda inicial, nosso relacionamento foi levado ao limite no último mês. No entanto, senti um pequeno degelo quando nos encaramos no salão de baile agora vazio, ambos orgulhosos demais para recuar primeiro, mas exaustos demais para deixar nosso relacionamento em más condições.

— Fez bem — finalmente disse. Dar o primeiro elogio após uma discussão era sua versão de um pedido de desculpas. — Nunca teria suspeitado de Russell. Depois de tantos anos...

— Ele enganou muita gente, inclusive eu — disse, admitindo minha própria falibilidade.

Outro silêncio desceu. Nenhum de nós estava acostumado a se curvar e nossas concessões tornaram obsoletos nossos modos de operação padrão.

— Tem sido uma longa noite. Conversaremos ainda esta semana, depois que as coisas estiverem resolvidas — disse minha mãe.

Eu balancei a cabeça, e foi isso. Uma conversa curta, mas foi tudo o que precisávamos para reatar nosso relacionamento. Esse era o jeito da família Young. Não nos entregamos a desculpas sinceras ou prolongadas; reconhecemos o problema, resolvemos e seguimos com nossas vidas.

Saí do salão de baile atrás dela e voltei para minha suíte, mas não cheguei à metade do caminho antes de minha adrenalina estagnar. A sensação de expor Russell com sucesso desapareceu, substituída por uma dor penetrante e familiar.

Agora que estava sozinho, longe do barulho e da distração de outras pessoas, a voz de Isabella rastejou de volta em minha cabeça como um fantasma do qual não posso escapar.

Por favor, vá embora.

A dor aumentou em uma pontada.

Apertei minha mandíbula e fui direto para o minibar da minha suíte, mas não importa quantos copos de álcool bebesse, não poderia atenuar o impacto de sua memória.

Seis dias. Quatro horas. Uma eternidade.

Esta noite deveria ter sido uma das minhas maiores vitórias, mas no silêncio e no luxo do meu quarto, achei difícil comemorar qualquer coisa.





CAPÍTULO 39

Isabella

— Tem trabalhado sem parar na última semana. — Alessandra me olhou com preocupação nua. — Quando foi a última vez que dormiu mais de três horas por noite?

Esfreguei a mão sobre meus olhos turvos. — Não preciso dormir. Preciso terminar a cópia do site.

Os cheiros de dar água na boca de café expresso e doces saturavam o ar, mas cada pedaço de croissant tinha gosto de papelão. Não comia uma única refeição desde que voltei do *Christmasbirthdaynewyearpalooza*, e o pensamento de forçar mais pão na minha garganta fez meu estômago revirar.

Empurrei meu prato para o lado e tomei um gole de café.

Alessandra, Sloane e Vivian trocaram olhares. Ocupamos uma mesa de canto em um novo café em Nolita, que fervilhava com a atividade da manhã de sábado. Casais elegantemente vestidos, modelos e uma pequena celebridade de um novo drama de sucesso da TV amontoavam-se em torno de mesas de madeira clara enquanto os garçons circulavam com lattes e mimosas. Vasos de plantas pendiam do teto de vidro e davam ao espaço arejado uma sensação de estufa.

Era o local perfeito para conversar depois do retorno de Vivian de Londres e da viagem de negócios de Sloane a Bogotá, mas todas estavam focadas apenas em mim.

— Não, você precisa dormir — disse Sloane, direta como sempre. — Se as bolsas sob seus olhos ficarem maiores, terá que pagar uma taxa de bagagem de tamanho excessivo.

A autoconsciência formigou minha pele; precisei de toda a minha força de vontade para não checar meu reflexo na câmera do meu celular. — Muito obrigada.

— De nada. — Tomou um gole de café preto. — Amigas não deixam amigas andarem por aí com olhos de guaxinim, mesmo que estejam com o coração partido.

Meu escasso café da manhã voltou a subir pela minha garganta. — Não estou com o coração partido.

Não era como se cada respiração parecesse cacos de vidro perfurando meus pulmões. Não acordava todas as manhãs sentindo falta de seu calor ou pegava meu telefone para enviar uma mensagem para ele apenas para lembrar que não estávamos conversando. Não o via em todos os lugares que virava - nas páginas de meus livros, nos acordes suaves de um piano distante ou no reflexo de uma vitrine que passava. E definitivamente não fiquei acordada, sem dormir e inquieta, repetindo cada memória que compartilhamos como se fosse minha vida em vez da realidade esfarrapada ao meu redor.

Não estava de coração partido porque fiz isso comigo mesma. Não tinha o *direito* de ficar com o coração partido, mas estaria mentindo se dissesse que não queria ouvir Kai fazer suas piadas

secas uma última vez. Só para que minha lembrança final dele não fosse a angústia em seu rosto e o conhecimento de que a havia colocado ali.

Está comprovado cientificamente, meu amor.

Um soluço estalou no meio do meu peito. Virei minha cabeça, olhos úmidos, até que recuperei o controle sobre minhas emoções. Quando olhei para cima novamente, minhas amigas estavam me observando, suas expressões suaves, mas conhecedoras.

Pulei os detalhes de por que terminei as coisas com Kai. Simplesmente disse a elas que não nos encaixamos mais e que precisava de um tempo sozinha, o que era verdade, mas percebi que elas não acreditaram em mim. Não as culpo. Eu também não acreditei em mim.

Felizmente, nenhuma delas me chamou e agiu como se eu quase não tivesse um colapso na mesa.

Sloane ergueu uma sobrancelha de formato perfeito. — É por isso que tem trabalhado como se os cães do inferno estivessem atrás de você na semana passada? — Perguntou, voltando a sua preocupação com meus hábitos recentes.

— Tenho uma boa ética de trabalho — disse, grata por não ter que falar sobre meus sentimentos tão cedo pela manhã. — Isso é um crime?

— Não, mas está trabalhando até a exaustão — Vivian disse gentilmente. — Não é saudável.

Essa é a questão. Se estava exausta, não tinha energia para pensar em Kai ou no show de merda que era a minha vida. Não

precisava passar minhas horas de vigília me perguntando onde estava e como estava ou minhas horas de sono sonhando com seu rosto, sua voz e seu toque. Exausto era bom. Exausto era seguro.

— Estou bem — disse. — Se eu desmaiar no meio do trabalho, pode me repreender.

— Eu não...

— Como foi Londres? — Interrompi a resposta de Vivian. Ela voou para lá com Dante para a cerimônia de posse de CEO da *Young Corporation*, o que não foi a melhor mudança de assunto, mas não pude evitar.

Li sobre o golpe de Kai no noticiário. Em uma semana, ele derrubou um alto executivo e recuperou seu lugar como principal candidato a CEO. Enquanto isso, queimei arroz, evitei as ligações de minha mãe e estabeleci um recorde pessoal de quantos dias conseguia usar a mesma calça de moletom seguida. Estava orgulhoso dele, mas isso só mostrava como éramos incompatíveis.

— Londres foi... interessante — disse Vivian. — Posso dizer com segurança que nunca participei de um evento semelhante antes.

— Isso é bom. — Engoli o resto das minhas perguntas.

Como estava Kai? Estava lá com alguém? Ele falou de mim?

Era hipócrita da minha parte esperar que a última resposta fosse sim. Fui eu quem acabou com as coisas, mas isso não mudou o fato de que sentia tanto a sua falta que não conseguia respirar.

Vivian parecia que ia dizer mais alguma coisa. Felizmente, Sloane recebeu um alerta de notícias sobre algum grande

escândalo político, e a conversa mudou para especulações sobre o futuro de um conhecido senador. O alívio devolveu uma parte do meu apetite. Tentei comer meu croissant novamente e achei um pouco mais apetitoso na segunda vez.

Minhas amigas tinham boas intenções, mas falar mesmo indiretamente sobre Kai aumentou meu vício. A única maneira de se libertar era desistir do peru frio, embora isso fosse mais fácil falar do que fazer. Ainda não tinha sido capaz de desligar os alertas de notícias para o nome dele.

Farei isso esta noite.

Disse isso a mim mesma nas últimas três noites, mas realmente faria desta vez.

Enquanto Sloane discursava sobre o estado da política moderna, percorri minha caixa de entrada em busca de e-mails urgentes.

ÚLTIMO DIA! BOGO 50% de desconto em nossa coleção de liquidação

Entre na nova estação com estes florais!

Ver: Site Floria Designs

Estava prestes a clicar no último e-mail do web designer de Alessandra quando a linha de assunto abaixo chamou minha atenção.

Submissão do seu livro à Atlantic Prose Agency

Meu coração disparou em minha garganta. Nunca havia consultado nenhuma agência literária, mas não resisti a clicar no que obviamente era um e-mail de spam.

Prezada Isabella,

Obrigado pelo seu envio. Li seus capítulos de amostra, e amo sua voz. Tenho algumas notas na carta de feedback em anexo. Pode reenviar após revisar?

jill s

— O que é? — Alessandra perguntou.

Minhas amigas terminaram a conversa sobre o senador e me olharam com vários tons de curiosidade.

— Um e-mail de alguém que afirma ser um agente literário. — Meu batimento cardíaco se arrastou da minha garganta para os meus ouvidos. Não deveria ter bebido toda aquela cafeína; estava a uma palpitação da parada cardíaca. — Disse que leu meus capítulos de amostra e gostou, o que é besteira, porque nunca consultei um agente.

O universo tinha o pior senso de humor. Já estava pensando em não terminar meu livro; não precisava me chutar enquanto estava caída.

— Qual é o nome do agente? — Sloane perguntou. Como uma publicitária poderosa, conhecia todo mundo que era todo mundo em Nova York.

— Jill S? Significa Sherman, de acordo com seu endereço de e-mail. Não... o quê? Por que está me olhando assim?

Seus olhos se aguçaram no segundo em que mencionei o nome Jill.

— Isabella — disse lentamente. — Jill Sherman é uma das maiores agentes de suspense em atividade no momento. Representa Ruby Leigh. — Um traço de rara excitação percorreu sua voz.

O choque tirou o ar dos meus pulmões. Ruby Leigh foi minha autora de suspense erótico favorita e minha introdução ao gênero. Tinha uma estante inteira dedicada aos seus livros. Ainda não havia pesquisado agentes porque queria terminar meu manuscrito primeiro, mas consultar a agente de Ruby estava no topo da minha lista de tarefas pós-conclusão.

— Mas... eu não... — Como diabos a agente de Ruby Leigh conseguiu meu e-mail? Isso era simplesmente alguém fingindo ser ela? Nesse caso, não entendi o motivo; o e-mail não continha nenhum link de *phishing* ou solicitação de pagamento.

Quanto mais pensava nisso, mais real parecia.

Flocos de croissant e café batidos ao lado de uma pequena e perigosa semente de esperança.

— Deixe-me ver o e-mail. — Sloane estudou a mensagem depois que a entreguei a ela. — Essa é ela. E-mail certo, assinatura

certa. Sempre assina tudo em letras minúsculas com sua última inicial, sem ponto final. Não é algo que as pessoas de fora da indústria saibam.

— Isso não faz sentido. — Meu pulso trovejou quando a implicação do que estava dizendo afundou. *Não é uma farsa.* — A menos que tenha hackeado meu computador, não há como ela ter conseguido esses capítulos.

— Mostrou seu manuscrito para alguém? — Alessandra perguntou.

— Não, eu... — Minha frase foi sumindo, absorvida por uma memória espontânea.

Não tenho certeza se conta como presente, pois não posso garantir que seja bom, mas você queria ler...

— Kai — sussurrei.

Uma dor profunda e inquietante reverberou em meu peito. Ele não disse uma palavra sobre o meu livro depois que dei a ele os capítulos de amostra. Por que ele os submeteria a um agente sem me dizer?

— Porque ele acha que é bom, Isa — Vivian disse suavemente, e percebi com um sobressalto que expressei meus pensamentos em voz alta. — Conhece Kai. Não o teria mostrado a ninguém se não o defendesse.

Não qualquer um, mas *aquela*. A maior agente do gênero.

Sloane devolveu meu telefone. Peguei, minha garganta doendo com lágrimas não derramadas.

Não era apenas sobre Kai ou Jill. Era sobre o fato de que *alguém* acreditou em mim. O suficiente para enviar meu manuscrito quando não tive coragem de fazê-lo sozinha; o suficiente para reservar um tempo e fazer anotações detalhadas quando sua caixa de entrada deve ser inundada com consultas semelhantes.

Kai sempre disse que tinha fé em mim, mas vê-lo agir era diferente de simplesmente ouvir. Passei tantos anos internalizando minhas falhas que não confiava em ninguém que não confirmasse minhas inseguranças. Havia conforto no familiar, mesmo que o familiar fosse uma droga. Ser pequena era mais fácil do que me expor para que outras pessoas julgassem.

— Bem, o que está esperando? — A voz de Sloane me arrastou de volta ao café.

Engoli minhas lágrimas e pisquei, tentando me reorientar para o presente. — O quê?

— Pedido de Jill para revisar e reenviar. — Acenou com a cabeça para o meu telefone. — Folhee as notas. Não há muitos. Provavelmente poderia terminar as edições em uma semana.

— Que coincidência — Alessandra disse inocentemente. — Você também tem a próxima semana de folga em Flória. Estou... tirando férias sem trabalhar.

Uma carranca curvou minhas sobrancelhas. — Você não saiu de férias durante as férias?

— *Isa!* — Os gemidos de Sloane, Alessandra e Vivian formaram um coro exasperado.

— Está bem, está bem! Entendi. — Um filete de alegria vazou em meu sangue, apagando um pouco da minha melancolia. O agente *de Ruby Leigh* queria *meu* manuscrito revisado. Por que diabos ainda estava sentada aqui? — Vocês se importam... tenho que...

— Se você não sair agora, eu mesmo vou empurrá-la porta afora — disse Vivian. — Vá!

— Boa sorte! — Alessandra me chamou. — Beba muita cafeína!

Acenei para elas por cima do ombro enquanto saía correndo pela porta. Quase derrubei um casal que passava na pressa de pegar o próximo trem para casa e corri para me desculpar. O cara gritou alguma coisa para mim, impaciente, mas não me incomodei em parar.

Eu tinha um livro para editar - e terminar.



Na semana seguinte, acampeei no café local durante o dia e bebi bebidas energéticas em minha mesa à noite.

Era saudável? Não. Foi eficaz? Sim.

Jill não me deu um prazo para o reenvio, mas não queria correr o risco de cair em uma rotina criativa novamente. Precisava

terminar as edições e o resto do livro enquanto ainda estava empolgada com o e-mail dela.

Estava tão preocupada com o livro que precisei da validação de uma terceira parte neutra e profissional para romper minha barragem criativa. As palavras brotaram como um hidrante quebrado, e exatamente seis dias e oito horas depois de abrir o e-mail de Jill, respondi com meu manuscrito completo e revisado. Era arriscado, considerando que ela não havia pedido o livro inteiro, mas estava cansada de jogar pelo seguro. Sem risco, sem recompensa.

— Quer outro café com leite? — Charlie, meu barista favorito, pegou meia dúzia de canecas vazias que lotavam minha mesa. Eram quase sete da noite; estava aqui desde as oito da manhã. — Fecharemos em dez minutos, mas posso preparar uma última bebida para você.

— Não, está tudo bem. — Inclinei-me para trás, tonta de descrença enquanto olhava para a cadeia de e-mail na minha tela. Tive que esperar pela resposta de Jill, mas meu livro estava lá. Não havia como voltar atrás. — Acabei por hoje.

Queria terminar meu manuscrito há tanto tempo. Agora que terminei, senti uma pontada inexplicável de tristeza. Tinha esquecido o quanto *gostava* de escrever. Conhecer os personagens, deixá-los me levar em suas voltas e reviravoltas, construir todo um maldito mundo – era incomparável a qualquer outra coisa que já fiz.

— Tem certeza? Será por minha conta. Devo-lhe uma. — Charlie me deu um sorriso tímido. — Eu, hum, pedi minha namorada em casamento. Em tagalo. E ela disse que sim.

— Oh, meu Deus! — Endireitei-me novamente. Estava lhe ensinando frases aleatórias em tagalo toda vez que entrava, mas não tinha pensado muito sobre ele perguntando como dizer *Quer se casar comigo?* Perguntou-me também como dizer *que sou um lineman defensivo na NFL*, o que definitivamente não era. — É incrível. Parabéns!

— Obrigado. — Seu rosto parecia uma beterraba madura. — De qualquer forma, como disse, seu próximo café é por minha conta. Teria comprado um desses para você — apontou para minhas canecas vazias — se não tivesse feito o pedido antes do meu turno.

— Não se preocupe com isso. Retribua mostrando-me as fotos do casamento. Sou intrometida assim.

Charlie riu e concordou. Enquanto fechava a loja, peguei meu telefone e enviei uma mensagem para o chat em grupo.

Eu: Consegui. Enviei. *emoji de cara nervosa*

Vivian: O manuscrito?

Vivian: Isso é incrível. Parabéns!

Sloane: Viu? Eu disse que poderia fazer isso

Sloane: Estou sempre certa

Alessandra: Devíamos sair e comemorar :)

Meu sorriso esmaeceu. Não estava com vontade de sair desde meu rompimento com Kai. Toda vez que tentava, me lembrava de nossa noite juntos no Verve e no The Barber, e meu coração parecia estar sendo passado por brasas novamente.

Minha névoa maníaca de escrita o afastou temporariamente da minha mente, mas agora ele voltou rugindo com força total.

Deveria ligar para ele. Para agradecê-lo, para lhe contar o que havia realizado, apenas para ouvir sua voz e não me sentir tão sozinha, mas não queria atrapalhar nosso relacionamento ou enganá-lo quando nossas diferenças fundamentais permaneciam. Além disso, pode nem querer falar comigo. Não tinha ouvido falar dele desde nosso rompimento, provavelmente porque lhe disse que queria espaço. Ainda assim, não conseguia evitar uma pitada de decepção toda vez que meu telefone tocava e não era ele.

Forcei uma respiração profunda pelo nariz e endireitei os ombros. Sem chafurdar. *Não essa noite.* Esta noite era uma noite de celebração.

Eu: Devemos DEFINITIVAMENTE sair

Eu: Se vocês não se opõem ao Brooklyn... conheço o lugar

Ninguém se opôs, então arrumei minhas coisas, fui para casa e me arrumei em velocidade recorde.

Uma hora depois, meu Uber me deixou no meu bar de coquetéis favorito em *Brooklyn Heights*. Preferia *Bushwick* para a vida noturna, mas fazer Sloane pisar em um bairro de Nova York que não fosse Manhattan já era difícil o suficiente. Se eu a fizesse ir para *Bushwick*, poderia entrar em combustão espontânea.

Como esperado, já estava esperando por mim em uma mesa de canto. A mulher era estranhamente pontual. Vivian e Alessandra apareceram minutos depois, e logo estávamos quentes e embriagadas por duas rodadas de drinks.

— Estou tão orgulhosa de você. — Vivian me abraçou com um braço, o rosto vermelho por causa da tequila. — Não se esqueça de nós quando for famosa.

— Tenho um longo caminho a percorrer antes de ser famosa. — Rio.

— Certa vez, tive um cliente que passou de postar vídeos no YouTube um dia para assinar um contrato multimilionário com uma grande gravadora dois meses depois — disse Sloane. — Confie em mim. *Um longo caminho* não é tão longo quanto pensa.

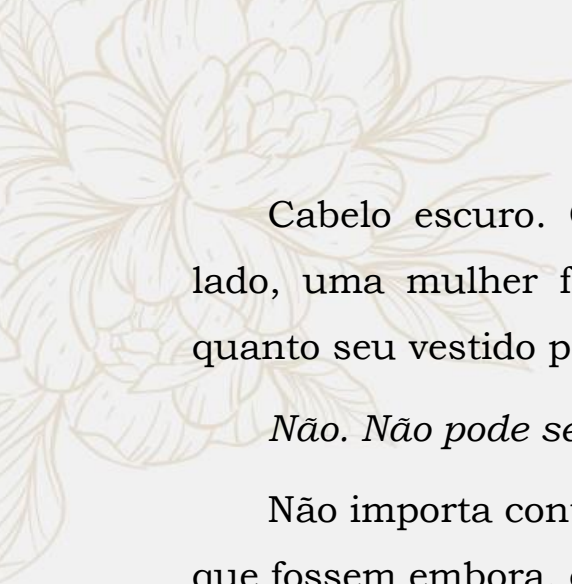
— A publicação é bem mais lenta do que isso, mas agradeço o apoio — disse com um sorriso.

Alessandra ergueu o copo. — Para perseguir sonhos e arrasar.

Aplausos e risos se misturavam ao tilintar de nossos copos. O calor efervesceu em meu peito. Posso não ter um namorado ou um contrato de livro concreto, mas tinha minhas amigas, e eram incríveis *pra* caralho.

Levei minha bebida aos lábios e examinei a sala. As pessoas iam e vinham, cada uma mais elegante e bonita do que a anterior, mas uma risada cremosa chamou minha atenção para a entrada.

Meu coração caiu no chão.



Cabelo escuro. Óculos. Camisa branca imaculada. Ao seu lado, uma mulher familiar riu novamente, o som tão elegante quanto seu vestido preto de grife e joias.

Não. Não pode ser.

Não importa contudo, quanto tempo olhei ou o quanto desejei que fossem embora, o par não desapareceu. Eles eram reais.

Kai estava aqui. Com Clarissa.



CAPÍTULO 40

Isabella

O barulho do resto do bar diminuiu para um rugido abafado.

Kai e Clarissa. Clarissa e Kai. Aqui. Juntos.

O pensamento repetiu na minha cabeça enquanto tentava processar a visão diante de mim. Eles ainda não tinham me visto - minha mesa estava escondida em um canto próximo à entrada, e foram direto para o bar sem olhar em volta.

A tequila meio digerida espirrou no meu estômago conforme Kai abaixou a cabeça e disse algo para Clarissa. Estavam de costas para mim, então não pude ver a sua reação, mas formavam um belo casal. A mesma elegância, o mesmo refinamento, a altura esbelta dela um complemento perfeito para a dele.

Uma ferida feroz reabriu, enviando uma dor profunda em meu peito. Estava congelando apesar do álcool e do calor corporal encharcando o bar, e arrepios percorreram meu corpo em ondas minúsculas e barulhentas. Tentei pegar meu casaco, mas meus membros estavam tão pesados e insensíveis quanto blocos de concreto.

Alessandra percebeu meu silêncio primeiro. Suas sobrancelhas mergulharam. — O que está errado?

A náusea prendeu minha resposta no fundo da garganta, deixando-me muda, mas minhas amigas foram espertas o suficiente para seguir meu olhar até o bar. O cabelo, constituição e roupas de Kai eram inconfundíveis, mesmo de costas. Um silêncio chocado apagou nossa alegria anterior.

— Podemos ir embora — disse Vivian depois de uma pausa longa e tensa. — Há outro bar algumas ruas adiante que deve ser bom, ou podemos voltar para Man...

— Não. — Finalmente recuperei o controle sobre minhas faculdades. — Vamos ficar. Estávamos aqui primeiro, e não há... não há razão para que não possamos estar na mesma sala ao mesmo tempo.

Além do fato de me sentir como se alguém estivesse dando uma marretada no meu coração. Uma mudança de seu corpo. Uma virada de cabeça. Golpe após golpe certo. Forcei o oxigênio a passar por meus pulmões apertados.

Kai e eu terminamos. *Disse* a ele que deveríamos ver outras pessoas quando eu terminasse as coisas e que ele estava melhor com Clarissa. Não tinha o direito de ficar brava. Ainda assim, vê-los juntos logo após nossa separação doeu. Muito, porra, mesmo.

Sloane fez sinal para o nosso garçom. — Outra rodada de margaritas, por favor — disse. — Extra forte.

A compaixão escureceu os olhos de Alessandra. — É a primeira vez que...

Acenei com a cabeça, engolindo o nó na minha garganta. De todos os bares do mundo, ele teve que entrar neste.

Era uma vez, pensei que era romântico como o universo continuava nos unindo. Agora, queria torcer seu pescoço cósmico magro.

Clarissa riu de novo de algo que Kai disse, e não aguentei mais. Levantei-me abruptamente. — Eu volto já.

Minhas amigas não pararam ou me seguiram à medida que caminhava rapidamente para o banheiro. Por sorte, era ao lado da nossa mesa, então não precisei passar pelo casal feliz a caminho.

Meu coração batia em um ritmo profundo e doloroso.

O que estavam fazendo no Brooklyn? Nenhum deles era do Brooklyn. Estavam em um encontro ou aqui como amigos? Esta foi a primeira vez que saíram juntos ou uma de muitas?

Não importa. Não é da sua conta.

Não importa porém, quantas vezes disse isso a mim mesma, não conseguia acreditar.

Demorei a usar as instalações e a lavar as mãos. Nunca pensei que encontraria consolo em um banheiro público, mas entraria em uma caixa de metal sem janelas se isso significasse evitar Kai e Clarissa por mais um segundo.

Era um bar pequeno; eles certamente me veriam eventualmente. Isso não significava que eu tinha que acelerar o processo.

Meu reflexo olhou para mim do espelho manchado de água acima da pia. Estava dois tons mais pálida do que o normal, fazendo-me parecer que estava à beira de uma doença terrível.

Peguei um batom para adicionar um pouco de cor ao meu rosto quando a porta se abriu e Clarissa entrou.

Congelamos ao mesmo tempo - minha mão a meio caminho da minha bolsa, seu passo interrompido ao lado do secador de mãos *Dyson*.

Então o momento passou e retomamos nossas atividades, mas o silêncio constrangedor persistiu. Parte de mim queria sair correndo antes que tivesse que enfrentá-la novamente; outra parte maior permaneceu por pura curiosidade mórbida.

A descarga soou no banheiro. Clarissa apareceu ao meu lado quando terminei de reaplicar o batom. Eu parecia melhor com um novo toque de vermelho, embora minhas bochechas permanecessem pálidas e minha pele estivesse úmida de nervoso. Em vez de aliviar a tensão, o barulho da torneira a exacerbou.

Deus, odeio silêncios constrangedores.

— Mundo pequeno — finalmente disse. Minha tentativa de um tom leve saiu enferrujada de angústia. Limpei minha garganta. — Sem ofensa, mas não pensei que fosse o tipo de garota do Brooklyn.

— Foi sugestão de Kai. — Como Kai, Clarissa tinha um sotaque britânico, mas o dela era mais cremoso, mais fluido. — Ele disse que havia um ótimo bar de coquetéis aqui.

Claro que sim. Contei a ele sobre este bar quando estávamos namorando, o que fez com que a trouxesse aqui ainda mais angustiante.

— Oh. — Lutei contra uma pontada aguda ao som de seu nome. Imaginei-os discutindo opções de encontros ao telefone, e a angústia piorou. — Bem, ambos formam um lindo casal.

Eu teria ficado envergonhada com minha flagrante busca de informações se não me sentisse tão mal.

Clarissa secou as mãos e abriu a bolsa. — Obrigada. Kai é muito bonito, mas... — recuperou um tubo de batom preto elegante. — Cá entre nós, ele é meio chato.

A indignação me aqueceu sob a pele. Eu o acusei da mesma coisa uma vida atrás, antes de realmente conhecê-lo, mas ouvi-la dizer isso com seu sotaque arrogante me fez ver vermelho. — Ele não é chato. É *introvertido*. Há uma diferença.

— Talvez. — O batom de Clarissa ficou suave e discreto, seu tom neutro em contraste com a minha mancha vermelho-tijolo. — Só fala de livros e trabalho. Fica cansativo.

Não parecia cansada quando estava rindo com ele mais cedo.

— Não há nada de errado em falar sobre livros. — Puxei uma toalha de papel do dispensador e limpei minhas mãos já secas. Precisava de algo para fazer ou gritaria. — Ler é seu hobby, e ele está *ocupado*. Ajuda a administrar uma empresa multibilionária. É *claro* que vai... Interrompi-me com a risada de Clarissa. — O que é tão engraçado? — Exigi.

— Deveria ver como está ficando vermelha. — Seus olhos brilharam. — Desculpe. Sei que não é engraçado, mas Kai está tão infeliz por sua causa que é bom ver que não o dispensou completamente.

Odiei como meu coração pulou uma batida com suas palavras. Não *queria* que ele se sentisse infeliz, mas se estava e ela estava admitindo isso, então isso significava...

— Não estamos em um encontro — acrescentou Clarissa, lendo com precisão o meu silêncio. — Estamos aqui como amigos. Ele queria me agradecer por concordar com nosso encontro encenado depois das fotos *do National Star*. Na verdade... — deixou cair o batom de volta na bolsa. — Estávamos discutindo o quanto somos *melhores como amigos*.

Minha raiva se esvaiu, substituída por alívio e uma pitada de dúvida. — Então não está nem um pouco interessada nele?

Clarissa balançou a cabeça. — Kai e eu crescemos um ao lado do outro — disse. — Nossos pais insistiram para que ficássemos juntos desde que éramos crianças. Para eles, é um acordo comercial. Uma aliança entre duas antigas e poderosas famílias britânicas chinesas em um mundo onde não existem muitos como nós, mas nunca fomos amigos íntimos e não nos falamos durante anos antes de eu me mudar para cá.

Ela puxou o lábio inferior entre os dentes. — Admito que fiquei curiosa sobre ele no começo. É bonito, bem-sucedido e uma pessoa decente, o que é extremamente raro para alguém com sua riqueza e status, mas percebi que, embora pareça perfeito no papel, a química simplesmente não existe. Não como... como deveria ser. — Um rubor delicado coloriu suas bochechas.

— Ah — disse novamente. Para uma escritora, minha capacidade de encontrar as palavras certas era terrivelmente baixa. — Bem, isso faz sentido, mas não precisava me contar tudo

isso. — *Estou tão feliz que contou.* — Não importa. — *Se eu disser isso várias vezes, será verdade.* — Kai e eu não estamos... não estamos mais juntos. Obviamente. — *Porque eu sempre estrago as coisas boas da minha vida.*

Vasculhei minha bolsa de maquiagem, procurando por nada em particular. A adrenalina de encontrar Clarissa diminuiu e uma pressão esmagadora voltou ao meu peito. Ela e Kai não estavam namorando, mas isso não apagava os motivos pelos quais não podíamos ficar juntos. Significava apenas que tinha mais tempo antes de ele começar a namorar outra pessoa de verdade.

— Se não importasse, não teria ficado tão chateada quando o chamei de chato — Clarissa disse gentilmente. Fechou a bolsa e me encarou de frente. — Você ainda se importa com ele.

— Nunca disse que não. Não é por isso... — parei, distraída pelo lampejo de branco ao redor de seu pulso. Era um colar embrulhado para ser uma pulseira e parecia completamente fora de lugar com sua roupa elegante; também era feito de algo suspeitamente familiar.

Conchas Puka.

Uma memória do *Christmasbirthdaynewyearpalooza* me bateu.

Onde está seu colar?

Eu, uh, perdi.

Clarissa era a diretora de relações artísticas da Saxon Gallery - a mesma galeria que recebera a exposição de Felix em dezembro.

Meus olhos se fixaram nos dela. Seus olhos arregalados e expressão aflita eram toda a confirmação de que eu precisava. Outro silêncio espesso entre nós.

Um minuto atrás, estava preocupada com Kai e Clarissa. Agora descobri que ela está com meu *irmão*?

O que diabos está acontecendo esta noite? Talvez não estivesse realmente no bar. Talvez tenha desmaiado no café e estivesse tendo o sonho mais vívido da minha vida.

Desta vez, Clarissa foi quem quebrou o silêncio. — Por favor, não conte a ninguém ainda. — Torceu a pulseira novamente, seu rubor se aprofundando. — Minha família ainda acha que estou interessado em Kai, e eu não...

— Não contarei a ninguém. — Eu, de todas as pessoas, sabia o que era manter um relacionamento em segredo.

Ela me deu um sorriso agradecido. Tínhamos nos cruzado algumas vezes antes desta noite, mas ela parecia mais relaxada em comparação com nossos encontros anteriores. Provavelmente foi a influência de Felix; conseguia fazer até mesmo um molusco se abrir.

Não conversamos novamente até sairmos do banheiro. Quase esbarrei em Clarissa quando parou abruptamente. Seus olhos giraram entre mim e Kai, que estava conversando com outro cliente no bar.

— Sabe o quê? Não me sinto bem — disse. — Pode dizer a Kai que tive que sair e lhe dar minhas sinceras desculpas?

— O quê? Não, espere! Você mesmo pode contar a ele. Está bem... ali — terminei enquanto ela explodiu a porta como uma rajada de vento.

Ali um segundo, desapareceu no seguinte.

Droga. Sabia que Clarissa saiu para me forçar a falar com Kai, e estava funcionando. Não podia deixá-lo sentado ali, imaginando o que teria acontecido com ela.

Andei em sua direção, meus membros lentos e pesados como se estivesse me movendo debaixo d'água. Os nervos apertaram meu estômago e os olhares curiosos e preocupados de minhas amigas pesaram em minha pele conforme ensaiava mentalmente o que diria.

Encontrei Clarissa no banheiro. Ela não está se sente bem, disse que ia embora.

Ela não se sente bem, por isso, foi embora e me disse para lhe dizer.

Disse para lhe dizer...

Disse que eu ainda me importava com você, e ela está certa.

Kai deve ter sentido o calor do meu olhar porque olhou para cima assim que me aproximei. Nossos olhos se encontraram e o tempo desacelerou em uma longa e interminável batida de desejo.

Pele corada. Pulso batendo. Coração na minha boca.

Só assim, qualquer chance que tivesse de evitá-lo se fechou com uma finalidade de chocalhar os ossos.

O rosto de Kai não revelou nenhuma emoção quando parei ao seu lado e ocupei o lugar vago de Clarissa. Ficaria de pé - mais fácil e rápido para escapar dessa maneira - mas temia que meus joelhos se dobrassem e eu desabasse contra ele como uma daquelas donzelas desmaiadas em romances antigos.

— Encontrei Clarissa no banheiro. — *Atenha-se ao roteiro.* — Não está se sentindo bem e me disse para lhe dizer que precisava ir embora.

Felizmente, não estraguei minhas falas. *Infelizmente*, saíram roucas e ásperas, como se eu estivesse à beira das lágrimas.

— Vejo. — A expressão de Kai era uma fortaleza impenetrável. — Obrigado por me avisar.

O som de sua voz era tão bonito e familiar que evacuou o ar de meus pulmões. Levou toda a força de vontade para não pensar no quanto queria cair em seus braços. Para beijá-lo e fingir que nosso rompimento nunca aconteceu e que ainda estávamos vivendo em nossa bolha feliz em Jade Cay.

K + I.

Está comprovado cientificamente, meu amor.

A pressão em meu peito dobrou e fui salva apenas pelo barman, que apareceu um milissegundo antes de eu fazer algo estúpido como chorar no meio de uma sala lotada.

Empurrei minhas emoções para baixo e pedi um gim-tônica de morango. Não sabia o que me deu para pedir *aquela* bebida em particular, mas era tarde demais para mudá-la.

Os ombros de Kai enrijeceram visivelmente. Uma fissura se abriu em sua máscara de pedra e as memórias se espalharam no ar entre nós como tinta derramando em uma tela em branco.

O que posso fazer por você?

Gim-tônica. Com sabor de morango.

Acha que traduzir um romance de quinhentas páginas para o latim à mão é relaxante?

Vai terminar... é forte demais para não fazê-lo.

Estamos tão perto, Isa.

Não desista de nós. Agora não. Assim não.

Dei um suspiro trêmulo contra as lágrimas e aceitei minha bebida do barman. — Recebi um e-mail interessante na semana passada de uma agente literária. Jill Sherman. Acho que não sabe nada sobre isso.

Deveria ter voltado para a minha mesa, mas não queria deixá-lo ainda. Estar perto dele novamente era como voltar para casa durante uma tempestade. Quente. Seguro. *Certo.*

Kai relaxou um pouco. — Depende — disse, seu tom medido. — O que ela queria?

— Pediu uma revisão e reenvio. — Tomei um gole fortificante. — Fiz as edições e lhe enviei o manuscrito completo hoje à noite. É por isso que estamos aqui. — Fiz um gesto para minhas amigas,

que rapidamente desviaram o olhar e fingiram que não estavam olhando. — Celebrar.

Uma centelha de orgulho suavizou o rosto de Kai. — Terminou o livro.

— Sim. — Reuni um sorriso fraco. — Graças a uma prática máquina de escrever digital. — Isso me forçou a continuar escrevendo em vez de voltar e deletar todas as outras frases.

— Não foi a máquina de escrever que escreveu a história, Isabella — disse, sua voz baixa. — Foi você.

Meu coração se contorceu em nós. A última vez que conversamos, terminei com ele e o chutei para fora do meu apartamento, mas ainda me encorajava como se eu não tivesse arrastado nós dois para o inferno.

— Por que fez isso? — Perguntei. — Pensei que nem tivesse lido o manuscrito. Nunca disse nada...

— Se eu tivesse dito alguma coisa, teria tentado me impedir. — Kai deu um pequeno aceno de cabeça. — Talvez tenha exagerado ao enviá-lo para Jill sem consultá-la, mas não queria que sofresse com isso. Sua história é *boa*, quer ela tenha aceitado ou não. — Seu rosto suavizou ainda mais. — Embora esteja feliz por ela ter feito isso.

— Eu também — sussurrei. Não fiquei chateada com ele por enviar os capítulos para ela; Fiquei mais chateada comigo mesmo por não ter coragem de enviá-los antes.

Costumava pensar que fui eu quem empurrou Kai para fora de sua zona de conforto, e talvez tenha sido, mas ele fez exatamente o mesmo por mim, só que de uma maneira diferente.

Não havia crescimento sem risco, nem progresso sem mudança.

Terminei com ele *porque* tinha medo da mudança. Eu me orgulhava de ser ousada e aventureira quando, na verdade, era uma fodida covarde que fugia da rejeição antes que a rejeição pudesse me encontrar.

Kai nunca expressou dúvidas sobre mim. Na verdade, acreditou tanto em mim que enviou meu manuscrito a uma das principais agentes do país. Fui eu quem projetou minhas inseguranças nele, e essas inseguranças eram baseadas em quê? palavras de Gabriel? A desaprovação de Leonora Young? Minha história de nunca levar nada até o fim? No final das contas, apenas o último importava porque era a única coisa sobre a qual tinha controle. Não podia mudar a maneira como as outras pessoas me viam, mas podia mudar a maneira como vivia minha vida.

Eu era capaz. A última semana provou isso. Finalmente terminei algo que era importante para mim e, se consegui fazer uma vez, poderia fazer de novo. A percepção me encheu de uma explosão de confiança que quase apagou a dor em meu peito.

Quase.

— Ouvi sobre o que aconteceu em Londres — disse suavemente. — Parabéns. Espero que tenha comemorado. — Se alguém merecia tudo de bom no mundo, era ele.

— Ainda não sou o CEO. — Seu sorriso continha uma tristeza tão dolorosa que fazia todas as células do corpo doerem. — E não estava com humor para comemorar.

Baixei os olhos, incapaz de olhar para ele por mais tempo sem sentir como se alguém estivesse rasgando minhas entranhas em pedaços. Desta vez, o silêncio entre nós explodiu não com memórias, mas com palavras não ditas. Milhares delas, girando e pairando sem ter para onde ir.

Enquanto isso, o bar estava enchendo. A multidão administrável de antes havia aumentado para proporções ensurdecedoras, e a música mudou de jazz suave para funk acelerado.

O barulho. As pessoas. A pressão crua e florescente sob minha pele. Pressionaram contra mim até que algo estalou e tomei uma decisão em uma fração de segundo.

Olhei para cima, meu olhar encontrando o de Kai novamente. — Vamos para um lugar mais tranquilo — disse, esperando contra todas as esperanças estar fazendo a coisa certa. — Precisamos conversar.





CAPÍTULO 41

Kai

Em vez de ir a outro bar, Isabella e eu caminhamos pela vizinha *Brooklyn Bridge*. O frio do inverno diminuiu consideravelmente o tráfego de pedestres, mas ainda havia um punhado de casais, fotógrafos e turistas nos fazendo companhia enquanto caminhávamos em direção a Manhattan.

A temperatura pairava em torno de um grau, tão baixa que nossas respirações formavam pequenas nuvens brancas no ar. No entanto, o calor se espalhou por minhas veias, me isolando do frio.

Estar perto de Isabella novamente valia a pena enfrentar qualquer clima brutal. Teria que agradecer a Clarissa mais tarde. contei a ela o que aconteceu com Isabella a caminho do bar, principalmente porque era a única parte imparcial com quem poderia conversar sobre a situação, e não acreditei nem por um segundo que ela tivesse ido embora porque estava doente.

Encontrar Isabella esta noite foi um golpe de sorte, e não tinha intenção de desperdiçá-la.

— Então, quando exatamente é a nova votação? — Isabella perguntou com um olhar de soslaio.

— Amanhã. — Enfiei minhas mãos mais fundo nos bolsos para evitar tocá-la. Suas bochechas estavam vermelhas e seu cabelo estava emaranhado pelo vento. Seu delineador tinha borrado em algum lugar entre o bar e a ponte, dando a ela uma aparência adorável de guaxinim.

E parecia tão linda que fez meu coração parar por um segundo, apenas o tempo suficiente para confirmar que ela possuía cada batida.

Isabella parou no meio do caminho. — Amanhã? *Amanhã*, amanhã?

— Sim. — Um sorriso apareceu em minha boca diante de seus olhos arregalados. — Amanhã, amanhã. Como na sexta-feira. Dia D. Como queira chamar.

As últimas duas semanas tinham sido um turbilhão. Russell foi oficialmente demitido e sob investigação criminal por suas atividades. A maioria dos membros do conselho chantageados havia renunciado, desencadeando uma reunião de acionistas de emergência para eleger seus substitutos. A *Young Corporation* e a *Black & Co.* estavam envolvidas em uma terrível briga legal em meia dúzia de frentes. Era uma bagunça, mas quanto mais cedo lidarmos com isso, mais cedo poderíamos seguir em frente. O caos só traz bons negócios quando envolve outras pessoas, não as nossas.

— O que está fazendo aqui? Não deveria estar garantindo votos e fazendo outras... coisas de pré-seleção? — Uma rajada de vento lançou a pergunta de Isabella pelo ar.

— Não há mais nada que eu possa fazer neste momento. — Estava notavelmente calmo sobre a votação desta vez. Coube aos candidatos originais, menos Russell, Tobias (que reingressara na disputa), Laura, Paxton e eu. Estava confiante em minhas chances, mas um quarto dos membros do conselho era novo e não sabia para que lado se inclinavam.

No entanto, descobri nas últimas duas semanas que perder o cargo de CEO não era a pior coisa que poderia me acontecer. Perder Isabella era, e isso já havia acontecido.

Uma dor familiar surgiu em meu peito. Era uma tortura estar tão perto dela sem tocá-la, mas pelo menos estava *aqui*, em carne e osso, em vez de assombrar meus pensamentos.

— Podemos continuar discutindo a votação, mas acho que não me chamou aqui para falar sobre trabalho — disse.

Sua garganta se moveu com um visível engolir.

Nossa última conversa girou em torno de nós, levando embora nossa conversa fiada e deixando novas feridas e corações despedaçados para trás.

Não somos uma boa combinação.

Foi divertido enquanto durou...

Por favor, vá embora.

Mesmo agora, semanas depois, a lembrança de suas palavras me atingiu no peito com uma brutalidade desenfreada.

— Não sei por que chamei você aqui. — Os olhos de Isabella mergulharam. — Mas eu... quando te vi, eu...

A dor se expandiu em minha garganta. — Eu sei — disse calmamente. — Também sinto sua falta, amor.

Um pequeno soluço rasgou o ar, e quando ela levantou a cabeça, meu coração rachou levemente com as lágrimas manchando seu rosto.

— Sinto muito — Isabella sussurrou. — Naquela noite, não queria... eu... — Sua frase foi interrompida com outro soluço entrecortado.

O som rasgou através de mim como uma bala, e teria desistido de qualquer coisa - meu título, minha empresa, todo o meu legado - se isso significasse que eu poderia aliviar sua dor por apenas um minuto.

— *Shh*. Está tudo bem. — Eu a peguei em meus braços enquanto enterrava o rosto no meu peito, seus ombros tremendo. Ela sempre pareceu maior que a vida, com sua risada desinibida e personalidade vibrante, mas parecia tão pequena e vulnerável naquele momento que uma dor aguda revirou minhas entranhas.

Esperava por Deus que ninguém jamais descobrisse sobre o poder que esta mulher tinha sobre mim, ou estaria acabado.

Na noite em que saí do apartamento dela, afoguei minhas mágoas em uísque e amaldiçoei cada pessoa que participou de nosso encontro. Parker em *Valhalla* por contratá-la, Dante e Vivian por sempre me forçarem a ficar no mesmo espaço que ela, seus malditos pais por dar à luz a ela. Se não fosse por eles, não teria conhecido Isabella e não teria um buraco do tamanho de Júpiter em meu peito.

Joguei, repassei e dissequei cada segundo do nosso relacionamento até que as memórias sangraram de mim e estava vazio. E quando tudo se foi - a raiva, a mágoa, a dor - a única coisa que restou foi uma dormência profunda e escura. Não culpei Isabella pelo que fez. Não mais. O último mês tinha cobrado um preço alto de nós dois, e ela estava se recuperando de sua visita a casa. A única coisa que odiava mais do que ficar longe dela era saber como ela se via mal. Não tinha ideia de como era incrível, e isso me matou.

Coloquei minha cabeça contra o topo de sua cabeça e apertei meu abraço ao seu redor quando outra rajada de gelo nos atingiu. A ponte havia esvaziado; éramos as únicas pessoas corajosas ou estúpidas o suficiente para ficar aqui enquanto as temperaturas caíam.

Cercado pela água, com as luzes distantes de Manhattan de um lado e do Brooklyn do outro, o ar silencioso exceto pelos soluços suaves de Isabella e os uivos do vento, tive a estranha sensação de que éramos as únicas pessoas que restavam no mundo..

— Nunca me fez sua pergunta — disse quando seus gritos diminuíram para fungar.

Ela ergueu a cabeça, os olhos inchados e a testa marcada pela confusão. — O quê?

— Da nossa noite de balão em *Bushwick*. — Esfreguei uma lágrima perdida de sua bochecha com meu polegar. — Você nunca me fez sua pergunta.

Isabella soltou uma meia risada, meio soluço. — Não acredito que se lembra disso.

— Eu me lembro de tudo quando se trata de você.

Seu sorriso desvaneceu, desaparecendo nas ondas de tensão ao nosso redor. Um frio profundo me invadiu, tanto pelo clima quanto pela agonizante antecipação do que ela diria a seguir.

— Seja honesto — disse suavemente. — Vê realmente um futuro para nós?

Abri minha boca, mas ela balançou a cabeça.

— Não me dê uma resposta pronta. Quero que pense sobre isso. Nossas famílias, nossos objetivos, nossas personalidades. São completamente diferentes. É fácil dizer que podemos superar as diferenças agora, quando tudo é novo e excitante, mas o que acontece daqui a cinco, dez anos? Não... — Sua respiração tremeu em uma inspiração. — Nunca quero que fiquemos ressentidos um com o outro.

Suas palavras picaram meu peito. Não estava errada. Éramos opostos em quase todos os aspectos, desde nossos hábitos e hobbies até nossos temperamentos e gosto por livros. Houve um tempo, não muito tempo atrás, em que suas excentricidades me repeliam tanto quanto me atraíam. Ela era tudo que eu não deveria querer, mas não importava.

Eu a queria de qualquer maneira. Tanto assim, que não conseguia respirar.

No entanto, Isabella não queria emoção agora. Queria lógica, uma razão concreta de por que funcionaríamos, então peguei uma

página do meu velho manual de debates de Oxford e refutei seus argumentos um por um.

— Entendo o que está dizendo, mas sua premissa é falha — disse. — Nossas famílias não são tão diferentes. Temos culturas, educações e riqueza semelhantes. — Os Valencia não eram bilionários, mas seus hotéis arrecadaram várias centenas de milhões de dólares só no ano passado. Eram mais do que confortáveis. — Talvez o seu seja menos formal que o meu, mas isso não é um problema de forma alguma.

— Sua mãe também me odeia — Isabella apontou. — É provável que cause mais atrito, mais cedo ou mais tarde.

— Ela não te odeia. As preocupações dela não têm nada a ver com você como pessoa. Estava simplesmente preocupada com o efeito que nosso relacionamento teria na votação para CEO e no meu futuro. — Um sorriso irônico torceu minha boca. — A votação não é mais um problema, e ela aceitará. Mesmo que não aceite, sou adulto. Não preciso da aprovação da minha mãe para ficar com quem quero. — Minha voz suavizou. — E eu quero você.

Os olhos de Isabella brilharam de emoção. O luar beijou suas maçãs do rosto, traçando as linhas delicadas de seu rosto e lábios do jeito que eu tão desesperadamente desejava fazer com minha boca. Quase rio quando o pensamento passou pela minha cabeça. Nunca imaginei que sentiria ciúmes da natureza, mas aqui estávamos nós.

— Existem outras mulheres que se encaixariam melhor no seu mundo — disse. — Mulheres sem tatuagens e cabelos roxos e... e

cobras de estimação. Que nunca são pegas falando sobre sexo nos piores momentos.

Desta vez, rio. Silenciosamente, mas estava lá. Só Isabella poderia me fazer rir no meio da conversa mais importante da minha vida. Era uma das muitas razões pelas quais enfrentaria a *Brooklyn Bridge* no auge do inverno por ela.

Um pequeno sorriso tocou seus lábios antes de desaparecer. — Nunca deixarei de ser eu, Kai, e não quero que deixe de ser você. Então, como podemos ficar juntos quando pertencemos a mundos separados?

— Construindo um só nosso — disse simplesmente.

— Isso não é razoável.

— Não ligo. Não se trata de *razão*. É sobre amor, e não há nada razoável sobre o amor.

O vento levou as palavras para longe assim que saíram da minha boca, mas seu impacto permaneceu - no audível engate da respiração de Isabella, na cascata de nervos que sacudiam meu corpo. Deixaram-me com uma sensação de exposição e vulnerabilidade, como se minha pele não fosse mais uma barreira entre mim e o mundo exterior, mas segui em frente.

— Eu te amo, Isabella Valencia. — Simples e cru, despojado de toda pretensão, exceto pela verdade nua que estava me encarando todo esse tempo. — Cada parte de você, desde sua risada até seu humor e a maneira como não consegue parar de falar sobre preservativos.

Uma daquelas risadas que tanto amava escapou, carregada de emoção.

Um sorriso brilhou em meu rosto antes que ficasse sóbrio novamente. — Acha que está danificada, mas gostaria que pudesse se ver do jeito que eu a vejo. Inteligente. Forte. Linda. Imperfeita para seus próprios padrões, mas tão maravilhosamente perfeita para mim.

Uma nova lágrima desceu pela bochecha de Isabella. Ao contrário de seus soluços anteriores, este foi silencioso, mas queimou através de mim do mesmo jeito. Nunca me apaixonei antes dela. Depois que me apaixonei, fiz do jeito que fiz todo o resto. Completamente. Totalmente. Irrevogavelmente.

— Sempre me orgulhei de ser o melhor. Tinha que ser o número um. Tinha que vencer. Colecionava prêmios e condecorações porque os via como um reflexo de meu valor próprio e achava que nada tinha um sabor melhor do que a vitória. Então a conheci. — Engoli a emoção queimando em minha garganta. — E todo o resto... desapareceu. Passamos por momentos sombrios, mas você *sempre foi* a parte mais brilhante da minha vida. Mesmo quando nos separamos. Mesmo quando saí. Apenas saber que você existia em algum lugar deste mundo era o suficiente.

Isabella apertou o punho contra a boca, os olhos brilhantes na luz prateada.

— Eu realmente nunca vivi antes de você — disse. — E não quero imaginar viver depois de você. — Deixei cair minha testa na dela, meu peito doendo com necessidade e desejo e mil outras

emoções que só ela poderia me fazer sentir. — Fique comigo, amor.
Por favor.

Um pequeno soluço sangrou e encharcou a noite.

— Seu idiota — disse, com as bochechas molhadas de lágrimas. — Você me pegou nos *preservativos*.

Alívio fez o peso deslizar dos meus ombros. Meu corpo cedeu e as mãos estrangulando meus pulmões afrouxaram o suficiente para uma risada escapar.

— Não estou surpreso — murmurei. — Tem uma predileção especial por camisinhas, especialmente de...

— Kai.

— Hum?

— Cala a boca e me beija.

Isabella.

Sim?

Cale a boca e me deixe beijá-la.

Foi o que fiz, profunda e ternamente, enquanto as memórias de ambos voltavam para o meu peito e se acomodavam onde pertenciam.

CAPÍTULO 42

Kai

Na manhã seguinte, tirei um dia de folga do trabalho pela primeira vez em minha história na *Young Corporation*.

Minha equipe poderia sobreviver sem mim durante o dia. Tinha coisas mais importantes para fazer.

— *Syzygy* não é uma palavra! — Isabella bateu uma mão contra sua coxa. — Inventou isso totalmente.

Os cantos da minha boca se contraíram. — Receio que *Merriam-Webster*³³ discorde.

— Sim, bem, *Merriam-Webster* é uma cadela — murmurou. — Tudo bem. Ganhou. *De novo*. — Sua boca formou um beicinho adorável.

Estávamos na terceira rodada do jogo. Bolos comidos pela metade e duas canecas gigantes de chocolate quente enchiam a mesa de centro, e as chamas crepitavam na lareira de mármore. Flocos de neve dançavam do lado de fora das janelas, cobrindo a cidade de branco.

³³-É uma editora estadunidense que publica livros de consulta, especialmente dicionários originados do *An American Dictionary of the English Language*, de Noah Webster, de 1828.

Depois do passeio gelado da noite passada pela Brooklyn Bridge, nem Isabella nem eu estávamos com vontade de sair, por isso nos escondemos no meu apartamento com comida, bebida e jogos de tabuleiro.

— Se isso faz você se sentir melhor, quase me pegou — disse, inclinando-me e dando-lhe um beijo. — Q.I. estava inspirado.

— *Quase* não é o mesmo que ganhar — Isabella resmungou, mas seu beicinho se transformou em um suspiro quando aprofundei o beijo. Tinha gosto de calor, chocolate e algo maravilhoso, exclusivamente *dela*.

Minha mão deslizou por sua coxa até alcançar a bainha de algodão macio de uma das minhas velhas camisas de botão. Vê-la usar minhas roupas acendeu algo primitivo e possessivo em mim; parecia tão linda, tão perfeita e tão, porra, minha.

Isabella passou os braços em volta do meu pescoço. Nosso jogo de tabuleiro teria se transformado em um tipo de jogo totalmente diferente se meu telefone não tivesse tocado, arrancando-nos de nosso abraço.

Fiz uma pausa no identificador de chamadas, mas atendi sem demonstrar uma reação visível.

— Parabéns. — Richard Chu pulou as sutilezas e foi direto ao ponto. — Afinal, a empresa fica com um Young.

E foi isso.

Após meses de esquemas, estratégias e construção, tornei-me oficialmente o próximo CEO da *Young Corporation*, não com um estrondo, mas com uma conversa curta e simples.

— Então? — A ansiedade esculpiu a expressão de Isabella. Disse a ela que a votação era hoje; deve ter adivinhado o propósito da ligação. — O que aconteceu? O que ele disse?

Finalmente permiti que um sorriso se esgueirasse em meu rosto. — Eu venci.

As palavras mal saíram da minha boca antes que ela gritasse e me jogasse no chão com uma força surpreendente para alguém tão pequeno.

— Eu sabia! — Seu rosto brilhava de orgulho. — CEO Young. Como é?

— Bom. — Meu sangue esquentou enquanto emoldurava seus quadris com minhas mãos. Era difícil formular uma resposta detalhada quando ela estava montada em mim vestindo nada além de uma camisa e cueca. — Mas você parece melhor.

Isabella revirou os olhos, embora suas bochechas tenham rosado com a minha resposta. — Sério? Está pensando em sexo agora? Acabou de se tornar *CEO*. Isso é o que sempre quis! Por que não está, sei lá, abrindo champanhe e pulando de alegria?

— Porque você está sentada em cima de mim, amor. — Rio de novo quando ela me fez uma careta. Deus, eu a adorava. — Com toda a seriedade, estou feliz, mas fiz as pazes com o resultado antes da ligação de Richard.

Quando uma votação se arrastava tanto quanto esta, a expectativa se esvaía. Além disso, já tinha o que queria neste quarto comigo.

— Então, ambos estão se dando bem agora? — Isabella perguntou. — Ele não foi pego na coisa de Russell, certo?

— *Boas relações* é um termo muito otimista — disse secamente. — Mas desenvolvemos um entendimento mútuo.

Richard e eu nunca concordaríamos na maioria das coisas, mas ele era um dos poucos membros do conselho sobre quem Russell não conseguia encontrar sujeira e havia dirigido o conselho admiravelmente durante sua recente tempestade. Enquanto isso, provei que estava disposto a lutar pela empresa e trabalhar com ele, mesmo que apenas na logística e garantindo que Russell e Victor recebessem sua punição.

A associação de Victor em Valhalla havia sido rescindida. O clube desaprovou a sabotagem entre membros e, com a ajuda de Christian, acertei o *National Star*. O tabloide supostamente se envolveu em suborno policial e pirataria telefônica em busca de suas histórias, e estava sob fogo público e legal. As chances eram de que desistiria e levaria Victor Black para baixo com ele. Eu o confrontaria pessoalmente, mas não valia um único segundo a mais do meu tempo ou energia.

Quando contei a Richard, ele riu e me ofereceu um charuto de parabéns. Não gostávamos um do outro, mas nos respeitávamos.

— Por falar nisto... — levantei Isabella e gentilmente a coloquei de lado. — Tenho mais uma ligação a fazer antes de continuarmos nosso empolgante jogo de *Scrabble*.

Ela se encolheu. — Kai, eu te amo, mas por favor, nunca mais pronuncie a frase *empolgante jogo de Scrabble*.

Ainda estava sorrindo quando fiz um *FaceTime* com minha mãe. Ela já deve ter ouvido a notícia, mas queria confirmar e ver sua reação. Era hora do almoço em Londres, então esperava que ela atendesse em seu escritório. Em vez disso, atendeu depois de meia dúzia de toques - um tempo recorde para ela - no que parecia ser um... quarto? Uma janela de sacada atravessava a parede atrás dela, refletindo as luzes noturnas de uma cidade que não era muito Londres.

— Kai. — Minha mãe parecia confusa. — Pensei que tiraria o dia de folga. O que foi?

— Os resultados chegaram. Eu ganhei. — Pulei para a questão mais importante em questão. — Onde está? — *E com quem está?*

A suíte, a vermelhidão de suas bochechas, a hora tardia...

Querido Deus, minha mãe tinha um amante.

Meu estômago revirou, ameaçando expulsar meu café da manhã. Não me sentia tão horrorizado desde que uma Abigail que me visitava invadiu meu armário alguns anos atrás e reorganizou minhas gravatas por comprimento em vez de cor como uma brincadeira.

— Sim, recebi a ligação de Richard mais cedo. Parabéns. — O rosto de minha mãe suavizou. — A empresa estará em boas mãos.

Por uma fração de segundo, o choque ultrapassou meu horror. Leonora Young não era o tipo de mãe que mimava os filhos quando se tratava de negócios. Não conseguia me lembrar da última vez que me apoiou tão descaradamente; não importa o quanto Abigail ou eu conseguimos, sempre havia mais. Mais elogios, mais

prêmios, mais poder. Esta foi a primeira vez que senti que o que fiz foi o suficiente.

Um calor desconfortável penetrou em meu peito, apenas para desaparecer segundos depois, quando uma profunda voz masculina se juntou à conversa.

— Não, são onze da noite. — Um lampejo de cabelo grisalho entrou no quadro. — Diga a quem está ligando... ah.

O homem ao lado da minha mãe me olhou com partes iguais de culpa, espanto e constrangimento.

Meu horror anterior voltou, brotando presas e dentes. — *Pai?*

O rosto de Edwin Young ficou com um tom vívido de escarlate. — Olá, Kai. Isso é, uh, inesperado.

Na minha frente, a mandíbula de Isabella se contraiu. *Seus pais?* Murmurou. Parecia que ela não sabia se ria ou se encolhia.

Não consegui me obrigar a responder. Meus pais. Juntos. No que obviamente era um quarto de hotel fazendo...

Meu estômago se rebelou novamente.

— Percebo que isso deve ser um choque. — Meu pai limpou a garganta. Aos 62 anos, ainda estava em forma graças aos jogos regulares de tênis e a uma dieta sem carne vermelha. — Mas sua mãe e eu somos, uh... somos...

— Oh, pelo amor de Deus, Edwin — minha mãe disse impacientemente. — Espero que seja mais eloquente quando estiver apresentando aos clientes? — Ela me encarou novamente. — Seu pai e eu retomamos um relacionamento romântico. Isso não

significa necessariamente que voltaremos a ficar juntos, já que sexo...

— Pare aí mesmo. — Levantei minha mão livre. A palavra *sexual* deixando os lábios da minha mãe foi o suficiente para me fazer querer descolorir meus ouvidos. — Não preciso dos detalhes. — Concentrei-me na cidade atrás dela. Não tinha prestado atenção antes, mas o horizonte era inconfundível. — Está em *Xangai*?

Suas bochechas coraram. — Sim. Voei para cá no início desta semana para uma viagem de última hora.

Não precisei perguntar se a viagem era a negócios ou a lazer. Não via minha mãe tão relaxada e à vontade desde... sempre.

Uma ideia de repente me ocorreu. — É por isso que está deixando o cargo? — Meu olhar vagou entre ela e meu pai, que estava estudando o teto com aparente fascínio.

Não conseguia imaginar minha mãe desistindo de sua carreira por um homem, mas coisas estranhas aconteceram. Um mês atrás, também não poderia imaginar o manso e tímido Russell Burton chantageando metade do conselho.

— Não. Não necessariamente. — Minha mãe ficou em silêncio por um momento, como se estivesse debatendo se deveria continuar. — Tive um susto de saúde no ano passado — finalmente disse, sua voz baixa. — Os médicos encontraram o que pensaram ser um tumor na minha garganta. Acabou sendo um erro de imagem, mas o susto colocou muitas coisas em perspectiva.

Um torno apertou meu peito. — Nunca disse isso a mim ou a Abigail.

— Ainda bem que não contei, considerando a total falta de competência do médico. — Minha mãe franziu os lábios. — Obviamente, mudei de equipe médica desde então, mas não queria sobrecarregar você ou sua irmã antes de ter a confirmação completa. Seu pai estava em Londres na semana seguinte ao meu diagnóstico errado, e como precisava falar sobre isso, mas não confiava em ninguém fora da família...

— Reacendemos nosso relacionamento — concluiu meu pai. — Ainda me importava com sua mãe, embora estivéssemos separados. Não queria que ela passasse por algo assim sozinha.

— Começou platonicamente, mas era óbvio que havia alguns sentimentos não resolvidos entre nós. — Minha mãe soltou um suspiro. — Para encurtar a história, nos separamos quando éramos jovens e teimosos. Minhas prioridades mudaram desde então, especialmente com meu problema de saúde. Quero passar mais tempo fora do escritório e com a família. Além disso... — Um sorriso triste cruzou seus lábios. — Estou no comando há muito tempo. Empresas que não mudam correm o risco de estagnação, e é hora de um CEO com novas perspectivas.

Passei a mão pelo rosto, tentando entender tudo o que havia acontecido nas últimas vinte e quatro horas. Entre minha reconciliação com Isabella, a notícia do CEO e a bomba dupla de minha mãe, minha vida tinha se desviado tanto do eixo que não conseguia pensar direito. No entanto, isso não me incomodou tanto quanto teria incomodado alguns meses atrás.

As empresas que não mudaram arriscaram-se à estagnação, mas o mesmo pode ser dito para as pessoas. Minha vida seguiu linhas retas por mais de três décadas, e um pouco de caos fazia bem à alma.

— Já que é hora da confissão, há mais uma coisa que tenho para lhe dizer. — Inclinei minha tela para que meus pais pudessem ver Isabella, que os cumprimentou com um sorriso fraco e um aceno. — Estou de volta com Isabella. E desta vez, ficaremos juntos.

Minha mãe não pareceu surpresa. — Já imaginava — disse secamente. — Clarissa ligou para os pais dela ontem e lhes disse que um casamento *Teo-Young* não está nos planos.

— Nunca te conheci nem sei quando e por que terminaram — disse meu pai a Isabella. — Mas estou feliz que estão juntos novamente.

Seu sorriso esculpiu covinhas em suas bochechas. — Obrigada.

Como era muito tarde em Xangai, não prolonguei a conversa. Prometi não contar a Abigail sobre meus pais até que minha mãe falasse com ela e desliguei.

Alívio afrouxou o punho em volta do meu coração. Talvez fossem as suas férias, minha vitória ou uma combinação de ambos, mas a reação de minha mãe ao nosso relacionamento foi surpreendentemente silenciosa. Além de alguns suspiros e carrancas de desaprovação, ela se absteve de suas farpas habituais. Deve ter percebido que suas objeções caíam em

ouvidos surdos, e Leonora Young foi esperta o suficiente para não perder seu tempo travando uma batalha perdida.

— Foi muito melhor do que o esperado — Isabella disse quando começamos uma nova rodada de *Scrabble*. — É incrível o quanto o sexo pode relaxar alguém.

Quase cuspi minha bebida. — Está tentando me traumatizar? — Perguntei, horrorizado. — É da minha mãe que está falando.

— Desculpe, pensei que já estava traumatizado por ver seus pais na cama... — Ela se interrompeu com uma gargalhada quando a puxei para mim e a prendi no chão.

— Termine essa frase e esconderei todos os seus *thrillers* até que leia cada palavra de *A Divina Comédia* — ameacei. — A versão traduzida para o latim.

Sua risada desapareceu. — Você não ousaria.

— Teste-me.

— Se você fizer isso... — enganchou as pernas em volta da minha cintura, seus olhos brilhando com desafio. O calor correu direto para minha virilha. — Não farei sexo com você até que devolva os livros.

— Querida, ambos sabemos que você cederia antes de mim.

Isabella arqueou uma sobrancelha. — Quer apostar?

Nunca retomamos nosso jogo de tabuleiro naquele dia.

Normalmente era um defensor de terminar o que começava, mas horas depois, quando estávamos suados e saciados na minha

cama, não me importava que tivéssemos deixado pratos sujos e um jogo de *Scrabble* pela metade na sala de estar.

Afinal, tínhamos o resto de nossas vidas para terminá-lo.





EPÍLOGO

Isabella

Dois anos depois.

— Oh, meu Deus. Está aqui. — Olhei para a prateleira. — *Está aqui.*

— Claro que está. É por isso que viemos. — Vivian me empurrou em direção à estante. — Vá! Este é o seu momento.

Não me mexi. Não conseguia processar a visão a minha frente.

A lombada vermelha. O nome impresso em branco. Os anos de trabalho e edição, tudo reunido em um livro de bolso. Meu romance de estreia, *Mistress in Waiting*, bem ali no meio da seção de *thriller* da minha livraria favorita.

Uma mão quente tocou minhas costas. — Parabéns — disse Kai. — É oficialmente uma autora publicada.

— Sou uma autora publicada — repeti. As palavras pareciam efêmeras a princípio, mas depois se solidificaram, assumindo o sabor terreno da realidade. — Esse é o meu livro. Oh, meu Deus. — Minha frequência cardíaca acelerou. — Consegui! *Eu consegui!*

Meu estupor estalou, e joguei meus braços em volta dele à medida que o peso da minha realização afundou. Ele riu, seu rosto

envolto em orgulho enquanto gritei e fiz uma dancinha feliz. Não me importava com o quão estúpida parecia, porque depois de toda a agonia, os fracassos e os contratempos, finalmente era uma *autora publicada*.

Jill Sherman adorou o manuscrito revisado e me ofereceu oficialmente uma representação dois anos atrás. Ela comprou o livro e, depois de algumas mordidas, mas nenhuma das grandes editoras, assinei com uma editora pequena, mas respeitada, que estava desenvolvendo sua marca de *thriller*. Agora, depois de inúmeras edições e revisões, estava no mundo.

Não me transformaria em Nora Roberts ou Dan Brown da noite para o dia, mas não me importava. Terminei minha história, adorei, e isso era tudo que importava.

Já estava no meio do rascunho da sequência. Kai o leu em partes enquanto o escrevia, o que tornou o processo muito mais suave do que o original. Era difícil me perder em minha própria cabeça quando estava sempre lá para me puxar para fora, mas mesmo que *não estivesse* lá, teria mais facilidade. Desenvolvi uma rotina que funcionava para mim e me pressionava menos para escrever um primeiro rascunho perfeito. Tudo foi editado e revisado *pra caralho* antes de ir para a gráfica de qualquer maneira.

Assim que liberei minha necessidade de perfeição, as palavras fluíram. Ainda havia dias em que queria arrancar meus cabelos por causa de frases que não se formavam ou uma cena que não se cristalizava, mas na maior parte do tempo, estava realmente empolgada para trabalhar na história. Depois de anos à deriva,

finalmente encontrei meu propósito - criar, tanto para mim quanto para os outros.

— Vamos tirar uma foto — Alessandra sugeriu. — Precisamos comemorar o momento. — Ela, Vivian e Sloane me acompanharam para dar apoio moral.

Não estava mais trabalhando na *Floria Designs*, mas sempre foi para ser um trabalho temporário. Alessandra montou uma ótima equipe desde que saí, e a pequena empresa estava prosperando. O mesmo não poderia ser dito de seu relacionamento com Dominic, mas isso era outra história.

Peguei um dos exemplares da prateleira e posei com ele. Foi provavelmente a foto mais cafona que já tirei; Mal podia esperar para imprimir e emoldurar.

— Vire dois centímetros para a esquerda — Sloane ordenou. — Agora levante o queixo, sorria... sorria um pouco mais... perfeito.

Ela era tão perfeccionista que suas fotos demoravam uma eternidade, mas saíam tão bem que ninguém reclamava.

Segurei o livro depois da foto, deleitando-me com seu peso e textura. Recebi cópias antecipadas do meu editor, mas até aquele momento, não parecia *real*.

Era meu, do conceito à execução. Peguei uma ideia e criei um mundo inteiro, um mundo no qual outras pessoas poderiam entrar e se perder. Cada livro era uma pegada na história, e deixei minha marca.

Um nó se formou em minha garganta quando minha pequena semente de orgulho floresceu em uma árvore adulta, com raízes e tudo.

Meu telefone vibrou com uma chamada recebida do *FaceTime*. O rosto de Felix preencheu metade da tela quando atendi. Atrás dele, Miguel e Romero também colocaram suas cabeças acima da dele para que pudessem ver.

— Então? — Disse, ignorando sua saudação habitual. — Está aí? Mostre-nos!

— Está. — Sorrio, girando a câmera para mostrar os livros de *Mistress in Waiting* bem na prateleira. — Se for legal comigo, autografarei um para você.

— Não temos uma exceção familiar? Isso é mal. — Miguel balançou a cabeça. — Acabaram de publicar e já está se esquecendo de nós.

— É uma progressão natural — disse Romero. — O custo da celebridade.

— Oh, fiquem quietos, vocês dois. Pare de provocar sua irmã. — A voz da minha mãe apareceu antes dela. Felix deu um passo para o lado e as suas feições gentis substituíram as dele na tela. — Oh, olhe para isso — suspirou. — Seu nome na capa! Estou tão orgulhosa de você. Agora, certifique-se de enviar cópias para seus parentes nas Filipinas, ou nunca saberei o fim quando voltar...

— Isa! — Minha lola empurrou minha mãe para o lado e olhou para mim. Suas rugas pareciam ter dobrado desde a última vez que a vi, mas seus olhos estavam mais aguçados do que nunca. —

Deixe-me ver. Hum. Essas abotoaduras estão na capa? Não posso dizer. A visão não é tão boa hoje em dia. Arturo! — Gritou, chamando meu avô. — Venha *pra cá*. Parecem abotoaduras para você?

Rio, o calor fervendo em meu peito enquanto minha família se empurrava e discutia do outro lado da tela. Às vezes, eram uma bagunça, mas eram minha bagunça e me apoiaram incrivelmente em minha jornada editorial. A maioria deles de qualquer maneira. Meu sorriso desapareceu quando Gabriel apareceu. Foi o último a atender a ligação, e seu comportamento severo e solene era um contraste marcante com as provocações de meus outros irmãos.

— Parabéns — disse. — Publicar um livro é uma grande conquista.

— Obrigada. — Abracei-o mais apertado ao meu corpo com meu braço livre. — Provei que estava errado, não foi? — Disse isso levemente, mas ambos sabíamos que eu não estava brincando.

— Provou. — Para minha surpresa, uma pequena curva de sua boca suavizou a severidade de sua expressão. — E nunca estive tão feliz por estar errado.

Minha voz ficou presa na garganta. Fiquei tão desconcertada com a resposta de Gabriel que não consegui formular uma resposta adequada. Ele *odiava* estar errado. Achei que queria me ver fracassar só para provar que estava certo sobre minha descompostura, mas parecia genuinamente feliz por mim. Bem, tão feliz quanto Gabriel podia parecer, o que ainda era sombrio para os padrões normais.

Talvez não fosse a única na família que havia subestimado um irmão.

— Oh. — Tossi, calor cobrindo minha pele. — Hum, obrigada.

Talvez devesse ter visto sua reação chegando. Recebi minha herança no ano passado depois que ele e minha mãe concordaram que meu manuscrito finalizado e o contrato do livro atendiam aos termos da cláusula. Minha mãe foi quem mais falou durante nossa ligação, mas Gabriel votou sim em me dar o dinheiro. Isso contou para alguma coisa, certo?

— De nada — disse. — Vejo você em alguns meses para o aniversário da mamãe. Com sorte, já terá começado seu segundo livro. Não pode fazer carreira com um.

Revirei os olhos quando nosso momento de união entre irmãos evaporou. Era bom ver que Gabriel não havia mudado *tanto*.

Quando desliguei, meus amigos haviam se aproximado de uma exibição de não-ficção, com o novo livro de memórias de viagem de Leo Agnelli e um ex-executivo da Black & Co. contando tudo detalhando o fim da empresa. Alessandra ficava verificando e guardando o telefone no bolso. Provavelmente era Dominic ligando - e sendo ignorado - pela centésima vez. Bom. O homem merecia sofrer um pouco. Kai, por outro lado, estava folheando o último Ruby Leigh.

— Não. — Disse. — Absolutamente não. Não tem permissão para arruiná-la traduzindo-a para o latim.

— Dificilmente entendo como isso iria arruiná-la — disse, parecendo ofendido. — Posso traduzir Wilma Pebbles, mas não posso traduzir Ruby Leigh? Ama as duas.

Ele não tinha feito muitas traduções para o latim ultimamente porque estava muito ocupado no escritório. O trabalho de um CEO nunca acabou, especialmente depois da aquisição da *DigiStream*, e sua integração com a *Young Corporation* tomou conta de sua vida por meses. Felizmente, tudo correu tão bem quanto esperava.

Acho que ele teve tempo de se entregar a seus hobbies novamente, mas me recusei a deixá-lo tocar em meu autor favorito.

— Amo as duas, mas só o deixei traduzir Wilma para que eu pudesse vê-lo se esforçar para encontrar a frase certa para *pau de dinossauro* em latim.

Outra risada borbulhou na minha garganta quando colocou o livro de volta na prateleira e me puxou para ele com uma carranca ameaçadora.

— Deveria estar feliz por ser seu grande dia, ou não deixaria isso passar. — Kai acariciou minha nuca com o polegar. — Qual é a sensação de ser uma autora publicada?

— Muito incrível. — Meu rosto suavizou. Fui morar com Kai no ano passado, mas não importa quantas manhãs acordei ao seu lado ou quantas noites dormimos juntos, não conseguia superar o fato de que esse homem incrível era meu. — Não teria conseguido sem você.

— Sim, poderia. — Sua boca roçou a minha em um beijo suave. — Mas estou feliz por termos conseguido fazer isso juntos.

Esteve lá durante as madrugadas, as crises de cafeína e os colapsos no meio da edição. Sim, poderia ter sobrevivido a tudo sozinha, mas ele tornou a jornada muito melhor. Sempre fez.

Sorrio e devolvi o beijo. — Eu também.

Kai

— Está trapaceando? — Perguntou Miguel. — Não tem *como* ganhar tantas vezes seguidas. É estatisticamente impossível.

— Não trapaceio. — Limpei as peças do tabuleiro de Scrabble. — Eu simplesmente tenho um vocabulário amplo.

— Não se preocupe em discutir — Isabella disse sobre os gemidos e protestos de sua família. — Ele é insuportável quando se trata de jogos de tabuleiro.

— Para *qualquer* jogo — Romero murmurou, obviamente ainda sofrendo com sua derrota no tênis naquele dia.

A família de Isabella e eu estávamos reunidos na casa da sua mãe em Los Angeles para o *Christmasbirthdaynewyearpalooza*, que finalmente encurtaram para *CBNYP*. Quando sugeri a solução na celebração do ano passado, olharam para mim como se eu tivesse brotado uma cabeça extra. Aparentemente, encurtar o nome ridiculamente longo para um acrônimo nunca passou pela cabeça deles.

Era meu segundo ano comemorando com eles, e estava confortável o suficiente para não me conter mais quando se tratava de nossos jogos e atividades. Começamos o dia com apresentações

de piano em homenagem ao pai de Isabella. Ela tocou uma peça de Chopin enquanto a seguia com o “*Hammerklavier*”. Minha versão percorreu um longo caminho desde a percepção impressionante de que Isabella poderia me superar anos atrás. Depois de muita prática, o aperfeiçoei a ponto de até mesmo o seu lolo saudar sua conclusão com lágrimas nos olhos.

Isabella insistiu que eu devia minha melhora não a prática, mas a encontrar o que estava “faltando”.

Coração.

O que era ridículo. Prática levava a perfeição, não coração, mas a mantive perto de mim de qualquer maneira.

— Qual é o próximo? Acho que não aguentarei perder mais uma rodada para o Sr. Vocabularian aqui. — Brincou Clarissa.

De jeans, regata e sandálias, ela parecia muito diferente da socialite de pérolas e tweed que se mudou para Manhattan dois anos atrás. Clarissa e Felix começaram oficialmente a namorar pouco depois que Isabella e eu voltamos. Havia se mudado para Los Angeles no ano passado e atualmente trabalhava no museu local onde ele era o artista residente. Seus pais tiveram um ataque, mas não havia muito que pudessem fazer sobre isso, e a Califórnia era adequada para ela. Parecia mais feliz e relaxada aqui do que em Nova York.

— Dardos — disse, trocando um olhar rápido com Felix. — Último jogo do dia.

Desta vez, Isabella foi quem gemeu. — Estou convencida de que está fazendo isso de propósito — disse enquanto

caminhávamos para o quintal. — Continua escolhendo as atividades que não sou... oh meu Deus.

Seus passos pararam abruptamente. Olhou, boquiaberta, para a visão diante dela. Com a ajuda dos seus irmãos, reproduzi a parede de balões do nosso primeiro encontro não oficial em *Bushwick*. Acordamos de madrugada naquela manhã para armar tudo, mas valeu a pena pelo choque em seu rosto.

— Como fez isso? — Isabella suspirou.

— Com excesso de cafeína e ajuda de seus irmãos — disse. — Achei que todo mundo deveria experimentar isso pelo menos uma vez na vida. Além disso, Gabriel é um grande fã de *O Diário da Princesa 2*.

Ele me olhou de seu lugar ao lado dos dardos. — Não sou fã — disse. — Gosto do enredo. Isso é tudo.

Nosso relacionamento difícil se acalmou desde que me confrontou no bar do hotel, dois anos atrás, mas éramos muito parecidos em muitos aspectos para sermos melhores amigos.

— Claro. — Romero sorriu. — É por isso que nos faz assistir novamente todo Natal.

— Não *obrigo* vocês a fazerem nada — Gabriel retrucou. — Não tenho tempo para essa tolice. Lola precisa da minha ajuda. — Virou e marchou rigidamente para onde a avó de Isabella estava tentando abrir um pote de salsa.

— Não é CBNYP se Gabe não ficar chateado com alguma coisa — Isabella disse com uma risada. Ficou na ponta dos pés e deu

um beijo rápido na minha boca. — Obrigada por aturar minha família. Sei que eles podem ser muito difíceis às vezes.

— Gosto deles. São divertidos. — Passei um braço em volta de sua cintura e sorri para ela. — Além disso, aguentou a renovação dos votos dos meus pais, por isso estou em dívida com você.

Nós dois estremecemos com a memória. Meus pais renovaram oficialmente seus votos há sete meses em uma cerimônia suntuosa em Jade Cay. A cerimônia em si foi linda; os preparativos que levaram a isso, não. Minha mãe convenceu Isabella a ajudá-la e Abigail a planejar o evento, o que significava que fui obrigado a ajudar com o evento. Ainda tinha pesadelos com tule e desenhos florais.

— Saia do PDA. É doentio. — Miguel enfiou um dardo em cada uma de nossas mãos. — Vamos lá. Vamos começar esse show. O sol está prestes a se pôr.

Isabella havia melhorado nos dardos, mas sua pontaria ainda era cinquenta por cento. Estava contando com suas habilidades para cair no pior lado do espectro hoje.

Os nervos brincavam sob minha pele enquanto ela mudava de posição e erguia o braço. A luz do sol do final da tarde a encontrou, tecendo seda roxo-escuro com ouro e gravando sombras em sua pele bronzeada. Suas sobrancelhas franziram e, apesar da minha ansiedade, não pude deixar de sorrir com sua concentração. Estávamos juntos há dois anos, mas nunca superaria o fato de que ela era minha.

O dardo zuniu no ar e ricocheteou inofensivamente na parede. Alívio passou por mim, seguido por uma segunda enxurrada de nervosismo.

— *Droga.* — Isabella bufou, aparentemente alheia ao meu tumulto interior e à maneira como sua família voltou para dentro de casa. — Aprecio ter tempo para configurar isso. Realmente aprecio, mas no próximo ano, *tem* que escolher algo em que eu seja boa, como uma maratona de compras cronometrada ou de leitura.

— Mantereí isso em mente. — Peguei um pedaço de papel dobrado da jarra e entreguei a ela. Um minúsculo ponto azul marcava o canto. — Enquanto isso, aqui está sua pergunta.

Ela suspirou e desdobrou o papel. — Juro, se eu tiver que falar sobre o meu maior medo de novo... — A sua frase dissipou.

Eu tinha escrito o que queria dizer antes de dizer, e quando ergueu os olhos do bilhete, os olhos brilhantes e a boca trêmula, já estava de joelhos. Um diamante deslumbrante cintilava na caixa de anel aberta em minha mão.

Tivemos que enfrentar muitas perguntas difíceis para chegar onde estávamos hoje, mas minha próxima pergunta foi a mais difícil e a mais fácil de todas.

— Isabella Valencia, quer se casar comigo?

Fim...



CENA BÔNUS

Vivian

— Não acho que seja assim que deveria embrulhar. — Meus dentes cravaram em meu lábio inferior enquanto lutava para não rir da tentativa de Dante de dobrar a massa em meia lua.

— É massa — sibilou. Selou o embrulho e empurrou o bolinho deformado para o lado antes de começar um novo. — Quantas maneiras existem para embrulhá-lo? — Colocou o recheio no centro com mais força do que o necessário.

Se havia uma (entre muitas) coisas que o deixavam mal-humorado, era não se destacar em alguma coisa.

— Duas. — Segurei meu próprio bolinho em uma das mãos e usei o polegar e o indicador da mão oposta para dobrar e beliscar a borda selada, criando pregas ao longo do lado. — O caminho certo e o caminho errado.

Apesar de meus melhores esforços para conter minha diversão, o riso se espalhou pela carranca escura de Dante. O efeito teria sido mais aterrorizante se não fosse pelas manchas de farinha em seu nariz e bochecha. Estávamos fazendo, ou melhor, *tentando* fazer, bolinhos para nosso jantar de Ano Novo Lunar amanhã à noite. Era nosso primeiro Ano Novo Lunar como casal

e, desta vez, estávamos comemorando em nossa casa, e não na de meus pais.

Minha mãe estava voando enquanto meu pai, com quem não falava desde nossa grande briga no ano passado, comemorava com Agnes e Gunnar em Eldorra. Parte de mim estava triste por nossa família não poder estar reunida para um feriado tão importante, mas Agnes não poderia vir para os Estados Unidos de qualquer maneira devido às obrigações parlamentares de Gunnar. Este arranjo foi o melhor compromisso.

Como também era a primeira vez que organizava as comemorações do Ano Novo Lunar, pensei que seria divertido se Dante e eu tivéssemos uma noite de culinária e servíssemos bolinhos caseiros, mas... talvez não tenha sido a *melhor* ideia. Meu marido era talentoso em muitas coisas. Cozinhar não era um delas.

— Está rindo de mim? — Exigiu, mas suas palavras careciam de força. Observou, com uma expressão igualmente aborrecida e indulgente, enquanto limpava a farinha de seu nariz.

— Claro que não. — Minha risada diminuiu, mas meu sorriso permaneceu enquanto ficava na ponta dos pés e beijava o local onde a farinha costumava estar. — Não seja tão mal-humorado. É o Ano do Dragão. É *o seu ano*.

Disse a ele a verdade sobre o animal que eu realmente o vi alguns meses atrás, e juro que seu ego inflou tanto que praticamente flutuou até o teto.

Eu tocava no assunto estrategicamente sempre que ele estava de mau humor com alguma coisa, tipo quando o *Holchester United*,

seu time de futebol favorito, perdeu para o Chelsea porque Asher Donovan estava fora de serviço.

— Sim, sim — Dante resmungou, mas seu rosto suavizou. — Não pense que não sei o que está fazendo, trazendo à tona a coisa do dragão.

— Não faço ideia do que está falando. — Dei a ele um sorriso travesso. — Mas tudo bem admitir que cozinhar não é uma de suas principais habilidades. Nem todo mundo pode ser tão talentoso quanto eu e Greta na cozinha.

Ergueu uma sobrancelha escura. — Você? A pessoa que disparou o alarme de fumaça na semana passada tentando fazer bacon?

Meu sorriso deu lugar a um rubor de corpo inteiro.

— Isso não foi minha culpa — disse defensivamente. Minha mente passou por uma imagem de um Dante enrugado pelo sono entrando, vestindo nada além de calça de moletom e um sorriso preguiçoso, e o rubor se aprofundou. — *Alguém* entrou e me distraiu com... com...

— Sua beleza diabólica e charme incrível? — Os restos de seu aborrecimento derreteram em um sorriso provocador.

Só assim, borboletas explodiram em meu estômago. Ele ainda tinha um pouco de farinha em sua bochecha e isso, combinado com seu sorriso, tirou qualquer pensamento de bolinhos e bacon queimado da minha mente. Havia algo em ver o indomável Dante Russo tão *humano* que me fez derreter cada um.

Ainda assim, mantive minha expressão neutra. Por mais que o amasse, não precisava que sua cabeça ficasse maior do que já era.

— Não, disse. — Acho que foi sua incrível humildade, ridícula cabeceira... — Minha frase foi cortada em um guincho quando me pegou com um grunhido brincalhão e me girou.

— Pare! — Rio, ofegante tanto pelo giro quanto pela vertigem geral de uma noite com Dante. O trabalho e as obrigações sociais significavam que passávamos pelo menos várias noites por semana na cidade, e era sempre um prazer passar algumas horas sozinhos fazendo coisas normais de casal. — Está me sujando.

Suas mãos ainda estavam polvilhadas com farinha. Realmente não me importava, mas deveríamos *estar* cozinhando, ou alguma coisa. Era difícil pensar direito quando ele estava olhando para mim com *aquela* sorriso e *aqueles* olhos. Deveriam ser proibidos, assim como sua voz. Eram uma vantagem injusta que nenhum homem deveria possuir.

— Ainda não, *mia cara*. — Um sorriso perverso cruzou seu rosto quando me colocou no chão. Suas mãos encontraram meus quadris, me firmando enquanto o cômodo parava de girar. — Dê-me meia hora.

— *Dante*. — Calor percorreu minhas bochechas e minha nuca com o duplo significado por trás de suas palavras. — Greta nos matará.

Depois de muito implorar, persuadir e subornar na forma de biscoitos de chocolate de nossa parte, Greta relutantemente cedeu seu precioso território da cozinha para passarmos a noite. Se ela

nos visse fazendo qualquer coisa além de cozinhar aqui, nos baniria para sempre e nos faria comer macarrão mal cozido pelo próximo mês.

Ainda assim, não resisti quando Dante segurou minha bochecha e roçou sua boca na minha. — Vou aproveitar essa chance.

Sua resposta aveludada vibrou na minha espinha e chutou meu pulso para outro nível.

— É uma má influência, Sr. Russo. — Meu protesto tíbio transformou-se em um suspiro de prazer quando ele me beijou novamente, desta vez mais profundamente, com uma ternura firme que enviou um calor espiralando por dentro de mim.

Fazia quatro meses desde o nosso casamento e quase um ano e meio desde o nosso noivado, mas não importava há quanto tempo estávamos casados ou quantas vezes havíamos nos beijado. Cada vez parecia a primeira vez da melhor maneira possível. Passei meus braços em volta do seu pescoço enquanto sua mão deslizou da minha bochecha para a parte de trás do meu pescoço. Sua língua varreu a minha em uma carícia vagarosa e experiente, e os cantos da minha mente ficaram nebulosos.

Quem se importava com a farinha ou os bolinhos? Era para isso que serviam os chuveiros e a comida para viagem. Na pior das hipóteses, poderíamos pedir comida...

— O que está fazendo?

A voz de Greta apagou o momento com mais eficácia do que um balde de água gelada. Dante e eu nos separamos mais rápido

do que dois adolescentes pegos namorando por seus pais. Sua mão caiu do meu rosto, e nossos olhares culpados balançaram em uníssono em direção à porta, onde Greta estava com uma carranca de desaprovação e as mãos plantadas nos quadris.

Oh.

Imagens de macarrão velho e carne sem tempero serviram como punição passaram pela minha mente. Ela era compreensiva quando se tratava da maioria das coisas, mas era inflexível quando se tratava das regras da cozinha, ou seja, qualquer coisa que não fosse comer, cozinhar e gritar com a TV era ativamente desencorajada.

Dante se recuperou primeiro. — Estamos dando um tempo — disse, a imagem da inocência. — Fazer bolinhos é cansativo.

— *Fazendo bolinhos?* — Greta bufou. — É *assim* que as crianças estão chamando hoje em dia?

A boca de Dante se contorceu enquanto eu enterrava meu rosto em seu peito para esconder a risada borbulhando em minha garganta. Não pude evitar. Nós dois éramos adultos e ele tecnicamente era o seu chefe, mas muitas vezes Greta nos tratou como uma avó severa, mas amorosa, que estava farta de nossas travessuras.

Na verdade, agora que pensei sobre isso... essa foi uma descrição bastante precisa do nosso relacionamento.

— Eu disse a você, nada de lenço na minha cozinha! E o que é isso? — Greta engasgou. — Isso deveria ser... *bolinhos?*

Ela deve ter visto as criações de Dante. Meus ombros tremeram com o riso silencioso quando imaginei sua expressão horrorizada.

O braço de Dante apertou ao meu redor. — Sim. — Uma nota defensiva surgiu em sua voz. — Obviamente.

— Absolutamente não! — Greta soou como se ele tivesse acabado de dizer a ela que estávamos servindo *fast food* em um jantar oficial. — *Não* serviremos para convidados em minha casa.

— Na verdade, é minha casa — disse Dante em resposta à declaração de Greta.

Ela o ignorou. — Fora! Fora, ambos! Farei isso sozinha. Meu Deus, imagine sentar para jantar e ver *essas* coisas no seu prato...

Seus murmúrios diminuíram em um fluxo de italiano furioso enquanto Dante e eu relutantemente saímos da cozinha.

— Meus bolinhos não estavam *tão* ruins — murmurou durante nossa caminhada pelo corredor. — Estavam?

— Estavam... — tentei falar através do meu riso. — Estavam muito ruins. Sinto muito.

— Deveria me proteger, *Sra.* Russo — Dante disse incisivamente, mas um pequeno sorriso curvou seus lábios. — No entanto, Greta nos interrompendo pode ser uma bênção disfarçada.

— Oh? E por que isso? Levantei uma sobrancelha mesmo quando meu coração acelerou com o brilho diabólico em seus olhos.

Toda a leviandade restante desapareceu quando me puxou para perto o suficiente para nossos corpos se pressionarem um contra o outro. Calor floresceu em seu lugar, espalhando-se por minhas veias e enrolando-se em meu estômago enquanto esfregava o polegar sobre meu quadril.

— Nunca terminei de sujá-la na cozinha — falou lentamente.
— Agora posso terminar o trabalho.

As palavras pulsaram entre minhas pernas. Era início de fevereiro em Nova York, mas de repente desejei que o ar-condicionado estivesse ligado em vez do aquecedor. Estava queimando.

— Quem disse que vou deixá-lo? — Inspirei, mas outro suspiro escapou quando Dante baixou a cabeça e roçou os lábios no meu pescoço.

Foi injusto. *Sabia que* eu tinha uma queda por beijos no pescoço.

— Hmm... — beijou um caminho vagorosamente até minha boca. — Posso ser *muito* convincente.

— Não sei. — As borboletas voltaram, mais numerosas do que nunca. — Talvez eu precise de muito convencimento...

Eu o senti sorrir. — Então é bom termos a noite toda.

Não tentamos voltar para a cozinha naquela noite. Em vez disso, nos retiramos para o nosso quarto onde, horas depois, pude confirmar sua afirmação com cem por cento de confiança: meu marido foi, de fato, *muito* convincente.

***Ela é o oposto dele em todos os sentidos... e a maior
tentação que ele já conheceu.***